

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

ANA PAULA MOUTINHO FERRAZ

VOZES E SILÊNCIOS: FAMÍLIA, TRABALHO E RELIGIOSIDADE NA  
REVITALIZAÇÃO DA MEMÓRIA DA MULHER “COLONA” NA COMUNIDADE DE  
RIO DA ILHA.

São Leopoldo

2014

ANA PAULA MOUTINHO FERRAZ

VOZES E SILÊNCIOS: FAMÍLIA, TRABALHO E RELIGIOSIDADE NA  
REVITALIZAÇÃO DA MEMÓRIA DA MULHER “COLONA” NA COMUNIDADE DE  
RIO DA ILHA

Dissertação de Mestrado  
Para obtenção de grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Área de concentração: Teologia e História

Orientador: Wilhelm Wachholz

São Leopoldo

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F381v Ferraz, Ana Paula Moutinho

Vozes e silêncios: família, trabalho e religiosidade na revitalização da memória da mulher "colona" na comunidade de Rio da Ilha / Ana Paula Moutinho Ferraz ; orientador Wilhelm Wachholz. – São Leopoldo : EST/PPG, 2014.

157 p. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2014.

1. Mulheres – Brasil, Sul – Condições sociais. 2. Mulheres imigrantes – Brasil, Sul – História. 3. Mulheres – Vida religiosa. 4. Alemães – Brasil, Sul – História. I. Wachholz, Wilhelm. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

## RESUMO

Nas últimas décadas, muito se tem revisto e estudado sobre a história das mulheres, todavia, apesar de inúmeros estudos sobre a mulher alemã do século XIX, pouco se analisa a respeito da mulher descendente alemã na atualidade, calcada nos saberes trazidos de seus antepassados. A presente dissertação procura lançar o desafio de rememorar e trazer a tona o cotidiano das mulheres da comunidade rural de Rio da Ilha, por intermédio da análise de entrevistas. Este estudo é de grande valia para os estudos históricos atuais, não só pelo fato de serem descendentes de uma etnia que contribuiu de maneira importante para desenvolvimento da região sul, mas também por revelarem informações sobre como as mulheres participaram do processo de apropriação e cultivo no meio rural entre os séculos XX e XXI e a preservação da cultura e dos costumes herdados dos primeiros imigrantes. Tem como referencial a discussão sobre as representações produzidas e difundidas pelas mulheres inseridas no contexto rural desta comunidade a partir de três focos centrais: trabalho, família e religiosidade.

**Palavras-chave:** Mulheres descendentes de imigrantes. Cotidiano. Memória.

## **ABSTRACT**

In the last decades, much has been reviewed and studied about the history of women, however in spite of innumerable studies about the German woman of the 19<sup>th</sup> century, little has been analyzed with regard to the woman descendant of Germans in current times, rooted in the knowledge brought by her ancestors. This thesis seeks to lay out the challenge of remembering and bringing to light the daily life of the women in the rural community of Rio da Ilha through the analysis of interviews. This study is of great value for current historical studies, not just for the fact of being descendants of an ethnic group which contributed in a very important way to the development of the southern regions, but also because they reveal information about how the women participated in the process of appropriation and cultivation in the rural environment between the 20<sup>th</sup> and 21<sup>st</sup> centuries and about the preservation of the culture and customs inherited from the first immigrants. It has as a referential the discussion about the representations produced and divulged by the women inserted in the rural context of this community based on three central foci: work, family and religiosity.

**Keywords:** Women descendants of immigrants. Daily life. Memory.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	6
1. RAZÕES E INTERPRETAÇÕES DA IMIGRAÇÃO .....	10
1.1. O contexto europeu no século XIX .....	11
1.1.1. Inglaterra, França e Alemanha: influências econômicas e sociais do século XIX .....	16
1.1.2. A Alemanha e o contexto da imigração: motivos e concretizações .....	20
1.2. A região do Vale do Paranhana e influência da imigração .....	25
1.3. As relações religiosas: católicos e protestantes .....	29
2. MULHERES NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO .....	39
2.1. A construção do ideal feminino .....	40
2.1.1. A mulher na Antiguidade e na Idade Média .....	40
2.1.2. A construção da mulher no século XIX e as suas consequências para o século XX .....	43
2.1.3. Análise teórico-metodológica na perspectiva da Teologia e da História .....	49
2.2. Mulheres imigrantes do século XIX e XX .....	53
3. MULHERES E IMIGRAÇÃO: PASSADO, PRESENTE E FUTURO .....	63
3.1. Família .....	65
3.2. Trabalho.....	75

3.3. Religiosidade e representação .....	83
3.4. O que fica e o que se perde: resignificados culturais .....	92
CONCLUSÃO .....	98
REFERÊNCIAS .....	100
ANEXOS .....	110

## INTRODUÇÃO

As mulheres, de uma maneira geral, vêm mudando seu modo de viver e interagir no chamado mundo pós-moderno, entretanto, em um passado não muito distante, nós mulheres possuíamos padrões e normas que precisavam ser rigidamente seguidos. Estes mesmos padrões e normas ainda norteiam, de certo modo, alguns hábitos, costumes e comportamentos que temos ainda nos dias de hoje.

Para melhor compreendermos isso, precisamos nos ater a aspectos culturais que levaram à consolidação deste modo de agir e pensar. Quando nos referimos à História, mais do que fatos organizados de maneira cronológica, estamos trabalhando, entre outras coisas, com a *mnemosine*<sup>1</sup>, que traz à tona momentos significativos, fenômenos coletivos e marcas da influência cultural do indivíduo.

Apesar de a memória ser algo coletivo, é nos relatos individuais que encontramos mais consistência e coerência sobre determinado fato a ser estudado, pois é através da análise e comparação de dados que conseguimos chegar a um senso comum e a uma visão mais inclusiva da sociedade. A escuta e a fala se tornam importantes instrumentos de pesquisa de memórias por vezes sufocadas. Como afirma Michel Pollak:

A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Palavra grega que significa memória, como salienta Pesavento: “os gregos nos falaram da deusa Mnemósine, a memória, mãe das musas, entre as quais se encontrava Clio, a história. Mnemósine e Clio deviam ter, contudo, afinidades especiais, pois ambas tinham a seu encargo a construção de narrativas sobre uma temporalidade já transcorrida.” PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a Memória e o Patrimônio Urbano. *Cadernos do LEP AARQ*, v. 2, n. 4. Pelotas: UFPEL, agosto/dezembro de 2005. p.10.

<sup>2</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, 1989. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>> . Acesso em: 4 de outubro de 2011. p. 3.



E é exatamente através dessa memória que podemos construir uma identidade, uma história. Lembrar, revitalizar e rememorar são sinônimos que ultrapassam o seu significado, principalmente quando tratamos de histórias de vida invisíveis aos olhos de uma sociedade onde somente os vencedores se destacam. Conforme Burke, “o movimento da história-vista-de-baixo também reflete uma nova determinação para considerar mais seriamente as opiniões das pessoas comuns sobre seu próprio passado do que costumavam fazer os historiadores profissionais”.<sup>3</sup>

A História das Mulheres, por exemplo, é uma discussão muito atual, que requer ainda muito estudo e investigação, mas que encontra na memória uma rica e inovadora fonte de informação, apesar de suas possíveis subjetividades. Sendo assim, o método da História Oral será utilizado para conseguir desenvolver esta dissertação, tendo como base a fala e os silêncios destas mulheres, pois como afirma Alberti

[...] diríamos que a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas, etc, à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.<sup>4</sup>

Tendo por base esta percepção, a presente dissertação tem como objetivo fazer a escuta e a análise das memórias de mulheres “colonas” descendentes de imigrantes alemãs da comunidade de Rio da Ilha, interior do município de Taquara. Este grupo de mulheres não foi escolhido por acaso, pois se tratam de mulheres “colonas” na faixa etária dos 60 aos 70 anos que ainda possuem um vínculo muito forte com a terra, com a roça. Com Del Priore podemos afirmar que

Todas correspondem a uma parcela da população brasileira, à qual é negada a visibilidade social. Não reboam nas revistas nem nas telas; não precisam de bisturis ou silicone. Têm outra beleza, imune à velocidade excessiva, lúdica e trágica. Cada ruga conta uma bela história de vida. São nossas velhas, somos nós amanhã. [...] A velhice, ao contrário, é uma rica e longa história de singularidades.<sup>5</sup>

A motivação para esta pesquisa tem como pano de fundo uma amizade nutrida desde a adolescência. Como possuo uma amiga que mora na comunidade e que sempre teve contato com ela, acabei chegando até esta localidade. Conversas informais com estas senhoras, me

<sup>3</sup> BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992. p. 16.

<sup>4</sup> ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 18.

<sup>5</sup> DEL PRIORE, Mary. *Histórias e conversas de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013. p. 264-265.

fizeram refletir sobre uma necessidade urgente de investimento de uma pesquisa de campo, a partir da escuta de relatos valiosos para a construção da identidade da mulher trabalhadora rural idosa, descendente de alemães que vive na localidade de Rio da Ilha.

Estas mulheres expressavam de maneira muito ativa a vontade de participar da pesquisa, visto que muitas senhoras já haviam falecido sem ter tido a oportunidade de relatar e compartilhar suas experiências de vida.

Exatamente por serem mulheres idosas, que possuem uma memória mais aguçada em relação ao passado, elas conseguem expressar com detalhes momentos e fatos que, além de fazerem parte de sua trajetória de vida, pertencem ao imaginário e a memória coletiva de uma determinada comunidade, no caso estudado, uma comunidade de origem alemã que tem no seu histórico, mesmo que de maneira imperceptível, o trabalho feminino na roça como base de sustentação e manutenção da colônia. Pois são elas as

[...] mantenedoras da religião que atravessou um oceano, a mulher rural deu sustentabilidade mental, espiritual para seu entorno carente. Interligadas com a igreja, foram responsáveis pela transmissão das heranças e da corrente religiosa as outras gerações. Ensinarão não somente as orações e as regras comuns e necessárias, mas também um elemento que era fundamental na vida e convivência comunitária, a língua da terra de origem.<sup>6</sup>

O contato com as entrevistadas se através de telefonemas, onde eu e minha amiga o dia e local para as entrevistas. O local sempre era na própria residência da entrevistada, pois trata-se de pessoas idosas que, em alguns casos, não costumam sair de sua casa. Por outro lado, realizar a entrevista na casa delas também proporcionou uma ligação mais próxima com o seu cotidiano, com a sua realidade e, conseqüentemente, com a sua trajetória.

Inicialmente eram previstas ao menos quinze entrevistas, entretanto a partir de um levantamento prévio, foram encontradas somente oito descendentes de alemães que se propuseram a participar da entrevista. Algumas que já haviam confirmado anteriormente sua participação acabaram falecendo antes mesmo de poderem contribuir com a pesquisa.

Para conseguirmos chegar à análise e interpretação das escutas destas mulheres, se faz necessário uma retomada de aspectos relevantes que compõem o histórico comum destas mulheres como: os motivos que levaram à imigração, a instalação na colônia e suas

---

<sup>6</sup> RIECHEL, Daiana. Colcha de retalhos: a permanência e a herança da mulher rural do sul do Brasil - 1937 A 1945. São Leopoldo: 2003. Disponível em: <<http://www.aninter.com.br>>. Acessado em: 12 de maio de 2012, p. 726.

adaptações ao novo espaço, o papel da mulher no contexto da imigração e o legado destas mulheres passado de geração para geração.

Além disso, no decorrer do texto, para designarmos as entrevistas, a palavra “colona” irá aparecer entre aspas, representando as descendentes de alemãs e trabalhadoras rurais. A opção pela utilização da palavra em boa parte do texto tem a ver com a identificação e a autoafirmação das próprias entrevistadas, que em vários momentos se nomeiam como tais.

Para tanto, a presente dissertação está dividida em três capítulos, nos quais se propõe uma retomada histórica no que se refere à imigração alemã e à construção do ideal feminino até chegarmos nas consequências disso através da fala dessas mulheres.

Sendo assim, o primeiro capítulo traz, num primeiro momento, uma retomada do contexto cultural, político, econômico e social da Europa no século XIX; também são tratados com maior ênfase os principais fatores que levaram ao intenso processo migratório dos europeus em direção à América. Em seguida, é analisada a ocupação e adaptação na colônia, em especial na localidade de Rio da Ilha, salientando-se as relações entre migrantes de religiões distintas, os católicos e os protestantes.

A partir de então, no segundo capítulo, é explorada a construção do ideal feminino que permeia até hoje nossa sociedade, bem como seus primórdios e sua influência na área da Teologia e da História. Ainda sobre este aspecto, é explorada a condição da mulher imigrante e da descendente de imigrante na construção da comunidade em questão.

No terceiro e último capítulo, as percepções coletadas a partir dos depoimentos destas mulheres foram divididas em três categorias distintas: a família, base da imigração germânica, o trabalho, parte fundamental para a sobrevivência do imigrante e religiosidade, fundamento principal para mover e organizar o novo modo de vida na colônia.

Em todos os capítulos estão presentes as falas destas mulheres, interligando assim a metodologia, o embasamento teórico e a prática da pesquisa de campo. Procurei organizar os relatos em ordem cronológica, além de dividir, em cores diferenciadas os principais temas que apareceram durante a entrevista e foram de grande importância para a elaboração do trabalho. É relevante também frisar que estes relatos foram mantidos na íntegra, sem correções ortográficas, com a intenção de mostrar claramente ao leitor como de fato pensam e falam estas mulheres, tentando preservar ao máximo suas expressões e percepções. Deste modo,

dentro desta metodologia, além de experimentar sensações e emoções, é possível também praticar a escuta, que tem como principal característica o

[...] escutar de forma ativa, [que] é escutar para além das palavras que são ditas. É considerar a emoção, o tom de voz, os gestos. Ao perceber que as respostas são trazidas como um conjunto integrado, não como momentos estanques, é possível realizar uma análise muito mais qualificada, gerando um trabalho significativo para a ciência.<sup>7</sup>

Através desta dissertação procuro traçar um perfil da descendente alemã no século XXI em uma comunidade predominantemente rural; descendente esta que ainda possui fortes ligações com seus antepassados, ao mesmo tempo em que vive um presente repleto de novidades e adaptações. Mulheres do ontem, dos costumes, das religiosidades e das tradições, mulheres de hoje, das mudanças, das adaptações e resignificações.

---

<sup>7</sup> MALHEIROS, Bruno Taranto. *Metodologia da Pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: LTC, 2011, 2. ed. p. 198.

## 1. RAZÕES E INTERPRETAÇÕES DA IMIGRAÇÃO

A imigração foi um fator fundamental para a formação da região centro-sul do Brasil. No século XIX, com o incentivo aos primeiros imigrantes, que na Europa estavam passando por uma situação extremamente difícil, no âmbito político e econômico, algumas etnias se arriscaram a cruzar o oceano e se instalar em definitivo em uma terra desconhecida.

Estes imigrantes foram destinados a uma terra onde, acreditava a maioria, seria um recomeço, quem sabe a construção de uma nova vida. Como no século XIX o processo de unificação, tanto da Itália quanto na Alemanha, estava em andamento, muitas famílias, em sua maioria camponesas<sup>8</sup>, perderam terras, passaram fome e outras necessidades frente a esta nova conjuntura política. Deste modo a situação política dos países europeus em meados do século XIX, agitada por uma série de movimentos revolucionários, atuou como mola de repulsão de um grande contingente populacional.<sup>9</sup>

Se, de um lado, as famílias necessitavam de uma nova esperança para poder recomeçar, de outro, o governo brasileiro também tinha urgência na vinda de mão de obra para trabalhar nas lavouras de café, já que, desde 1808, o tráfico de escravos tinha sido proibido pela Inglaterra exatamente porque ao pressionar o governo português, e mais tarde o governo do Brasil, a fim de suprir o regime de trabalho baseado na escravidão, faz emergir certos acontecimentos a necessidade de se importarem braços livres.<sup>10</sup>

Considerando o quadro acima apresentado, torna-se necessário fazer um aprofundamento do assunto a partir da retomada do contexto europeu e brasileiro no século XIX para que

---

<sup>8</sup> Conforme Giralda Seyferth: “A maioria dos alemães que emigraram para o Brasil tinha origem rural ou pertencia às classes sociais urbanas menos favorecidas - a razão para deixar o país estava na condição de classe”. SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania: A imigração alemã e o Estado brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 18, p.79-85, 2003. p. 80.

<sup>9</sup> LANDO, Aldair Marli [ et al], *RS: Imigração e Colonização*, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 12.

<sup>10</sup> LANDO, 1980, p. 11.

assim seja possível a compreensão dos principais motivos que levaram ao fenômeno demográfico das migrações internacionais ocorrido neste mesmo século.

### 1.1.O contexto europeu no século XIX

Com o advento do século XIX, o mundo entra em uma nova era. O que antes fora verdade absoluta passa a ser contestado. É um período onde a economia, a sociedade e o comportamento humano, por exemplo, estão passando por uma fase de resignificações e discussões. entre outros. Nomes como Darwin, Freud e Piaget trazem à tona novas discussões sobre velhos conceitos.

De certo modo, as modificações provocadas pela economia geraram marcas profundas na sociedade do século XIX. A economia sai, aos poucos, das mãos da aristocracia e passa para o controle da burguesia, que tem como fato marcante em sua trajetória a Revolução Francesa iniciada no ano de 1789, fato este que contribuiu em parte, para a entrada definitiva desta classe social como sendo uma das classes dominantes. Este fato vai permear ainda todo o século XIX e também os séculos seguintes. Por isso mesmo a burguesia se torna detentora do saber e da razão, e

[...] é sobre esse crescendo do mundo burguês que se vai autonomizando o pensamento político, filosófico e científico e religioso. A partir do momento em que a civilização ocidental começa a sofrer a contínua pressão das transformações e em que as certezas do passado e as explicações da religião se revelam frágeis, a busca de novas referências culturais acaba por desaguar numa racionalidade mais favorável à análise de ideias.<sup>11</sup>

Por outro lado, a sociedade também passa por enormes transformações. As relações sociais vinham sofrendo imensas modificações desde o início da Revolução Industrial, mas é neste século que as mudanças passaram a ser sentidas com maior intensidade. As cidades ficaram cada vez mais populosas, exigindo uma estrutura apropriada para comportar tanta gente. Estas cidades contavam com novas tecnologias que, aos poucos, foram adaptadas ao dia a dia da população. Eis aqui os primeiros indícios da modernidade que

[...] de um lado, refere-se às gigantescas transformações objetivas da sociedade desencadeadas pelo advento do mercado mundial capitalista: ou seja, essencialmente, mas não de modo exclusivo, desenvolvimento *econômico*. De outro lado, refere-se às impressionantes transformações subjetivas da vida individual e da personalidade que ocorrem sob seu impacto: tudo o que está contido na noção de

---

<sup>11</sup> FERREIRA, António Gomes. A difusão da escola e a afirmação da sociedade burguesa. *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, v. 5, n.1 [9], jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/185>>, acesso em 15 de setembro de 2013. p. 195.

autodesenvolvimento, isto é, uma potenciação dos poderes do homem e uma amplificação da experiência humana.<sup>12</sup>

De outro modo, a ascensão cada vez maior da burguesia no cenário social, ditando regras e conceitos, gerava diversas insurreições provenientes das classes operárias, o que provocou uma fase de instabilidade e modificações no cenário mundial. Exemplo disso foi a Primavera dos Povos de 1848, que pode ser considerada

[...] a primeira revolução potencialmente global, cuja influência direta pode ser detectada na insurreição de 1848 em Pernambuco (Brasil) e poucos anos depois na remota Colômbia. Num certo sentido, foi o paradigma de um tipo de "revolução mundial" com o qual, dali em diante, rebeldes poderiam sonhar e que, em raros momentos como no pós-guerra das duas conflagrações mundiais, eles pensaram poder reconhecer. De fato, explosões simultâneas continentais ou mundiais são extremamente raras. 1848 na Europa foi a única a afetar tanto as partes "desenvolvidas" quando as atrasadas do continente.<sup>13</sup>

Além da Europa, considerada o epicentro de toda a mudança que ocorre no período, a América, a África e a Ásia também foram influenciadas de algum modo com estas transformações. Na América os movimentos independentistas tomaram forma durante este século e consolidaram o surgimento de vários países. Mesmo assim, a Europa continuou subjugando os países americanos, porém através do domínio econômico exclusivamente. Com isso as potências europeias passaram a concentrar seus esforços na África e na Ásia, promovendo uma verdadeira corrida pela posse destas áreas, dando início ao imperialismo. Conforme Wilson Cano

[...] pilhagem, conquista e dominação de povos ou nações foram seus efeitos, obtidos sempre pela violência. Nos primórdios do capitalismo, o imperialismo adquire uma nova forma, e aqueles efeitos foram ampliados, com a busca aos metais preciosos, o comércio negreiro, a colonização e os crescentes lucros mercantis. Todos eles foram peças fundamentais para a chamada acumulação originária. Já na acumulação capitalista e principalmente na passagem da primeira para a segunda Revolução Industrial (segunda metade do século XIX) o imperialismo sofreria substanciais transformações.<sup>14</sup>

O século XIX, de maneira geral, pode ser dividido em dois momentos: a primeira metade do século, fortemente marcada pelas revoluções de 1848, e a segunda metade do

<sup>12</sup> ANDERSON, Perry. *Modernidade e Revolução*. Contribuição à Conferência sobre o Marxismo e a interpretação da cultura realizada na Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign, julho de 1983, na sessão cujo tema era *Modernidade e Revolução*. Tradução: Maria Lúcia Montes. *Novos Estudos* CEBRAP, São Paulo, n.º 14, fev. de 1994. Disponível em: <[http://www.iiep.org.br/livros/modernidade\\_e\\_revolucao.pdf](http://www.iiep.org.br/livros/modernidade_e_revolucao.pdf)>. Acesso em: 12 de setembro de 2013. p. 2.

<sup>13</sup> HOBBSBAWN, Eric. J. *A Era do Capital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 26.

<sup>14</sup> CANO, Wilson. Notas sobre o imperialismo hoje. *Revista Crítica Marxista*, Campinas, n.3, 1996. Disponível em: <[http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/debate14Debate2.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/debate14Debate2.pdf)>. Acesso: setembro de 2013. p. 132.

século, influenciada diretamente pelo advento do que chamamos de segunda fase da Revolução Industrial. Esta industrialização trouxe diversas novidades, como a utilização de máquinas nas indústrias e nos meios de transporte, transformando o cotidiano da população, além de promover uma verdadeira explosão no que diz respeito ao aumento do comércio internacional. Um dos principais símbolos dessa fase foram as estradas de ferro. Como afirma Hobsbawn, a chegada da estrada de ferro era em si mesmo um símbolo revolucionário, já que a construção do planeta como uma economia única era, de várias formas, o aspecto mais espetacular e de maior alcance da industrialização.<sup>15</sup>

Deste modo, a industrialização deste período proporcionou pela primeira vez na história mundial um amplo comércio transnacional, uma semente da economia globalizada que conhecemos hoje. Conforme Hobsbawn,

entretanto, suas realizações globais eram, de qualquer forma, extremamente surpreendentes. Nesta era, o capitalismo industrial tornou-se uma genuína economia mundial e o globo estava transformado, dali em diante, de uma expressão geográfica em uma constante realidade operacional.<sup>16</sup>

As mudanças geradas neste período trouxeram modificações profundas na sociedade de um modo geral. Rémond inclusive atribui ao fenômeno do crescimento industrial do período a boa parte das mudanças ocorridas em vários segmentos da sociedade, quando afirma que

as transformações mais visíveis, talvez também as mais decisivas, que afetam o século XIX, suas estruturas e seus ritmos decorrem da economia e estão ligadas à revolução industrial, a floração de invenções que, de repente, aumentam o poder do homem sobre a matéria, às maquinarias e à sua aplicação na produção [...] dá origem, por um encadeamento de causas e de consequências, a novos tipos sociais.<sup>17</sup>

Mais um fator de extrema importância para esta época da história foram os nacionalismos. Os nacionalismos têm início, por volta do século XVI e XVII, com a formação dos estados absolutistas. Contudo, o auge do nacionalismo moderno, baseado na burguesia e no seu modo de agir e pensar que era refletido pelo liberalismo, só alcançou seu apogeu de fato no século XIX.

Portanto, foi somente no século XIX que surgiram discussões mais coerentes sobre a questão de nação. Alguns pesquisadores, por exemplo, afirmam que a etnicidade é um fenômeno universalmente presente na época moderna, precisamente por tratar-se de um

---

<sup>15</sup> HOBBSAWN, 1995, p.56.

<sup>16</sup> HOBBSAWN, 1995, p.65.

<sup>17</sup> RÉMOND, René. *O século XIX: 1815-1914*. São Paulo: Cultrix, 1990. p. 53.



produto do desenvolvimento econômico, da expansão industrial capitalista e da formação e do desenvolvimento dos Estados-nação.<sup>18</sup>

Segundo Fredrik Barth, a formação dos Estados-nação no século XIX se constituiu a partir da diversidade de línguas e raças, ao mesmo tempo em que valoriza aquilo que a nação tem em comum. Por isso o povo acaba, na maioria dos casos, esquecendo o individual para poder agir em favor coletivo a fim de construir uma nação. Isto fica claro quando afirma que

a memória fundadora da unidade nacional é, ao mesmo tempo e necessariamente, esquecimento das condições de produção desta unidade: a violência e o arbitrário originais e multiplicidade das origens étnicas. [...] Uma nação não pode mais valer-se de fronteiras geográficas naturais, mas reivindicar populações que lhe pertenceriam pela comunidade linguística parentesco racial.<sup>19</sup>

Por isso, a concepção de Estado do século XIX tem total ligação com povo, ou melhor, ainda, surge a concepção de Estado-nação que pode ser definido como algo que equaliza o povo e o Estado à maneira das revoluções francesa e americana<sup>20</sup>, constituído, portanto, pelas ideias iluministas que foram colocadas em prática a partir das revoluções burguesas. Além disso, vincula [os Estado-nação] não ao território, e sim às pessoas.<sup>21</sup> Deste modo, a separação de pessoas mediante as suas semelhanças étnicas, culturais e linguísticas é muito mais coerente do que separá-las mediante sua territorialidade.

Todavia a aceitação do modelo de Estado-nação dependeu, em grande parte, da eficiência que este sistema trazia, calcado principalmente no capitalismo. Segundo Hobsbawm na verdade como poderiam ser negadas as funções e mesmo os benefícios do Estado-nação? A existência de Estados com monopólio de moeda, com finanças públicas e, portanto, com atividades políticas fiscais era um fato<sup>22</sup>. Sendo assim, o Estado se molda em função do capitalismo, e não o capitalismo se molda em função do Estado.

Um aspecto relevante com relação à unidade de um Estado-nação também pode estar ligado, em boa parte, às questões religiosas. Entretanto, apesar de, num primeiro momento, representar a unidade de um povo, nem sempre é através da religião que um povo se apresenta unido, pois um povo pode ter língua e cultura semelhante, mas no que tange à religiosidade, surgem diversos segmentos. De outro modo, representava também um perigo, já que poderia

<sup>18</sup> BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras [1969]. In: POUTIGNAT, P., STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998 [1995]. p. 27.

<sup>19</sup> BARTH, 1998, p.36.

<sup>20</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 35.

<sup>21</sup> HOBBSAWM, 1990, p. 45.

<sup>22</sup> HOBBSAWM, 1990, p. 40.

vir, através de seus preceitos transcendentais, a frear o processo de evolução e crescimento da nação. Assim sendo,

[...] a religião é um cimento paradoxal para o proto-nacionalismo, e de fato também para o nacionalismo moderno, que, comumente, a considerou com muita reserva (pelo menos nas suas fases mais militantes) como uma força que poderia desafiar o proclamado monopólio da “nação” diante da lealdade de seus membros.<sup>23</sup>

Com base nestes aspectos levantados até aqui que são Revolução Industrial, capitalismo, nacionalismo e religião, consegue-se compreender o funcionamento do mundo no século XIX. É a partir da Revolução Industrial que a teoria do liberalismo atingiu seu ponto máximo, e o capitalismo é a base do Estado moderno, muito enraizado nos preceitos religiosos que, por vezes, auxiliavam no crescimento do Estado, e por vezes também atrapalhavam, já que possuem seus próprios conceitos e dogmas os quais nem sempre são iguais ao que pensavam os capitalistas da época.

Deste modo, a Europa do século XIX é o centro de muitas tensões e transformações que se espalharam pelo mundo. Na primeira metade do século, as revoluções, os levantes que eclodiram em diversas partes da Europa, principalmente durante o ano de 1848, se alastraram de maneira assustadora por todas as partes do planeta.

Já na segunda metade do século, o imperialismo e as unificações de Itália e Alemanha acirram ainda mais a disputa por territórios e poder. Os países centro destas disputas foram a Inglaterra, a França e a jovem Alemanha. Para exemplificar melhor estes países que ditavam, além da economia, a cultura e os costumes da época, é interessante analisarmos, de maneira sucinta, cada um deles.

### **1.1.1. Inglaterra, França e Alemanha: influências econômicas e sociais do século XIX**

No século XIX, como já foi referido, a Inglaterra, a França e a Alemanha são os três países mais poderosos do mundo em diversos aspectos. A Inglaterra do século XIX é, de fato, o país mais poderoso do mundo. Como este país foi o precursor da Revolução Industrial, sua economia encontrava-se neste período plenamente desenvolvida. Tudo isso influenciou muito o modo de vida dos ingleses. Segundo Carvalho

as invenções científicas nunca modificaram tanto os costumes, ideias, paisagens e a vida das pessoas como aconteceu durante a Era Vitoriana. A Revolução Industrial

---

<sup>23</sup> HOBBSAWM, 1990, p. 83.

foi um dos maiores causadores das mudanças na Inglaterra. A Inglaterra estava no auge de sua autoconfiança e poder. Após a Revolução Industrial, a Inglaterra do século XIX era a oficina do mundo. Até o último quarto desse século, a produção das fábricas inglesas era maior do que a de qualquer outro país.<sup>24</sup>

Além disso, a cultura e os costumes da Era Vitoriana demonstravam bem como o mundo do século XIX estava se moldando com relação aos aspectos morais. Sobretudo as questões sobre sexualidade, cujo assunto, era muito reprimido pela Igreja, ficaram ainda mais fortemente sufocadas diante de uma sociedade que, agora, além da Igreja, tinha como órgão repressor também a ciência. Como afirma Foucault, a única e legítima forma da prática sexual é entre um homem e uma mulher casados diante de Deus. Segundo ele

[...] a sexualidade [...] muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais.<sup>25</sup>

A Inglaterra vai influenciar a cultura de outros países que, assim como ela, transformaram o assunto sexualidade, que antes, apesar de certas proibições por parte da Igreja de um modo geral, era visto como algo natural, passou a ser visto como algo horrendo e para fins de procriação, assim legitimado pela inquestionável ciência. E isso fatalmente aparece também na vida daquelas pessoas que migraram para a América neste mesmo século, principalmente nas convicções sobre os papéis femininos e masculinos, pois, como afirma Michelle Perrot

o século XIX nada inventa nesse domínio [das relações de gênero]; ele apenas reformula uma questão muito antiga, na verdade eterna reapropriando-se dela. Talvez com uma intensidade particular, na medida em que a construção das democracias ocidentais vem acompanhada, e mesmo apoiada numa definição mais estrita do público e do privado e dos papéis.<sup>26</sup>

A definição dos papéis, tanto de homens quanto de mulheres, não foi uma definição exclusivamente inglesa. Os demais países do Europa também passaram por esse processo, como foi o caso da Alemanha. O fenômeno da imigração, por exemplo, também sofreu a influência inevitável deste modo de pensar da sociedade do século XIX, pois era o homem, o provedor da família, quem decidia os rumos a serem tomados, e não a mulher. Esta, por sua vez, deveria acatar a decisão do marido, mesmo não concordando. A ele, cabia o cuidado com

<sup>24</sup> CARVALHO, Ana Claudia. *A Era Vitoriana em a Noiva Cadáver*, 2007, disponível em: [http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto\\_todasasletras/inicie/AnaClaudiaCarvalho.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inicie/AnaClaudiaCarvalho.pdf), p. 2.

<sup>25</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003. p. 9-10.

<sup>26</sup> PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 172.

o futuro da prole através de medidas econômicas, no caso a decisão de migrar; a ela cabia confortar os filhos e o marido, mantendo-se terna e esperançosa, mesmo que não fosse de fato o sentimento que possuía. Segundo afirma Scheila Dreher

[...] a vida das mulheres tornou-se cada vez mais difícil à medida que o pauperismo instalou-se na Alemanha e fez com que seus maridos procurassem por sustento nas fábricas, em cidades maiores, às vezes, por longos períodos. Além das atividades de casa e junto aos filhos/as, coube-lhes também, a responsabilidade pelo trabalho no campo, que se fazia paralelamente. Esgotamento físico e emocional, por vezes, foi o resultado dessa mudança na condição e social familiar.<sup>27</sup>

Essa mudança de hábitos reflete diretamente na sociedade deste século, que buscava uma maneira de viver em meio a diversas transformações provocadas pelas novidades tecnológicas, como era o caso dos automóveis e das máquinas, ao mesmo tempo em que procurava sanitizar as áreas urbanas, que estavam cada vez mais numerosas e precisavam de planejamento e organização. Um dos focos para a concretização do processo sanitização foi o controle da sexualidade, já que era extremamente necessário o corpo ideal ser livre do desejo sexual, visto como uma doença desencadeada a partir das mulheres. Para que os homens permanecessem com suas paixões controladas, eles tinham que dominar as mulheres.<sup>28</sup>

A França é outro país europeu que exerceu forte influência no mundo do século XIX. Principalmente, após a Revolução Francesa, ponto máximo da tomada de poder da burguesia, este país passou a ser foco das principais mudanças políticas e sociais do mundo, comprovando deste modo que

são em países como Inglaterra, mas principalmente na França que ao longo dos séculos esse conceito [de progresso] tomou forma e força. Entre o século XV (com a invenção da imprensa) e a revolução francesa (1789) surge explicitamente a ideia de progresso. É graças ao surgimento da ciência moderna (representada por Newton, Descartes, Copérnico), bem como das invenções daí surgidas que a noção progresso tem sua origem. Aliás, os avanços técnicos e materiais são determinantes para que ocorra a crença no progresso.<sup>29</sup>

Uma das características mais marcantes da França do século XIX foi o movimento social conhecido como *Belle Époque*, no qual a burguesia francesa vivia um momento de

<sup>27</sup> DREHER, Scheila dos Santos. “*O pontinho da balança*”: história do cotidiano de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil, a perspectiva do privado e do público. Dissertação de mestrado, Escola Superior de Teologia (EST). São Leopoldo, 2007. p. 53.

<sup>28</sup> SILVA, Maria da Anunciação; MANDÚ, Edir Nei Teixeira. Ideias cristãs frente ao corpo, à sexualidade e a contracepção: implicações para o trabalho educativo. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, n. 28, v. 4. Porto Alegre, dezembro de 2007. p. 261.

<sup>29</sup> BARROS, Cleyton Souza. *Luz e progresso: o imaginário da Belle Époque em Juiz de Fora (1889-1914)*. Artigo apresentado no I Colóquio do Laboratório de História Econômica e Social da UFJF, 13 a 16 de junho de 2005. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/lahes/files/2010/03/c1-a11.pdf>.> Acesso em: 13 de setembro de 2013. p. 2.

encantamento e despreocupação diante das maravilhas tecnológicas produzidas pela indústria. Junto a isto também ocorre a proliferação da cultura de massas, que criava uma nova concepção de acesso à cultura, a cultura paga. De um modo geral, a Europa, em especial a França e a Inglaterra, foram os países que mais representavam este reforço no que diz respeito ao poderio, em diversos aspectos, da Europa diante dos demais países do mundo. Portanto

[...] foi no século dezenove, cujos avanços da industrialização, a melhoria do bem-estar, do conforto, e da segurança - para a elite -, vão caracterizar o que se denomina para o final dos oitocentos de Belle Époque. Os progressos técnicos e científicos, como também na política econômica liberal, na alfabetização, na instrução e na democracia testemunhavam a favor da Europa, especificamente Inglaterra e França.  
30

No aspecto político e científico isto ficava ainda mais evidente, como afirma Ortiz, referindo-se principalmente à teoria evolucionista. Neste aspecto os europeus propagavam sua ideia de superioridade, na medida em que

do ponto de vista político, tem-se que o evolucionismo vai possibilitar à elite europeia uma tomada de consciência de seu poderio que se consolida com a expansão mundial do capitalismo. Sem querer reduzi-lo a uma dimensão exclusiva, pode-se dizer que evolucionismo, em parte, legitimada ideologicamente a posição hegemônica do mundo ocidental.<sup>31</sup>

Ou seja, os principais pensamentos e ideias eram oriundos da Europa, por isso seu total domínio diante das outras nações. Tudo o que era produzido, no que se refere a termos científicos, só tinha legitimidade se fosse produzido na Europa. Neste aspecto

[...] toda a produção teórica da época se constitui: o positivismo de Comte, o darwinismo social, o evolucionismo de Spencer. Elaboradas na Europa em meados do século XIX, essas teorias, distintas entre si, podem ser consideradas sob um aspecto único: o da evolução histórica dos povos.<sup>32</sup>

Além da França e da Inglaterra, que ao longo do século XIX alicerçavam seu poder e influência no quadro mundial, outro país também emergiu como grande potência econômica neste cenário: a Alemanha. Apesar de sua unificação só se consolidar na segunda metade do século XIX, a Alemanha, que já era um país com uma burguesia extremamente influente e rica, nasceu com ares de nova potência econômica. Isto se deveu principalmente pela forma como se constituiu este novo país onde

pelo lado econômico, iniciou seu processo de industrialização de forma tardia, porém, bem-sucedida; pelo lado político, sua elite conservadora evitou mudar substancialmente suas estruturas e seu projeto de potência fracassou. Essa dialética

---

<sup>30</sup> BARROS, 2013, p. 2.

<sup>31</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 10.

<sup>32</sup> ORTIZ, 2006, p. 11.

de êxitos e insucessos permeou todo o processo rumo à unificação territorial e à consolidação do Império até a eclosão da I Guerra Mundial.<sup>33</sup>

Seja pela maneira como foi conduzida sua unificação, seja pelo fato de ter sido o berço do socialismo, não se pode negar que a Alemanha unificada exerceu forte interferência econômica não só sobre os países europeus, mas também sobre os demais países que compunham o planeta. Ela conseguiu consolidar sua economia apesar do pesado controle da Inglaterra neste setor, pois [...] em meio à competição feroz da produção em massa britânica, os comerciantes alemães requerem proteção, o que é feito, principalmente, por meio de políticas tarifárias nacionalistas, voltadas a proteger o mercado interno.<sup>34</sup>

Mais uma vez, como já vinha ocorrendo com os demais países europeus, é a partir da influência da burguesia que o país alcança novas perspectivas. Deste modo, no caso alemão, começaram a ser derrubados por meio de uma política fiscal unificada e da coordenação das políticas monetárias para favorecer as trocas e a acumulação de capital.<sup>35</sup>

Com a poderosa interferência, principalmente dos três países referidos acima, o mundo se constituiu com características fortemente capitalistas. Com a consolidação destes grandes Estados-nação, o cenário mundial passou a contar com um fenômeno que marcou muito o final do século XIX e início do século XX: o imperialismo. Este fenômeno teve sua culminância com o estopim da Primeira Guerra Mundial. É necessário analisarmos estes três países, pois eles representaram as maiores potências econômicas da época e acabaram por diversas vezes travando batalhas sangrentas em torno de seus interesses capitalistas.

### **1.1.2. A Alemanha e o contexto da imigração: motivos e concretizações**

A Alemanha, durante o século XIX, passa a ser referência em diversos aspectos, principalmente econômicos e bélicos, em relação ao restante do planeta. Devido à crescente industrialização que não consegue comportar toda a mão de obra existente, a Alemanha que, a fim de reestruturar esta sociedade que aos poucos se insere no meio industrial de modo rápido e feroz<sup>36</sup>, resolve por meio de ações tanto individuais quanto do próprio governo, promover a repulsão de boa parte da população pobre camponesa, especialmente em direção à América.

---

<sup>33</sup> OSÓRIO, Luiz Felipe Brandão. A Economia Política do Império Alemão: condição histórica, bancos e cartéis. *Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada*, v. 6, n. 10, Jan-Jun 2011.p. 98.

<sup>34</sup> OSÓRIO, 2011, p. 102.

<sup>35</sup> OSÓRIO, 2011, p. 104.

<sup>36</sup> A unificação nacional alemã, cujo ideal começa a se solidificar com a expansão napoleônica, realiza-se sob a égide da Prússia, cuja ascensão é marcada pela complexidade histórica de todo o Reich e da aristocracia “*Yunker*”, distinta das grandes nobrezas europeias. O reino da Prússia, transformado no império germânico, apresenta-se, na Europa, como um caso típico “de um desenvolvimento desigual e combinado” que originaria - a

O primeiro período se dá em 1824 com a chegada de famílias de agricultores e camponeses. O segundo grupo chega ao país em meados do século XX, com o fracasso das revoluções de 1848 e 1849. Seus integrantes eram militantes liberais e representantes da intelectualidade de alguns estados alemães e da Áustria, que haviam partido em busca de novas perspectivas no Novo Mundo. Neste segundo grupo, podemos incluir também a chegada de turmas de reimigrantes na década de 70. Este grupo teve uma participação especial nos movimentos e aspirações dos demais imigrantes, por terem conhecido o processo de nacionalização alemã. A terceira leva de imigrantes é composta de artesãos e operários forçados a sair da Europa em razão das crises do começo do século.<sup>37</sup>

Na Alemanha do século XIX, guerras internas e externas assolaram boa parte da população mais pobre, que sofreu com o processo acelerado de industrialização deste novo país. Se esta industrialização, por um lado, trouxe a modernidade e a riqueza para uma pequena parcela da população burguesa<sup>38</sup>, por outro, varreu os mais pobres dos campos e acabaram indo para as cidades trabalhar em troca de salários miseráveis.<sup>39</sup>

Neste momento, ocorre a implementação da produção em massa e a maior divisão do trabalho, a proteção do capital e a busca de novos mercados, dando lugar à colonização imperialista. Em linhas gerais, tantas transformações geraram uma massa de desempregados e subempregados, que deixaram o seu país em busca de novas oportunidades.<sup>40</sup>

Dentro desta perspectiva, esta sociedade precisa ser estruturada de acordo com a modernidade do século XIX, ocasionando assim a saída de muitas pessoas do país. Do lado do governo era preciso fazer uma reorganização populacional, visto que o contingente populacional cresceu vertiginosamente neste século<sup>41</sup>; do lado da população pobre uma nova

---

partir de um pequeno e atrasado território feudal do Báltico - o maior país capitalista do continente que, graças à sua dinâmica, vai participar da 2ª Revolução Industrial como a maior potência industrial europeia. PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. O significado da Alemanha para a gênese da Geografia Moderna. *Geosul*, Florianópolis, v. 20, n. 40, jul./dez. 2005. p. 52.

<sup>37</sup> SANTANA, Nara Maria Carlos de. *Imigrantes Alemães e o Brasil Caboclo: Memória, identidade e política nacional no Brasil*. Texto produzido para: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1012.pdf>. Acesso em 16 de setembro de 2013. p. 1.

<sup>38</sup> Este contingente excedeu as expectativas, fazendo com que a Alemanha recém-formada tivesse que se moldar aos acontecimentos. Acerca dos fatores que levaram à imigração é importante “que se considere a Revolução Industrial, que colocou paulatinamente a Alemanha na condição de concorrente da França e Inglaterra. O surgimento de teares mecânicos movidos a vapor substituiu dezenas de trabalhadores.” JOCHEM, Toni Vidal. *A formação da colônia alemã Teresópolis e a atuação da Igreja Católica*. Florianópolis: UDESC/PPG, Tese de Doutorado, 2002. p. 23.

<sup>39</sup> A comparação entre as condições domésticas e as terras da esperança abalou muitos alemães. A insatisfação com a situação reinante em sua terra natal contrastava enormemente com a possibilidade de levar uma vida de prosperidade no além-mar. JOCHEM, 2002. p. 20.

<sup>40</sup> SANTANA, 2009, p. 2.

<sup>41</sup> Segundo Rémond: “A extensão da superfície das cidades, o aumento do número de habitantes e as mudanças daí resultantes deram origem a uma série de problemas radicalmente novos: subsistência, abastecimento, evacuação, circulação, alojamento, administração, ordem pública, para os quais o governo foi obrigado a procurar soluções.” RÉMOND, 1990, p. 138.

possibilidade, uma alternativa de possuir uma nova perspectiva de vida.<sup>42</sup> E finalmente do lado dos países receptores, a possibilidade de uma nova mão de obra em substituição à mão de obra escrava, além de garantir uma colonização nos lugares ermos através das mãos de brancos europeus e não de mestiços.

Contudo, depois da longa viagem, da chegada muitas vezes conturbada, das dificuldades em encontrar se lote de terras<sup>43</sup> e, sobretudo, do contato com a natureza e com o nativo, as primeiras experiências neste novo território não foram nada agradáveis, principalmente no que diz respeito ao contato entre o europeu e o nativo ou mestiço. Este contato, direta ou indiretamente, nem sempre foi tão amistoso, pois

o contato com a sociedade local, em geral, e com o caboclo, em particular, não foi dos melhores. O imigrante, apesar de seu baixo nível educacional, encontra no Brasil uma das culturas regionais mais simples da América, e isto acaba por revelar no imigrante um sentimento de superioridade e desprezo pelo nativo caboclo, a quem considera indolente, supersticioso e atrasado.<sup>44</sup>

Ressaltamos que boa parte da mão de obra que se instalada na região meridional do Brasil tem como principal atividade produtiva a lavoura de subsistência. A maioria destes imigrantes possuía um conhecimento profundo do cultivo da terra e, por isso mesmo, foi incentivada a vir. Segundo Meyer

o estímulo ao desenvolvimento de uma agricultura voltada para a produção de gêneros alimentícios destinados ao abastecimento do mercado interno, num sistema que deveria basear-se em pequenas propriedades e na força de trabalho familiar. Encontra-se, aqui, uma das importantes particularidades desta corrente imigratória: o fato dela ter-se constituído, no sul do País, sob a forma de *colonização*, o que levou a uma concentração étnica em áreas homogêneas e compactas e modificou, profundamente, a estrutura fundiária e a vida rural nesses estados. Isto diferenciou, também, o imigrante alemão que se instalou aqui, daquele que se encaminhou para São Paulo ou para estados de outras regiões brasileiras.<sup>45</sup>

Instalados, a tarefa de se estabelecer nas novas terras foi árdua. Viviam extremamente isolados uns dos outros. Mesmo assim, conseguiram se estabelecer a partir das

---

<sup>42</sup> Com isso, os europeus tinham diversos motivos para fazer a travessia, pois “[...] motivos econômicos, perseguições religiosas, crescimento demográfico, desenvolvimento tecnológico, expansão das companhias de navegação podem ser apontados como causa da emigração em grande escala, principalmente a partir de 1850.” ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: NOVAIS, Fernando A, SEVCENKO, Nicolau (org). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. vol. 3, p. 230.

<sup>43</sup> Sobre este aspecto, podemos considerar que “funcionários mal treinados no gerenciamento dos núcleos, demora na demarcação dos lotes de abertura de estradas, ausência de hospedarias para abrigar as pessoas imediatamente após a sua chegada obrigaram muitas famílias embarcadas com destino ao sul a esperar seis meses para se estabelecer ou até mesmo um ano.” ALVIM, 1998, p. 232.

<sup>44</sup> SANTANA, 2009, p. 3.

<sup>45</sup> MEYER, Dagmar Estermann. “Alemão”, “Estrangeiro” ou “Teuto-brasileiro”? Representações de docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul. 23ª Reunião anual da Anped, Caxambu: de 24 a 28 de setembro de 2000. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0219t.PDF> >. Acesso em: 15 de setembro de 2013. p. 3.



condições desfavoráveis e, aos poucos, foram organizando e desenvolvendo este espaço geográfico. Conforme Seyferth

As unidades chamadas *colônias* (ou núcleos coloniais) – com extensão territorial de duas até seis Léguas *em quadro* (conforme a legislação pertinente) – eram divididas em *Linhas* (ou picadas que pudessem funcionar como vias de comunicação) que partiam, inicialmente, de um lugar previsto para ser um futuro povoado (demarcado com *lotes urbanos*). Os colonos encaminhados às Linhas não podiam se fixar no povoado, pois havia a obrigação contratual (registrada nos títulos provisórios de propriedade) de residir no lote recebido. Assim, a noção de colônia configurou um tipo de exploração agrícola fundamentado na pequena propriedade, uma unidade de produção voltada à policultura (portanto, ao abastecimento) e trabalhada com mão de obra familiar.<sup>46</sup>

Neste contexto, estavam também as mulheres vivendo, trabalhando, parindo, construindo e transformando as terras que ainda não tinham sido exploradas. Elas trouxeram consigo aquilo que aprenderam e vivenciaram na terra natal; muito mais do que aquilo que carregavam em sua bagagem, traziam memórias e histórias de seus antepassados resignificadas por suas próprias experiências. Como afirma Scheila Dreher

estas, quando migraram da Alemanha com destino ao Brasil, transportaram nos navios, bem ou mal, suas histórias e experiências plurais: no interior dos baús e das trouxas, nas relações familiares e no próprio corpo.[...] No decorrer dos anos, no Brasil, é que passaram a se entender também como “brasileiras”, sem negar, contudo, a memória-história de mulher alemã evangélica inscrita em seus corpos.<sup>47</sup>

Por outro lado cabe lembrar que nem todos os imigrantes alemães vieram exclusivamente para viver do sustento que a terra lhes dava, pois principalmente as levadas de imigrantes que vieram após os anos de 1850 eram constituídas por pequenos ou grandes comerciantes que precisaram se adaptar ao novo ambiente, ou, de outro modo, vieram para cá com a clara intenção de continuar e ampliar aquilo que já sabiam fazer. Sobre isso, Giralda Seyferth analisa a influência deste grupo, em especial, na formação do Vale do Itajaí. Segundo ela

estes grupos ascenderam socialmente e também fundaram suas sociedades “Germania”, talvez com um sentido mais elitista do que suas congêneres das áreas coloniais. O crescimento desse comércio pode ser vinculado ao interesse alemão no mercado sul-americano, expandido no período histórico aqui considerado. Isso produziu a circulação de bens e capitais, abrindo no país de acolhida espaço para mercadorias do país de origem. Esse tema teve amplo espaço na literatura sobre a colonização alemã, sendo defendida uma intensificação da imigração para tornar tais atividades de natureza econômica mais expressivas.<sup>48</sup>

<sup>46</sup> SEYFERTH, Giralda. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Brasil. *MÉTIS: história & cultura*, v. 11, n. 22, jul./dez. 2012. p. 15.

<sup>47</sup> DREHER, 2007, p. 40.

<sup>48</sup> SEYFERTH, Giralda. A Dimensão cultural da imigração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 26, n.77, outubro de 2011. p. 56.

O Brasil, um dos países que mais recebeu imigrantes no século XIX, ainda era um país monárquico e escravagista, mas de maneira muito lenta e gradual, no decorrer deste mesmo século, passou a investir na mão de obra livre. A vinda destes imigrantes teve sua razão de ser. Cada vez mais ficava insustentável para o Império brasileiro manter seu caráter escravocrata. Por isso, no decorrer do século XIX, algumas ações fizeram com que cada vez imigrantes viessem para cá. Esta mudança se dá devido ao contexto político e social da época, no qual

durante décadas, o café que fazia a riqueza do Brasil se expandiu, criando a necessidade cada vez maior de mão de obra. Importavam-se mais e mais africanos. Até que, em 1850, gabinete conservador, liderado por Eusébio de Queirós, sancionou uma lei nunca antes proposta nem mesmo pelos liberais radicais: extinguiu-se o tráfico internacional de escravos. O resultado? O aumento do tráfico interno.<sup>49</sup>

O investimento na mão de obra livre também tem sua raiz nas teorias de branqueamento do século XIX, cuja proposta era culpar o índio e o negro pela falta de estrutura e desenvolvimento do país e

o que consideravam pior: o risco “da africanização capaz de afastar o Brasil das rotas de civilização”. Sim, “povos supersticiosos, estúpidos, de costumes corrompidos” como eram considerados os africanos podiam contaminar a sociedade. Pensava-se resolver o problema da mão de obra com a importação de trabalhadores europeus.<sup>50</sup>

Se no sudeste a necessidade é de trabalhadores para as fazendas de café, o sul recebe os imigrantes visando à ocupação das fronteiras “inabitadas”, que precisam urgentemente ser ocupadas e povoadas. Com o objetivo de fomentar esta imigração, é preciso garanti-la de maneira legal, por isso

[...] tentando atrair imigrantes, o Brasil se fez valer de uma vasta legislação, alternando períodos de maior ou menor interesse, em função de distúrbios políticos a que, em diversas circunstâncias, esteve submetido. Mas se fez constante a ideia da necessidade de se promover a imigração como condição para desenvolver as regiões mais remotas do país.<sup>51</sup>

As regiões dos Vales, tanto dos Sinos quanto do Caí ou Paranhana, foram os locais mais ocupados pelos imigrantes alemães, que foram se adaptando ao novo contexto, procurando lugares para desenvolver a agricultura de subsistência.

---

<sup>49</sup> DEL PRIORE, Mary. *O Castelo de Papel: uma história de Isabel de Bragança, princesa imperial do Brasil, e Gastão de Orléans, Conde d'Eu*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. p. 51.

<sup>50</sup> DEL PRIORE, 2013, p. 52.

<sup>51</sup> JOCHEM, 2002, p. 28.

Como ponto principal, a fim de direcionar os estudos sobre a mulher do Vale do Paranhana, faz-se necessário uma retomada histórica da localidade de Rio da Ilha, interior do município de Taquara, tendo em vista seu processo de ocupação e desenvolvimento.

## **1.2.A região do Vale do Paranhana e a influência da imigração**

O Vale do Paranhana é uma microrregião do estado do Rio Grande do Sul, banhada pelo Rio Paranhana, afluente do Rio dos Sinos. Esta região é composta por seis municípios: Igrejinha, Três Coroas, Parobé, Riozinho, Rolante e Taquara.

O município de Taquara localiza-se na região Nordeste do Rio Grande do Sul e desempenha um papel decisivo na integração regional, por situar-se no entroncamento das estradas que ligam a Região Metropolitana de Porto Alegre, a Serra Gaúcha e o Litoral Norte do Estado. Taquara tem uma importância significativa para esta região devido a sua origem, que está intimamente ligada à história da imigração alemã no sul do Brasil.

A origem do município está diretamente ligada ao processo de imigração de alemães no sul do Brasil, e que teve em 1824, o início da colonização, com a fundação da Colônia Alemã de São Leopoldo. Vale ressaltar que, a grande maioria dos primeiros moradores da cidade era de origem alemã, características essas que se preservam, em parte, até os dias atuais.<sup>52</sup>

Deste modo, o dia a dia desta região, ainda hoje, é baseado nos costumes, na cultura e na religião trazidas e revitalizadas pelos primeiros imigrantes. Dentro do município de Taquara, que tinha como primeira denominação Passo do Mundo Novo<sup>53</sup>, aos poucos foram surgindo diversas localidades que, ao longo dos anos, foram se constituindo como distritos dentro do próprio município.

Anteriormente já existia uma pequena ocupação iniciada por famílias portuguesas. Todavia, foi somente a partir da chegada dos primeiros imigrantes alemães, que ocorreu por volta de 7 de setembro de 1846, que teve início de fato a ocupação e colonização da Fazenda

---

<sup>52</sup> GEVEHR, Daniel Luciano. *As vivências de um espaço mundano: as representações da zona do meretrício em terras de imigração alemã.* (Taquara-RS, décadas de 1970 e 1980). CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo. Anais do Congresso Internacional das Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. p. 484 (nota de rodapé).

<sup>53</sup> “Embora a colonização oficial da região que integra a Fazenda do Mundo Novo somente tenha ocorrido a partir de 1846, com a imigração alemã, podemos dizer que Taquara, em sua origem, era formada por uma população basicamente de grandes fazendeiros, luso brasileiros com seus escravos de indígenas e de terras de passagem dos tropeiros.” LIMA, Jocemar Paulo de. GEVEHR, Daniel Luciano. *Os lugares de memória da cidade: os imaginários urbanos de Taquara na República Velha (1889-1930).* Publicado em 16 de agosto de 2011. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/os-lugares-de-memoria-da-cidade-os-imaginarios-urbanos-de-taquara-na-republica-velha-1889-1930/74273/>. Acesso em: 3 de setembro de 2013.

do Mundo Novo, atual Taquara. Mais tarde, em 24 de setembro de 1880, foi instalada a 1ª Comarca de Taquara. O município de fato só surgiu com a Lei Provincial n.º 1568, de 17 de abril de 1886.<sup>54</sup>

Taquara, nos dias de hoje, é um município que possui uma população total de 54.656 habitantes, segundo os dados do IBGE 2010, sendo uma população urbana de 45.276 habitantes e uma população rural de 9.380 habitantes.<sup>55</sup>

Em destaque, dentro destes distritos, está a localidade de Rio da Ilha<sup>56</sup>, localidade que também tem forte ligação com a cultura germânica, pois boa parte de seus fundadores é de descendência alemã. Este local, que parece ter parado do tempo, possui características muito marcantes, dentre as quais está a forte ligação de seus habitantes com a terra até porque a profissão de agricultor é, entre todas, a mais fortemente determinada por transmissão hereditária, um ofício que passa de pai para filho.<sup>57</sup> A maioria das pessoas que mora ali, vive ou já viveu basicamente da agricultura familiar.

As colônias alemãs foram formadas em mutirão: os colonos uniam-se para abrir picadas e estradas, erguer casas e organizar as comunidades religiosas, associações recreativas e culturais. Nas localidades, eram logo construídos a capela, o cemitério, a escola e a moradia do pastor ou padre.<sup>58</sup>

Os próprios moradores se declaram parte da terra, já que esta lhes fornece o sustento, as alegrias, as incertezas. Enfim tudo depende da terra e por isso mesmo se intitulam colonos. A palavra colono, mesmo sendo utilizada muitas vezes de forma pejorativa, possui um sentido muito próprio para os descendentes de alemães, pois

[...] a pequena propriedade foi assumida, realmente, como a unidade básica de todo o sistema colonial e é marca fundamental deste campesinato de origem europeia. A expansão colonial em terras de floresta desprezadas pelos latifúndios, e por isso mesmo aproveitadas para a colonização, permitiu a constituição de uma sociedade camponesa com características próprias.<sup>59</sup>

<sup>54</sup> PHILERENO, Davis Cassiano. BARBOSA, Marcel Jaroski. *Evolução Histórica dos Sistemas agrários na localidade de Taquara-RS, encosta inferior do nordeste*. Anais III Congresso Brasileiro de Sistemas, 2007. Disponível em: <<http://www.issbrasil.usp.br>>. Acesso em: 3 de setembro de 2013. p. 3.

<sup>55</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE TAQUARA, site oficial. Disponível em: <http://www.taquara.com.br/home/>. Acesso em: setembro de 2013.

<sup>56</sup> Distrito de Rio da Ilha - criado pela Lei Municipal nº 1127/87. PREFEITURA MUNICIPAL DE TAQUARA, site oficial. Disponível em: <<http://www.taquara.com.br/home/>>. Acesso em: setembro de 2013.

<sup>57</sup> SCHNEIDER, Ingrid. Êxodo, envelhecimento populacional e estratégias de sucessão na exploração agrícola. *Indicadores Econômicos FEE*, v.21, n. 4, 1994. Disponível em: <<http://www.revistas.fee.tche.br>>. Acesso em: 19 de setembro de 2013. p. 259.

<sup>58</sup> MENASCHE, Renata. SCHMITZ, Leila Claudete. *Agricultores de origem alemã, trabalho e vida: saberes e práticas em mudança em uma comunidade rural gaúcha*. Porto Alegre: Editora UFGRS, 2007. Disponível em: <<http://www.rimisp.org>>. Acesso em: 9 de agosto de 2010. p. 2.

<sup>59</sup> VANDERLINDE, Tarcísio. Imigração e Campesinato no Sul do Brasil: Uma discussão preambular. Artigos & Ensaios. *Revista Varia Scientia*, v.05, n. 9, agosto de 2005. p. 195.

Portanto ser colono, para o colono, possui dois sentidos: o primeiro, o orgulho de ser parte integrante da imigração alemã e continuar seguindo as tradições de seus antepassados; o segundo, e mais aplicado, ser alguém sem acesso à instrução e boas condições de vida, devido ao local ermo em que estão instalados. Deste modo,

a área rural de um município é chamada de colônia e seus habitantes são colonos, categoria que sobreviveu ao longo do tempo e que designa o camponês. Por outro lado, o termo “colônia” também é utilizado para designar a propriedade agrícola do colono. [...]. A pequena propriedade é o lugar em que por décadas se articulam os sonhos da família. É onde se faz a provisão para dias difíceis, mas, também, para a manutenção de um estilo peculiar de vida.<sup>60</sup>

Mesmo que as tecnologias aos poucos estejam chegando a esse lugar, pois “com o passar dos anos, enquanto entre esses agricultores reduzia-se o tamanho das famílias e crescia a demanda por bens de consumo, as antigas formas de cultivar a terra iam sendo transformadas por maquinários e insumos químicos”<sup>61</sup>, a presença do passado é muito forte, nas festas, nos lugares de memória como as igrejas, comunidades (associações)<sup>62</sup>, na própria casa onde a família vive atualmente ou viveu desde sempre.

Em cada casa, em cada pedaço de terra, se encontra algum indício de que, nesta região, convivem descendentes de alemães de várias regiões, já que é importante lembrar que

no início do século XIX a Alemanha ainda está dividida em inúmeros feudos, unidos apenas por alguns traços culturais comuns. Ela não passou sequer pela Monarquia Absoluta - que é a forma de governo que assinala a transição entre o feudalismo e a constituição dos Estados modernos. Até a Reforma e as lutas camponesas, no caso da Alemanha, contribuem para reforçar a fragmentação e a aristocracia rural.<sup>63</sup>

Os imigrantes que aqui se instalaram tinham, portanto, características muito peculiares dos locais de onde vieram, sendo assim

diante deste complexo mosaico político-administrativo-cultural, os imigrantes originários dos Estados Alemães até 1870, e depois do Reich e do Império Austro-Húngaro eram denominados, no Brasil, “alemães”. As autoridades constituídas usualmente classificavam os imigrantes de acordo com sua procedência, de conformidade com o Estado que lhe fornecia o passaporte ou, ainda, de acordo com o Estado ao qual pertencia o indivíduo ao nascer.<sup>64</sup>

<sup>60</sup> VANDERLINDE, 2005, p. 200.

<sup>61</sup> MENASCHE & SCHMITZ, 2007, p.2.

<sup>62</sup> Sobre este assunto Seyferth acrescenta que “é preciso mencionar as associações recreativas e culturais destacadas pela maioria dos estudiosos da imigração alemã por causa da sua significância numérica e sua vinculação com o nacionalismo alemão. Espaços de convivência, lugares da sociabilidade, eram imaginados como expressão do espírito (associativo) germânico”. SEYFERTH, 2011, p. 59.

<sup>63</sup> PEREIRA, 2005, p. 51.

<sup>64</sup> JOCHEM, 2002, p. 18.

A figura feminina, muitas vezes esquecida ou impedida de ser lembrada, está presente e com muita força nesta localidade, até por que, a maioria da população idosa da comunidade é composta por mulheres<sup>65</sup>. São as mulheres que preservam e preservaram tradições de seus antepassados, são elas que sustentam ou sustentavam a família, pois tinham uma função a cumprir<sup>66</sup>, e também são elas que fazem da roça seu local de trabalho e fonte de vida. Sendo assim

as heranças deixadas por essa mulher rural, colona, estão nos detalhes temporais que atravessaram gerações, sobreviveram às revoluções, e continuam presentes em nosso tempo, provando a importância de seu trabalho para a sociedade contemporânea, esquecida de seu passado. A mulher colona não trabalhava para si, suas produções domésticas, que ultrapassavam as fronteiras de seus lares, estiveram sempre voltadas para o seio familiar e a sua comunidade envolta. Portadora de uma essência inconfundível, a mulher rural do sul do Brasil foi elemento fundamental na formação da imagem do sul brasileiro.<sup>67</sup>

Neste lugar também a religiosidade é algo muito latente, já que ali estão presentes também devido à influência germânica, com maior destaque, as Igrejas Católica e Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e também, em menor número, Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Importante lembrar também que

no que se refere à filiação religiosa no país de origem, ser evangélico poderia indicar a pertença a uma igreja de rito tanto luterano, quanto calvinista ou até a um dos grupos dissidentes da Reforma, como os anabatistas, ou ainda a movimentos de renovação espiritual, como os pietistas moravianos.<sup>68</sup>

Com relação à Igreja Evangélica é importante salientar que esta, tal qual a conhecemos, vai surgir a partir de uma reforma promovida inicialmente por Frederico Guilherme III, por isso mesmo pode ser considerada uma Igreja unida, que se caracteriza pela adoção de elementos comuns às igrejas protestantes alemãs para uma “nova” e única Igreja, fortemente unida ao Estado, sendo assim

---

<sup>65</sup> Realizando a pesquisa, percebi que a maioria das entrevistadas era viúva, assim como muitas de seus vizinhos e parentes. Conversando com moradores do local, também pude constatar isso. (nota da autora).

<sup>66</sup> Essa concepção de condição feminina colocava a "mulher" do lado do dom, da cultura, da ética, e do espírito. Ao mesmo tempo, conferia à mulher o "princípio do auxílio", o "gênio feminino", a qualidade de servidora e colaboradora do homem. Nesse sentido, valorizou-se certa "diversidade de papéis" que constituíam o "horizonte de serviço" e de colaboração, ou seja, de atuação na sociedade e na Igreja possíveis à mulher. DOS ANJOS, Gabriele. *"Mulheres todas santas": participação de mulheres em organizações religiosas e definições da condição feminina em Igrejas Cristãs no Rio Grande do Sul*. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: agosto de 2009. p. 103.

<sup>67</sup> RIECHEL, Daiana. *Colcha de retalhos: a permanência e a herança da mulher rural do sul do Brasil - 1937 A 1945*. São Leopoldo, 2003. X Congresso Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanidades. Disponível em: <<http://www.aninter.com.br>> Acesso em: 12 de maio de 2013. p. 13.

<sup>68</sup> WIRTH, Lauri Emilio. Protestantismo brasileiro de rito luterano. *Revista USP*, São Paulo, n.67, p. 68-77, setembro/novembro 2005. p. 71.

juntamente com a introdução de uma veste paramental uniforme, o talar preto, de uso obrigatório para todos os clérigos protestantes da Prússia, o monarca coordenaria pessoalmente a reforma ritual do culto, segundo seus planos transfinalistas de amarração do Estado, sendo que, em 1822, sancionaria a Agenda Eclesiástica para a Igreja da Corte e da Catedral de Berlim.<sup>69</sup>

Portanto, a Igreja Evangélica que aqui se instaura traz consigo não só as características ecumênicas e bíblicas de uma religião, mas também, de maneira mais subliminar, o modo de agir e de pensar de uma potência em ascensão, no caso a Alemanha. Isto fica evidente quando se percebe que

do mesmo modo como Frederico Guilherme III, a partir da introdução desta veste talar preta, passou a determinar o espírito a reinar os cultos, também demonstrou, através desta situação, que a celebração tinha um dono. Desde as grandes cidades as mais longínquas aldeias da Prússia, os pastores vestiam agora a mesma e única veste no culto.<sup>70</sup>

A religiosidade, certamente, é um dos fatores que mais caracteriza a comunidade de Rio da Ilha, e é neste aspecto que, levando em consideração a formação histórica da localidade, irei me deter às relações entre católicos e protestantes dentro do contexto comunitário desta localidade.

### 1.3. As relações religiosas: católicos e protestantes

No contexto regional, em especial da comunidade em questão, percebe-se uma forte presença das duas Igrejas, a Católica e a Protestante Luterana. A segunda é mais conhecida pela expressão evangélica<sup>71</sup>. Ambas estão no cotidiano dos habitantes do local. Estes, em grande parte, pertencem a uma ou a outra igreja, pois estas foram a base da identidade religiosa desta localidade. Pelo lado dos alemães, a divisão equilibrada entre protestantes e católicos dentre o contingente de imigrantes foi, em muitos casos, referência na organização

<sup>69</sup> TESCHE, Sílvia. *Vestes Litúrgicas*. Elementos de prodigabilidade ou elementos de dominação: as vestes paramentais na Reforma Luterana do século XVI e na e na Reforma Prussiana do século XIX. Dissertação de mestrado, Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, 1992. p. 131.

<sup>70</sup> TESCHE, 1992, p. 160.

<sup>71</sup> A expressão evangélica/evangélico será utilizada no decorrer do texto para fazer referência a Igreja Evangélica Luterana, pois a expressão luteranismo ou luterano- luterana é muito recente, está ligada ao surgimento e fortalecimento do Sínodo Rio-Grandense, portanto os habitantes desta localidade não se apropriaram desta nomenclatura, até porque somente em “1886 uniram-se 7 paróquias, comunidades evangélicas e formaram o Sínodo Rio-Grandense sob a orientação do pastor Dr. Willhelm Rotermund, que atendia as comunidades de São Leopoldo e Lomba Grande. [...] As 7 paróquias enumeradas que se reuniram formando o Sínodo (que significa: unidos para um caminho), constituíram se de 1500 famílias. Caderno comemorativo alusivo aos 40 anos da Paróquia Evangélica de Rolante.(1922-1962). Rolante, 1962, p. 9.

dos núcleos, encontrando-se comunidades inteiramente “católicas” ou inteiramente “evangélicas.”<sup>72</sup>

A religiosidade, por sinal, é extremamente importante para o colono, pois ela representa o elo deste com o seu lugar de origem, um fio condutor entre o que foi construído e o que está por vir. É a partir do contexto religioso que surge uma série de outras associações e grupos que vão moldar as características da comunidade, ressaltando assim a importância da

existência e a participação dos indivíduos em uma densa rede de associações voluntárias, tais como em igrejas e grupos religiosos; em clubes esportivos; em sociedades recreativas e clubes sociais; em organizações artísticas, culturais ou educacionais; em sindicatos e associações profissionais; em partidos políticos; em entidades filantrópicas; em cooperativas; em clubes de serviços etc, na literatura que trata do tema, têm sido apontada como um dos principais indicadores da existência e da abundância de capital social em uma determinada região.<sup>73</sup>

É na religião, em primeira instância ou em situações de extrema dificuldade, que muitos se apoiam, se sustentam. É ela que traz alento e significado ao mundo e à identidade que estão sendo revitalizados nesta nova terra, já que é através da continuidade e adaptação dela que se revitaliza uma nova identidade. Esta identidade pode ser entendida como parte integrante da revitalização da cultura de um povo, além de também fazer parte da afirmação, no caso do imigrante alemão, de uma nova etnicidade. Segundo Seyferth:

o fenômeno migratório também produz etnicidade, palavra-chave nas análises de sistemas interétnicos amplamente usada nas últimas décadas com implicações nas políticas de e conhecimento (inclusive aquelas associadas ao multiculturalismo e aos direitos de minorias). A delimitação teórica agrega a identidade (e seus aspectos subjetivos) e a noção de fronteira (social) que delimita o pertencimento a um grupo ou comunidade.<sup>74</sup>

Na Europa, devido à fragmentação religiosa, característica das regiões de onde os imigrantes vieram, não havia uma unidade religiosa. Ainda assim, a maioria se intitulava evangélica, principalmente devido à União Prussiana de 1817<sup>75</sup>, que unificou o protestantismo da Alemanha em ascensão.

<sup>72</sup> SEIDL, Ernesto. Escola, religião e comunidade: elementos para compreensão do “catolicismo imigrantes”. *Pensamento Plural*, Pelotas, n. 3, julho-dezembro de 2008. p. 79.

<sup>73</sup> VOGT, Olgário Paulo. *Capital social e instituições comunitárias no sul do Brasil*. In: Instituições comunitárias: instituições públicas não-estatais / organizador, João Pedro Schmidt. - Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009. p. 51.

<sup>74</sup> SEYFERTH, 2011, p. 47.

<sup>75</sup> A União Prussiana de 1817, promovida pelo rei Frederico Guilherme III, não foi algo novo, pois seus antepassados já haviam pensado nesta possibilidade. Ela pode ser descrita como uma reforma, por parte do governo, da Igreja Prussiana a fim regulamentar práticas religiosas comuns a todas as igrejas evangélicas da Prússia. Segundo Tesche, o rei “entendeu que o único caminho possível, no sentido de firmar a dominação do estado, seria o da via religiosa, o que significava voltar-se, em primeiro lugar, para a majoritária Igreja Luterana da Prússia.” TESCHE, 1992, p.138.



Esta união, que mais tarde dará origem ao Estado alemão, traz consigo um fundo religioso na constituição deste Estado<sup>76</sup> que, ao mesmo tempo em que se constitui política e economicamente, faz uso da religião como meio mais coerente para realização de sua unificação. Frederico Guilherme III defendeu a necessidade de desenvolver-se com toda urgência também uma reforma no setor eclesiástico, a fim de prover a devida amarração interna do Estado pela via religiosa.<sup>77</sup>

Todavia, em muitas situações o imigrante alemão está intrinsecamente ligado a sua religiosidade predominantemente evangélica, pois, tanto os que vieram na primeira metade do século XIX e acompanharam o início do processo a realização União Prussiana de 1817, quanto os que vieram a partir de 1850<sup>78</sup>, tinham um sentimento de pertença. Sentiam-se pertencentes a uma comunidade que ajudaram a construir, viam a religiosidade como parte de sua identidade. Conforme Lauri Wirth

identidade étnica, [...] tende a se adequar de forma dinâmica às necessidades concretas de articulação da vida. Assim, temos entre os imigrantes alemães no Brasil as chamadas “igreja livres”, predominantes na então província do Rio Grande do Sul, durante os primeiros 40 anos de imigração. Em outras regiões surgiram associações eclesiásticas encarregadas de cuidar da demanda religiosa na sociedade emergente a partir de um princípio associativista também verificável em outros espaços da convivência social.<sup>79</sup>

Deste modo Igreja Católica, mesmo às vezes não aparecendo com tanta intensidade, como parte integrante de uma colônia alemã, teve sim importante papel para a constituição da religiosidade da comunidade. Apesar de aparecer, quase sempre, como religião “secundária” dos imigrantes alemães, a Igreja Católica possui grande influência na formação destas novas colônias, principalmente na relação Igreja, comunidade e escolaridade. Sobre isso salienta Seidl:

---

<sup>76</sup> “A criação da União Prussiana está vinculada particularmente ao rei Frederico Guilherme III (reinado entre 1797-1840)”. WACHHOLZ, Wilhelm. *Luterano? Reformado? Unido? Evangélico!* Aspectos históricos e teológicos da União Prussiana. In: *Evangelho, Bíblia e Escritos Confessionais*; anais do II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterano. São Leopoldo: EST, 2004. p. 89.

<sup>77</sup> TESCHE, 1992, p. 89.

<sup>78</sup> Estas duas levas, segundo Portella, são distintas, pois “no século XIX, podemos, grosso modo, identificar três ondas de imigração teuta para o Brasil. A primeira se inicia na década de vinte, e os imigrados eram, em sua maioria, pessoas simples, como trabalhadores rurais e artesãos extremamente pobres e sobrantes na sociedade europeia de então.[...] A segunda leva de imigrantes veio a partir de 1848, e era composta por alemães mais instruídos como acadêmicos e funcionários (HENNIG, 1986), alguns com ideários socialistas.[...] A última leva, a partir de 1880-1890, incluía, também, teuto-russos, pomeranos e balcânicos.[...] o que delineia ainda maior diversidade de origens e tendências religiosas sob o manto do termo evangélico. PORTELLA, Rodrigo. Fé, cultura e norma eclesiástica: a gênese da Igreja Luterana no Brasil- organização popular e tutela eclesiástica. *Revista Fragmentos de Cultura*, v. 16, n. 7/8, p. 593-607, Goiânia, jul./ago de 2006. p.596.

<sup>79</sup> WITH, Lauri Emílio. Protestantismo e etnia: sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração. *Estudos Teológicos*, v. 38, n. 2, 1998. p. 160.

a presença de praticamente uma escola em cada comunidade, conjugada com índices muito baixos de analfabetismo, difundiu e consolidou noções de que a “valorização do estudo” pelos teuto-brasileiros, ainda que muitas vezes apenas rudimentar, seria elemento distintivo da “cultura alemã”. Incorporadas estrategicamente pelo discurso de agentes implicados na construção identitária desses grupos [...] mediadores culturais frequentemente legitimados por posições sociais ocupadas com base em recursos escolares e culturais, tais noções ocupam espaço importante nas “explicações” elaboradas sobre “germanidade” e catolicismo.<sup>80</sup>

É evidente que, em se tratando de religiosidade, os católicos passam por um processo de reformulação clerical muito importante ainda no século XIX no Brasil<sup>81</sup>. Além disso, é também no período da vinda dos imigrantes que

no mesmo período verifica-se, também, uma maior aproximação entre o episcopado brasileiro e a Santa Sé, em função de ter-se estabelecido a Nunciatura Apostólica no Brasil. Através deste processo tem início a "reforma" do catolicismo luso-brasileiro; reforma esta, que visava adequá-lo aos padrões estabelecidos pela Santa Sé, originando o catolicismo romanizado, de inspiração tridentina. Neste contexto, em função de suas leis, o próprio Estado, muitas vezes, era agente de conflitos, porque no trato das questões religiosas a Igreja Católica resolvia seus problemas em consonância com o Estado, por força do Padroado.<sup>82</sup>

Do mesmo modo, a Igreja Evangélica no âmbito europeu, ainda estava se reestruturando e se reorganizando durante todo o século XIX. Somente mais tarde, após a consolidação da unificação política alemã, é que de fato houve uma aproximação entre a Igreja “da colônia” e a Igreja “da Europa”, garantindo assim a preservação do sentimento de germanidade presente nas comunidades do Brasil Meridional. Assim sendo

a fim de manter a ligação com a Alemanha, ligação da qual se esperavam vantagens, apontava-se sempre de novo para o fato de que se deveria preservar, na Igreja e na escola, o idioma alemão e o espírito alemão entre os emigrados, por isso também foram enviados professores.<sup>83</sup>

A relação entre o colono e sua igreja é diferente entre católicos e evangélicos. Para os católicos já existe um referencial de igreja, pois a Igreja Católica foi a primeira a se instalar na

<sup>80</sup> SEIDL, 2008, p. 81.

<sup>81</sup> Na segunda metade do século XIX, houve uma aproximação muito grande entre a Igreja Católica no Brasil e a Igreja de Roma, processo conhecido como romanização, que é definida por Oliveira como: Respeitava-se o poder temporal do Imperador, mas a autoridade máxima para os assuntos da fé e eclesiásticos era o Sumo Pontífice romano. Esse contexto deflagrou o chamado processo de Reforma e Romanização, na segunda metade do século XIX, quando, após uma tentativa não plenamente concretizada no século XVIII, os bispos empreenderam um trabalho na implementação dos cânones da Reforma Tridentina no Brasil. A proposta de ação do movimento passava pela promoção da reforma do clero e pela reforma das práticas religiosas da população. OLIVEIRA, Anderson José Machado de. Os bispos e os leigos: reforma católica e irmandades no Rio de Janeiro Imperial. *Revista de História Regional*, n. 6, v. 1, verão de 2001. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/issue/view/204/showToc>>. Acesso em: 16 de outubro de 2013. p. 148

<sup>82</sup> KLUG, João. Confessionalidade e etnicidade em Santa Catarina: tensões entre luteranos e católicos. *Revista de Ciências Humanas Florianópolis*, v.16, n.24, out. de 1998. p. 113.

<sup>83</sup> DREHER, Martin. *Igreja e Germanidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 80.

América e já havia criado uma rede entre as colônias e a metrópole.<sup>84</sup> Enquanto isso, para o evangélico, esta ligação entre a sua pequena igreja inserida dentro da comunidade de imigrantes e a igreja “matriz” europeia vai ocorrer de fato somente no final do século XIX com a criação do Sínodo Rio-Grandense<sup>85</sup>, pois

a partir dessa visão, o Sínodo Rio-Grandense seria 1º uma Igreja cristã, 2º uma Igreja evangélica, 3º uma Igreja alemã. Igreja cristã em sua confissão a Jesus Cristo “como o revelador definitivo de Deus”, Igreja Evangélica por aceitar apenas a Bíblia como fonte de todo o conhecimento da fé cristã, uma Igreja alemã não só no sentido de usar a língua alemã, mas também no sentido de conscientemente limitar-se à população de ascendência teuta em nosso Estado, mantendo laços espirituais com as Igrejas Territoriais Evangélicas da Alemanha e cultivando conscientemente o protestantismo do tipo alemão.<sup>86</sup>

A associação entre imigrantes alemães e a Igreja Evangélica se apresenta de maneira muito mais consistente dentro das comunidades alemãs, pois é a partir da acomodação destas pessoas que vão surgir laços mais firmes e fortes entre o colono e sua religião, até porque os imigrantes têm utilizado a religião desde que se instalaram no Brasil – numa constelação com outros repertórios – para criar a sensação de sentirem-se em casa em seu novo contexto, experimentando certo nível de segurança.<sup>87</sup>

Mas, é necessário ressaltar que nem todas as comunidades se constituem exclusivamente ou em sua maioria de evangélicos<sup>88</sup>. Também católicos se destinaram às colônias alemães<sup>89</sup>, que ora estão inseridos em comunidades mistas, que possuem tanto

---

<sup>84</sup> Como foi a primeira Igreja a chegar e se instalar na América, a Igreja Católica possuía um grande poder sobre a população e consequentemente sobre a política, com isso preocupou-se em demasia com a chegada de imigrantes protestantes. Como ressalta Mendonça: “[...] a religião está profundamente envolvida pelas preocupações sociais e políticas, em que se reconhece a religião não somente como legitimadora da organização da sociedade, mas como a matriz geradora dessa organização”. MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. p. 116.

<sup>85</sup> Conforme Fischer o Sínodo Rio-Grandense “seguiu a tradição das Igrejas da Reforma. Baseava-se nas confissões da Reforma alemã sem mencionar a Confissão de Augsburg, apesar de Rotermund ser por sua pessoa decididamente a favor dessa Confissão luterana básica. Mas tampouco quis definir-se como sínodo de comunidades unidas. Desejava manter a maior abrangência [confessional] possível em consideração aos elementos mais heterogêneos misturados [zusammengewürfelt] por aqui. O termo evangélico expressaria a pleno contento o que todos tinham em comum.” FISCHER, Joachim H. *Identidade Confessional: lições da história. Estudos Teológicos*, v. 43, n. 1, 2003. p. 30.

<sup>86</sup> DREHER, 2003, p. 89.

<sup>87</sup> DROOGERS, André. *Religião, identidade e segurança entre i imigrantes luteranos da Pomerânia, no Espírito Santo (1880-2005)*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n.28,v. 1, p. 13-41, 2008.p. 16.

<sup>88</sup> Segundo Droogers: “A vida religiosa dependia muito fortemente das iniciativas de crentes leigos, que tinham autonomia. A devoção pessoal, focada nas bíblias, hinários e devocionários trazidos da Alemanha, deve ter sido a principal prática religiosa nessa época pioneira. Isso ajudou as pessoas a aceitar as aflições da fome, das doenças e da morte, com as quais se confrontavam como colonizadores pioneiros em uma região fronteira que ainda precisava ser conquistada para a agricultura”. DROOGERS, 2008, p. 19.

<sup>89</sup> Alemães católicos tinham maior mobilidade e aceitação dentro da sociedade brasileira, pois a religião os aproximava da Igreja Católica, que exercia dominação desde os primórdios da colonização. Conforme Klug: “É notório que o catolicismo luso-brasileiro reinou absoluto ao longo dos três séculos de dominação colonial. O fim do período colonial não significou o fim do catolicismo luso-brasileiro e sua influência continuou forte, durante

católicos quanto evangélicos, ora formam uma comunidade majoritariamente ou exclusivamente por católicos.

Em alguns casos, no que tange a construção de comunidades de colonos alemães no sul do Brasil, a religião fica fortemente demarcada: ou se é católico ou se é evangélico. Cabe ressaltar que, mesmo havendo um imaginário fortemente calcado na questão da religiosidade alemã ao protestantismo, católicos e protestantes, em muitos momentos, ocuparam o mesmo espaço geográfico na colônia. Entretanto, nem sempre este contato foi amistoso, já que os laços entre católicos e evangélicos eram, na visão da Igreja, algo perigoso

[...] visto que a influência da religião ia além do confronto espiritual, pois exercia também no plano social, forte ascendência, regulando comportamentos e impondo sua ideologia sobre o matrimônio. Dispunha, portanto, de um poder persuasivo e normativo. [...] Daí as estratégias de ampliar os elementos participantes do campo, ou seja, os fiéis: mantendo aqueles que já aderem à fé e convertendo novos, não deixando seus adeptos saírem e ingressarem noutra religião.<sup>90</sup>

Os alemães católicos, por sua vez, tinham maior visibilidade dentro da sociedade brasileira, pois havia um contato entre a religião destes imigrantes e a religião oficial do Brasil. Por isso mesmo, houve maior tolerância e adaptação destes colonos à nova terra. Com isso

[...] a religião estruturava a “vida familiar” e “comunitária nas colônias”, funcionando como fator decisivo de identificação cultural. Considerando o sistema de colonização adotado, as condições de isolamento e a heterogeneidade dialetal e de origem geográfica dos colonos, o pertencimento católico compartilhado emergiu como importante mecanismo de agregação.<sup>91</sup>

Já os alemães protestantes foram marginalizados desde o início principalmente por não pertencerem à religião oficial do Estado. Tudo lhes era difícil, moroso. Como afirma Rieth

Os alemães evangélicos e seus descendentes tornaram-se cidadãos de um Estado no qual, até a Proclamação da República (1889), o catolicismo foi religião oficial e o protestantismo era apenas tolerado e sujeito a restrições. Seus locais de culto não podiam ter forma de templo. Os casamentos não eram legalmente reconhecidos. Seus mortos não podiam ser sepultados em cemitérios destinados à população em geral. Viviam aquilo que se convencionou chamar, no universo eclesial e teológico protestante de então, de diáspora. Além de minoria étnica, também eram minoria religiosa.<sup>92</sup>

---

todo o período imperial, permanecendo assim até os dias atuais, principalmente, em áreas de predomínio rural.” Klug, 1998, p. 112.

<sup>90</sup> RANZI, Sirlei Maria Fischer. *Alemães católicos: um estudo comparativo de famílias em Curitiba (1850-1919)*. Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1996. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24635/T%20-%20RANZI.%20SERLEI%20MARIA%20FISCHER.pdf?sequence=1>> . Acesso em: 12 de outubro de 2013. p.145-146

<sup>91</sup> SEIDL, 2008, p.79.

<sup>92</sup> RIETH, Ricardo Wylli. Imigração, colonização e associativismo evangélico: acerca da presença da Associação/Obra Gustavo Adolfo no Brasil. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 114-123, 2003. p. 116.

Contatos, negócios e casamentos entre católicos e protestantes não ocorriam com muita frequência, até porque, como já foi citado anteriormente, não havia condições legais para que o casamento acontecesse. A desconfiança estava presente e o sentimento de negação de ambas as partes era inevitável, seja por ser a religião hegemônica, por parte dos católicos, seja pela tentativa de legitimação e afirmação, por parte dos evangélicos. Deste modo

a identidade do assim denominado “protestantismo de imigração”, bem como a identidade católico-romana, foi construída na diferenciação e interdependência com o “outro”. Assim, pode-se observar que tanto a identidade protestante quanto a católico-romana foram se caracterizando pelo “anti”, ou seja, pela negação mútua.<sup>93</sup>

Cabe ressaltar também que a comunidade em questão, no caso Rio da Ilha, localidade do interior de Taquara, faz parte de uma estatística interessante no que tange à Igreja Evangélica Luterana e sua relação com as pequenas propriedades rurais na atualidade, já que

a IECLB tem sua história marcada pela trajetória dos pequenos agricultores. No tempo presente, apesar do êxodo rural, ainda metade dos membros da Igreja vive em áreas rurais, enquanto que a realidade demográfica brasileira aponta para uma alta concentração da população em zonas urbanas.<sup>94</sup>

As mulheres, por sua vez, sempre fizeram parte da formação da sociedade, seja na lida diária com a terra, na preservação dos costumes através da comida, parte importante da acomodação e assimilação destes colonos às novas terras e que, segundo Juliana Reinhardt

[...] não se apresenta aos indivíduos somente como proteínas, carboidratos e lipídeos, carregada, ou não, de vitaminas e minerais. Ela se apresenta também como fonte de informações preciosas: através dela podemos identificar sociedades, culturas, religiões, estilos de vida, classes sociais, acontecimentos ou épocas. Ela é o reflexo de nossas escolhas e do que foi deixado para nós e herdado por nós, os nossos legados.<sup>95</sup>

A comida ainda faz parte das lembranças das descendentes dessas mulheres que iniciaram a comunidade de Rio da Ilha, que falam com nostalgia das tarefas domésticas da mãe, principalmente de seus dotes culinários. Comprova-se isto através da entrevistada, dona J., que afirma:

A mãe fazia aquelas rosca, ela botava aquelas rosquinha deste tamanhinho assim dentro do forno, umas rodelinha assim em cima da forma de bananeira, bem varridinho aquele forno! Ela enfiava com a pazinha assim, e largava, e largava. Ela fechava, ela fechava ia lá e espiava; ela tinha um porrete, era um cabo de vassoura, ela batia em cima daí elas estouravam! Ficava linda aquelas rosca... e gostosa! Ai

<sup>93</sup> WACHHOLZ, Wilhelm. Identidades forjadas na interdependência: o caso católico e protestante no Brasil do século XIX. *Revista Mosaico*, v. 2, n. 2, p.117-124, jul/dez., 2009. p.118.

<sup>94</sup> VANDERLINDE, Tarcísio. CAPA: O jeito luterano de atuar com os pequenos agricultores no Sul do Brasil. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 46, n. 2, 2006. p.145.

<sup>95</sup> REINHARDT, Juliana Cristina. *Diga-me o que comes e te direi quem és: alemães, comida e identidade*. Tese de doutorado do curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007. p. 26.

meu Deus do céu...eu caminhava longe pra ir comer rosca, rosca com chimia e nata.  
96

Também preservando sua religiosidade através das orações e dos cantos, costumes estes que aprenderam com seus antepassados, assim como tiveram uma participação ativa na comunidade religiosa. Todavia mesmo tendo uma importância fundamental para a construção da comunidade, o trabalho da mulher, nem sempre é valorizado, destacado. Conforme Scheila Dreher, esta desvalorização se dá principalmente pela supervalorização do trabalho do colono pioneiro, do homem desbravador. Segundo ela

[...] é relevante observar que, embora o trabalho tenha adquirido tal grau de importância na construção da homogeneidade cultural teuto-brasileira, o valor atribuído ao trabalho masculino foi revestido de superioridade em relação ao trabalho feminino, em correspondência com a cultura patriarcal vigente.<sup>97</sup>

Também dentro das memórias dessas senhoras, seu trabalho na roça não tem muito valor, afinal de contas dividir as tarefas domésticas com o cultivo da roça, para elas, é algo natural. Segundo a entrevistada :

Eu tinha os meus filhos, e a minha sogra e a minha mãe que cuidavam pra mim trabalhar na roça quando eles eram pequenos, depois que eles podiam correr os maior ia junto os maior, tinha dois ano aí já ia junto e não incomodava. (risos). Eles se sentava e brincava, se sujava né, a gente dava banho de noite. Só a tarde, de manhã eu ficava em casa fazendo a comida e tinha as criança né, tudo tem que ser feito né. Só ia de tarde depois com as crianças.<sup>98</sup>

Mesmo com a participação efetiva na construção da nova comunidade e posteriormente da formação do teuto-brasileiro<sup>99</sup>, a ela cabiam tarefas específicas, sendo proibido, por exemplo, participar ativamente do culto. Apesar das restrições, as mulheres, na medida em que a comunidade crescia e se desenvolvia, foram conquistando seu espaço para além do espaço privado à ela destinado, o lar. Como ressalta Dos Anjos é

[...] necessário pensar-se a definição de liderança comunitária religiosamente circunscrita como fruto de redefinições institucionais do papel do leigo e da mulher leiga, bem como das relações de força entre as diferentes tendências e os diferentes grupos na Igreja Católica, quer dizer, as atribuições conferidas às leigas desde o Concílio Vaticano II retomadas pela Igreja progressista em diferentes versões. No entanto, é necessário levarem-se em conta as disposições socialmente constituídas

<sup>96</sup> Entrevista número 2 realizada no dia 5 de abril de 2013.

<sup>97</sup> DREHER, 2007, p. 126.

<sup>98</sup> Entrevista número 3 do dia 5 de abril de 2013.

<sup>99</sup> Para Seyferth, a identidade teuto-brasileira pode ser definida como ! “[...] uma categoria de identificação com hífen (teuto-brasileiro), para traduzir uma germanidade brasileira (Deutsch-brasilianertum ) — modo de afirmação da cidadania mediante a integração econômica, política e patriótica, ancorada no pressuposto de que não existe, propriamente, uma nação brasileira. A definição da categoria teuto-brasileiro (Deutschbrasilianer) combina jus sanguinis e jus soli: origem alemã e cidadania brasileira, pertencimento à nação alemã e ao Estado brasileiro visualizado como multirracial ou multiétnico.” SEYFERTH, Giralda. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. *Mana*, Rio de Janeiro, vol. 5, n.2, p.61-88, outubro de 1999. p. 74.

dessas mulheres, que as motivaram a atender o chamado à liderança, a se identificarem como líderes e a entenderem este trabalho como realização pessoal.<sup>100</sup>

Seu espaço estava limitado à maternidade, à família e casa. Para tanto, mesmo participando ativamente do trabalho, do crescimento do local onde se instalou, jamais deveria esquecer sua condição. Os papéis, tanto de homens quanto de mulheres, estavam bem definidos na sociedade. Assim sendo

a imagem da mãe-esposa-dona de casa como principal e mais importante função da mulher correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa. Mais que isso, tal representação acabou por recobrir o ser mulher – e sua relação com as suas obrigações passou a ser medida e avaliada pelas prescrições do dever ser.<sup>101</sup>

Muitas vezes, marginalizadas e esquecidas, estas mulheres não se reconhecem como agentes históricos. Acabam se escondendo, se calando. Para conseguir retomar e aflorar estas memórias se faz necessário uma escuta, atenta e objetiva. Esta memória, que muitas vezes não é reconhecida como fonte, é um campo riquíssimo para análise. Segundo Thompson, compomos nossas reminiscências para dar sentido a nossa vida passada e presente. *Composição* é um termo adequadamente ambíguo para descrever o processo de construção de reminiscências. De certa forma nós as compomos ou construímos utilizando as linguagens e os significados conhecidos de nossa cultura.<sup>102</sup>

No próximo capítulo, será abordado, de maneira breve, o contexto da história das mulheres, no âmbito mundial e brasileiro, e o quanto estas mulheres foram sendo excluídas, ao longo dos séculos, e o quanto a utilização da História Oral pode colaborar para a valorização das mulheres e a resignificação da vida destas mulheres.

---

<sup>100</sup> DOS ANJOS, 2008, p. 202.

<sup>101</sup> MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: Sevcenko, Nicolau. *República: da belle époque à era do rádio*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998. p. 376.

<sup>102</sup> THOMPSON, Alistair. Reconpondo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, abril de 1997. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/>>. Acesso em: 18 de outubro de 2013. p. 56.





## 2. MULHERES NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO

Para conseguirmos compreender como viviam e pensavam as mulheres que migraram no século XIX junto a suas famílias, bem como as suas descendentes, precisamos nos deter primeiramente ao contexto social e moral do mundo no século XIX, ou seja, o que se esperava de uma mulher, seja ela burguesa, operária ou “colona”. Como deveria se comportar? Qual seu “verdadeiro” papel dentro de uma sociedade que passava por transformações tão profundas? De que maneira deveria colaborar para o “crescimento” da humanidade?

Estas e outras perguntas foram respondidas, ao longo do século XIX, tanto pela Igreja, quanto pela ciência. É bem verdade que a Igreja passou a ter menos voz dentro de uma sociedade que começou a valorizar muito mais a “verdade científica” do que a “verdade divina”, entretanto ambas influenciavam de maneira muito ampla a sociedade daquela época. Claro que a ciência um pouco mais, já que acaba sendo considerada e se intitulado como a detentora do saber deste século. Deste modo, exerce um poder muito grande sobre a sociedade, como afirma Caraça

Se a revolução comercial e industrial iniciada na Europa não interfere directamente nos caminhos trilhados pela ciência moderna nos seus primeiros cem anos, o mesmo já não se observa a partir de finais do século XIX. De facto, o imenso crescimento do conjunto dos conhecimentos científicos e tecnológicos permitiu alargar consideravelmente o domínio das aplicações tecnológicas às actividades do quotidiano. E a evolução da ciência moderna não ia poder ficar imune a este sucesso.[...] Os poderes são sempre constitutivos de campos de saberes, que os legitimam e, simultaneamente, lhes fornecem uma identidade cultural. Concomitantemente, as regras que se estabelecem para permitir operar neste campo de saberes induzem um conjunto de relações de poder.<sup>103</sup>

As mulheres, que durante muitos séculos e dentro de várias sociedades, foram reprimidas pela religião, agora passaram a ser controladas também pela ciência e pelo Estado. Como afirma Del Priori

A Igreja e o Estado apostavam no sucesso do papel feminino. Dentro de casa, a mulher poderia comandar alianças, poderes informais e estratégias. Mas apenas dentro de casa. Na rua, era outra coisa. O risco da perda da honra crescia; conversas

---

<sup>103</sup> CARAÇA, João. Ciência, complexidade e poder. *Análise Social*, v. 34, n. 151-152. . Lisboa, 1999. p. 685.

com homens eram inadmissíveis. Estar fora depois da Ave-Maria era sinônimo de se prostituir. A diferença entre mulheres de casa, em geral casadas, e as da rua, trabalhadoras concubinadas ou sós, acentuava-se.<sup>104</sup>

Dentro desta perspectiva é que, se fez necessário, principalmente no século XIX, baseando-se na veracidade e legitimidade da ciência, a construção de um ideal feminino, ideal este que deveria ser pertinente à sociedade deste século. A mulher deveria seguir algumas regras e preceitos, agora ditados pela medicina, para se tornar uma mulher digna de ser respeitada.

## **2.1 A construção do ideal feminino**

Desde os primórdios da humanidade, em muitas culturas as mulheres foram colocadas em segundo plano quando o assunto era participação na sociedade, afinal de contas, os papéis sexuais em uma sociedade sempre foram bem determinados: homens “na rua”, mulheres “em casa”.

Entretanto, nem sempre compreendemos muito bem quando e porque isto ocorreu. Cabe frisar que esta determinação de papéis sociais não é algo nato da sociedade, mas sim um processo que foi construído e institucionalizado por ela. Para isso, precisamos compreender como, quem e que argumentos foram utilizados para tornar a mulher um incapaz de assumir papéis sociais.

### **2.1.1 A mulher na Antiguidade e na Idade Média**

Antes mesmo de nos determos nas peculiaridades que levaram, no século XIX, à elaboração científica de um ideal feminino, é importante ressaltar que muito antes disso a religião e a teologia trouxeram elementos que justificavam a inferioridade da mulher em relação ao homem.

Neste sentido, as interpretações bíblicas, por exemplo, possuem uma gama de prerrogativas que comprovam o quanto a mulher não está apta para determinados tipos de papel na sociedade.

Se durante a Grécia Antiga o pensamento aristotélico considerava a mulher um “ser incompleto”, pois nas explicações aristotélicas a respeito da participação da mulher no

---

<sup>104</sup> DEL PRIORE, Mary. *Histórias e Conversas de Mulher*. São Paulo: Planeta, 2013. p. 19.

processo da geração de uma nova vida, esta apenas teria o ventre fecundo para receber o espermatozóide do homem, com todas as características do novo ser<sup>105</sup>, na Idade Média, as explicações eram outras.

Baseados nos escritos bíblicos, muitos teólogos tentaram comprovar o quanto a mulher era frágil e incapaz de certas atividades que naturalmente deveriam ser desenvolvidas somente por homens. Teólogos deste tempo, como São Tomás de Aquino e Santo Agostinho, tentam comprovar isto a partir de uma análise androcêntrica da Bíblia. Santo Agostinho, em especial, se apega ao livro de Gênesis para explicar o quanto a mulher provoca o mal à humanidade, desde os primórdios de sua origem, embasando-se na criação de Adão e Eva. Como afirma Chassot, ele (Santo Agostinho) foi talvez dos mais influentes padres da Igreja cristã, cujos ensinamentos formaram a base da teologia por muitos séculos. O bispo de Hipona ensinava que todos os problemas da humanidade começaram com o pecado de Eva.<sup>106</sup>

Sendo assim, por ser uma criatura influenciável e alienada, a mulher foi facilmente enganada, ao passo que o homem não. É nesse discurso teológico, que a Igreja fundamenta a superioridade do homem diante da mulher, tendo como propósito sustentar a versão da sociedade patriarcal. Com isso,

teólogos e médicos se fundamentavam nesta História Sagrada e nestes ensinamentos cristãos para explicar a dependência e a maior fragilidade da mulher. É nesta História Sagrada – criação da mulher e sucumbência à tentação desta e sua posterior tentação do homem – que se alimentam fortes preconceitos.<sup>107</sup>

Portanto, foi com base nestes ensinamentos que a figura feminina foi delineada, tendo como principal comprovação os preceitos bíblicos. É óbvio que estes preceitos possuem um contexto ligado à sociedade patriarcalista, pois não podemos esquecer que a Bíblia foi escrita por varões e reflete os interesses masculinos de seus autores.<sup>108</sup>

Como o conhecimento é construído e ensinado de homens para homens, a concepção da figura feminina passa a ser deturpada a partir das interpretações feitas acerca das escrituras bíblicas, levando a uma marginalização textual e histórica das mulheres que é, pois, resultado secundário do processo “patrístico” de seleção e canonização da Escritura.<sup>109</sup>

A interpretação bíblica sobre as mulheres as tornou invisíveis e desprezíveis dentro e fora das Sagradas Escrituras. Para que possam ser dignas de algo, precisam se redimir diante do

<sup>105</sup> CHASSOT, Attico. A ciência é masculina? É, sim senhora. *Contexto e Educação*. ano 19, n. 71-72. Editora UNIJUÍ, jan/dez de 2004, p. 17.

<sup>106</sup> CHASSOT, 2004, p. 21.

<sup>107</sup> CHASSOT, 2004, p. 21.

<sup>108</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*./tradução João Resende Costa. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 36.

<sup>109</sup> FIORENZA, 1992, p. 71.

pecado original levando uma vida cheia de privações e limitações. Para a mulher, atingir a perfeição é algo improvável, pois ela precisa seguir as regras desta sociedade. Segundo Fiorenza,

a utilização teológica e cristológica do modelo da submissão patriarcal leva a uma práxis eclesial dualista: mulheres verdadeiramente religiosas não mais são mulheres, mas progrediram para atingir o nível de “varão perfeito”, ao passo que as mulheres cristãs casadas permanecem mulheres, devendo, por isso, sofrer a “maldição” do casamento patriarcal.<sup>110</sup>

Sendo assim, desde os primórdios da civilização ocidental, iniciada pelos gregos e solidificada pelos conceitos morais dos judeus, a sociedade europeia se construiu a partir das concepções androcêntricas e patriarcais. Por isso mesmo, toda a sociedade formada a partir dos pressupostos ocidentais ainda possui estas características.

Com efeito, cada gênero possui o seu papel muito bem delimitado pela sociedade, papel este reforçado pela filosofia e pela teologia, durante a Idade Antiga e a Idade Média, e “comprovado” pela ciência, a partir do século XVIII, explicações estas que se baseiam muito mais na constituição biológica do ser do que a psicológica. Como afirma Tonini

A estrutura androcêntrica - falocêntrica e do essencialismo sexista- está sempre associada a outras duplas conceituais, por sua vez hierarquizadas, que qualificam e reforçam a oposição masculino-feminino.[...]. O masculino é sempre ativo, enquanto o passivo qualifica o feminino, pelo menos na tradição pan-oriental.<sup>111</sup>

Baseando-se nestas “verdades” absolutas, a ciência passa a trabalhar na comprovação da inferioridade feminina a partir do pressuposto da fragilidade do corpo da mulher<sup>112</sup>. Se antes, este corpo carregava o estigma do pecado original, a partir do século XIX, a ciência passa a enxergá-lo como provedor de vida e por isso mesmo não deve ser utilizado para outro fim se não que para a procriação e a sobrevivência da prole. Então, começa a criação do ideal feminino do século XIX.

### **2.1.2 . A construção da mulher no século XIX e as consequências para o século XX**

Durante o século XIX, principalmente pela sanitização e urbanização, implementados pela ciência neste período, normas e regras deveriam ser seguidas conforme a sociedade moderna exigia. Dentre os grupos inseridos nesta sociedade, as mulheres foram

<sup>110</sup> FIORENZA, 1992, p. 320.

<sup>111</sup> TONINI, Hermes Antonio. Por amor, só por amor: uma hermenêutica de gênero a partir de novas masculinidades em Mateus 1. 18-25. São Leopoldo: EST/PPG, 2011. p. 21.

<sup>112</sup> Segundo Del Priori “a inferioridade da mulher, já sublinhada pela obrigação de obediência e servidão no casamento, era respaldada pela visão dos médicos. Por ter ossos, cartilagens, ligamentos e fibra mais frágeis, a mãe apenas carregava o ovo com que o sexo fêmeo concorre para a propagação, assim como sucede com os ovíparos.” DEL PRIORE, Mary. *Histórias e Conversas de Mulher*. São Paulo: Planeta, 2013. p. 114.

ainda mais exigidas; mesmo assim, aos poucos, foram se inserindo em outros espaços que não aquele destinado a elas. Com isso, muitas medidas passaram a ser tomadas a fim de conscientizar estas mulheres da importância de seu papel diante de Deus, do Estado e da ciência.

Perante a Igreja, a vontade de Deus deveria ser cumprida somente através de um único meio, o matrimônio. Para tanto, as meninas desde a mais tenra idade, eram preparadas para assumir com gosto e obstinação esta tarefa. Como afirma Del Priori

a “moça de família” manteve-se como modelo e seus limites eram bem conhecidos, embora atitudes condenáveis variassem desde cidades grandes até pequenas, em diferentes grupos e camadas sociais. O bem estar do marido era a medida da felicidade conjugal, e esta adviria em consequência de um marido satisfeito. E, para tal bem-estar, qual era a fórmula? A mulher conquistava pelo coração e prendia pelo estômago.<sup>113</sup>

Além disso, a sagrada tarefa da procriação deveria ser seguida como regra, sem tentar encontrar subterfúgios para adiar esta função, por isso as mulheres, oficialmente, deveriam evitar métodos contraceptivos e abortos para garantir a prole numerosa que Deus quis lhes dar. Deste modo a mãe que rompia seu acordo com a natureza passava a ser vista, então, como uma transgressora lasciva, cheia de paixões libidinosas, incapaz de ater-se a sexualidade saudável e produtiva do casamento, dentro do qual o “crescei e multiplicai-vos” seria a regra.<sup>114</sup>

Para o Estado, a mulher deveria ser a progenitora de cidadãos aptos e servidores da nação, por isso mesmo deveria dar o máximo de si na tarefa de gerar e criar os filhos, pois só assim conseguiria cumprir o seu papel de cidadã. Portanto, não bastava gerar filhos, era preciso ser educadora e dirigente moral da sociedade, era preciso pensar que o Brasil necessitava de exércitos, de braços.<sup>115</sup>

Por parte da ciência, as obrigações sustentadas pela Igreja e pelo Estado se justificavam a partir de estudos que comprovavam o quanto o corpo feminino é frágil e como este mesmo corpo precisa ser preparado para sua mais valorosa tarefa: ser mãe. Mas era difícil convencer algumas mulheres que já estavam no mercado de trabalho a voltarem para ficar exclusivamente em casa. Para tanto,

uma das soluções foi criar um discurso normativo que as tirasse das ruas e as fizesse voltar para a vida doméstica [...]. A preocupação era convencer a mulher de que o

<sup>113</sup> DEL PRIORI, 2013, p. 69.

<sup>114</sup> DEL PRIORI, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 261.

<sup>115</sup> DEL PRIORI, 2013, p.133.

amor materno era inato, puro e sagrado, e que apenas por meio da maternidade e da educação dos filhos ela realizava sua vocação natural. Sanear a sociedade por intermédio das mulheres era a meta. Mas qual mulher? Somente a esposa e mãe.<sup>116</sup>

Com argumentos tão fortes, praticamente incontestáveis, foi criado um ideal de mulher para a sociedade moderna: uma mulher centrada na família, que deve manter-se digna e fiel ao papel que lhe foi confiado. É claro que, nem todas as mulheres cumpriam à risca estas determinações, mas o peso do preconceito e da exclusão era tão forte, que elas acabavam sendo perseguidas e vivendo à margem da sociedade.

Na segunda metade do século XX alguns aspectos começaram a mudar em favor da mulher. As mulheres, apesar de todas as limitações impostas pela nova sociedade burguesa daquele século, que cada vez tentava enquadrá-las, limitando-as ao âmbito da casa e do lar, aos poucos reivindicavam seu lugar na sociedade.

No século XX, algumas mudanças trouxeram cada vez mais a mulher do lar para o âmbito das ruas, até porque quanto à circulação das mulheres pobres pelos diversos espaços, nas ruas e praças, esta lhes era vital, já que precisavam trabalhar e, na maioria das situações, manter a família. Assim, era mais difícil para os homens controlarem-nas.<sup>117</sup>

As populações, cada vez mais inseridas no contexto urbano, entram em contato com novas tecnologias e experimentam um conforto nunca antes alcançado. Mesmo assim, o sistema patriarcal ainda prevalece, pois

os pressupostos acerca da inferioridade feminina, presentes no discurso da Igreja Católica, paradoxalmente, são reafirmados pelo iluminismo, legitimando-se a exclusão das mulheres da cidadania política e civil com a Revolução Francesa, apesar do papel relevante que as mulheres desempenharam no movimento. Tais teorias ganham força durante o século XIX, adquirindo o respaldo da ciência, o ídolo do momento. A medicina social assegura constituírem-se como características femininas, por razões biológicas, a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal.<sup>118</sup>

Além disso, a população brasileira, apesar de ser ainda majoritariamente rural, passa a ter acesso a dois meios de comunicação muito comuns, o jornal e a revista, que nem todos entendem, mas que traz informações preciosas sobre o cotidiano e, além de informar, de certa maneira, educa e forma opiniões. O jornal, com muito mais abrangência nas grandes cidades, é o principal veículo de informação e formação da sociedade, um instrumento civilizatório. Como afirma Pallares-Burke

<sup>116</sup> DEL PRIORI, 2013, p.136.

<sup>117</sup> SOIHET, Rachel. O corpo feminino como lugar de violência. *Projeto História*, n. 25, São Paulo: EDUC, dez/2002. p. 274.

<sup>118</sup> SOIETH, 2002, p. 275.

na verdade, o projeto iluminista de transformar as mentalidades “arcaicas” em “ilustradas” não só se revela presente como até reforçado no jornalismo latino-americano do século XIX. Esforça-se por integrar o novo mundo independente no que era visto como a desejável e moderna cultura europeia, homens (e algumas mulheres) de letras latino-americanos deram a imprensa um importante papel no processo civilizatório. Recém emancipada da ordem política absolutista, a imprensa passa a ser constantemente referida como o meio mais eficiente e poderoso de influenciar os costumes e a moral pública, discutindo questões sociais e políticas.<sup>119</sup>

Muitas mulheres neste período passam a acompanhar jornais a partir da leitura de seus maridos, mas principalmente revistas especialmente destinadas a este público, com a real intenção de moldar estas mulheres. Afinal de contas é neste período que as diferenças de gênero ficam cada vez mais acentuadas, já que a leitura “a-histórica” da separação entre o masculino e o feminino é historicamente datada, ligada ao desaparecimento das representações médicas da semelhança entre os sexos, substituídas pelo inventário indefinido de suas diferenças biológicas.<sup>120</sup> Tratavam-se tanto revistas que traziam informações e ensinamentos para uma boa senhorita ou dona de casa, quanto aquelas que incitam o feminismo e clamam as mulheres a lutar pelos seus direitos.

As mulheres “corretas”, “de família”, dentro de um ideal cristão, independentemente da religião, se inspiravam na condição de Maria, provedora do lar e dos filhos. Todavia esta imagem não existia de maneira concreta, era preciso criá-la, e a mídia, principalmente aquela veiculada a partir da primeira metade do século XX, contribuiu muito para que isso ocorresse. Deste modo

a imagem da mãe-esposa-dona de casa como principal e mais importante função da mulher, correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa. Mais que isso, tal representação acabou por recobrir o ser mulher - e sua relação com suas obrigações passou a ser medida e avaliada pelas prescrições do dever ser.<sup>121</sup>

Interessante observar que, segundo Peter Burke<sup>122</sup>, a mentalidade social é uma das últimas instâncias que se modifica no processo de transformação de uma sociedade; por isso mesmo, alguns conceitos criados antes e depois do século XIX persistem no imaginário

<sup>119</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Caderno de Pesquisa*, n. 104, p. 144-161. Lisboa: julho de 1998. p. 147.

<sup>120</sup> CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. *Cadernos Pagu*, n. 4, 1995. p. 48.

<sup>121</sup> NOVAIS, Fernando A, SEVCENKO, Nicolau (org). *História da Vida Privada no Brasil*, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 374.

<sup>122</sup> Para Burke, a memória social é parte importante da pesquisa história na medida em que “os historiadores interessam-se, ou deveriam interessar-se, pela Memória enquanto fenômeno histórico; com aquilo a que se poderia chamar a história social da recordação. Dado que a Memória social, tal como a Memória individual, é seletiva, precisamos identificar os princípios de seleção e de observar a maneira como variam de lugar para lugar, ou de um grupo para outro, bem como a forma como se modificam ao longo do tempo. As recordações são maleáveis e necessitamos compreender a forma como são moldadas e por quem.” BURKE, Peter. “História como memória social”, in: *Varieties of History Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 36.

popular até hoje. Isso vale principalmente no que diz respeito à postura da mulher, ao seu comportamento diante da sociedade. Podemos usar como exemplo o relato de uma “colona” do interior do Rio da Ilha, que descreve como era o comportamento de meninos e meninas no seu tempo de infância:

Ih!...Aqui se juntavam um bando, uns vinte guri, aí as gurias não podia ir perto porque o pai e a mãe eles me faziam alergia de guri. Então as menina tinham que brincar lá pra dentro com boneca e não sei o que que mais, e rapaizinho de dezesseis anos junto, era difícil um colono ter bicicleta naquela época, aí ficavam nas casa né, pegando aqueles marimbondo de bola de terra pra comer o mel, levavam mais ferrão que catavam mel, isso era as festança né. Ou tentar laçar boi ou senão eles vinha aqui.<sup>123</sup>

Portanto, mulheres e homens ocupam espaços diferentes desde a infância. Para as meninas as brincadeiras dentro de casa, para os meninos, brincadeiras na rua, mais ativas e dinâmicas. Em outro relato, a entrevistada salienta como a vida na colônia, para as mulheres, significava sempre uma jornada dupla de trabalho, mas que isso precisava ser feito por ela mesma, sem o auxílio do marido ou dos filhos homens.

Quando uma das entrevistada afirma “tudo tinha que ser feito” ela está se referindo aos trabalhos domésticos, que junto com a lida na roça, precisavam e deveriam ser realizados por ela. Ou seja, os papéis de homens e mulheres já estão bem definidos e delimitados pela sociedade, não há o que contestar, é assim que funciona.

Aquelas mulheres que não se enquadrassem no padrão eram rotuladas, perseguidas, excluídas. As outras, as “perdidas”, que não seguiam de maneira integral o que se esperava delas, eram muitas vezes ridicularizadas, satirizadas, masculinizadas, ao expor sua condição feminina ao mundo ocidental, onde

articuladas a esse clamor, estavam as manifestações contrárias à permanência de padrões patriarcais na organização da família, além das exigências que reforçavam estereótipos para as mulheres, como: maternidade compulsória, modelos de beleza, delicadeza etc. Dispostas a derrubar tabus como os da virgindade obrigatória para as mulheres solteiras, buscavam a plena assunção de seu corpo de sua sexualidade.<sup>124</sup>

O corpo, aliás, para a mulher, é algo praticamente desconhecido. Mesmo sendo seu não lhe pertencia de fato, pois deveria passar por uma minuciosa avaliação, um rigoroso controle, para que não caísse em desgraça, tendo para isso o auxílio da Igreja e da ciência através da concretização do matrimônio. Além disso, as descobertas da medicina, antes e

<sup>123</sup> Entrevista 5, realizada no dia 16 de junho de 2013.

<sup>124</sup> SOIETH, 2002, p. 280.



depois do século XIX, comprovam o quanto o corpo feminino, devido às suas debilidades, deveria ser controlado pela força e virilidade do corpo masculino. Como afirma Rohden

As diferenças biológicas diagnosticadas pelos cientistas passam a oferecer a base para que pensadores sociais dissertem sobre as diferenças inatas entre homens e mulheres e a conseqüente necessidade de diferenciações sociais. A natureza já se encarregou de postular a divisão; cabe à sociedade respeitá-la e promover um comportamento adequado. [...] A biologia da incomensurabilidade fornecia um modo de explicar as diferenças sociais, já que na própria natureza homens e mulheres eram diferentes, e mais do que isso, as mulheres eram naturalmente inferiores. No século XIX essas distinções e conclusões políticas a partir da natureza já são inquestionáveis. E a ciência, ou a medicina, só acrescenta cada vez mais novos e intrigantes detalhes que provam a intransponibilidade da diferença.<sup>125</sup>

Um corpo que é socialmente construído, para cada homem e para cada mulher a um ideal a ser seguido, um exemplo, uma norma. Cada qual com características muito peculiares, funções muito bem definidas, que acabam influenciando a formação da figura feminina e da figura masculina na construção social. Como salienta Swain

O corpo não é apenas discursivamente construído, é objetivado numa escala de valores e atributos que além das identidades, estabelecem seus critérios "verdadeiros": a "verdadeira mulher", sedutora, bela, implacável, imagem à qual procuram se identificar milhões de seres marcados no feminino. O "verdadeiro homem", macho empedernido, coração seco e músculos túrgidos.<sup>126</sup>

O corpo feminino, normativo e inferiorizado, era, ao mesmo tempo, fonte de vida e de morte, pois o alto índice de mortes, principalmente em decorrência de partos, preocupava. Um corpo controlado pela ciência e um mistério para as próprias mulheres principalmente em se tratando deste assunto. Como afirma Del Priori

Visto como doença, a gravidez devia ser vivida por mulheres numa aura de cuidados. Toda a ansiedade, engordada pelas inúmeras prescrições médicas, era dividida com a alegria de engendrar e ter uma criança. Mas o medo de perder seu fruto ou o medo do sofrimento físico davam uma peculiaridade às mães. Independentemente de sua posição social, credo ou cor, todas esperavam ansiosas o momento limiar de um tempo desconhecido: o momento do parto.<sup>127</sup>

Estas experiências vividas, sentidas pelas mulheres com relação ao seu corpo ainda provocam muitas lembranças para elas, mesmo sendo algo que ocorreu a mais tempo. Experiências de partos e doenças ainda estão vivas na memória e geram um sentimento de angústia ao serem recordadas. Exemplo disso são as reminiscências contidas também nos relatos das mulheres “colonas” da comunidade do Rio da Ilha, que marcaram, na maioria das memórias, profundamente a vida dessas mulheres, como relata uma entrevistada

<sup>125</sup> ROHDEN, Fabíola. O corpo fazendo a diferença. *Mana*, out 1998, v. 4, n. 2. p. 130-131.

<sup>126</sup> SWAIN, Tânia Navarro. A invenção do corpo feminino ou “a hora e a vez do nomadismo hereditário?”. *Textos de História*, v. 8, n.1/2, 2000. p. 24.

<sup>127</sup> DEL PRIORI, 2009, p. 221.

A primeira filha a mãe perdeu, porque daí o parto era difícil, da primeira a mãe sofreu muito, tirou a ferro, matou a criança, quase matou a criança, um menino, morreu. Daí depois eles ficaram com medo, e a mãe já tava com trinta e poucos anos, ela já casou, a mãe não era, a mãe já era de idade, daí já complicava tudo e na época não era como é hoje em dia, era tudo lá na roça, que nem pau na roça, e trabalhando até ganhar.<sup>128</sup>

Em outro relato, uma entrevistada relembra em meio a risos como, quando ela era criança, ocorriam os partos da sua mãe, que era cercado de mistério e histórias, já que era tema proibido principalmente quando se tratava de crianças. Em dado momento da entrevista, ela relembra:

Aí trazia a criança de lá, era pendurada num burro numa bolsa, ali dentro tava a criança. Daí a gente era levado pra casa dos outros pra não descobrir que ia nascer uma criança, mas a gente sabia que ia nascer uma nenê. Nós era levado e os que não se acordava ficava em casa. E quando levantava tinha uma nenê lá. [...] Eles sempre dizem como é que eu não tinha esquecido disso e eu disse, mas eu sei que eu fiquei pra trás, as outras foram levada pra casa dos outros e não me conseguiram acordar. Quando eu levantei eles disseram: - Vem cá vê que a mãe tem do lado! Tinha o meu maninho.<sup>129</sup>

Estas experiências de vida, de memória e história compartilhada e repassada pelas mulheres, era pouco valorizada ou não possuía nenhum valor aos olhos da ciência. Foi necessário muito esforço e dedicação, principalmente por parte das feministas, para que a memória das mulheres pudesse ser vista como algo importante, como fonte de estudo e análise. Somente a partir da segunda metade do século XX, com novos estudos nas diversas áreas das ciências, que as mulheres passaram a ser vistas e ouvidas.

### **2.1.3. Análise teórico-metodológica na perspectiva da Teologia e da História**

Com o advento do século XX, além das mudanças econômicas e sociais, a ciência também passa a abordar novos enfoques. Os mais variados estudos surgem, tendo em vista as mudanças profundas do século XX; dentre estas mudanças, a participação mais efetiva e a visibilidade da mulher no mundo moderno. Alguns estudos, principalmente na área da História e da Teologia, só tiveram credibilidade a partir do momento em que a mulher conquista seu espaço dentro da sociedade, quando a mulher passa a transpor a barreira do privado para o público e pode assim construir e compreender sua própria história.

---

<sup>128</sup> Entrevista 6, realizada no dia 24 de janeiro de 2014.

<sup>129</sup> Entrevista 1, realizada no dia 05 de abril de 2013.

Na área da História, a partir do surgimento da História dos Annales<sup>130</sup>, novas perspectivas históricas passam a serem abordadas, as fontes históricas começam a ser trabalhadas em diversas esferas, e não somente a valorização do documento escrito. A partir daí a História abre um leque de possibilidades de trabalho e interpretação, fazendo relações com outras áreas do conhecimento, como a antropologia, a filosofia e a sociologia.

Desde modo surgem novas linhas historiográficas, que debatem os mais diversos enfoques, dentre eles a história das mulheres, inicialmente produzida por homens como Georges Duby, que aos poucos começa a ficar convencido de que as relações entre os sexos eram uma dimensão maior da história e do nosso tempo.<sup>131</sup> Mais adiante, as mulheres passam a produzir sua própria história. Historiadoras como Michelle Perrot e Joan Scott, por exemplo, se empenham na tarefa de produzir uma história de mulheres para mulheres, no intuito de retomar a importância da mulher como agente histórico.

Todavia, escrever sobre a história das mulheres exige atenção e muito trabalho, tendo em vista que as mulheres foram durante muitos séculos seres invisibilizados no aspecto social, por isso existe a necessidade de consultar as mais variadas fontes para conseguir as informações necessárias. Como afirma Tilly

Este processo é cumulativo e interativo: para estudar a vida das mulheres no passado, os(as) historiadores(as) se apoiam sobre as especialidades mais antigas, tais como a demografia histórica para estudar os dados do estado civil, as ocupações e as migrações; a história econômica para as transformações econômicas; a história social para os processos de transformação estrutural em grande escala, como a profissionalização, a burocratização e a urbanização; a história das ideias para os métodos de crítica dos textos; e a história política para os conceitos relativos ao poder. Uma nova especialidade histórica nasceu contendo por objeto as mulheres, tornando-as sujeitos da história.<sup>132</sup>

Exatamente neste aspecto que uma linha de pesquisa surgida a partir da Nova História permite que o historiador ou a historiadora faça um aprofundamento em sua pesquisa a partir de um enfoque baseado em estratégias usadas na área da sociologia, que é o relato como fonte: a História Oral.

---

<sup>130</sup> Fazendo referência a revista francesa que surge no final da década de 1920, que a partir de suas discussões levou a pesquisa historiográfica para um caminho mais diversificado, analisando a História a partir dos aspectos sociais e não mais exclusivamente econômicos. Como afirma Burke “esse movimento pode ser dividido em três fases. Em sua primeira fase, de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos [...] a segunda fase, que mais se aproxima verdadeiramente, com conceitos diferentes e novos métodos. [...] uma terceira fase se inicia por volta de 1968. É profundamente marcada pela fragmentação.” BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 12.

<sup>131</sup> PERROT, Michelle. Escrever uma História das mulheres: relatos de uma experiência. Conferência proferida no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu em 06 de maio de 1994 (Unicamp). Tradução de Ricardo Augusto Vieira - Mestrando em Filosofia, UNICAMP. *Cadernos Pagu*, n. 4, 1995. p. 12.

<sup>132</sup> TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. *Cadernos Pagu*, 1994. p. 34.

A História Oral é uma linha de pesquisa que embasa seus estudos a partir de entrevistas, de relatos, de histórias. Dá prioridade ao estudo da história dos excluídos, ao que Michel Pollak<sup>133</sup> denomina de história subterrânea, onde se oportuniza a voz e as experiências daqueles grupos sociais que sempre foram ignorados na história, como no caso, as mulheres.

A História Oral é um excelente recurso em se tratando de História da mulheres, já que a maioria dos documentos oficiais não relata a participação das mulheres como agentes de sua própria história, sendo necessário escutá-las, conseguindo, a partir de sua fala detectar elementos que comprovem o quanto elas, em muitos casos, não tem a percepção da dimensão de sua participação na sociedade.

A História Oral auxilia na manutenção da memória, principalmente na memória coletiva, e consegue retomar acontecimentos através de outras perspectivas, de outros ângulos, a partir do momento em que os acontecimentos da vida em comunidade, e mesmo das experiências mais solitárias da vida humana, são sinais exteriores, são estímulos para o afloramento de lembranças e reminiscências, que constituem o estofo do tempo da memória: individual, local, comunitária, regional, nacional ou mesmo internacional.<sup>134</sup>

Somente mantendo o olhar e os ouvidos aguçados é que o pesquisador consegue captar os elementos mais profundos da narrativa. É a partir daí também que a narrativa passa ser elemento importante da pesquisa. Além disso, este método passa a ser utilizado principalmente no caso das classes, dos segmentos mais marginalizados da sociedade, que até então não conseguiam ser escutados e valorizados.

Seguindo esta tendência, também na área da Teologia, a partir da década de 1970, houve mudanças significativas a respeito dos estudos de gênero com o advento da Teologia da Libertação. A forma de entender o divino e o humano no contexto mundano, se torna mais sensível e aberta para novas discussões, até porque quando esta surge a América Latina está em meio a regimes ditatoriais que fez com que

a dimensão crítica da TdL [Teologia da Libertação] [esteja associada] a grupos e movimentos de oposição aos regimes autoritários e ditatoriais da região, conferindo-lhe grande repercussão e incidência sociopolítica. Em alguns países a Igreja se

<sup>133</sup> Pollak inclusive salienta a necessidade da emersão desta história, quando afirma “uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades.” POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, 1989. p. 5.

<sup>134</sup> DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História Oral e Narrativa: tempo, memória e identidade. *História Oral*, v. 6, junho de 2003. p. 19.

tornou espaço de encontro entre militantes cristãos e líderes de movimentos populares, sindicais e de partidos de esquerda.<sup>135</sup>

O principal foco da Teologia da Libertação é entender o pobre como agente de sua própria libertação, valorizando e apontando novas formas de fazer e entender a teologia, vislumbrando a construção de um mundo mais igualitário. Silva define da seguinte forma esta teologia:

A Teologia da Libertação tinha como objetivo apresentar a liberdade como contraponto à opressão, considerando que essa temática era de uma importância religiosa universal. Na sua forma de se estabelecer como teoria e prática, valeu-se de uma combinação de conceitos utilizados pelas ciências sociais com ideias bíblicas e teológicas.<sup>136</sup>

Assim, a Teologia da Libertação possibilitou, através de seu olhar social, debates em outros focos da sociedade igualmente excluídos. Surgem então várias novas abordagens teológicas, entre elas a Teologia Feminista, que tem como base um olhar crítico sobre as interpretações bíblicas acerca da figura feminina.<sup>137</sup>

Podemos concluir que é a partir das novas discussões, destas novas temáticas, tanto por parte dos estudos históricos quanto dos estudos teológicos, que foi possível uma nova concepção e uma nova visão acerca da participação feminina na sociedade, na história e na religião.

Sendo assim, durante o século XX, mais especificamente na segunda metade do século XX, a mulher passa a reivindicar seus direitos, principalmente propagando e desmistificando o feminismo, que surge um século antes, mas ganha força e vigor já no século XX. Para tanto, vários estudos produzidos por mulheres e para mulheres, procuram valorizar e retomar o papel negado a elas durante séculos.

<sup>135</sup> DE MORI, SJ Geraldo. Teologia da Libertação: relendo o passado e acolhendo o futuro. *Caminhos*, v. 10, n. 2. Goiânia, julh/dez de 2012. p. 58.

<sup>136</sup> SILVA, Eliane. *A Teologia da Libertação na América Latina: contexto histórico e teológico do surgimento*. ANAIS DO IV ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES –ANPUH -Memória e Narrativas nas Religiões e nas Religiosidades. Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. 5, n.15, jan/2013. Disponível em <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.htm.p.1>> Acesso em: maio de 2014.

<sup>137</sup> Dentro da teologia feminista existem vários enfoques, porém sempre com o mesmo objetivo, transformar a figura feminina em algo visível, presente e participante do contexto em que vive. Como afirma Gebara em entrevista “É bom lembrar que algumas teólogas trabalham o resgate das mulheres na Bíblia, outras, as imagens de Deus, a teologia antiga e a contemporânea, porém, sempre direcionada à sua intencionalidade específica. Além disso, podemos encontrar teologias feministas que fazem um trabalho de desconstrução da teologia patriarcal a partir de diferentes temáticas, seguindo de certa forma as divisões clássicas dos estudos teológicos. No atual momento penso que é urgente pensarmos nas diferentes formas de manipulação religiosa do corpo feminino. Essa manipulação não se faz necessariamente a partir dos representantes das hierarquias religiosas, mas também através de políticos, através da medicina e do direito.” ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. *Estudos Feministas*, v. 14, n. 1, Florianópolis, Jan/abril 2006. p. 295.

A criação deste ideal feminino, evidenciado neste capítulo, perpassou todos os lugares e as épocas, fez parte do cotidiano de gerações e ainda está presente na sociedade atual. Nem mesmo os avanços nas diversas áreas do conhecimento conseguiram desenraizar as percepções criadas durante séculos. Portanto, todas as mulheres deveriam se enquadrar em um único padrão, não importa em que contexto estejam inseridas. Mesmo aquelas que viviam nas áreas mais afastadas, como era o caso das “colonas” do sul do Brasil, deveriam seguir as regras impostas pela sociedade. E é a partir do contexto destas mulheres imigrantes que poderemos analisar os impactos deste ideal feminino para a desvalorização da imagem da mulher “colona” na construção do imaginário do imigrante.

## 2.2 Mulheres imigrantes do século XIX e XX

No século XIX, mulheres e homens cruzaram o oceano para se aventurar em uma terra desconhecida e pouco explorada. Como já foi dito anteriormente, mesmo sendo parte importante no processo, a mulher não decidia nada, quem dava as ordens era o marido; a decisão de vir ou não para o Brasil partia dele. Para ele, o provedor, estava cada vez mais difícil viver em meio à penúria, e a vinda para o Brasil seria uma chance de uma vida nova. Para o imigrante alemão, em especial, o destino era a parte meridional do Brasil.

Cabe salientar que, na região sul do Brasil, haviam dois objetivos principais para a onda migratória europeia: o primeiro visava ao controle de fronteiras, o segundo visava assegurar o aparecimento de pequenas propriedades destinadas à produção para consumo interno. Desde modo,

mesmo que se concorde que formas de campesinato no Brasil possam ter ocorridas anteriormente aos fluxos migratórios que começam a acontecer da Europa em direção ao país na primeira metade do século XIX, não se pode ignorar que, na Região Sul, acabou se formando um campesinato com características peculiares, características que trouxeram diversas contribuições no processo de formação da sociedade brasileira.<sup>138</sup>

Como os dois lados possuíam interesses específicos, na primeira metade do século XIX começaram a desembarcar as primeiras famílias imigrantes na região sul, mas especificamente onde hoje se localiza a cidade de São Leopoldo, a antiga localidade da Real Feitoria de Linho Cânhamo.

---

<sup>138</sup> “A exploração agrícola dos colonos se caracterizou pela policultura e pelo trabalho familiar. Ressalte-se, no entanto, que a colônia, enquanto unidade mínima do sistema representa uma simbiose de elementos brasileiros, alemães e italianos, que resultou numa organização econômica e social diferente, tanto da que se conhecia na Europa, como da que se encontrara no Brasil. Estes colonos se diferenciavam dos caboclos, caipiras, roceiros e outras categorias do mundo rural brasileiro.” VANDERLINDE, Tarcísio. *Imigração e Campesinato no Sul do Brasil: Uma discussão preambular*. *Revista Varia Scientia*, v. 5, n. 9, 2006 . p. 194.

As levas imigratórias possuíam características peculiares: geralmente eram famílias, quase sempre muito numerosas. Além disso, em grande parte, era praticantes da religião protestante. Aqui revitalizaram uma identidade, chamada de teuto-brasileira. Segundo a afirmação de Voigt,

[...] teuto-brasileiro é a designação genérica que se atribui aos grupos descendentes dos imigrantes alemães que colonizaram, a partir do século XIX, os espaços destinados pelo governo brasileiro ou por empresários particulares para sua ocupação sistemática, sobretudo nos estados do sul.<sup>139</sup>

Dentro destas famílias<sup>140</sup>, exercendo papel importantíssimo, mas nem sempre lembrado e reconhecido, estavam as mulheres, mães, filhas, esposas e avós, que construíram parte da história a imigração alemã que hoje conhecemos.

Quando aqui desembarcaram e se estabeleceram, as imigrantes entraram em contato com as mulheres deste *Novo Mundo*, algumas muito restritas e submissas, outras, nem tanto. Mulheres com hábitos e valores um tanto diferentes dos seus. Estas mulheres situadas abaixo da Linha do Equador viviam baseadas nas concepções eclesiásticas e moralizantes de uma sociedade em formação, fundamentadas a partir

[...] das leis do Estado e da Igreja, com frequência bastante duras, à vigilância inquieta de pais, irmãos, tios, tutores e a coerção informal, mais forte, de velhos costumes misóginos, tudo confluía para o mesmo objetivo: abafar a sexualidade feminina, que ao arrebentar as amarras, ameaça o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas.<sup>141</sup>

As mulheres, habitantes de um Brasil que ainda estava em formação, também sofrem estas influências dominadoras e sufocantes exercidas por vários órgãos da sociedade. Por este motivo, o ensino para mulheres passa a ser algo aceitável e até necessário, porém com muita cautela. Para elas durante “as últimas décadas do século XIX apontam, pois, para a necessidade de educação para a mulher, vinculando-a à modernização da sociedade, à higienização da família, à construção da cidadania dos jovens.”<sup>142</sup>

<sup>139</sup> VOIGT, André Fabiano. O teuto-brasileiro: a história de um conceito. *Espaço Plural*, ano IX, n. 19, 2º semestre de 2008. p. 75.

<sup>140</sup> Aqui referindo-se as famílias constituídas por pai, mãe e filhos. Porém, como estavam estabelecidas em diversos lugares e muitas vezes com laços de parentesco extremamente difíceis devido a acessibilidade, conforme Witt “O trabalho, a cultura e o desenvolvimento trazido e proporcionado pelos imigrantes podem ser facilmente encontrados nos autores considerados clássicos. Porém, no que tange às relações familiares – inclusive as de amizade -, tornam-se mais escassas as referências a esse tipo de vínculo entre os imigrantes e seus descendentes, e entre estes e os seus vizinhos nacionais” WITT, Marco Antônio. *A união perfeita: estratégias familiares e inserção política (Rio Grande do Sul – século XIX)*. IX Encontro Estadual de História. Associação Nacional de História. Seção Rio Grande do Sul – ANPUH-RS, 2008. Disponível em: <[www.eeh2008.anpuh-rs.org.br/simposio/public](http://www.eeh2008.anpuh-rs.org.br/simposio/public)>. Acesso em: abril de 2013.

<sup>141</sup> DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 67.

<sup>142</sup> DEL PRIORE, 2004, p. 447

Ainda que inseridas neste contexto, as mulheres imigrantes encontraram certa vantagem neste aspecto, até por que

as diferentes etnias dos “trabalhadores livres” também implicavam diferenciadas práticas educativas. Imigrantes de origem alemã, italiana, espanhola, japonesa, etc. tinham propostas educativas diferentes e construíram escolas para meninos e meninas muitas vezes com o auxílio direto de suas regiões de origem. Suas diferentes formas de inserção na produção e na sociedade brasileiras (como operários fabris, lavradores ou pequenos proprietários) também teriam consequências nos processos educativos.<sup>143</sup>

Entretanto, em pleno século XIX, em que as efervescências das áreas das ciências começam a modificar os hábitos da sociedade moderna, a figura feminina ainda estava estreitamente ligada ao homem. Submissa e controlada pelas ordens da Igreja, a mulher via-se sem perspectiva de futuro, a não ser, é claro, ser a mãe zelosa e a esposa honrada; figura que cada vez mais passa a ser enaltecida desta forma.

Seguindo os moldes de generalização e controle da figura feminina na sociedade moderna do século XIX, muitas vezes sua contribuição no trabalho laboral junto ao cônjuge não recebe o valor merecido. Até por que:

A manutenção dos hábitos e dos costumes alemães dependia das mulheres, as quais, através das “prendas domésticas” ofereciam um conforto difícil de ser mantido sem a figura feminina. Apesar disso, o que se observa é que somente os homens são responsáveis pelo desenvolvimento da região. A própria representação da imagem das mulheres de origem alemã como “trabalhadeira”, diferentemente “trabalhadores”, contribui para a invisibilidade da contribuição feminina.<sup>144</sup>

Novamente, mesmo sendo parte essencial do processo de formação da sociedade sulina, a mulher não é vista como parte do processo, e sim como um adereço, uma figura que nada mais faz do que cumprir o seu papel de mulher. Porém, cada gesto, cada atitude, deixa latente, mesmo que de maneira subjetiva, seu verdadeiro objetivo: ser a mais do que dona-de-casa, ser a dona da casa.<sup>145</sup>

No sudeste brasileiro, trabalha nas fazendas de café, no sul, cuida da plantação, ara a terra, semeia e frutifica sua atuação na economia familiar. Para poder exercer esta função, em muitas situações leva os filhos junto, pois a maioria das famílias de imigrantes possuía uma prole numerosa. Estas informações não aparecem através dos relatos de viajantes do século XIX, e sim, são proferidas da boca das mulheres descendentes, que cresceram escutam as histórias das mães e das avós.

<sup>143</sup> DEL PRIORE, 2004, p. 445.

<sup>144</sup> DEL PRIORE, 2004, p. 289.

<sup>145</sup> Trabalhos, costumes, hábitos, tradições, cada elemento que a mulher rural do sul transportou em seu ventre, para além de seu tempo, são para nós fontes de informação, mensagens únicas, estímulos, signos, lembranças de um período especial de nossa história. RIECHEL, Daiana. Colcha de retalhos: a permanência e a herança da mulher rural do sul do Brasil - 1937 A 1945. São Leopoldo: 2003. Disponível em: <<http://www.aninter.com.br>>. Acesso em: maio de 2012, p.721.



Os percalços foram diversos, grande parte destes imigrantes quando se estabelece na região sul do Brasil, precisa lidar com situações que não esperava deparar-se: terra muito diferente do que foi prometido, dificuldades de acesso, embate direto com os indígenas<sup>146</sup> que ali habitavam há séculos e que não aceitariam tão facilmente essa ocupação. Aliás, os imigrantes “descobriram que isso não passava de promessas [...] encontrou sérios problemas, sendo o principal deles a inexistência de demarcação de suas terras.”<sup>147</sup>

Enfrentadas as dificuldades e plenamente estabelecidas em suas regiões, as mulheres “colonas” alemãs do final do século XIX e início do século XX passam por uma nova adaptação. Como já adquiriram certa estabilidade econômica, agora as mulheres desta descendência deveriam adequar-se devidamente ao contexto, ou seja, precisavam deixar de ser mulheres economicamente ativas para passarem a ser mulheres submissas, dedicadas ao marido e aos filhos, principalmente as mulheres pertencentes às classes mais abastadas. Desta forma:

Através das cartas e da literatura que tematizam a época e a região é possível afirmar o que se esperava de uma “moça alemã”. Ela deveria saber se fazer respeitar; ser asseada, ser boa mãe e boa filha; ter uma sexualidade restrita ao casamento; ser solidária com vizinhos e parentes, além de econômica e comedida.<sup>148</sup>

É exatamente neste contexto de idealização da mulher, ocorrida entre os séculos XIX e XX, que há uma perda, um vácuo, no que tange a história das mulheres. Era proibido expressar-se, à mulher correta cabia o silêncio. Como enfatiza Michelle Perrot: “Por pudor, mas também por autodesvalorização, elas interiorizavam, de certa forma, o silêncio que as envolvia.”<sup>149</sup>

É certo que nem todas as mulheres do século XX eram *Marias*, as que ousaram ser *Evas*, mesmo sofrendo toda espécie de preconceito, deixaram sua marca na História, principalmente as que foram para o mercado de trabalho, seja por necessidade ou por despeito, e que fizeram a diferença nas profissões que exerceram.

O fato de ser mulher, vivendo no século XIX, já era um motivo para ter de provar sua capacidade e resistência diante do Estado e da Igreja. Como revela Perrot:

<sup>146</sup> Devido ao aumento da área colonizada, crescem relatos de confrontos indiretos entre imigrantes e indígenas, incluindo episódios de sequestro, como no caso vivenciado pelo índio Luis Antônio da Silva Lima, na comunidade de Feliz. DORNELLES, Soraia Sales. *Encontros e (des) encontros ao “fazer a América”: indígenas e imigrantes no RS no século XIX*. XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH, São Paulo, 17 a 22 de julho de 2011.p.9-11.Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308162996\\_ARQUIVO\\_Anphu2011-textoSoraiaSalesDornelles.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308162996_ARQUIVO_Anphu2011-textoSoraiaSalesDornelles.pdf)> Acesso em: maio de 2014.

<sup>147</sup> LANDO, Aldair Marli [ et al]. *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 28.

<sup>148</sup> DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*, 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 289.

<sup>149</sup> PERROT, Michelle, *As mulheres ou os silêncios da história*, Bauru. São Paulo: EDUSC, 2005. p. 13.

[...] ser mulher nunca é fácil, sobretudo naquele século 19 que, em sua racionalidade triunfante, provavelmente levou a seu paroxismo a divisão *sexual* dos papéis e dos espaços, definindo o “lugar das mulheres” com um rigor apoiado no discurso científico.<sup>150</sup>

Mesmo assim, dentro da própria classe, do próprio gênero, havia diferenças, principalmente no que tange a posição social dela. Mas, e a mulher “colona” no sul do Brasil? Também, devido às necessidades, ela auxilia no sustento da família. Na medida em que vai adentrando terras desconhecidas, vai derrubando a mata, arando e cultivando a terra concomitantemente à tarefa de ser mãe e esposa. Isto dá a esta mulher imigrante, uma pequena liberdade em comparação com outras mulheres da época que habitavam outras regiões do Brasil<sup>151</sup>. Todavia, até mesmo neste contexto, a mulher possui uma separação do homem, quando na propriedade, é trabalho da mulher o cuidado com a horta<sup>152</sup>. Eis aqui novamente a questão da função dos gêneros.

A mulher não deixa de ser o “esteio da família”, repassando seus conhecimentos e concepções para seus rebentos, nutrindo seus costumes. Este foi um papel fundamental da mulher imigrante no sul do Brasil, pois a memória das mulheres é verbo. Ela está ligada à oralidade das sociedades tradicionais que lhe confiam a missão de contadora da comunidade da aldeia.<sup>153</sup> Assim ocorria na Europa, assim continua ocorrendo no Brasil.

Contudo, com o advento do século XX e com a cobrança cada vez maior desta figura feminina perfeita, a mulher “colona” alemã vai cada vez mais se enquadrando aos padrões que sociedade espera dela, principalmente no que se refere ao trabalho. Mesmo assim, como afirma Michelle Perrot,

[...] a história do trabalho feminino é inseparável da história da família, das relações entre os sexos e de seus papéis sociais. A família, mais do que o trabalho que ela condiciona, é a verdadeira ancoragem da existência das mulheres e de suas lutas, o freio ou o motor de sua mudança. O trabalho, por si só, não pode libertá-las, ainda que possa contribuir para isto.<sup>154</sup>

Ou seja, mulher e família estão intrínseca e eternamente ligados. Isto se torna claro quando observamos que “no mundo ocidental do século XIX, o destino da mulher era gerar e

<sup>150</sup> PERROT, 2005, p.78.

<sup>151</sup> A mulher colona não trabalhava para si, suas produções domésticas, que ultrapassavam as fronteiras de seus lares, estiveram sempre voltadas para o seio familiar e a sua comunidade envolta. Portadora de uma essência inconfundível, a mulher rural do sul do Brasil, foi elemento fundamental na formação da imagem do sul brasileiro. RIECHEL, 2008, p. 721.

<sup>152</sup> Diferentemente das áreas de lavoura, dedicada prioritariamente ao cultivo das culturas comerciais, espaço de controle eminentemente masculino, a horta reservada a produtos destinados ao auto-consumo da família, considerada como pertencente à casa, é domínio feminino. HEREDIA, Beatriz; GARCIA, Marie France; GARCIA JR, Afrânio. *O lugar da mulher em unidades domésticas camponesas*. In AGUIAR, Neuma (coord.). *Mulheres na força de trabalho na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 95.

<sup>153</sup> AGUIAR, 1984, p. 40.

<sup>154</sup> AGUIAR, 1984, p. 244.

criar filhos. Conforme a opinião prevalecente, as qualidades que lhe tornavam inferior ao homem era exatamente as mesmas que a habilitavam a ser mulher.”<sup>155</sup> Mais do que ser mulher, em primeiro lugar era preciso ser mãe. O que leva, acima de tudo, a negação dela mesma como pessoa, como ser humano, como parte da sociedade.

Com o advento do século XX a mudança social em várias partes do mundo foi gigantesca, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento tecnológico, que tem como consequência o crescimento das cidades e o êxodo rural. Ainda assim, muitas mulheres “colonas” ainda viviam no interior.

Estas mulheres trabalhavam, viviam e conviviam da mesma maneira que seus antepassados, ligadas diretamente à terra. Elas criavam seus filhos também com este propósito, fazer do trabalho a mola propulsora da vida. Meninos e meninas desde a mais tenra idade conviviam com este espaço de trabalho onde, mesmo exercendo a mesma tarefa, o espaço reservado a um e a outro já era diferente, pois

em outras palavras exigia-se de meninas e meninos a aprendizagem das mesmas atividades; ambos precisavam dominar o mesmo mundo circundante, a diferença reside na ênfase: a menina deveria interiorizar da casa como o seu, o que não a livraria da necessidade de aprender as tarefas ligadas à roça; o menino deveria interiorizar como seu o mundo da roça, o que não o, libertava de aprender os afazeres domésticos.<sup>156</sup>

Ou seja, mesmo com papéis bem definidos, meninos e meninas partilhavam da mesma aprendizagem. Ainda que cada um possuísse sua função muito bem estabelecida, ela para a casa e ele para a roça, ambos quando pequenos tinham a noção do todo.

Outras descendentes, entretanto, irão ocupar, a partir do início do século XX, os espaços urbanos. Trabalhando especialmente no comércio, nas pequenas vendas de abastecimento, elas irão promover o crescimento urbano no interior do Brasil, mas sua participação no trabalho não é tão efetiva quanto na roça. Estas descendentes já possuem uma noção diferenciada na educação dos filhos onde ocorre

o desaparecimento da dupla jornada feminina, no campo e em casa. Confinada agora ao lar, seu ou dos outros, a menina passa o dia cuidando de crianças menores e da casa. Se ela sofre tal confinamento, que atua restringindo seu universo e, em certa medida, sua liberdade, o menino se evade cada vez mais da casa, incorporando-se ao mundo do trabalho [...]. Resultado, meninos e meninas deixam de partilhar as atividades rotineiras, passam a receber uma preparação exclusiva e específica para papéis sexuais sociais, segundo o modelo urbano.<sup>157</sup>

---

<sup>155</sup> BARMAN, Roderick. Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX, São Paulo: Editora UNESP, 2005.

<sup>156</sup> GOMES, Jerusa Vieira. Do campo à cidade: as transformações nas práticas educativas familiares. *Cadernos de Pesquisa*, v. 64. São Paulo: fevereiro de 1988. p. 53-54.

<sup>157</sup> GOMES, 1988, p. 54.

Mesmo pertencendo à mesma origem, e por vezes até a mesma religião, as mulheres “colonas” e as mulheres urbanas não se identificavam. As “colonas”, por trabalharem diretamente com a terra, eram vistas pelas cidadinas como atrasadas, incultas e ignorantes. Estas diferenças aparecem até hoje, de maneira muito tênue, nos relatos das mulheres “colonas”, que tiveram contato com a cidade, por motivos de estudo ou de trabalho, e puderam sentir o quanto, em algumas situações, eram vistas como inferiores por terem vindo da roça, como afirma uma entrevistada:

Aí eu vim em casa em novembro, eu fiz os meus dezesseis ano daí eu desisti do meu colégio, era lá no Pedrinho, ai eu adorei aquele colégio. Nós era de cinquenta e poucos dentro da sala. Mas eu parece que eu tinha amizade com todo mundo lá e era da roça né, mesmo sendo da roça né, como se diz, e gente bem de vida tinha dono de chefe de fábrica, tudo quanto é coisa tinha dentro da sala. Eu consegui amizade com a maior parte da turma.<sup>158</sup>

No relato fica claro que, o que poderia ter impedido ela de ter um bom relacionamento com os colegas não era o fato de ser uma aluna aplicada, ou até mesmo o fato de ser mulher, mas o simples fato de “vir da roça”, como ela mesma fala, poderia causar empecilhos para que criasse um círculo de amizade na escola da cidade.

De fato havia diferenças, mas as próprias mulheres “colonas” tinham uma visão positiva da vida na cidade, onde tudo era melhor, onde tudo era possível como afirma outra entrevistada, muito diferente da sua realidade. Assim, ela relembra:

Agora sempre foi difícil desde criança que eu me lembro, meus pais, meus tios só quem foi embora, um dos irmão do meu pai que foi embora pra Novo Hamburgo, ele tinha fábrica de papelão esses né... que nem o irmão da minha mãe que foi embora pra trabalha no calçado esses... já faleceram também, mas os filho continuaram, tão aposentado. Mas os que ficaram aqui, os Döener e os Mohelek, meu Deus!<sup>159</sup>

A partir destes relatos podemos perceber diversas características presentes nos mais variados contextos sociais, onde encontramos informações preciosas sobre o trabalho, a religião, a família e o convívio social. Assim, através da palavra dessas mulheres, poderemos analisar como vivem, pensam e agem as mulheres imigrantes do século XXI, não só levando em consideração a história local, mas também toda uma gama de outros aspectos que constituem a história das mulheres.<sup>160</sup> Por isso mesmo necessário frisar que,

[...] ainda que definidas pelo sexo, as mulheres são mais que uma categoria biológica: elas existem socialmente e compreendem pessoas do sexo feminino de

<sup>158</sup> Entrevista número 5, realizada em 16 de junho de 2013.

<sup>159</sup> Entrevista número 3, realizada no dia 5 de abril de 2013.

<sup>160</sup> “A experiência passa a ser valorizada. Não por serem essas pessoas “testemunhas” de um passado, e por se acreditar ser possível “resgatá-lo” por meio das narrativas registradas. Mas, sim porque essas pessoas podem, ao falar de suas experiências, contar uma versão do passado e repensar uma vida a partir das inquietações e tensões do presente.” RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado Ribeiro. *Visões e perspectivas: documento em História Oral, Oralidades: Revista de História Oral*, v. 2, 2007.p. 3.

diferentes idades, de diferentes situações familiares, pertencentes a diferentes classes sociais, nações e comunidades; suas vidas são modeladas por diferentes regras sociais e costumes, em um meio no qual se configuram crenças e opiniões decorrentes de estruturas de poder.<sup>161</sup>

Neste aspecto, quando nos referimos especialmente à história das mulheres, é importante ressaltar “por sua falta de respeito, sua ironia, sua espontaneidade, a palavra das mulheres é cheia de subversões. [...] É também pelas mulheres- mulheres crepusculares-, que se transmite, e geralmente de mãe para filha, a longa cadeia de histórias de ou dos vilarejos.”<sup>162</sup>

Cada vez mais a retomada da história das mulheres tem sido feita e muito tem contribuído não somente para rememorar sua história em particular, mas também para proporcionar um novo olhar à história oficial; “a contribuição particular da história das mulheres foi a de reorientar o interesse pelas pessoas comuns do passado- motor da história social- na direção das mulheres e, das suas relações sociais econômicas e política.<sup>163</sup> Cabem aqui as palavras de Maria Joana Pedro e Rachel Soihet:

A fertilidade dos dias atuais contrasta, entretanto, com a trajetória difícil que a categoria de análise ‘gênero’ enfrentou no campo historiográfico. Nas ciências humanas, a disciplina História é certamente a que mais tardiamente apropriou-se dessa categoria, assim como da própria inclusão de ‘mulher’ ou de ‘mulheres’ como categoria analítica na pesquisa histórica.<sup>164</sup>

Trabalhar com a memória<sup>165</sup>, ressaltando sua importância, é fundamental para comprovar o quanto estas mulheres “colonas” do século XXI tem seu valor e seu destaque. Isto só é possível através da fala, do contar e recontar de suas histórias. Assim

[...] a recuperação desta memória é uma questão fundamental na escrita da história das mulheres, seja porque elas ainda permanecem como um grupo o qual a história, durante muito tempo negou-se a investigar, ou reservou-lhe um lugar sem qualidade, seja porque compõem um grupo social que, embora constitua a outra metade da humanidade, continua a sofrer diversas formas de opressão e de exclusão.<sup>166</sup>

<sup>161</sup> TILLY, 1994, p. 31.

<sup>162</sup> PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*, Bauru. São Paulo: EDUSC, 2005. p. 217.

<sup>163</sup> TILLY, 1994, p. 35.

<sup>164</sup> Contribui também para isso a utilização de diversas fontes “O desenvolvimento de novos campos tais como a história das mentalidades e a história cultural reforça o avanço na abordagem do feminino. Apoiam-se em outras disciplinas – tais como a literatura, a linguística, a psicanálise e, principalmente, a antropologia –, com o intuito de desvendar as diversas dimensões desse objeto.” SOIHET, Rachel. PEDRO, Maria Joana. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 54, 2007. p. 284-285.

<sup>165</sup> Conceito de memória coletiva, que ultrapassa os interesses individuais. Memória esta com valor histórico, segundo Le Goff “Transmissão de conhecimentos considerados como secretos, vontade de manter em boa forma uma memória mais criadora que repetitiva; não estarão aqui duas das principais razões da vitalidade da memória coletiva nas sociedades sem escrita?” LE GOFF, Jacques, 1924. *História e memória* / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão [et al.], Campinas, UNICAMP, 1990. p. 431.

<sup>166</sup> SOUSA, Cynthia Pereira de [et al.]. Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, , n. 2, Mai\Jun\Jul\Ago. 1996. p. 62

Outro fator interessante ao se trabalhar com História Oral é compreender como funciona a memória em uma pessoa mais idosa, que traz em seus relatos uma inconstância dos fatos, misturando fatos presentes com fatos passados, além de idealizar e supervalorizar sua história, suas vivências. É o processo de rememorar, que auxilia plenamente na construção da identidade do sujeito, como afirma Bobbio

O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçarmos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade.<sup>167</sup>

Excluídas, diante de uma sociedade cada vez mais modernizada, elas se percebem oprimidas diante de novas e intrigantes tecnologias que vão tomando conta de seu cotidiano. Como estas mulheres camponesas de sentem frente a estas mudanças? Como se adaptam a elas? Em que medida participam delas?

Questionamentos que foram feitos a estas “colonas”<sup>168</sup> do século XXI, levando em conta “como funciona a memória feminina, no passado e no presente, existe o conceito de que ela está intrinsecamente ligada ao lugar que a mulher ocupa e aos tipos de atividades que ela desempenha no espaço social.”<sup>169</sup>

Construir o presente para vislumbrar o futuro, tendo como base um passado ainda tão pouco explorado, esta é a nossa proposta<sup>170</sup>. Valorizar e (re) significar a importância destas histórias particulares para a história da imigração alemã na atualidade, tendo como referência as experiências de mulheres “colonas” do século XXI<sup>171</sup>. Mulheres, sim mulheres, seres atuantes, mesmo que isto lhes pareça algo estranho. A este respeito, afirma Michelle Perrot, que “as mulheres não são nem passivas submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por

<sup>167</sup> BOBBIO, Norberto. O tempo da memória. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 28.

<sup>168</sup> Nas primeiras décadas da colonização, portanto, independente da classe social, do dialeto alemão em uso, da região e mesmo da realidade rural ou urbana procedente, a maioria dos/as imigrantes “alemães/ãs” no sul do Brasil se tornou “colono/a.” DREHER, Scheila dos Santos, RIECHEL, Daiana. In: *Imigração e relações interétnicas*\ organizadores: Martin Norberto Dreher, Jaqueline Anschau Kunz, Miquéias Henrique Mügge- São Leopoldo: Oikos, 2008. p.731.

<sup>169</sup> DREHER, 2008, p. 63.

<sup>170</sup> Da importância da coleta de dados e a utilização destas em uma pesquisa :“Nesse sentido, trabalhar com histórias de vida possibilita examinar a significação assumida pelo passado em termos individuais, mas tendo em conta a inserção e interação social em diferentes momentos da vida do depoente.” HARRES, Marluza Marques. Aproximações entre história de vida e autobiografia: os desafios da memória. *Revista História Unisinos*, v. 8, n. 10, Jul-Dez, 2004. p.152.

<sup>171</sup> Conseguindo coletar os dados necessários, é importante o olhar crítico do pesquisador, como afirma Ribeiro: “O autor/mediador se faz presente em todos os momentos da pesquisa, iniciando na organização do projeto, passando pela realização e transcrição das entrevistas, finalizando com uma interpretação do material produzido.” RIBEIRO, 2002, p. 3.

mais reais que sejam, não bastam para conter a sua história. Elas estão presentes aqui e acolá. Elas são diferentes. Afirmam-se por outras palavras, por outros gestos.”<sup>172</sup>

Com base nessas inquietações, no próximo capítulo trabalharemos com eixos temáticos que regem a vida dessas mulheres como o trabalho, a família, a religiosidade e o convívio social, para que, através de suas palavras e, até mesmo, de seus silêncios, possamos captar o quanto elas se veem inseridas no meio onde vivem e o quanto participam da formação e crescimento de sua comunidade.

---

<sup>172</sup> PERROT, 2008, p. 205.

### 3. MULHERES E IMIGRAÇÃO: PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Conforme já referido nos capítulos anteriores, a imigração foi um fato que marcou profundamente a história do Brasil, em especial a do Rio Grande do Sul, pois modificou o modo de vida e de produção desta região a partir da vinda destes imigrantes.

Mais do que isso, as imigrantes que vieram com suas famílias marcaram de forma significativa a cultura e os costumes desta região, já que eram elas as responsáveis por repassar aquilo que aprenderam com suas mães e avós. Eram essencialmente as mulheres as responsáveis por esta função, como afirma Dreher:

Neste processo de preservação “da” cultura germânica, às mulheres cabia um papel fundamental: o de “mães da nação”, em sentido biológico e cultural. É claro que tal continuidade/descontinuidade, foi no período em questão [década de 1940], um processo essencialmente dinâmico, porque tanto a sociedade brasileira estava em constante mudança quanto os/as alemães que continuaram chegando ao Brasil como imigrantes até as primeiras décadas do século XX, traziam experiências diversas e se deparavam com saberes e vivências nas colônias (rurais ou urbanas) muitas vezes distantes daqueles que traziam consigo.<sup>173</sup>

No passado, as imigrantes trabalharam na roça, criaram seus filhos e ajudaram a construir o espaço onde passaram a viver e trabalhar, ocupando assim espaços na sociedade, tanto o público quanto o privado. Conforme Dreher:

foram essas experiências plurais, esse *modus vivendi*, esse privado e público que ora se confundia, ora se constituía em espaços separados, essas experiências do lugar social dos sexos na sociedade, e não uma cultura e experiências uniformes que mulheres alemãs evangélicas levaram (ao sul) do Brasil inscrito em seus corpos. Foi a partir de tal cotidiano, com suas múltiplas realidades, que elas reconstruíram seu mundo na “nova” pátria, num misto de continuidades e descontinuidades.<sup>174</sup>

No presente, algumas dessas descendentes já passaram pelo processo de êxodo rural, se mudaram para as cidades, e hoje vivem uma vida mais urbana, por vezes até esquecendo sua origem rural; se acostumaram tanto ao modo de vida urbano que hoje já não se adaptariam facilmente ao campo. Foi um processo lento e progressivo, que representou uma mudança

---

<sup>173</sup> DREHER, 2007, p. 42.

<sup>174</sup> DREHER, 2007, p. 60.



significativa tanto nos papéis dos homens quanto das mulheres e, conseqüentemente, a estrutura da família, deste modo

a mulher, encarregada de cuidar dos filhos e do marido, protetora do lar e dos costumes, representava uma memória daquele mundo rural que ficara para trás. Na cidade, essa imagem feminina era violentada, ao ter de se submeter ao trabalho das fábricas, das minas, nas piores condições. [...]. E essa participação ativa contribuiu para desestabilizar os papéis sociais que as mulheres desempenhavam no espaço doméstico, despontando um crescimento das reivindicações femininas por espaços e conquistas de direitos.<sup>175</sup>

Outras ainda vivem da maneira muito semelhante aos seus antepassados (mães, avós, tias), trabalhando na roça, lidando com os animais e possuindo uma ligação mais direta com a natureza, como ressalta Brumer

Nessa esfera, as mulheres têm autonomia e poder, tomando decisões relativas ao preparo dos alimentos, cuidado da casa e da roupa, orientação e educação dos filhos, assim como ao uso de recursos destinados ao consumo doméstico. Elas também tomam decisões referentes a vendas eventuais de bens por elas produzidos, tais como ovos, queijo, nata, e outros, sendo também as responsáveis pelo uso dos recursos assim obtidos. No entanto, não se deve superestimar a importância de sua autonomia e poder nesse domínio, tendo em vista, por um lado, que as vendas feitas por elas geralmente são eventuais e de pequeno valor e, por outro, que as atividades domésticas são consideradas como secundárias, pelos próprios membros da família, em relação às atividades produtivas. Não é de surpreender, por isso, que muitas mulheres, apesar da dureza do trabalho agrícola e de seu papel subalterno no mesmo, preferiram exercer essa atividade ao trabalho doméstico, usando justificativas tais como: “o trabalho doméstico é todo dia a mesma coisa, a gente limpa e logo em seguida tem que limpar de novo”; “o trabalho na roça a gente vê”.<sup>176</sup>

Gostando ou não, se acostumaram a viver assim e não saberiam viver de outra forma, pois durante sua vida toda, esse contato com a terra se tornou um misto de obrigação, pois é dali que tirava o sustento e prazer, porque a terra lhe proporcionava momentos de alegria, ao ver nascer e se expandir aquilo que cuidava com tanto carinho.

Não se sabe ao certo o que o futuro lhes reserva, se vão continuar ali, se algum dia pretendem ir para outro lugar, se seus ensinamentos e sua história de vida vão perpetuar nas lembranças e nas ações de suas descendentes, como aconteceu com elas. O certo é que, com a riqueza de seus relatos, é possível perceber o quanto esta mulher “colona” construiu e ainda constrói a identidade de sua comunidade, em especial a comunidade em análise que é de Rio da Ilha.

<sup>175</sup> MÉNDEZ, Natalia Pietra. Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo. *Mulher e Trabalho*, v. 5, 2005. p. 53-54.

<sup>176</sup> BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Estudos Feministas*, n. 12, v. 1. Florianópolis: janeiro-abril de 2004. p. 212.

A partir de eixos de sustentação de suas vidas como, a família, a família de solteira e a família adquirida depois de casada, o trabalho, no campo e em casa, a religiosidade, presente desde seu dia a dia, nas orações diárias até as participações de cultos ou missas bem como nas festas promovidas para comunidade e vida social, ligada também às festas de igrejas, bailes, *kerbs*, domingueiras e tudo que diz respeito a sua inserção social na comunidade, podemos analisar e construir uma representação, a partir delas mesmas, sobre como vive, age e pensa a mulher da comunidade de Rio da Ilha.

### 3.1. Família

A instituição família, como conceito, surgiu no século XIX e se constituiu a partir de concepções baseadas nas relações parentais que se construíram através dos séculos. Os laços de sangue são a referência fundamental para eleger o grau de ligação entre os entes que fazem parte deste grupo. Este processo foi ocorrendo naturalmente ao longo dos tempos, entretanto nem sempre foi como hoje é, mais o que temos atualmente é resultado de um longo período de adaptação e acomodação na sociedade, como afirma Engels:

ao passo que a família prossegue vivendo, o sistema de parentesco fossiliza-se; e enquanto este continua de pé pela força do costume, a família ultrapassa. Contudo, pelo sistema de parentesco que chegou historicamente até aos nossos dias, podemos concluir que existiu uma forma de família a ele correspondente, já extinta, e podemos tirar esta conclusão com a mesma segurança com que Cuvier, pelos ossos do esqueleto de um animal achados perto de Paris, pôde concluir que pertenciam a um marsupial e que os marsupiais, agora extintos, viveram ali antigamente.<sup>177</sup>

A família, a partir de então, passa a ser fator fundamental em todas as sociedades ocidentais, especialmente em se tratando de imigrantes alemães. Quando os imigrantes vieram ocupar as terras do sul do Brasil trouxeram consigo suas famílias; e foram estas famílias que, de uma maneira ou de outra, auxiliaram estes imigrantes, tanto homens quanto mulheres, a suportar as adversidades que encontraram aqui. Adversidades principalmente relacionadas à produção, como afirma Salamoni:

As informações obtidas sobre os sistemas agrícolas das primeiras colônias do Rio Grande do Sul mostram indícios da primitividade dos meios de produção utilizados nas tarefas agrícolas. O isolamento em que se encontravam, aliado à falta de iniciativa governamental no sentido de criar condições de progresso, provocou um rebaixamento no padrão técnico do imigrante, em relação ao utilizado na Europa.

---

<sup>177</sup> ENGELS, Friedrich. *Origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Tradução: Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. p. 25.

Muitos colonos abandonaram o uso do arado e passaram a empregar apenas instrumentos para trabalhos manuais.<sup>178</sup>

As famílias entre si também cooperavam, pois entre elas havia uma relação de interdependência e auxílio, onde uma ajudava a outra em momentos de necessidade, afinal de contas como estavam sozinhos em um local completamente estranho, precisavam se manter em comunidade, auxiliando-se mutuamente. Esta interação possibilitou um estreitamento das relações familiares e comunitárias. Deste modo

esse “individualismo interno” constitui-se numa das características inerentes à colonização europeia não portuguesa e, refere-se ao forte apego existente entre os membros do grupo familiar, capaz de conservar unidas diversas gerações, se não no mesmo lar, pelo menos nas proximidades. Mesmo no caso de haver o fracionamento da propriedade original, o núcleo familiar mantém-se agregado através do processo produtivo. Além disso, a mão de obra não remunerada também marcou, desde o início, a organização desses núcleos coloniais.<sup>179</sup>

Esta cooperação é uma característica muito comum às comunidades de imigração alemã, inclusive na comunidade em questão.<sup>180</sup> Exemplo disso é uma de nossas entrevistadas que relata um pouco deste cooperativismo presente na local onde nasceu e foi criada, principalmente na relação com os vizinhos. A entrevistada afirma: “Eu gosto de morar aqui, que que eu vou dizer, como é que eu vou dizer, nas colônia é assim. Sabe, a gente se criou na colônia, na roça e coisarada assim, não tem muito o que reclamar da colônia, a gente se ajuda bastante.”<sup>181</sup>

Quando nos reportamos ao tema família, especialmente o gênero feminino é associado diretamente ao cuidado e à preservação da mesma. A mulher é responsável pelo cuidado dos filhos, pelo asseio da casa e, no caso da mulher agricultora, o trabalho na roça também faz parte do seu cotidiano. Mesmo tendo um papel importante na produção, a terra não lhe pertencia, pois, segundo o direito patriarcal, a mulher fica subordinada mais uma vez ao poder do homem. Sendo assim,

às mulheres restavam, portanto, três opções: o casamento, o ingresso na vida religiosa ou o celibato civil. Ao casar, a mulher ingressava na família do marido. Obedecendo à regra de residência patrivirilocal, ela ia residir com os sogros no caso de se casar com o sucessor, submetendo-se, assim, à autoridade destes até ao fim das suas vidas. As demais se instalavam inicialmente também na casa dos sogros até que

<sup>178</sup> SALAMONI, Giancarla. A imigração alemã no Rio Grande do Sul. *História em Revista*, v. 7. Pelotas, dezembro/2001. p. 10.

<sup>179</sup> SALAMONI, 2001, p.15.

<sup>180</sup> Como salienta Salamoni: “No plano econômico, muitas vezes o associativismo manifestou-se como expressão da vida privada, pelo fato de os colonos terem sido entregues à própria sorte, depois de instalados nos seus lotes de terra. Não são raros os casos de associações agrícolas surgidas nas colônias alemãs para buscar soluções para os problemas relativos ao setor produtivo.” SALAMONI, 2001, p. 8.

<sup>181</sup> Entrevista número 4, realizada no dia 16 de junho de 2013.

os seus maridos recebessem o seu lote de terra e construíssem nele a casa para a nova família. O casamento implicava, assim, na extinção dos direitos das mulheres à terra e na sua reclusão ao espaço doméstico, dentro da lógica da simbiose que se estabelece entre mulher e família e que determina a supremacia dos papéis de mãe e esposa sobre todos os demais.<sup>182</sup>

Como a família é uma responsabilidade da mulher, são dela também os méritos pelo sucesso e culpa pelo fracasso de sua prole, até porque a primeira parte da educação de uma criança é exercida pela sua mãe, que a ensina bons hábitos e costumes, as primeiras noções de escrita e números dependendo da escolaridade da mãe e as primeiras orações e hinos da igreja a qual pertencem os familiares. Dentro do âmbito familiar

a distribuição da autoridade na família fundamenta-se, assim, nos papéis diferenciados do homem e da mulher. A autoridade feminina vincula-se à valorização da mãe, num universo simbólico onde a maternidade faz da mulher “mulher”, tornando-se reconhecida como tal. [...] Ela é quem cuida de todos e zela para que tudo esteja em seu lugar. É a patroa, designação que revela o mesmo padrão de relações hierárquicas na família e no trabalho.<sup>183</sup>

As mulheres, de um modo geral, principalmente as mais idosas, possuem vivas na memória as lembranças de infância. As brincadeiras em casa com os irmãos e primos ou na escola são as mais constantes, pois as reportam a momentos lúdicos e trazem alegria e lembranças felizes de suas vidas. Isto se deve ao fato do

tema da infância despontar como uma forma de explicação para atitudes e sentimentos experimentados como avós, em meio a um relato em que o presente está constantemente referido a um passado, não um passado relatado linearmente, mas pinçado aos poucos num processo de associações entre hoje e ontem, seja este ontem distante ou não. As idas e vindas ao passado de suas vidas transformaram as entrevistas em histórias de vida, permitindo não só uma visão de suas trajetórias como também uma perspectiva de seu meio social.<sup>184</sup>

Essas lembranças são as mais belas relatadas pelas entrevistadas. Exemplo disso é o da entrevistada que, ao relembrar as brincadeiras de infância, compara o que viveu quando criança com a infância do neto, e ainda revive com a irmã estes momentos de descontração. Ela relembra com entusiasmo:

Nossa isso tinha muitas brincadeiras, a gente brincava de esconder, aí tinha as amiga e a gente ia se encontrar, hoje em dia não tem mais isso, antigamente tinha no meu tempo de menina. A gente chegava quando era época de bergamota a gente subia na bergamoteira, comia bergamota e brincava de esconder, ai tudo era diferente. Eu e a minha irmã lá na várzea, esses dias eu tava me lembrando; meu neto foi tomar banho lá no arroio com um coleguinha sábado, daí eles pegaro e fizeram bolinha de barro e

<sup>182</sup> CARNEIRO, Maria José. Herança e gênero entre agricultores familiares. *Estudos Feministas*, ano 9, segundo semestre de 2001. p. 32.

<sup>183</sup> SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem moral. *Caderno de Pesquisa*, n. 91, São Paulo: novembro de 1994. p. 47.

<sup>184</sup> BARROS, Myriam Moraes Lins. Memória e Família. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro: 1989. p. 32.

jogaro nas minhas vaca, deixaro as minhas vaca num negócio, depois meu neto caiu e quebrou o braço lá. Mas nós quando era pequena, até liguei pra minha irmã e eu falei pra ela, aí ela disse assim se lembrando. [...] Lá na várzea nós tinha lavoura de milho, o pai e a mãe trabalhava na lavoura de milho, e eu e a minha irmã era pequena, tinha assim um negócio como daqui até lá, era tipo uma gamela de água que era assim tipo um açudinho. Quando a mãe chegou lá encontrou nós, mas olha, nós dele jogar barro dentro daquela água, fazia as bolinha e jogava dentro da água. Nossa! Era diferente do que hoje em dia. Hoje em dia as criança tão o que, no computador, num negócio assim. No nosso tempo era a natureza. Quando era o tempo do caqui a gente comia, sempre era assim, a turma se encontrava e achava um brinquedo, pros menor, pros maior daí era mais conversa, mas sempre brincadeira, era uma vida bem mais divertida.<sup>185</sup>

Em outra entrevista, as lembranças de escola também são evocadas. Apesar de permanecerem pouco tempo no ambiente escolar, lembram com saudade e alegria desta época, onde além do aprendizado formal, a brincadeira era parte importante dos momentos de escola. Além disso, o caminho da escola também representava um momento de diversão. Segundo esta entrevistada

nós caminhava daqui até lá no grupo, são mais de dois quilômetro de caminhada, nós passava no potreiro dos Flech, que hoje em dia já não existe mais, mais tinha um açude pra baixo aonde era ponte, aí todo mundo ia de tamanco, as guria iam de sapatinho assim, as menina, mas a maior parte era chininho de couro e tamanco. Aí caía um calçado lá em baixo, aí uns guri pegavam pedra e iam lá em cima da ponte e puxavam o tamanco ou o chinelo mais pra perto do rio né, e os outros. E do outro lado ficava a repreza, aí nós ia pra casa só de meia de certo. Se pudessem ver, gente, as grama eram uns capim alto assim, os guri então faziam nó, que era um trilhinho de coelho onde as pessoa tudo tinham que passar ali, não era só os alunos que iam pra escola, eram os que pegavam ônibus, tudo. Aí os guri inventaram de fazer nó pros guri se laçar e caí, mas caía as pessoa, aí eles iam lá no colégio reclamar, iam tudo pra sala da direção no outro dia. E daí tinha três pinguelinha que era três tabuinhas assim, aquilo furou, os nó caíram fora eu acho, os guri pisavam em cima pra voa água debaixo dos vestido das guria. Por que as guria iam de vestido de pelúcia, casaco de pelúcia. Até eu tenho uma fotografia da minha turma, as menininha tudo de vestido e a professora também de vestido!<sup>186</sup>

Ainda na infância, as memórias referentes ao pai e à mãe também são muito frequentes. As figuras dos pais aparecem como centrais nas lembranças de infância destas mulheres. Os pais fazem parte do imaginário da infância, ora com belas lembranças, ora com lembranças traumáticas e tristes.

Essas memórias são reavivadas a todo o momento, por isso mesmo, ao suscitar as lembranças das entrevistas, as primeiras memórias a serem salientadas são as referentes às suas famílias, que, ao mesmo tempo em que são individuais e apresentam caráter afetivo, também expressam a importância e permanência da instituição familiar<sup>187</sup>. Sendo assim, a

<sup>185</sup> Entrevista número 6, realizada no dia 23 de janeiro de 2014.

<sup>186</sup> Entrevista número 4, realizada no dia 16 de junho de 2013.

<sup>187</sup> BENJAMIN, Waller. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura, Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, v. 1, 1987.

importância do grupo familiar como referência fundamental para a reconstrução do passado advém do fato de a família ser, ao mesmo tempo, o objeto das recordações dos indivíduos e o espaço em que essas recordações podem ser avivadas.<sup>188</sup>

Ao pai é atribuído o sustento da casa, o trabalho braçal; o pai também representa a disciplina e a ordem na família. Como ele é o homem da casa, precisa dar o exemplo. As lembranças de um pai afetuoso e carinhoso dificilmente aparecem, na maioria dos casos, são pais sisudos, sérios e tristes.

Neste aspecto conseguimos perceber isto principalmente quando analisamos a construção masculina na sociedade moderna. O homem deve ter algumas atribuições, sendo o papel central deste o de mediador entre a família e o mundo externo de forma que se reafirma a tradicional autoridade masculina, fragilizando totalmente a família onde não há um homem “provedor” de teto, alimento e respeito.<sup>189</sup>

Nos relatos coletados isto aparece com bastante frequência, pois o pai é quase uma figura mítica, cheio de austeridade e conhecimento. Uma das entrevistadas relembra com emoção da figura paterna quando relata:

[...] o pai pegava lenha no mato e trazia pra casa e aqueles pau ele limpava, aí pegava um machado, pegava as lenha assim e queria fazê aqueles santo pra Igreja, ele fazia o São José, o Santo Antônio, ele fazia do tamanho do São José, a faquinha, a canivete. Se sentava ali ai a gente ali e olhava e pensava: - Mas como é que o pai fazia aquelas coisa ali! As unha pintada, a boquinha igual, pena que eu não tenho um santo pra mostrá, mas na minha família todos tem. Em cada família tem um santo que foi ele que fez.[...] Meu pai tinha letra muito bonita, pra quem não entende nada, isso é as coisa que tu tem que saber. Quando tu vai reto, ou vai pra cima ou pra baixo, isso tu tem que sabê, tem que aprender se não tu não é cantora certa. Claro, hoje em dia não tem mais, é difícil tu achar. Mais o meu pai, veio um cara lá de Igrejinha e disse: - Vocês cuidem bem do pai de vocês, pois não existe mais. Não existe a pessoa com uma cabeça que nem do teu pai.[...] Meu pai não tinha professor nem nada, era tudo da cabeça dele.<sup>190</sup>

Outra entrevistada fala sobre o pai como um homem muito trabalhador, forte e que lhe deu uma educação muito rígida. Esta educação, vinda do pai e da mãe, fica explícita quando relata que

isso aí é o que eu mais tenho do meu pai, o respeito, a educação do pai e da mãe. Meu pai nunca precisou nos chamar a atenção, duas irmãs pai e mãe, uma já é falecida que já era filha dele, ela sempre dizia, nós olhando pro olho do nosso pai, tava escrito, nós já sabia e mãe a mesma coisa.<sup>191</sup>

<sup>188</sup> BARROS, 1989, p. 34.

<sup>189</sup> SARTI, 1994, p. 47.

<sup>190</sup> Entrevista número 1, realizada no dia 5 de abril de 2013.

<sup>191</sup> Entrevista número 2, realizada em 5 de abril de 2013.

Uma terceira entrevistada apresenta a figura paterna como extremamente rígida com os filhos, um homem que não tolera erros, falhas. Uma pessoa que não permite que nada saia de seu controle. Ela afirma que o pai tinha uma postura firme:

Que que eu vou dizer que ele eram assim bem, assim bem rígido com a gente (referindo-se a pais). Mandava a gente pra roça, daí o pai gostava de ir assim atrás pra escutar, pra ver se a gente não tava conversando coisas que não pertencia ainda pra gente. Aí quando a gente chegava ou ele chegava perto já gritava, depende o que que a gente tava falando ou fazendo já o laço pegava de noite.<sup>192</sup>

Em contrapartida a mãe, na memória das mulheres, é uma figura ímpar. Afetuosa e cuidadosa consegue dar conta da casa, da família e da roça, no caso das mulheres do interior. Esta mãe polivalente aparece na maior parte das vezes como responsável por inúmeras tarefas. Ao mesmo tempo, o trabalho consome suas vidas de tal modo que falecem muito jovens.

Este fator tem fundamento na medida em que as mulheres “colonas” realmente são responsáveis por muitas tarefas ao mesmo tempo. Seja qual for a comunidade na qual estão inseridas, a “colona” é responsável por diferentes funções, dentro e no entorno da casa, como afirma Joana Bahia, ao referir-se a comunidade pomerana em Curitiba:

As mulheres cuidam dos serviços da casa, tais como: preparar o café da manhã para a família, fazer o almoço, o lanche e o jantar (sobras do almoço), tomar conta das crianças e cuidar dos animais, especialmente tomar conta das galinhas.[...] A mulher ainda é responsável pelo preparo de doces, geléias, bolos, pães de milho (Brot) e/ou cará e/ou inhame, manteiga, coalhada, de acordo com as receitas herdadas da mãe, para serem vendidos na ocasião das feiras locais. Elas também bordam e costuram para fora, vendendo nas lojinhas de artesanato da região, nas feiras locais e nas festividades comunais[...].<sup>193</sup>

As lembranças das mulheres “colonas” acerca de suas mães aparecem exatamente neste sentido, sempre voltadas ao trabalho e aos cuidados dos filhos da família. Muitas entrevistadas descrevem suas mães como “trabalhadeiras”, “que não paravam nunca”; descrevem também com detalhes um cotidiano repleto de afazeres que não poderiam ser deixados de lado, pois destes dependiam todos da família.

<sup>192</sup> Entrevista número 3, realizada no dia 16 de junho de 2013.

<sup>193</sup> BAHIA, Joana. O pão nosso de cada dia. Religião e consumo na imigração alemã. Trabalho apresentado no Seminário Temático Vida sustentável: práticas cotidianas de consumo, apresentado no VI Encontro Nacional de Estudos do Consumo e II Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo, ocorrido entre os dias 12, 13 e 14 de setembro de 2012 na cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.sisgeenco.com.br/sistema/enec/enec2012/ARQUIVOS/GT5-254-236-20120806231817.pdf>> Acesso em: abril de 2014.

No sentido disciplinar, a mãe pouco participa, pois este é o papel do pai. Isto fica muito claro em uma das entrevistas onde a mãe não interfere de maneira incisiva na disciplina dos filhos, deixando para o pai a última palavra. Ela relata o fato da seguinte forma:

Ah, o pai era o mais brabo. A mãe era braba assim, mais não assim né, o pai era bem né... ele era bem durão, ele... Ainda esses dia eu ainda tava falando, eu já tinha dezesseis ano, eu acho, aquela vez quando eu apanhei muito quando eu fui no baile no "Pita Rosa" com o Trabuco (apelido do irmão mais velho). Acho que eu tinha dezesseis ano né, o Trabuco dezessete, por aí. Nós fumo num baile de carnaval, lá no "Pita Rosa" daí o falecido pai tinha ido pescá, e o Trabuco, que é o meu irmão mais veio mora em Taquara, ele disse: - Mana, vamo nós ir no baile hoje de noite de carnaval? Daí eu disse: - Ai, no baile de carnaval hoje de noite. Daí ele disse: - É, lá no Pita, vamo! Daí eu disse: - Mas o pai não tá em casa ele não vai deixar! Perguntei a mãe, a mãe disse: - Ah, porque que tu não perguntou ao teu pai!- Não - diz o Trabuco - o pai não vai[...] Aha, aha, ahá, e o Trabuco enchendo a minha cabeça e dizendo vamo, vamo e eu louca pra ir também né, daí se inventemo, se arrumemo e fui, e o pai tinha ido pra pescaria, daí eu disse pra ele, quando nós vinha voltando eu disse pra ele: - Tomara que o pai não chegue agora mesmo que nós tamo chegando do baile, que o pai chegue... Aí, não deu outra... chegemo em casa o pai tava limpando peixe. Levei uma tunda, uma tunda, uma tunda que nunca mais me esqueço. Só porque eu fui no baile ele não tinha me dado orde né. Meu irmão apanhou, mais não tanto, porque ele já né... já era uma pouco mais né... era home! Ai, aquilo esses dia eu ainda tava comentando, eu disse, nossa, aquilo eu nunca vou esquecer. Fui faceira num baile [...], meu Deus do céu, nunca vou me esquece, depois nunca mais também, se os véio não deixava ir não ia. Não a mãe disse: - Tu faz como tu quer só tu sabe como é que o pai é... me arrependi. Foi um baile ruim. Não, ele deixava se a gente perguntava ele deixava não tinha problema né, só que ele ficou indignado que eu fui sem orde né.<sup>194</sup>

Após a infância, a adolescência quase não aparece como fator importante na vida das mulheres de mais idade, pois logo que deixava de ser criança já precisava lidar com as responsabilidades de adulta, sem tempo para viver esta fase da vida; somente algumas lembranças de bailes que frequentavam. Estas lembranças serão analisadas com mais profundidade nas próximas seções que abordarão a vida social das depoentes.

Além disso, era costume casar-se muito jovem, principalmente entre as mulheres, até porque não tinham muitas opções, ou se casavam logo ou ficavam mal faladas se por acaso ficassem solteironas. O casamento era a sina de toda boa menina, até porque ser solteira significava não ter filhos e, conseqüentemente, não ter braços para o trabalho na lavoura. Segundo Ranzi:

Vários são os fatores que podem interferir nas alterações das idades médias ao casar: econômicos, políticos, sociais, como também elas podem ocorrer em função da dinâmica da composição etária e por sexo da população. E quase óbvio que o desequilíbrio entre o número de homens e de mulheres nas idades do primeiro casamento poderá desempenhar um papel fundamental nos padrões de casamento, acarretando modificações que podem ser até bastante profundas. Essas desproporções podem se originar também da diferença nos números relativos às

<sup>194</sup> Entrevista número 4, realizada no dia 16 de junho de 2013.



várias faixas etárias, devido ao costume quase universal de as mulheres se casarem com homens mais velhos.<sup>195</sup>

Nas memórias destas “colonas”, o casamento significa a passagem da vida infantil para a vida adulta, até porque todas elas se casaram muito cedo, algumas ainda na adolescência. Como afirma outra entrevistada: “Aí eu comecei a namorar aos quinze anos meu marido. Casemos, ahh [...] com dezoito eu tive a primeira filha, quatro anos depois a outra, daí isso já.”<sup>196</sup>

Também relatam que logo que se casavam, se tornavam mães e este momento também foi decisivo para que ocorresse esta passagem da infância para vida adulta. Além disso, a experiência materna não era planejada, por isso as gestações eram sucessivas, muitas vezes com lembranças dolorosas, como abortos e nascimentos prematuros que, por falta de recursos, levaram ao falecimento do bebê. Assim podemos destacar, por exemplo, a entrevista onde este episódio aparece:

Eu casei com 19 anos e o primeiro filho veio logo, veio apressado (risos). Mais eu perdi meu primeiro... eu tive cinco filhos, eu tenho só três mais eu tive cinco, os dois primeiros eu perdi. Eu perdi um ele tinha três meses e o outro com seis meses de gravidez, eu tinha um aborto quando eu tava com seis meses, se fosse hoje ia se criar né, mas naquela época não. Eu tava tirando leite, a vaca tinha um terneiro muito grande e eu tinha que bota o terneiro na vaca pra descer o leite né. Daí quando eu fui tirar o terneiro da vaca eu fiz muita força daí eu tive um aborto com seis meses, daí eu perdi ele, ele nasceu vivo, tudo perfeitinho né, ele era grandinho, mas eu perdi ele... se fosse hoje se criava né, que a minha neta ali nasceu de sete meses e se criou, que daí põe lá na incubadora, hoje em dia tu também dificilmente houve dizer que morreu uma criança. Antigamente era normal.<sup>197</sup>

Também quando falam da sobre os filhos, relatam todos os detalhes, da infância a fase adulta, das alegrias e dos momentos de angústia que viveram. Falam e se emocionam orgulhosas dos homens e mulheres que hoje trilham sozinhos seus caminhos. Deste modo, relata uma entrevistada os ensinamentos que aprendeu com os pais e ensinou para seus filhos:

Sei lá né, ser honesto, não menti, não tirar nada de ninguém. Foi uma coisa que eu também ensinei muito meus filho a não menti e não tirar nada de ninguém. E não se deixar usa também, até hoje em dia eles dizem: - Mãe, que bom que tu ensinou isso! Eu disse: - Olha, não foi só a mãe ter ensinado vocês, vocês tem que ver o que é melhor e fazer o que é melhor. Não adianta de repente o filho ser ensinado e ele não fazer aquilo, que às vezes a pessoa não consegue fazer aquilo que é ensinado, e às

<sup>195</sup> RANZI, Sirlei Maria Fischer. Alemães católicos: Um estudo comparativo das famílias em Curitiba. (1850-1919). Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1996. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24635/T%20%20RANZI,%20SERLEI%20MARIA%20FISCHER.pdf?sequence=1>> . Acesso em: fevereiro de 2014. p. 75.

<sup>196</sup> Entrevista número 2, realizada dia 5 de abril de 2013.

<sup>197</sup> Entrevista número 7, realizada no dia 23 de janeiro de 2013.

vezes um pai ou uma mãe podem ensinar errado, se um pai ou uma mãe são drogado eles vão ensinar errado, a criança vai ter que ver no futuro, vai ter que peneirar.<sup>198</sup>

Outra entrevistada fala detalhadamente das conquistas feitas pelos filhos, filhos estes que criou sozinha porque ficou viúva aos trinta e quatro anos de idade. Relata com mais entusiasmo os feitos das filhas, pois ambas conseguiram se formar no magistério, o que é motivo de orgulho da mãe que não teve a oportunidade de sequer concluir o ensino fundamental. Ela afirma orgulhosa:

As duas são professora, essa aqui já é aposentada meio turno, então ela continua ali, dois anos ela vai ficar ainda tranquilo. Ela trabalha aqui no colégio de noite e em Parobé de tarde, ela vai mais dois anos pra Parobé agora e a outra trabalha em Campo Bom, também tá com os papel encaminhado para se aposentar um tuno né, ela trabalha também o dia inteiro. Ela trabalha naquela escola... sabe ali onde a gente tem o retorno pra Campo Bom ali no pedágio, ali quando tu chega ali, quando tu passa a ponte, tu chega ali, era escola de arte primeiro, ali ela tá trabalhando agora, faz uns quantos anos que ela tá trabalhando ali, ali é turno inverso né, os que tem aula em outros colégio de manhã vem de tarde pra ali, e os do turno da tarde tem aula de manhã. E agora ela trabalha com informática, ela trabalhava com artes né, também com essas coisa de muda, horta e flor, e agora ela tá na informática, só numa sala é mais light... tinha horas que tinha que levar os guri pro campo pra joga futebol aí tinha que ajudar a atravessar a rua pra levar no campinho sabe. E ela é braba sabe, ela gosta que a coisa seja direita e tava se estressando muito sabe, aí agora ela tá.<sup>199</sup>

No momento em que passam a ocupar o papel de mãe, começam a perceber que a mulher pertence ao espaço privado, mas que também ocupa o espaço público, na medida em que fica envolvida com os afazeres domésticos e no trabalho da roça.

Momentos, lembranças e saudades, o assunto família traz a tona vivências que marcaram profundamente a vida destas mulheres. Tanto é que ao falarem sobre suas famílias, seja ela a família da época de solteira quanto a família que construíram, como afirma de maneira saudosa uma entrevistada:

A família pra mim é tudo, tanto do meu pai e da minha mãe quanto da minha. Assim a minha família pra mim é tudo. Eu tenho a minha neta que eu adoro, eu tenho dois netos. Eu só tenho a filha que é casada e tem uma filha de 23 anos e o gurizinho que vai fazer nove. Então a neta praticamente eu e o César (o filho mais novo) que criamos né porque ela trabalhava o dia inteiro, ele trabalhava o dia inteiro na fábrica e ela na escola e ela passava o dia inteiro comigo. Domingo eu não saio, dificilmente eu saio de casa eu ganho pouca visita, só quando meus filhos vem. Aqui em casa é assim, é a casa da vovó Chiquinha, de manhã das sete as oito nós tomamos chimarrão, isso é sagrado.<sup>200</sup>

É claro que, estas famílias não são mais como antigamente. A maioria das entrevistadas já é viúva há algum tempo, vive muito solitária devido ao fato de seus filhos e

<sup>198</sup> Entrevista número 5, realizada no dia 16 de junho de 2013.

<sup>199</sup> Entrevista número 7, realizada dia 23 de janeiro de 2014.

<sup>200</sup> Entrevista número 7, realizada no dia 23 de janeiro de 2014.

filhas não quererem mais viver na localidade, pois seguiram outros rumos em suas vidas. Esta situação deixa estas mulheres mais vulneráveis o que, em alguns casos, as leva a saudosismos exacerbados, como no caso de um entrevistada que sinaliza:

O Daltro não tem igual. Quando eles tão tudo junto, todo mundo fala junto, todo mundo se entende junto. Na nossa cozinha todo mundo cozinhava junto, só a comida daí quando um não sabia se tinha sal numa ou noutra coisa, pegava experimentava a comida. Às vez tinha cinco cozinheira. Passou tudo, eu tenho saudade dos meus tempo.<sup>201</sup>

Pude observar que, devido ao fato de estarem se sentindo muito solitárias, muitas entrevistadas fazem uso de medicamento para controlar a depressão. A viuvez é outro assunto que revira as lembranças das entrevistadas, trazendo à tona memórias dolorosas de momentos difíceis de suas vidas. Isto fica claro no relato de uma entrevistada que afirma:

Ele tava aposentado e eu tava trabalhando e o dinheiro não chegava pra comprá os remédio, não chegava.... mas, a única coisa que eu sinto, ainda tava falando hoje de manhã pelo telefone, eu não tive condições de ir junto pra Porto Alegre, quando ele morreu, na noite que ele morreu, eles levaram duas vezes para Porto Alegre e... a segunda vez eu não tive mais condições de ir junto, porque eu tinha passado duas noites sem dormir, por causa que o velho que eu cuidava tava alvoroçado, e durante o dia eu tinha que trabalhar que era um horror pra poder ficar.<sup>202</sup>

Provedoras de suas famílias, as mulheres viúvas precisam assumir, de certa forma, a função que antes era exclusivamente do marido, e passam a ser a referência absoluta da família. Como afirma Sarti:

Nos casos de viuvez ou separação sem nova união, a mãe torna-se a figura aglutinadora dos desamparos (desemprego, separações conjugais, etc). Sendo o ponto de referência para toda a família, à mãe é de devido um respeito particular, sobretudo se ela tiver uma idade mais avançada, que tem o sentido de uma retribuição do filho à mãe que o criou.<sup>203</sup>

Viúvas ou casadas, estas “colonas”, além da importância da família, valorizam de maneira muito intensa o trabalho. Aliás, o trabalho perpassa todas as fases da vida dessas entrevistadas, deste a infância, passando pela adolescência e fase adulta e chegando na velhice. E é este aspecto tão valorizado e enfatizado por elas que será tratado a seguir.

<sup>201</sup> Entrevista número 4, realizada no dia 16 de junho de 2013.

<sup>202</sup> Entrevista número 2, realizada no dia 5 de abril de 2013.

<sup>203</sup> SARTI, 1994, p. 49.

### 3.2. Trabalho

Juntamente com a família, o trabalho é parte fundamental na vida das mulheres “colonas”. Valorizam muito tudo aquilo que conquistaram com o suor de seu trabalho. Para elas, o trabalho é parte integrante da sua vida. Elas não conseguem enxergar sua trajetória e sua existência sem o trabalho, seja ele o trabalho da roça ou o doméstico.

A importância do trabalho se deve ao fato de o próprio imigrante alemão ter esta característica como fundamental para sua sobrevivência na colônia. Ou trabalhava, ou jamais conseguiria vencer os obstáculos impostos pela natureza e pelas adversidades de um ambiente tão inóspito. Como salienta Bublitz:

No lugar de campos tranquilos e bucólicos, como muitos imaginaram, ou mesmo de áreas antropizadas, com as quais estavam acostumados, os forasteiros encontraram um cenário intimidador. Ali imperava a chamada *Urwald* – palavra que se tornaria uma constante nas cartas e diários desses homens e mulheres. Era a floresta virgem, feita de imensos exemplares de cedros, cabriúvas, angicos e canafístulas, dentre outras milhares de espécies, em meio a emaranhados de cipós e trepadeiras. Tratava-se de uma paisagem ambígua que despertou medo e, ao mesmo tempo, fascínio.<sup>204</sup>

Também é importante frisar a concepção do próprio conceito de trabalho, algo que passa adquirir muita importância na sociedade ocidental a partir da Idade Moderna. Se antes, na Antiguidade e na Idade Média, o trabalho era visto como função exclusiva de escravos e grupos empobrecidos, a partir da solidificação do capitalismo em meados do século XVI e com maior ênfase no século XVIII, o trabalho passa a ter maior sentido, passa a ser o cerne que sustenta a sociedade. Por isso mesmo podemos reforçar a ideia de que

historicamente, o mundo antigo tratou o trabalho com demérito, considerando-o um fardo necessário à sobrevivência, indigno aos homens livres. Somente a partir do século XVI, com a institucionalização da ética protestante, e mais intensamente no século XVIII, com a industrialização e os avanços do modo de produção capitalista, é que o desprezo com o qual os ancestrais gregos e medievais tratavam o trabalho foi substituído por sua valorização, não apenas como ação de sobrevivência, mas como fonte de realização.<sup>205</sup>

As ideias iluministas surgidas no século XVIII vêm de encontro às necessidades de uma classe burguesa trabalhadora, afinal de contas são os burgueses que, em sua maioria, sustentam e pregam essas ideias. Dentro deste propósito, o trabalho passa a ser o bem mais

<sup>204</sup> BUBLITZ, Juliana. Forasteiros na Floresta Subtropical: notas para uma história ambiental da colonização alemã no Rio Grande do Sul. *Ambiente & Sociedade*, v.11, n. 2, Campinas, julho/dezembro de 2008. p. 324.

<sup>205</sup> DOURADO, Débora Paschoal, HOLANDA, Luciana Araújo de, SILVA, Michelaine Machado Maciel da, BISPO, Danielle de Araújo. Sobre o sentido do trabalho fora do enclave de mercado. *Cadernos EBAPE*, v. 7, n. 2, Rio de Janeiro, junho de 2009. p. 350.

valioso de qualquer ser humano, proporcionando a ele satisfação e realização com base naquilo que ele pode construir. Portanto, o trabalho passa a ter um sentido maior, um sentido socialmente importante, onde

o sentido do trabalho é entendido como uma estrutura afetiva que engloba, além do significado individual, coletivo e social do trabalho, a utilidade da tarefa executada para a organização a que se pertence, a autorrealização e a satisfação, o sentimento de desenvolvimento e evolução pessoal e profissional e a liberdade e autonomia para a execução das tarefas.<sup>206</sup>

O capitalismo, baseado na teoria liberal, fortifica a tese de que o trabalho enobrece o homem, e somente através dele haverá um crescimento, um enriquecimento tanto material quanto espiritual. Segundo a teoria de Adam Smith, o trabalho é a base da construção e do fortalecimento de uma sociedade moderna. A modernidade, por sua vez, traz uma nova concepção de trabalho, mudando completamente sua função. Deste modo, se

antes indigno, o trabalho passa a ser exaltado na sociedade moderna e contemporânea e a evidenciar a habilidade de “vencer na vida” pela atividade produtiva. Os bem-sucedidos sentem-se estimulados a trabalhar cada vez mais e, por este estímulo, forjam uma imagem de permanente satisfação com suas ocupações.<sup>207</sup>

A partir desta concepção, cria-se uma supervalorização do trabalho, como fonte de sustento e motivação para a vida. Inclusive os discursos eclesiásticos vão fundamentar esta teoria através de textos e falas que enobrecem o labor; no catolicismo a valorização de santos que trabalharam durante sua vida como São José; entre os protestantes os discursos tendem a enfatizar a importância de crescer através de seu trabalho, conseqüentemente sendo merecedor do reino dos céus. A Bíblia passa a explicar a importância do trabalho para a sociedade cristã. Assim sendo

o trabalho, como um fim absoluto em si mesmo, não é uma atitude natural, advém da ideia bíblica de vocação e só pode ser produzido por um longo e árduo processo de educação e formação religiosa de todo um grupo social. O homem dominado pela geração e aquisição de riqueza como propósito final da vida, sem consumi-la nem dela desfrutar, é fruto de uma formação protestante cujo *ethos* estabelece uma inclinação pessoal moralmente neutra como regra de conduta de vida. Tal ética foi o poderoso aliado do capitalismo, embora não intencionalmente.<sup>208</sup>

Com base nisto, foi sendo aos poucos construído um ideal de ser humano moderno, onde o trabalho é a fonte de inspiração e motivo para o crescimento do indivíduo. É neste ponto que se cria também o discurso acerca do trabalho imigrante em terras americanas.

<sup>206</sup> DOURADO, 2009, p. 352.

<sup>207</sup> DOURADO, 2009, p. 356.

<sup>208</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2002. p. 55.

Os imigrantes europeus que se dirigiram à América no século XIX possuem a clara intenção de “fazer a América” por meio de trabalho; trabalho árduo, trabalho incessante, mas que, no final, traria prazer e realização. Esses imigrantes já trazem consigo os ideais iluministas de valorização do trabalho, por isso mesmo seus atos são considerados importantes para o Brasil, já que esta não era considerada uma característica dos nativos brasileiros, considerados preguiçosos e limitados.

Para tanto, era necessária mão de obra imigrante, não só como parte integrante do desenvolvimento econômico nacional, mas também e principalmente, para garantir a elevação da cultura brasileira, já que a entrada do colono estrangeiro representava de fato este objetivo. Segundo Andreazza e Nadalin:

A proposta traduzia-se numa receita para o progresso, via introdução do imigrante branco, livre, pacífico e trabalhador capaz de ajudar a apurar e “tonificar” - leia-se branquear - tanto a raça brasileira como o trabalho. O contato com o imigrante europeu deveria servir à eliminação das máculas da sociedade brasileira e levar o elemento nacional a produzir.<sup>209</sup>

Aliás, é com base nessa expectativa que tanto imigrantes alemães vêm para o Brasil, quanto o governo brasileiro acredita que a contratação destes imigrantes seria fundamental para o crescimento econômico e cultural do país, já que estes europeus possuem em suas entranhas o hábito de laborar.

A partir de então se constrói um ideal de imigrante, ou ainda mais, um ideal de colono. Afirma-se que o imigrante que se dispõe a vir para o Brasil tem braços fortes e está pronto para trabalhar em favor da nação, sendo responsável pelo desenvolvimento do país em diversos ângulos. Com isso,

a ideia de colônia, nesse caso, ultrapassa a definição oficial da qual o termo foi apropriado numa dimensão étnica. Imigrantes e descendentes têm em comum a participação no mesmo processo de colonização controlado e, de certa forma, dirigido pelo Estado, e a conseqüente adaptação a um novo meio, e a dessemelhança contida na adjetivação das colônias aponta para certas características relacionadas às sociedades nacionais que supõem uma origem comum.<sup>210</sup>

Isto se torna ainda mais evidente na medida em que o imigrante passa a abrir picadas e formar pequenas comunidades. Ao assumir o papel de “desbravador” o colono passa, aos poucos, a ser idealizado como tipo perfeito de cidadão, um cidadão que vive para o trabalho

---

<sup>209</sup> ANDREAZZA, Maria Luiza, NADALIN, Sérgio Odilon. O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante. *Revista Brasileira de Estudos Populares*, v. 11, n. 1, Campinas, 1994. p. 68.

<sup>210</sup> SEYFERTH, 2012, p. 16.

que faz deste um meio para o progresso, contribuindo assim para o crescimento da pátria a qual faz parte. A imigração seria a melhor maneira de promover o crescimento do país, já que

o discurso salientava a chegada do colono imigrante, livre, morigerado e laborioso, seja para a fazenda de café, vendendo sua força de trabalho (ou para contribuir nas tão necessárias “obras públicas”, seja como pequeno proprietário, para a ocupação de vazios demográficos e o fortalecimento de gêneros de abastecimento de que a população era tão carente.<sup>211</sup>

De fato o trabalho foi muito importante para que o colono sobrevivesse às adversidades encontradas nas terras que veio ocupar. Se não houvesse muita persistência não teria conseguido se adaptar ao ambiente e muito menos conseguiria êxito.

As adversidades encontradas são um fator recorrente entre as entrevistadas. Uma depoente lembra com muita tristeza da vida que seus pais enfrentavam na colônia. Ela afirma que:

Tudo muito difícil, quem tinha que regava à água, tudo bem, mas o pobre não tinha pra eles![...] Viviam mais é do leiteinho que tiravam, vendiam muita goiaba, aquelas goiaba da... inclusive o Henrique, pai do Henrique que comprava as goiaba pra levar pra Pelotas, uns caminhão de goiaba, até meu falecido sogro vendia, mais daí eu nem conhecia eles, fiquei só sabendo depois, mas de lá eu sabia. E o meu pai trabalhava muito puxando madeira pra um tio meu que tinha serraria, tio não, a esposa dele era irmã da minha vó, mas ela era minha madrinha de casamento. Hoje não tem mais nada!<sup>212</sup>

Como o trabalho imigrante era baseado no núcleo familiar, cada ente da família tinha uma função bem específica. Os pais eram responsáveis pela terra, o pai pela produção e sustento econômico, a mãe pela produção, pela geração de braços para trabalhar e pela organização e manutenção da família, os filhos, por sua vez, quando já conseguiam caminhar, iam junto para roça ajudar os pais. Portanto,

dois aspectos podem explicar a divisão de trabalho que se estabelece entre homens e mulheres rurais. O primeiro é que a unidade familiar de produção caracteriza-se por reunir os esforços de todos os membros da família, com vistas ao benefício de todos, havendo uma necessária aproximação entre unidade de produção e unidade de consumo. O segundo é que vivemos em uma sociedade paternalista, e de certo modo machista, em que se atribui ao homem o papel de responsável pelo provimento da família. Ocorre que as atividades geralmente desenvolvidas pelas mulheres na esfera produtiva dos estabelecimentos agropecuários requerem algumas qualidades que supostamente as mulheres (adultas e jovens) possuem (por natureza ou por aquisição, através do processo de socialização) ou que sua situação de trabalhadoras eventuais propicia (devido à manutenção de suas obrigações na esfera da reprodução).<sup>213</sup>

<sup>211</sup> ANREAZZA & NADALIN, 1994, p. 69.

<sup>212</sup> Entrevista número 2, realizada no dia 5 de abril de 2013.

<sup>213</sup> BRUMER, Anita. Gênero e Agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Estudos Feministas*, v. 12, n. 1. Florianópolis, janeiro/ abril de 2004. p. 213.

Esta função não era totalmente bem distribuída, pois as mulheres ficavam com a maior parte das tarefas. Isto está presente de várias maneiras nos relatos das mulheres “colonas”. Como afirma esta entrevistada, que se refere ao trabalho exaustivo da mãe:

A mãe fazia porvilho, chimia doce[...] ai, aquela meleca no inverno pra descasca [...] a gente fazia melancia de porco, aham, ai deixa eu ver! Laranja, melancia de porco, chuchu, hum... tinha as coisa que eu gostava de descasca, mas aham, ai laranja era horrível! Ui, eu não podia nem pensar, parece que eu tô vendo até assim. E daí ela fazia o melado, fazia açúcar mascavo, que na época era chamado de açúcar amarelo, mascavo agora é açúcar. Açúcar mascavo, a mãe fazia muito, o porvilho pra gente tê o ano inteiro. Era selecionado o milho pra fazer farinha de milho, então se comprava muita pouca coisa, mais era o sal, café, tinha um pé, mais não dava pro ano inteiro, os grão era torrado no fornilho do fogão, depois era com a maquininha.[...] Minha mãe sofreu muito, trabalhando muito, meu Deus eu nunca vi a mãe para, eu nunca vi minha mãe parada.<sup>214</sup>

Em outro relato, a depoente lembra o trabalho da mãe com muito carinho, principalmente porque relembra que sua vida tem muito a ver com a roça, portanto essa ligação dela com a terra é herança de seus antepassados. Ela expressa isso assim:

Eu me criei assim na roça, eu praticamente nasci na roça. A minha mãe quando tava assim, ele tinha um balaio daí ela me levava sentada dentro daquele balaio e me botava debaixo de uma sombra e ela tinha um cachorrinho branquinho que ficava ali cuidando de mim. Diz que daí ficava assim não deixava chegar nada perto de mim, daí era engraçado quando minha mãe contava.<sup>215</sup>

Como a vida e família destas mulheres dependia muito do trabalho delas, os afazeres da roça e da casa precisavam ser muito bem distribuídos, afinal de contas, ela acumulava diversas funções ao mesmo tempo. Não era raro as mães levarem seus filhos para roça desde bebês para que pudessem continuar a produzir. Se isso não fosse possível, os mais velhos cuidavam dos mais novos, como relata uma depoente:

[..] quando eu casei eu tinha toda a experiência, porque assim ó, a minha mãe, eu tenho um irmão que mora aqui em Parobé, e eu completei cinco ano em janeiro e ele nasceu em setembro, a minha mãe se via ali né, mas ela ia pra roça e deixava eu cuidando daquele bebê e cozinhando feijão, aí sabe, qualquer coisa a mãe tava lá mais ela deixava eu, hoje tu vai deixar uma criança de cinco anos. Ela dizia, cuida desse bebê pra mim trabalhar, e ai que ela chegasse em casa e o feijão tivesse queimado ou aquela criança, né, ela... era uma responsabilidade enorme que ela largava na gente.<sup>216</sup>

O trabalho para estas mulheres está presente desde muito cedo. Na infância, acompanhando suas mães na roça, quando ainda são bem pequenas, já começam a auxiliar em pequenas atividades, como relata uma das depoentes que, aos seis anos de idade, ganhou um presente de aniversário de seu pai, uma enxadinha, como ela mesma fala:

<sup>214</sup> Entrevista número 5, realizada no dia 16 de junho de 2013.

<sup>215</sup> Entrevista número 7, realizada no dia 24 de janeiro de 2014.

<sup>216</sup> Entrevista número 8, realizada no dia 10 de maio de 2014.



Eu trabalhei na roça sempre, desde cedo, desde os seis ano, toda vida na roça. Quando eu tinha seis ano, no meu aniversário de seis ano, meu pai entregou o presente dizendo: De hoje em diante essa é a tua enxada! Isso me marcou. Me criei na roça mesmo. Nós era colono mesmo [...] a gente vendia algumas coisas se sobrava, a sobra a gente vendia e o resto que a gente precisava pra comê era guardado e o resto era vendido.<sup>217</sup>

Quando se casam, muitos jovens, como já foi referido anteriormente, precisavam continuar trabalhando. A maioria delas continuava na roça. Somente duas entrevistadas mudaram de profissão no decorrer da vida, mesmo assim, continuaram ligadas à colônia. Uma delas trabalha na cidade, como ela mesma fala:

Aquí no Rio da Ilha, a Clair... já fez... vinte quatro pra vinte e cinco anos. Eu morei seis anos ali embaixo, na Laci do Avon, sabe, no meio do mato, lá em cima, aquela casa grande que tinha ali, ali eu morei seis anos. Eu não saía de casa pra lugar nenhum, a não ser do meu serviço. Eu ia de manhã às sete horas eu tava no Caridade (hospital) até a 1h, saía a 1h e ia pro lar OASE e trabalhava até as sete, atravessava a rua as sete, batia o ponto lá no Faió até as sete da noite, batia o ponto as sete da manhã pra largar. Daí eu ia pro Caridade de novo até uma hora. Daí eu ia pro lar OASE e vinha embora. [...] Aquí adoro, adoro mora aqui, gosto, adoro. Quantas vezes a Clair (a filha) já falou de ir embora, mas eu disse assim: - Mais não vou! Não vou pra outro lugar de jeito nenhum!<sup>218</sup>

A outra mora na colônia, porém se destaca em outra atividade a de costureira, mesmo assim não consegue se separar totalmente do trabalho na roça. Isto fica evidente quando ela afirma:

Daí depois quando eu fiquei grande, eu ia na roça o meu nariz sangrava, eu ia pra roça o meu nariz sangrava. Daí o pai me deu uma máquina de costura daí ela não vai mais pra roça e vai costurar em casa, daí eu comecei a costurar. Daí depois quando eu casei quando os três nasceram eu parei um pouco de costurar, daí depois que o meu marido morreu eu comecei a costurar de novo. Aí eu costurei, com 57 anos eu me aposentei, mas eu não fico paradinha não! [...] Trabalho, eu disse, por enquanto eu ainda não sou velha, mas quando eu ficar velha o dia que eu não puder mais daí eu querer morrer se ficar assim sem trabalhar aí seria muito triste pra mim. Eu não sei, eu não sei passar um dia sem fazer alguma coisa, chega me dar uma angústia. Eu acho porque eu nasci assim, e me criei assim.<sup>219</sup>

Para todas as depoentes o trabalho é a base da vida, não conseguem se enxergar longe dele, mesmo que se queixem da atual situação, como foi o caso de uma entrevistada que relatou:

Trabalho na roça, até demais. Às vezes eu digo, eu tô pior que uma escrava, é demais, é demais, é pressão em cima, nós temo umas vaquinha, daí o Maicon (filho que mora com ela) porque eu sozinha não consigo, mas ele é lerdo pra tirar leite; aí ele que que eu desista de ir pra praia pra poder tirar leite com ordenha, quando as vaca dão pouco leite não vale a pena. Daí eu tô concordando de lidar pra fazer, pra daí pode sair um pouco. Eu fico, eu me sinto uma prisioneira às vezes. Imagina eu de manhã nessa torreia de sol, eu fui lá terminar de roçá um aipim que tava lá.[...]

<sup>217</sup> Entrevista número 1, realizada no dia 5 de abril de 2013.

<sup>218</sup> Entrevista número 2, realizada no dia 5 de abril de 2013.

<sup>219</sup> Entrevista número 7, realizada no dia 24 de janeiro de 2014.

Ai, mas mesmo assim eu gosto dos meus bichinhos, das minhas plantinha, eu tenho meus cachorrinho são que nem criança e entendem tudo, eu tenho as minhas vaquinha que é só falar, falo com elas e elas entendem tudo, então tenho as minha cabritinha também a mesma coisa.<sup>220</sup>

A colônia é espaço de trabalho e vida, a maioria das entrevistadas só consegue pensar no trabalho dentro da colônia, pois não consegue dissociar o trabalho com a sua própria vida da família. A respeito disso, declara uma entrevistada:

Sempre, sempre, trabalhei na roça, desde que eu pude arrancar um pé de mato, até hoje com setenta ano, nunca morei na cidade... sempre na lavoura, sempre no mato. Eu adoro levantar de manhã, pegar o meu facão e saio pra tirar uns brejo, mas hoje com setenta anos já não posso mais, e não dá muito tempo e a habilidade tá fraca né. Mas ir lá ver uma coisa que eu plantei crescer, assim isso aí, depois eu entro pra dentro, tomo meu café, e vou pra cozinha.<sup>221</sup>

Para algumas, o trabalho é um prazer, e não uma obrigação. Elas veem na atividade diária uma motivação para viver, principalmente porque muitas afirmam ser uma ocupação importante para não se sentirem desanimadas. Outra depoente declara o quanto o trabalho cotidiano traz motivação para sua vida:

Hoje de manhã eu capinei um pouquinho ali e de tardezinha eu vou caminhar, eu boto o pé na estrada às sete horas. Eu tenho muita planta pra molhar, eu sempre tenho coisa pra fazer. [...] Aqui em casa é assim, é a casa da vovó Chiquinha, de manhã das sete as oito nós tomamo chimarrão, isso é sagrado. Eu levanto de manhã, boto a água pra esquentar e vou tratar as minhas galinhas, eu ainda tenho galinha. (declara aos risos).<sup>222</sup>

Como a maioria delas é aposentada, o trabalho mais pesado ficou na lembrança, na memória, no passado, para algumas de modo nostálgico, mas para a maioria como algo que passou, mas deixou marcas profundas. Como relata uma depoente:

Mas da colônia, como era antigamente, eu não tenho saudade... era muito judiado pro meus pais, pra mim não, que eu cuidava da minha vó. Meus pais trabalhavam na roça plantando feijão, arroz, milho, aipim, criando uns porquinho, umas vaquinha de leite e... às vezes a seca atrapalhava tudo, ou senão era chuva demais, apodrecia o amendoim, apodrecia o aipim, apodrecia o arroz. O trabalho era difícil e nem sempre dava o que tinha que dar.<sup>223</sup>

Hoje estas mulheres se ocupam com diversas atividades. Além das nem tão apreciadas atividades domésticas, que segundo a maioria delas é um fardo, um trabalho que precisa ser feito<sup>224</sup>, outras atividades fazem parte de seu cotidiano dentre elas, como cuidar de pequenos espaços rurais próximos da casa, não mais para fins de sustento, mas para distração e lazer como afirma outra depoente:

<sup>220</sup> Entrevista número 6, realizada no dia 24 de janeiro de 2014.

<sup>221</sup> Entrevista número 8, realizada no dia 10 de maio de 2014.

<sup>222</sup> Entrevista número 7, realizada no dia 24 de janeiro de 2014.

<sup>223</sup> Entrevista número 2, realizada no dia 5 de abril de 2013.

<sup>224</sup> Entrevista número 3, realizada no dia 5 de abril de 2013.

Eu gosto de morar aqui, que que eu vou dizer, como é que eu vou dizer, nas colônia é assim. Sabe, a gente se criou na colônia, na roça e coisarada assim, não tem muito o que reclamar da colônia. A não ser né, melhorar umas estrada, umas coisa assim, mais daí. [...] Sempre, sempre, sempre fui agricultora, a família toda, tudo, tudo.[...] Agora, a gente, nós dois tamo aposentado é o que a gente ganha. Antes era da roça, plantava pra comer, às vezes sobrava um pouco pra vender pra um ou pra outro pra dar uns troquinho. Hoje a gente cuida de umas plantinha, cuida de uns bichinho pra se enterte.<sup>225</sup>

As “colonas” também participam encontros de senhoras, encontro e regência de corais e, principalmente da promoção de festas para suas respectivas Igrejas, arrecadando donativos e promovendo a sustentabilidade da mesma. E é exatamente neste ponto que encontramos mais um elo que sustenta a vida destas mulheres, a religiosidade, seja ela católica ou evangélica. Religiosidade que está presente, não só nos cultos e nas missas, mas também dentro de suas casas, nas paredes, nos hinários, nas orações e nas próprias fotos de família que revelam o quanto a estão inseridas dentro de uma crença e o quanto esta religiosidade ainda move e auxilia a motivar suas vidas.

### 3.3. Religiosidade e representação

A vida da “colona” na comunidade de Rio da Ilha é repleta de representação e religiosidade. De uma maneira ou de outra, a religiosidade está presente em todas as fases e momentos de sua vida. Seja na família, no trabalho ou no cotidiano, os preceitos religiosos são parte fundamental destas mulheres como indivíduos.

A religiosidade é uma característica marcante na história de um povo. Muito além da crença, ela cumpre dos um papel de ligação entre as pessoas de um mesmo credo, além de ser responsável pela preservação da cultura e dos costumes de um determinado grupo. Como explica Sanchis:

A religião também pretende fornecer ao ser social uma visão do mundo – uma representação articular, com suas categorias próprias, que torna o mundo intelectual e emocionalmente apreensível (Deus, deuses, orixás, anjos, santos, criação, congregação, igreja, autoridade, verdade...). Tudo isso compõe um mundo particular e o organiza e tudo isso, para o fiel, faz do mundo genérico o seu mundo. Como o faz a cultura. Mas, além disso, a religião maneja categorias que atingem a subjetividade do fiel neste mundo, impulsionam sua ação, orientam e qualificam o seu comportamento externo e suas atitudes profundas (dependência, oração, louvor,

---

<sup>225</sup> Entrevista número 4, realizada no dia 16 de junho de 2013.

sacramento, magia, pecado ou simplesmente erro, o sentido, afinal, do comportamento): um motivo para viver e um modelo para a vida.<sup>226</sup>

Ou seja, a religião auxilia o ser humano a se compreender e a se entender melhor no mundo que o cerca, além de despertar uma sensação de pertencimento a um grupo, de forma que o ser humano sinta-se parte do todo, um elo entre o terreno e divino e, mais do que isso, tenha reconhecimento social.

Em especial no Brasil, as histórias da religião e da religiosidade se confundem com a história da colonização e ocupação do território brasileiro. Num primeiro momento, com a vinda dos colonizadores portugueses, a principal Igreja era a de confissão católica. Mais do que uma Igreja, o catolicismo garantiu a conversão do povo nativo e o controle da Coroa portuguesa sobre o novo território.

Isto se deve ao fato do catolicismo ter uma intrínseca ligação com a Coroa portuguesa, já que a Igreja Católica, representada pelas diversas ordens religiosas, tais como franciscanos, beneditinos, das quais se destacam a Companhia de Jesus, exerceu um papel eminentemente colonizador que, para tanto, passou a receber subsídios do Estado português.<sup>227</sup>

Portanto, mais do que conversão, a Igreja católica pretendia reforçar e espalhar a sua fé no Novo Mundo, através do processo de catequização dos povos subjugados à Coroa. Seja através de reduções, seja por meio da força, o objetivo maior era tornar o catolicismo a única e principal religião da América no período colonial. Sendo assim,

é esse catolicismo que deu forma à conquista do Brasil no que ela teve de contacto assimilador. Mas, enquanto na velha Europa, especificamente em Portugal, o catolicismo aparece ao pesquisador como enraizada numa localidade concreta e delimitada, expressando a história das gerações que nela se sucederam depois de séculos de assimilação, no Brasil ele chegou de sopetão numa terra sem limites, sem marcas e que seus portadores se representavam como sem história.<sup>228</sup>

Durante os séculos subsequentes, este foi o modo de construir oficialmente a religião e a religiosidade brasileira. É fato que outros credos, como o dos indígenas e dos africanos, continuaram existindo e se perpetuando, mas de maneira marginal, sem a autorização do rei de Portugal. Mesmo assim, o sincretismo ocorre. Como afirma Sanchis:

<sup>226</sup> SANCHIS, Pierre. Cultura brasileira e religião...passado e atualidade. *Cadernos CERU*, série 2, v. 19, n. 2, dezembro de 2008. p. 77.

<sup>227</sup> ROSÁRIO, Maria José Aviz, SILVA, José Carlos. A Educação Jesuítica no Brasil Colônia, 2004. p. 5. Disponível em: <<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.11/GT3.PDF>>. Acesso em: abril de 2014.

<sup>228</sup> SANCHIS, 2004, p. 80.

Catolicismo, uma fé em forma de religião. E é por isso que, quando se implanta num espaço dominado por anteriores instituições religiosas, ele tende a operar por meio da transmutação do que lhe parece possível assimilar e ressemantizar na sua própria síntese. Sua auto-concepção como uma “totalidade”, “a católica”, o predispõe a essa estratégia, pois ele tem mais vocação de fagocitose do que de exclusão. Enfim, mais do que outras correntes cristãs ele conserva viva e atuante a dimensão do mito (inclusive uma forma própria do seu “mito de fundação”, como o mediador institucional da graça).<sup>229</sup>

No século XIX, com a vinda dos imigrantes europeus para o Brasil, em especial com a chegada do imigrante alemão, o cenário religioso passa a ser definido de modo diferente, já que ocorre a inserção de uma nova religião no país. É relevante frisar que neste período o Brasil já se encontrava independente politicamente de Portugal, mas a ligação da Igreja católica com o Estado ainda era muito forte, embora já tivesse passando por intensas modificações através do processo de romanização. Este processo ocorreu, de forma lenta e gradual, e estabeleceu o catolicismo como principal religião do país. Conforme Azevedo

O poder estabelecido, no período colonial, promoveu um modelo de Catolicismo, conhecido como Cristandade. Nele, a Igreja era uma instituição subordinada ao Estado e a religião oficial funcionava como instrumento de dominação social, política e cultural. A crise desse modelo é iniciada, simbolicamente, em 1759, com a expulsão dos jesuítas e com a progressiva hegemonia da nova mentalidade racionalista e iluminista. No segundo reinado, em 1840, começa um novo período na história da Igreja no Brasil, conhecido como romanização do Catolicismo, voltado à colocação da Igreja sob as ordens diretas do Papa e não mais como uma instituição vinculada à Coroa luso-brasileira.<sup>230</sup>

Os imigrantes trazem consigo, além dos preceitos e dogmas do catolicismo, também os da fé protestante, já que boa parte destes imigrantes pertencia à religião evangélica protestante, como já foi problematizado no primeiro capítulo deste trabalho. Os imigrantes alemães trazem consigo o chamado protestantismo de imigração que

[...] se desenvolveu a partir do movimento migratório que marcou o século XIX, seguindo as ondas de intensidade e retração. O projeto migratório associado ao elemento étnico e religioso lhe dá características próprias, inclusive impondo ao imigrante a difícil tarefa de adaptação, especialmente nos aspectos ideológico e religioso. Ao mesmo tempo, esses elementos representam um fator de coesão do grupo e lhe atribuem uma identidade num ambiente geográfico, climático, cultural, econômico, político e religioso inteiramente estranho e, por vezes, adverso.<sup>231</sup>

Na medida em que vão chegando e se estabelecendo, estes colonos trazem consigo, além da tarefa de ocupar um território “inabitado”, costumes e tradições que fazem parte da

<sup>229</sup> SANCHIS, 2004, p. 82.

<sup>230</sup> AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, 2004. p. 111.

<sup>231</sup> RIBEIRO, Antônio Carlos. Protestantismo de imigração: chegada e reorientação teológica. *Protestantismo em Revista*, v. 16, maio/agosto de 2008. Disponível em: < <http://www3.est.edu.br/nepp>.> Acesso em: abril de 2014. p. 55.

sua cultura, dentre estes, a religião protestante ou católica, que é uma das marcas mais fortes da construção do indivíduo europeu desta região no século XIX. Nestes locais

a divisão equilibrada entre protestantes e católicos dentre o contingente de imigrantes foi, em muitos casos, referência na organização dos núcleos, encontrando-se “comunidades inteiramente católicas” ou “inteiramente protestantes”. A ocupação do espaço na zona “colonial” deu-se através da criação de núcleos populacionais contando, em geral, entre 80 e 130 famílias, distribuídas em pequenas propriedades rurais com área de 25 a 50 hectares e localizadas ao longo de estradas chamadas “linhas”, “travessões” ou “picadas”.<sup>232</sup>

Quando estabelecidos, ou ainda em processo de estabelecimento, uma das preocupações fundamentais destas comunidades, das chamadas picadas, era construir uma pequena Igreja para poder cultivar sua religião de maneira comunal, num processo onde todos fazem parte, onde todos se sentem parte da Igreja. Esta religiosidade, certamente, auxiliou inclusive no processo de assimilação e acomodação destes colonos à nova terra e aos percalços encontrados, visto que

o sentimento de comunidade e a consciência coletiva dele resultante, atribuídos à solidariedade decorrente do processo compartilhado de colonização, contribuíram para o aparecimento das identidades étnicas construídas em oposição aos brasileiros ou, mais precisamente, àqueles que não participaram da *epopeia* colonizadora.<sup>233</sup>

A partir da comunidade de fé, também se desenham as relações sociais da comunidade, sobretudo a partir da organização e realização de festividades, que movimentam a população local em diversos sentidos para além da religião. Essas relações ocorrem pois,

eles [os imigrantes] sofreram as dificuldades estruturais e econômicas, estavam em terras estranhas, diferentes tanto no relevo, como na língua e nos costumes, ocorrendo desta forma tensionamentos e conflitos, pois a identidade se forma na diferença e pela diferença, que resultaram processos identitários de rememoração e de reinvenção de tradições expressos nas manifestações do cotidiano e do lazer.<sup>234</sup>

Mesmo assim, esta religiosidade de boa parte dos imigrantes alemães não era vista com bons olhos nem pelo Estado, que não admitia em sua constituição a prática de qualquer outra religião se não a fé Católica, nem por parte dos conterrâneos alemães que pertenciam à religião oficial do Estado, já que o contato do protestante com a cultura católica teve consequências diretas para esta comunidade. A possibilidade do status e do reconhecimento

<sup>232</sup> SEIDL, Ernesto. Escola, religião e comunidade: elementos para a compreensão do catolicismo imigrante. *Pensamento Plural*, n. 3. Pelotas, julho/dezembro de 2008. p. 79.

<sup>233</sup> SEYFERTH, 2012, p. 22.

<sup>234</sup> WEIDUSCHADT, Patrícia. O lazer e a construção da identidade numa comunidade rural de descendentes germânicos em Pelotas, v. 6, n. 11-12. Pelotas: UFPEL, 2009. p. 38.

social por adesão à comunidade católica, por exemplo, fez com que alguns alemães se convertessem, adotando, inclusive, comportamentos típicos deste grupo.<sup>235</sup>

Neste sentido o papel da família, em especial o papel das mulheres imigrantes, foi de extrema valia para garantir a continuidade e a preservação da fé que confessavam, pois foi através dos ensinamentos de mãe para filhas e filhos que houve a continuidade daquilo que aprenderam na terra natal. Afinal de contas,

tornar-se mulher alemã imigrante é um processo que desemboca no sentir-se e ser mulher teuto-brasileira. Esta nova identidade é um papel social construído com e a partir das experiências e dos cotidianos de mulheres alemãs que imigraram ao sul do Brasil no século XIX. Este papel social existe e se mantém a cada vez que o discurso a respeito do que é ser imigrante, mulher e alemã encontra linguagens apropriadas, gestos condizentes, atitudes que o espelhem, narrativas que o conduzam a um interlocutor a fazer uso de suas imagens e simbologia.<sup>236</sup>

Através das entrevistas realizadas com as mulheres da comunidade de Rio da Ilha, isto fica ainda mais evidente. Sejam elas católicas ou evangélicas, seu papel, sua influência sobre a formação religiosa sobre seus filhos e filhas, tem ligação direta com a religiosidade que receberam de seus pais e antepassados. Como relembra uma entrevistada, ao relatar um hino da Igreja Evangélica de Confissão Luterana que ela ensinou para seus filhos, oração esta que aprendeu com sua mãe. Ela recorda:

Eu tenho muita coisa aqui em casa, vocês não tem ideia... aqui tem uma reza que eu ensinei pros meus filhos: “Sou ainda pequeninha...” ... é, esse aqui é de rezar de noite, mas eu não acho mais, eu acho que... isso aqui era sempre cantado nos culto eu só sei que é: “Sou ainda pequeninho, meu coração é bem limpinho, e nele sem cessar, Jesus há de morar”. Isso eu ensinei pros meus filho tudo, em alemão também.<sup>237</sup>

Como se trata de uma comunidade mista, a maioria delas pertence à religião católica. Observa-se que, mesmo pertencendo a uma comunidade do interior, onde todos se conhecem, aquelas que compartilham da fé Católica, pouco sabem ou se interessam sobre a existência de descendentes de outra religião, no caso da religião evangélica protestante. Exemplo disso é a constatação de uma das entrevistas, que afirma:

Sou católica. Quando eu era mais nova eu sempre ia (participava de festas religiosas da comunidade), mas agora... olha, eu não tenho (vizinhos de outra religião),

<sup>235</sup> SANTANA, Nara Maria de. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. *Dimensões*, v. 25, 2010. p. 239.

<sup>236</sup> GIERUS, Renate. “Além das grandes águas”: mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850. Uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas. Tese de doutorado para obtenção de Doutora em Teologia do Instituto Ecumênico de Pós-graduação. São Leopoldo, 2006. p. 120.

<sup>237</sup> Entrevista número 5, realizada no dia 16 de junho de 2013.

evangélica era a Eronita, mais ela faleceu, não conheço ninguém que seja de outra religião dos vizinho, só católico.<sup>238</sup>

Mais ainda, quando indagadas sobre a relação entre as duas Igrejas, as católicas afirmam de maneira unânime que nunca houve atrito entre católicos e evangélicos. Isto aparece, por exemplo, no relato da depoente que afirma: “A relação dos católicos e protestantes aqui eu acho que é boa, não vejo ninguém se dibicar. Todo mundo se dá bem, todo mundo se respeita.”<sup>239</sup>

Ao contrário das católicas, entre as evangélicas, não é negada e nem omitida a existência das católicas, mas é no relato delas que encontramos indícios de que relação entre as duas religiões dentro da comunidade nem sempre foi pacífica. Como relembra uma entrevistada que relata fatos marcantes da religiosidade em sua família

Minha família também era católica. Meu bisavô, morreu num dia de caçada que era Domingo de Ramos, e daí o padre não foi fazer o enterro. Aí disse pra ela (bisavô) que isso o lugar dele era na Igreja, daí ele não tinha desastrado, era lógico né. A minha bisavô tinha, eu não tenho certeza se ela tinha um nenê com dois mês ou se ia ganhar um nenê em dois mês, não sei se ela tinha os dezesseis ou se ia completar os dezesseis filho. Ela foi lá no pastor e falou com o pastor, ele faleceu muito novo esse bisavô. Daí o pastor tinha dito: - Não, se tu tem vontade de vira a tu família pra nossa religião, claro, eu vou lá e vou fazer esse enterro. Foi e fez e dali em diante a família do meu pai foi evangélica né.<sup>240</sup>

Em outro momento da entrevista, a depoente relata claramente uma situação de conflito entre católicos e evangélicos, vivenciada por ela mesma no momento do batizado de um dos filhos. Ela fala com certo rancor, ao lembrar:

Tinha um pastor uma vez, ele não gostou do que nós fizemo. Nós peguemo padrinho católico e evangélico misturado né, e daí ele batizou as criança em domingo, daí segunda-feira ele passou pra pegar os nome pra colocar na certidão de nascimento. Daí ele disse: - A senhora colocou mais gente católica pra padrinho do que evangélica. Daí eu disse pra ele: - Pra mim é tudo a mesma coisa! Daí ele disse: - É, mas esses padrinho evangélico não vão ensina a religião certa. Daí eu disse: - Minha irmã ela era evangélica até que ela casou, daí ela virou pra católica, e foi catequista católica, eu disse, ela sabe tudo de cor as duas!<sup>241</sup>

Outra entrevistada, afirma que esta situação, atualmente, já foi superada, já que, na opinião da depoente, católicos e evangélicos conseguem conviver de maneira pacífica, o que realmente importa é a preservação da fé. Ela relata:

Só que hoje já quando a gente vai na Igreja eles pedem mas tu pode toma comunhão. Tanto a evangélica quanto a católica, em Taquara até tem uma ecumênica, que é católico e evangélico juntos. Daí aqui no Rio da Ilha já deu até ali na sociedade que

<sup>238</sup> Entrevista número 3, realizada no dia 5 de abril de 2013.

<sup>239</sup> Entrevista número 7, realizada no dia 24 de janeiro de 2014.

<sup>240</sup> Entrevista número 5, realizada no dia 16 de junho de 2013.

<sup>241</sup> Entrevista número 5, realizada no dia 16 de junho de 2013.



eles fizeram também, que o pastor fez uma palestra, o padre deu outra, não é aqui no tem aquele negócio de dizer, ah porque tu é católico ou tu é evangélico. Um tem que ajudar o outro, por que evangélicos mesmo tem poucos, maior parte mesmo é católicos né. Mas nunca deu assim desavença entre as religião por causa de um católico e o outro evangélico.<sup>242</sup>

Além disso, em alguns momentos inclusive há a ajuda mútua entre as comunidades para poder garantir a preservação e o sustento da Igreja, afinal atualmente:

A relação entre os católicos e evangélicos é tranquila na comunidade. Os evangélico trabalham pros católicos, se tem uma festa na católica os evangélico vão trabalha, se é dos evangélico os católicos vão trabalhar. Não tem racista de religião não. Graças a Deus não tem aqui.<sup>243</sup>

Uma terceira depoente, entretanto, não considera que o mal estar entre os católicos e os evangélicos foi completamente resolvido. Pelo contrário, afirma claramente que, por pressão do futuro marido tornou-se católica, mas jamais conseguiu se sentir parte do catolicismo. Em seu relato é enfática e objetiva ao afirmar:

Meu coração pertence a Igreja Evangélica (Luterana), nasci e me criei evangélica e depois casei católica, tive meus filho católica, mas participo da Igreja Evangélica. Eu mudei pra católica porque na época eu era boba e aceitei a casar católica, mas nunca, nunca me senti bem na Igreja Católica, Deus que me perdoe, mas eu nunca me senti bem. Eu me sinto em casa na minha Igreja onde eu nasci e me criei. Não sei te dizer porque eu não me sinto bem, sei lá eu me sinto, a família, no caso da Igreja Evangélica, é mais unida, os católico tu chega, tu entra na Igreja uns já fico te olhando e aí eu me sinto mal.<sup>244</sup>

Atualmente, participam pouco das festas da comunidade, relatam que sua participação era mais intensa na juventude, mas que agora, por problemas de saúde ou desentendimentos, acabaram por desistir de auxiliar a igreja, como relata uma depoente que afirma não auxiliar mais nas festas da Igreja por desentendimentos e descontentamento. Ela desabafa:

Logo depois que eu tive meus filho eu participava das festa da católica, não mais da evangélica, daí até festeiro a gente foi um ano, a guria bebezinho de dezembro a março, aquilo também foi bem brabo pra mim. Eu tinha feito cesária daí eu deixei a pequeninha na mãe e eu fui pedi esmola, naquela época a gente pedia esmola pras festa no comércio da cidade pra ofertas pra fazer leilão, pra fazer bazarzinho coisa assim. Eu tinha dois sacolão desse tamanho eu tinha arrumado. Quando chegou na segunda-feira eu cheguei lá não tinha mais nada daquilo e não tinha saído nem pra botar lá no bazar, porque não tinha quem cuidasse, não deu conta pra fazer tudo e não tinha quem cuidasse, todo mundo que trabalhou lá foi pegando e foi levando embora. Aí eu pensei, a tá é assim, eu também não ajudo mais em nada, e não ajudo mais com rifa com nada, não vou mais, por que eu tava com nenê pequeninho, porque eu achava uma vergonha eu saí e pedi esmola pra depois todo mundo pega e leva embora sem fazer dinheiro pra igreja, a para, aquilo pra mim foi a gota d'agua.<sup>245</sup>

<sup>242</sup> Entrevista número 4, realizada no dia 16 de junho de 2013.

<sup>243</sup> Entrevista número 4, realizada no dia 16 de junho de 2013.

<sup>244</sup> Entrevista número 6, realizada no dia 24 de janeiro de 2014.

<sup>245</sup> Entrevista número 6, realizada no dia 24 de janeiro de 2014.

Mesmo assim, aquelas que ainda participam de alguma maneira da comunidade religiosa, se veem motivadas, como é o caso de uma entrevistada, que relata com orgulho sua participação nos eventos de sua empresa. Ela fala com entusiasmo:

Eu trabalhava a semana inteira, eu gostava. Agora nós fizemo o natal, assim nós trabalhamo, nós temo um grupinho de seis mulher, nós se reunimo toda segunda-feira aqui em casa né, pra fazer artesanato com material reciclado, a gente trabalha praticamente com material reciclado; a gente ganha da fábrica de calçado né, ganha um pouco ali da Excolex, um traz do aletier um pouco daqui, o outro traz um pouco de lá, e agente vai juntando e vai fazendo, daí a gente vende durante o ano e vai juntando dinheiro daí no fim do ano é a festinha da criançada.<sup>246</sup>

Relatam também com bastante frequência, que a comunidade está, há poucas décadas, se abrindo para outras religiões, em sua maioria pentecostais ou neopentecostais, o que tem modificado o quadro da religiosidade na comunidade de Rio da Ilha. A primeira entrevistada fala sobre o contato e as percepções que teve com outras religiões, que estão cada vez mais presentes e atuantes na comunidade em questão. Ela conta:

Assim oh, essa semana eu não sei que dia foi, passou dois senhor aqui com um papelzinho convidando pra um culto né, da Assembleia de Deus, acho que era ali, naquela igreja ali (apontando para a rua). Daí a minha filha de Campo Bom tava aqui, e eu disse pra ela: -Tu sabe que eu vou lá! Ela disse: - Oh mãe, tu vai?! E eu disse:- Eu vou, eles me convidaram eu vou! [...] Uma vez ali no casarão tinha uma senhora que morava ali e ela tava arrumando os dente num dentista lá em Taquara que era adventista né. Daí ela fez uma reunião ali, eu não sabia o que que era, mas ela me convidou pra uma reunião em sábado de tarde e eu fui lá. Daí era pra fazer o estudo da bíblia. Do Apocalipse né, disseram que eram Adventista do Sétimo Dia e não sei mais o que e convidou a gente pra fazer, eu disse: - Tudo bem, eu faço, eu faço porque eu gosto né, desde que tu não queira me convencer a largar o meu caminho e seguir o teu né. Ele disse: - Não, não, não é nada disso! Eu só quero ensinar como e que era o Apocalipse pra vocês. Eu disse: Tudo bem, tudo bem! E ia todo sábado eu gostava, eu gostava.<sup>247</sup>

Entretanto, mesmo estando aberta aos novos conhecimentos religiosos, ela não admite uma conversão, pois acredita que sua religiosidade está intimamente ligada ao legado de seus antepassados. Quando isso ocorre, a entrevistada reage da seguinte forma:

Daqui a pouco um sábado ele tentou me virar pro outro lado né. Daí eu disse pra ele: - Eu sinto muito, eu avisei ele né, me ensina, eu gosto de aprender, mas não tenta me virar que eu não vou virar sabe. Eu tenho a minha crença, é certa ou errada foi o que eu aprendi, quando eu nasci foi a que o meu pai me deu e eu aprendi por ali, pra mim tá certo e vamo embora!<sup>248</sup>

Outra depoente se posiciona sobre o surgimento destas “novas” religiões no seio da comunidade e se mostra preocupada com isso, pois acredita que as Igrejas fundadoras do local

<sup>246</sup> Entrevista número 7, realizada no dia 24 de janeiro de 2014.

<sup>247</sup> Entrevista número 7, realizada no dia 24 de janeiro de 2014.

<sup>248</sup> Entrevista número 7, realizada no dia 24 de janeiro de 2014.

estão, aos poucos, sendo sucumbidas por estas novas religiões, o que pode acabar afetando diretamente nas tradições do local. Ela afirma:

A nossa Igreja tá cara, então isso tá dando dificuldade né. E essas igreja assim que se formam na colônia e vem assim aquelas outras igreja e eles dizem: - Ah, não precisa pagar nada, então os pobre vão mais ligeiro junto, aí também quando eles ajudam. Ajudar eles ajudam, não é que eles são ruim, eles ajudam as pessoas a se levantar, aí quando as pessoas se levantam eles cobram. Então eu vejo isso acontecer muito. É a nossa religião não dava nada. Mas não é só a nossa que é cara, as outras religiões também são cara.<sup>249</sup>

Como podemos perceber as duas depoentes não consideram esta inserção positiva na comunidade, principalmente porque representa uma ruptura com as raízes do local, descaracterizando a história que deu origem àquela localidade. E, o mais impressionante, que estas religiões estão dominando um espaço das religiões fundantes que foram, por diversos fatores, deixando de ser as religiões mais importantes da comunidade.

Em comum, todas consideraram a religiosidade algo muito importante em suas vidas, algo que veio dos seus antepassados e que as auxiliou e as auxilia na compreensão e da sua vida e do mundo que estão inseridas. Podemos até ir além, mesmo não percebendo, estas mulheres carregam consigo, através dos ensinamentos religiosos, parte da história de seus antepassados.

Tendo por base fundamental a família, que permeia toda sua existência como mãe ou como filha, o trabalho, intimamente ligado à lida com a terra, como faziam seus antepassados, e a religião, que norteia seus atos e sentimentos, estas mulheres vão formando aos poucos redes de sociabilidade. São essas redes que nos levam à base de formação da comunidade como tal. Como estas “colonas” interagem e de que maneira vivem ou participam do meio? Estas indagações serão trabalhadas na relação entre elas, sua religiosidade e sua vida social.

### **3.4. O que fica e o que se perde: resignificados culturais**

A vida social de um indivíduo que mora no interior é diferente da vida social de alguém que mora em áreas urbanas, pois a disponibilidade e oferta de lazer não é muito variada. Sua vida social tem forte ligação com o trabalho, com a formação histórica da comunidade e, principalmente, com a religiosidade. A cultura de uma comunidade tem a ver com a preservação de sua memória e fortalecimento de sua identidade pois

---

<sup>249</sup> Entrevista número 5, realizada no dia 16 de junho de 2013.

A identidade e a memória de um grupo não pode ser considerada como algo dado de forma natural e essencial, que depende somente da raça ou sendo geneticamente determinada. Mas, entendemos que a identidade e a memória do grupo são construídas num processo, implicado nas relações sociais dentro do grupo e fora dele, formando e reinventando um processo identitário e de rememoração.<sup>250</sup>

Diante desta constatação, dentro da comunidade de Rio da Ilha, encontramos exatamente isto: uma localidade que possui ligação com o trabalho com a terra, com a origem predominantemente germânica e com a religiosidade católica e evangélica protestante.

Tendo em vista a origem germânica de boa parte de seus primeiros habitantes, as festividades estão relacionadas, de um modo geral, à religiosidade e às tradições. Festas da comunidade feitas para angariar fundos para a sustentação da comunidade de fé são bem frequentes, assim como as festas que possuem alguma ligação com as tradições e culturas referentes à etnia fundadora da comunidade. Podemos concluir que, a partir destas festividades, ressalta-se a possibilidade de reviver tradições, criar novas formas de expressão, afirmar identidades. Ressalvam-se as oportunidades que as festas criam, seja através de projetos ou outras transformações, tanto sociais, como políticas e econômicas, de gerar subsídios de progressos na própria comunidade.<sup>251</sup>

Outro aspecto relevante a ser considerado são os tipos de festas que surgem a partir da herança cultural, no caso das colônias alemãs, o popular *Kerb*, que pode ser definido como uma festa religiosa e de caráter familiar. Esta manifestação social

[...] se origina do nome “*Kirchwein*” (festa dedicada à inauguração do templo) e como em todo município de origem germânica, era uma festa tradicional. Nesta festa, era servida comida típica e as bandinhas tocavam para animar os bailes. O *Kerb* começava com um culto evangélico pela manhã e após as pessoas acompanhavam uma bandinha musical que já esperava em frente à igreja e seguia para o salão de baile, onde continuava a festa com comida, bebida e danças típicas. A época de *Kerb* era, sem dúvida, o período mais aguardado. Nestes dias, as famílias reuniam-se em torno do acontecimento que marcava o aniversário de inauguração da igreja, com preparativos que duravam vários dias para receber ao melhor estilo, parentes, amigos e familiares. Os festejos tinham a duração de três dias, com baile.<sup>252</sup>

Com base nestes dois tipos de festividades encontramos relatos muito ricos entre as depoentes. Tratam-se de falas e lembranças que revitalizam o aspecto cultural da comunidade,

<sup>250</sup> WEIDUSCHADT, 2009, p. 36.

<sup>251</sup> SCHMITDT, Kelly Raquel. VIVIAN, Priscila. A preservação da identidade germânicas através das vivências turísticas e do patrimônio cultural imaterial. Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Saberes e fazeres no turismo: interfases. Caxias do Sul, 9 e 10 de julho de 2010.p.5. Disponível em:<[http://www.ucs.br/ucs/tplPadrao/tplSeminTur2010/eventos/seminario\\_de\\_pesquisa\\_semintur/anais/gt02/im\\_primir/arquivos/02/A%20preservacao%20da%20identidade%20germanica%20atraves%20das%20vivencias%20turisticas.pdf](http://www.ucs.br/ucs/tplPadrao/tplSeminTur2010/eventos/seminario_de_pesquisa_semintur/anais/gt02/im_primir/arquivos/02/A%20preservacao%20da%20identidade%20germanica%20atraves%20das%20vivencias%20turisticas.pdf)> . Acesso em: abril de 2014.

<sup>252</sup> SCHMITDT & VIVIAN, 2010, p. 7.

como é o caso de uma entrevistada: “Nós ia no baile, daí não era muitos baile, era uma vez ou outra, ia de tardezinha e voltava a meia-noite, duas ou três horas. Sempre tinha companhia junto, nós ia a pé, de tardzinha começava não de noite dez, onze horas.”<sup>253</sup>

Uma segunda entrevistada lembra com saudosismo dos bailes que participava na juventude, bailes realizados dentro ou muito próximo das comunidades de fé e que tinham a intenção de divertir e unir as pessoas de maneira muito respeitosa, como afirma outra entrevistada:

Quando nós era mocinha daí era baile de kerb, todo ano quando era quente, a mãe da falecida Aurora lá em cima ia fazer um vestidinho pra nós, ali nos Klein ali tinha fábrica de calçado, eles faziam sapato sob medida, nós ganhava um sapatinho por ano, um sapatinho e um vestidinho por ano. Nossa, daí nós tava chic pra ir no baile, daí nos ia no baile com o pai e com a mãe.<sup>254</sup>

Analisando por esse prisma, podemos perceber que a vida social das mulheres era muito mais restrita que a dos homens, visto que, mesmo nos momentos de descontração estavam sempre sendo vigiadas, regradas e encaixadas dentro de um padrão, como afirma Gierus:

Justifica-se a existência da mulher e da obrigação de ficar reclusa ao lar, de realizar tarefas domésticas, de casar e de ter filhos/as, através de uma visão natural e essencialista da mesma, como se tudo isso nascesse com ela. Não nasce, mas desde muito cedo é colocado no berço e embalado no seu cotidiano de menina. É uma prática. As próprias mulheres começam a pensar que são assim, que o mundo é assim, que as mulheres fazem esta tarefa e os homens aquela e que não tem porque mudar alguma coisa, pois só vai trazer conflito, briga e mal entendidos.<sup>255</sup>

Isto fica evidente através da fala de uma entrevistada que relata o modo como era organizada a saída para ir aos bailes, enfatizando sempre a companhia de um responsável entre o grupo de meninas:

Quando nós ia nos baile a mãe ia junto né nós saía as seis horas da tarde nós saía de casa aí nós ia a pé aí nós ia lá no salão redondo, ali perto dos Schein, ali era o salão redondo. A gente saía as seis da tarde de casa, a mãe com as filha das vizinha tudo, nós ia pra lá no baile. Nós ia lá no baile até as seis da manhã, daí nós ia embora a pé mortinha de cansada. Mas o que que a gente tinha de baile era o Kerb dos Tucanos né, aí era o kerb do Rio da Ilha era o kerb da Padilha. Aqui na vila eu vinha depois de bastante tempo sabe, já adulta, mas tempo de mais novinha assim... e a gente ia no kerb ou caminhão de carga com o meu irmão, ou de ônibus. Aí embarcava tudo num ônibus assim e ia.<sup>256</sup>

Para as mulheres que não eram casadas, os bailes eram permitidos, mas sempre com a supervisão rigorosa da mãe ou de algum familiar. Mesmo assim, era um momento de

<sup>253</sup> Entrevista número 3, realizada no dia 5 de abril de 2013.

<sup>254</sup> Entrevista número 6, realizada no dia 24 de janeiro de 2014.

<sup>255</sup> GIERUS, 2006, p. 46.

<sup>256</sup> Entrevista número 7, realizada no dia 24 de janeiro de 2014.

descontração inesquecível, onde, em alguns casos, ocorriam os primeiros romances de sua vida, como lembra uma entrevistada: “Fui faceira num baile, arrumei um namorado ganhei café e tudo. [...]. Naquela época era café com linguiça ainda.”<sup>257</sup> Mas, para elas, o objetivo principal não era a diversão e sim a possibilidade de conhecer um futuro marido e formar uma família, já que

as mulheres alemãs imigrantes também optam e vivem certas atitudes pré estabelecidas e têm suas cabeças cheias de pensamentos a respeito de maternidade, lides domésticas e casamento, de tal forma que se reconhece nelas, aparentemente, um jeito de ser, uma essência e uma natureza femininas típicas. Mas o que é típico só existe assim, interiorizado e sendo levado adiante e para dentro da vida das mulheres, enquanto discurso, dado e instruído como sendo a essência de suas vidas, a razão de seu viver.<sup>258</sup>

Aquelas que não possuíam este “privilégio” de participar dos bailes estavam fadadas única e exclusivamente ao trabalho doméstico, e esperavam ansiosamente a possibilidade de um casamento, na esperança de uma vida um pouco mais independente, como relata uma depoente:

Sim , a gente se encontrou, começou a namorar, ele veio lá em casa. Eu não esqueço nunca, meu pai vendia leite na cidade, na época que era quatro quilômetro longe da cidade, na época que os litro era litro de vidro mesmo e entrava aquilo tudo. Aí tinha uma mesa comprida assim na cozinha e fora tinha uma área assim que dava de cara com a cozinha né, e eu fui lavar os litro do leite pra usar no outro dia, mas daí eu pensei, vou botar os litro aqui pra que eu enxergue lá fora. E aí eu enxerguei lá fora, e aí ele também olhou pra mim num gesto, já se entendemo (risos). Só que o pior de tudo foi até que a gente conseguiu a continuar por causa do pai, o pai era uma pessoa rígida demais!<sup>259</sup>

O casamento, aliás, é outro momento importante na vida das mulheres desta comunidade. Como já foi relatado, casavam-se com pouca idade e o dia do enlace matrimonial, além de possuir uma visão romântica, também se caracterizava de uma maneira simbólica, a passagem da juventude para a vida adulta. Como relata uma depoente:

Eu e ele (o marido) tinha quase 14 anos de diferença de idade, ele casou comigo porque viu eu cuidar dos meus irmão e achou que eu ia cuidar bem dos filho dele... Só que eu não saía de casa, a gente morava no meio de uma cacaria, o pai criou nós assim... Olha, eu casei com ele por amor, ele foi um pouco por os dois interesse e amor, juntar o útil ao agradável.<sup>260</sup>

Aliás, as festividades relacionadas aos sacramentos como casamentos, batismos e enterros, eram momentos onde a família se reunia, por motivações de alegria ou tragédia, para conversar, trocar ideias, compartilhar experiências. Inclusive era nestes momentos que as

<sup>257</sup> Entrevista número 4, realizada no dia 16 de junho de 2013.

<sup>258</sup> GIERUS, 2006, p. 47.

<sup>259</sup> Entrevista número 8, realizada no dia 10 de maio de 2014.

<sup>260</sup> Entrevista número 8, realizada no dia 10 de maio de 2014.

fotografias geralmente eram tiradas. Registros históricos, memórias impressas, que são relatadas por uma depoente:

Eu tenho umas coisa guardada, gavetas e gavetas. Isso aí era o meu pai e a minha mãe, só que nesse dia eles arrumaram o véu muito pra baixo, no dia do casamento ele usava ele mais alto. E no dia do casamento eles não puderam fotografar porque ele tinha um tersol no olho, daí ali ela tava grávida com a Dulce já de dois meses (risos). O sapato era pelica com verniz. Dois tipos de cor pra ser fino né. Essas ali eu mandei restaurá, ela era assim original né... Isso era a família da minha mãe, aqui era a mãe com treze ano no dia da comunhão dela, isso era toda fotografia de família e a única irmã era a Ludvina [...].<sup>261</sup>

Atualmente estas mulheres, chegando à terceira idade, participam pouco da maioria das festividades. O ritmo intenso da vida dos filhos e de suas próprias não lhes permite mais ter ânimo e vontade para isso. A vida social destas mulheres hoje é diferente, se voltam para outras atividades. Como relatam duas entrevistas. A primeira gosta de participar do coral da Igreja, tem um contado muito próximo com a música, uma identificação, e afirma:

Participo da Igreja e do coral, tudo, tudo, participo de tudo. Eu gosto bastante de participar. A gente aprendeu isso com o pai.[...]. Eu ainda tô em seis corais, agora terminou dois né, mas eu ainda tô nos outros corais, desde os nove anos. Nunca parei de cantá nos corais. Isso nós herdemo do pai. Eu adoro cantá. Eu até tentei aprende a tocar violão, mais não sei muito bem (risos). Mas eu sei lê tudo as partitura, eu entendo o que tá escrito.<sup>262</sup>

A segunda participa dos bailes da terceira idade juntamente com o esposo, agora que já está aposentada, durante os finais de semana dificilmente fica em casa. Ela me confidenciou que só consegui a entrevista porque marquei fiz a visita em um domingo, porque se fosse em um sábado, não teria conseguido. Ela conta:

[...] mas agora nós já tamo quase na lona, como se diz, setenta eu vou fazer o ano que vem ele ano que vem já vai fazer setenta e quatro, aí nós já não temo mais muito futuro, tem pros neto, pros filho. É agora nós tamo indo bastante nos baile da terceira idade, nós vamo pra tudo quanto é lugar. Ih, esses dia nós tava lá em São Sebastião do Caí, agora semana que vem nós vamo pra Sapiranga, semana passada nós tava em Nova Hartz e assim nós vamo. No Rolante nós tava sábado passado.<sup>263</sup>

Vidas transformadas, trajetórias diferentes, percepções semelhantes. Hoje tudo que aprenderam e vivenciaram tem um significado muito íntimo e singular para elas, principalmente aquilo que ter relação com o aprendizado vindo dos pais, como relatam as entrevistadas. Respeito, honestidade, trabalho e religião, estas palavras são as mais citadas quando o assunto o que aprenderam com seus pais; palavras estas que não esquecem até hoje, como podemos destacar na fala de uma delas:

<sup>261</sup> Entrevista número 4, realizada no dia 16 de junho de 2013.

<sup>262</sup> Entrevista número 1, realizada no dia 5 de abril de 2013.

<sup>263</sup> Entrevista número 4, realizada no dia 16 de junho de 2013.

Ai meus pais, eu amava meus pais, nunca deixei meus pais, eu sempre dava apoio pra eles, eu nunca me interessava nas coisas deles, eu queria eles. [...] Era a educação total que era a importância deles, porque naquela época não tinha estudo, nada. [...] Depois arrumou o pai, demorou bastante tempo, ela tinha idade, arrumou o pai daí ela formou família com o pai. Aparentemente era um casal bem assim, criou nós duas e deu o que pode dar. Ensinaram a religião, o trabalho e a ser sempre correto.<sup>264</sup>

Histórias e relatos que retratam, através da própria fala destas mulheres, seu modo de vida, seu trabalho, suas angústias e suas alegrias. Mulheres que vivem e participam de uma comunidade e que, de uma maneira ou de outra contribuem para a preservação da história e dos costumes de uma região.

---

<sup>264</sup> Entrevista número 6, realizada dia 24 de janeiro de 2014.



## CONCLUSÃO

Memória, fatos e histórias vividas e sentidas por mulheres “colonas” de uma comunidade rural, histórias de vida misturadas a tradições e hábitos familiares trazidos de seus antepassados alemães. Mais do que revitalizar a memória de uma comunidade, pude vivenciar em cada palavra, em cada gesto, a riqueza de fatos e relatos dessas senhoras.

Desde o primeiro contato, antes da entrevista, quando eram contactadas, estas mulheres apresentaram interesse e curiosidade em participar da pesquisa. Quando a entrevista acontecia, de início, ficavam receosas e reservadas quanto ao o que e como falar. À medida em que a conversa ia se desenrolando e o espaço de fala ia sendo dado a elas, em alguns casos quase uma conversa de velhas amigas, foram se sentindo à vontade para falar, relatar, relembrar, se emocionar, rememorar e comparar tudo aquilo que puderam viver e experimentar em sua trajetória de vida.

Mesmo invadindo um espaço tão íntimo, pois todas as entrevistas foram realizadas nas residências das entrevistadas, pude sentir um acolhimento muito grande por parte delas, além de uma intensa necessidade de contar sua história, mostrar seus tesouros familiares, como fotografias e objetos de família, com certo orgulho de pertencer àquela comunidade, fazer parte da história de um lugar que nasceram ou que adotaram como seu.

Muitas, aliás, externaram a satisfação em contribuir com suas experiências, lamentando inclusive que isto não tenha sido feitos antes, já que vêm percebendo que a “história dos mais antigo”, como elas mesmas expressam, está aos poucos se diluindo e se esvaindo, já que as pessoas que vivenciaram este passado estão falecendo e seus descendentes, filhos e netos, poucos sabem daquilo que se passou.

A partir da escuta e da análise dos relatos, podemos concluir que estas mulheres que, durante boa parte de suas vidas estiveram ligadas à terra, trabalhadoras rurais desde a mais tenra idade, de fato foram influenciadas pelos eixos da família, do trabalho e da religiosidade.

Conseguem expressar, através de sua fala, o quanto o aprendizado com seus antepassados refletiu na construção de suas identidades.

Conseguimos perceber que esta comunidade, inicialmente construída a partir de imigrantes alemães, nas últimas décadas tem perdido muito deste caráter germânico, visto que muitos descendentes de alemães que residiam na localidade, em sua maioria mulheres, estão aos poucos falecendo. Outra constatação é que muitas pessoas de fora da comunidade, tem vindo morar em Rio da Ilha, descaracterizando assim sua constituição inicial. Estas pessoas são chamadas pelas entrevistadas de “forasteiros”.

Outro ponto relevante, é a crescente chegada de outras religiões, em sua maioria pentecostais e neopentecostais, que destoam das primeiras religiões que ali se estabeleceram e formaram a comunidade, no caso as Igrejas Católica e Evangélica. Estas mulheres, de algum modo, ainda perpetuam e conservam vivas as primeiras comunidades de fé da localidade, participando ativamente da organização e estruturação direta destas igrejas.

Apesar de serem trabalhadoras rurais e se intitularem “colonas”, esta condição ainda as incomoda, mesmo que de maneira muito sutil, pois apesar de terem contato e amor pela terra, a figura da “colona” ainda é vista de maneira muito pejorativa, ainda seu trabalho tenha sido de grande valia para a construção da comunidade, elas se sentem diminuídas perante seus cônjuges e principalmente perante as outras pessoas que não fazem parte da comunidade. Nem sempre expressam isso, mas nas entrelinhas dos relatos, é possível perceber que, ao mesmo tempo em que se orgulham de sua descendência, se sentem desconfortáveis por carregarem o estigma de “colona” em algumas situações.

Através destes relatos, de mulheres “colonas”, consegui traçar um panorama de como vivem, pensam, se relacionam e se representam as mulheres “colonas” da comunidade de Rio da Ilha. Estas mulheres trabalhadoras, mães, esposas, viúvas, avós, representam um pouco do perfil da mulher “colona” desta comunidade.

Mulheres trazem consigo costumes e tradições de seus antepassados europeus, que têm como principal descendência a germânica e que, por isso mesmo, valorizam de sobremaneira sua família, preservando-a acima de tudo, seu trabalho, que traz a elas sustento, satisfação e realização e, sobretudo, a fé, galgada na religiosidade católica ou protestante; fé que norteia sua vida, seu trabalho e sua família. Fé que, por vezes, esteve em conflito entre as duas

religiões que construíram esta comunidade, gerando um desconforto presente ainda hoje na fala destas senhoras.

Mulheres, que nem sempre conseguem se ver como tais, pois estão sempre envolvidas em atividades múltiplas que por vezes sugam sua vida cotidiana. Mulheres “colonas”, com identidade e pertencimento.

Mulheres que falam e que também se calam, que carregam em suas entranhas as marcas de seu gênero, de sua descendência e de sua religiosidade. As rugas, muitas vezes, falam por elas, contam um pouco de sua vida sofrida na colônia. O choro e a emoção também falam por elas, rememorando momentos marcantes de sua trajetória. O sorriso, às vezes fácil e solto, às vezes contido e tímido, retrata uma personalidade forte e lutadora, que batalhou muito para poder criar seus filhos e filhas.

Simplesmente “colonas”, no sentido mais fiel e nobre da palavra, perpetuando a história de sua comunidade, mantendo viva a memória de um povo.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau (org). *História da Vida Privada no Brasil*, v. 3, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ANDERSON, Perry. *Modernidade e Revolução*. Contribuição à Conferência sobre o Marxismo e a interpretação da cultura realizada na Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign, julho de 1983, na sessão cujo tema era *Modernidade e Revolução*. Tradução: Maria Lúcia Montes. *Novos Estudos* CEBRAP, São Paulo, n.º 14, p. 2-15, fev. de 1994. 86p. p. 2. Disponível em: <[http://www.iiep.org.br/livros/modernidade\\_e\\_revolucao.pdf](http://www.iiep.org.br/livros/modernidade_e_revolucao.pdf),acesso>. Acesso em: 12 de setembro de 2013.
- ANDREAZZA, Maria Luiza, NADALIN, Sérgio Odilon. O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família migrante. *Revista Brasileira de Estudos Populares*, v. 11, n. 1, Campinas, 1994.
- AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, 2004. p. 109-120.
- BAHIA, Joana. *O pão nosso de cada dia*. Religião e consumo na imigração alemã. Trabalho apresentado no Seminário Temático Vida sustentável: práticas cotidianas de consumo, apresentado no VI Encontro Nacional de Estudos do Consumo e II Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo, ocorrido entre os dias 12, 13 e 14 de setembro de 2012 na cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.sisgeenco.com.br/sistema/enec/enec2012/ARQUIVOS/GT5-254-236-20120806231817.pdf>>. Acesso em: abril de 2014.
- BARROS, Cleyton Souza. *Luz e progresso: o imaginário da Belle Époque em Juiz de Fora (1889-1914)*. Artigo apresentado no I Colóquio do Laboratório de História Econômica e Social da UFJF, 13 a 16 de junho de 2005. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/lahes/files/2010/03/c1-a11.pdf>>. Acesso em: setembro de 2013.
- BARROS, Myriam Moraes Lins. Memória e Família. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, 1989. p. 29-42.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras [1969]. In: POUTIGNAT, P., STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998.

BENJAMIN, Waller. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaaios sobre literatura e história da cultura - Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1

BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Estudos Feministas*, n. 12, v. 1. Florianópolis: janeiro-abril de 2004. p. 205-227.

BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.

BURKE, Peter. *História como memória social*, In: Variedades de História Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Caderno comemorativo alusivo aos 40 anos da Paróquia Evangélica de Rolante. (1922-1962). Rolante, 1962.

CANO, Wilson. Notas sobre o imperialismo hoje. *Revista Crítica Marxista*, Campinas, n. 3, p. 132-135, 1996, p. 132. Disponível em: <[http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/debate14Debate2.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/debate14Debate2.pdf)> Acesso: setembro de 2013.

CARAÇA, João. Ciência, complexidade e poder. *Análise Social*. v. 34, n. 151-152. p. 683-689. Lisboa, 1999.

CARNEIRO, Maria José. Herança e gênero entre agricultores familiares. *Estudos Feministas*, ano 9, segundo semestre de 2001. p. 21-55.

CARVALHO, Ana Claudia. *A Era Vitoriana em a Noiva Cadáver*, 2007, p. 2. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto\\_todasasletras/inicie/AnaClaudiaCarvalho.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inicie/AnaClaudiaCarvalho.pdf)>. Acesso em: agosto de 2012.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. *Cadernos Pagu*, n. 4, 1995, p. 37-47.

CHASSOT, Attico. A ciência é masculina? É, sim senhora. *Contexto e Educação*. Ano 19, n. 71-72. Editora UNIJUÍ, jan/dez de 2004, p. 9-28.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História Oral e Narrativa: tempo, memória e identidade. *História Oral*, v. 6, junho de 2003.

DEL PRIORI, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. São Paulo: UNESP, 2009.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias e Conversas de Mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

DEL PRIORE, Mary. *O Castelo de Papel: uma história de Isabel de Bragança, princesa imperial do Brasil, e Gastão de Orléans, Conde d'Eu*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

DE MORI, SJ Geraldo. Teologia da Libertação: relendo o passado e acolhendo o futuro. *Caminhos*, v. 10, n. 2, p. 56-73. Goiânia, jul/dez de 2012.

DORNELLES, Soraia Sales. *Encontros e (des) encontros ao "fazer a América": indígenas e imigrantes no RS no século XIX*. XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH, São Paulo, 17 a 22 de julho de 2011. p. 9-11. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308162996\\_ARQUIVO\\_Anphu2011-textoSoraiaSalesDornelles.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308162996_ARQUIVO_Anphu2011-textoSoraiaSalesDornelles.pdf)>. Acesso em: maio de 2014.

DOS ANJOS, Gabriele. *"Mulheres todas santas": participação de mulheres em organizações religiosas e definições da condição feminina em Igrejas Cristãs no Rio Grande do Sul*. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: agosto de 2009.

DREHER, Martin. *Igreja e Germanidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

DREHER, Scheila dos Santos. *"O pontinho da balança": história do cotidiano de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil, a perspectiva do privado e do público*. Dissertação de mestrado, Escola Superior de Teologia (EST). São Leopoldo, 2007.

DREHER, Scheila dos Santos; RIECHEL, Daiana. *In: Imigração e relações interétnicas*. DREHER, Martin N.; KUNZ, Jaqueline Anschau; MÜGGE, Miquéias Henrique (org.). São Leopoldo: Oikos, 2008.

DOURADO, Débora Paschoal; HOLANDA, Luciana Araújo de; SILVA, Michelaine Machado Maciel da; BISPO, Danielle de Araújo. Sobre o sentido do trabalho fora do enclave de mercado. *Cadernos EBAPE*, v. 7, n. 2, Rio de Janeiro, junho de 2009. p. 350-357.

DROOGERS, André. Religião, identidade e segurança entre i imigrantes luteranos da Pomerânia, no Espírito Santo (1880-2005). *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 28, v. 1, p. 13-41, 2008.

ENGELS, Friedrich. *Origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Tradução: Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

FERREIRA, António Gomes. A difusão da escola e a afirmação da sociedade burguesa. *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, v. 5, n. 1, jan./jun. 2005, p. 176-198. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/185>>. Acesso em 15 de setembro de 2013.

FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. Tradução João Resende Costa. São Paulo: Paulinas, 1992.

FISCHER, Joachim H. Identidade Confessional: lições da história. *Estudos Teológicos*, v. 43, n. 1, p. 29-42, 2003.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

GEVEHR, Daniel Luciano. *As vivências de um espaço mundano: as representações da zona do meretrício em terras de imigração alemã*. (Taquara -RS, décadas de 1970 e 1980). CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo. Anais do Congresso Internacional das Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. p.484-1499.

GIERUS, Renate. “Além das grandes águas”: mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850. Uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas. Tese de doutorado para obtenção de Doutora em teologia do Instituto ecumênico de Pós-graduação. São Leopoldo, 2006.

GOMES, Jerusa Vieira. Do campo à cidade: as transformações nas práticas educativas familiares. *Cadernos de Pesquisa*, v.64, p.48-56. São Paulo: fevereiro de 1988.

HARRES, Marluza Marques. Aproximações entre história de vida e autobiografia: os desafios da memória. *Revista História Unisinos*, v. 8, n. 10, p. 143-156. Jul-Dez, 2004.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBBSAWN, Eric.J. *A Era do Capital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JOCHEM, Toni Vidal. *A formação da colônia alemã Teresópolis e a atuação da Igreja Católica*. Florianópolis: UDESC/PPG, Tese de Doutorado, 2002.

KLUG, João. Confessionalidade e etnicidade em Santa Catarina: tensões entre luteranos e católicos. *Revista de Ciências Humanas Florianópolis*, v. 16, n. 24, p.111-127, out. de 1998

LANDO, Aldair Marli [ et al]. *RS: Imigração e Colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

LE GOFF, Jacques, 1924. *História e memória* / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão [et al.], Campinas, UNICAMP, 1990.

LIMA, Jocemar Paulo de. GEVEHR, Daniel Luciano. *Os lugares de memória da cidade: os imaginários urbanos de Taquara na República Velha (1889-1930)*. Publicado em 16 de agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/os-lugares-de-memoria-da-cidade-os-imaginarios-urbanos-de-taquara-na-republica-velha-1889-1930/74273/>> . Acesso em: 3 de setembro de 2013.

MALHEIROS, Bruno Taranto. *Metodologia da Pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: LTC, 2011, 2. ed.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. *In: Sevcenko, Nicolau. República: da belle époque à era do rádio.* São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 367-421.

MENASCHE, Renata. SCHMITZ, Leila Claudete. *Agricultores de origem alemã, trabalho e vida: saberes e práticas em mudança em uma comunidade rural gaúcha.* Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007. Disponível em: < <http://www.rimisp.org> >. Acesso em: agosto de 2010.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo. *Mulher e Trabalho*, v. 5, 2005.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil.* 3 ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

MEYER, Dagmar Estermann. “Alemão”, “Estrangeiro” ou “Teuto-brasileiro”? Representações de docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul. 23ª Reunião anual da Anped, Caxambu: de 24 a 28 de setembro de 2000 . Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0219t.PDF>> . Acesso em: setembro de 2013.

NOVAIS, Fernando A, SEVCENKO, Nicolau (org). *História da Vida Privada no Brasil*, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. Os bispos e os leigos: reforma católica e irmandades no Rio de Janeiro Imperial. *Revista de História Regional*, n. 6, v. 1, verão de 2001. p. 148. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/issue/view/204/showToc>>. Acesso em: 16 de outubro de 2013.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional.* São Paulo: Brasiliense, 2006.

OSÓRIO, Luiz Felipe Brandão. A Economia Política do Império Alemão: condição histórica, bancos e cartéis. *Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada* ,v. 6, n. 10, Jan-Jun 2011.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Caderno de Pesquisa*, n. 104, p.144-161. Lisboa: julho de 1998.

PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. O significado da Alemanha para a gênese da Geografia Moderna. *Geosul*, Florianópolis, v. 20, n. 40, p 45-53, jul./dez. 2005.

PERROT, Michelle. Escrever uma História das mulheres: relatos de uma experiência. Conferência proferida no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu em 06 de maio de 1994 (Unicamp). Tradução de Ricardo Augusto Vieira - Mestrando em Filosofia, UNICAMP. *Cadernos Pagu*, n.4, p.9-28, 1995.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.



PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*, Bauru. São Paulo: EDUSC, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a Memória e o Patrimônio Urbano. *Cadernos do LEP AARQ*, v. 2, n. 4. Pelotas: Editora da UFPEL, agosto/dezembro de 2005.

PHILERENO, Davis Cassiano. BARBOSA, Marcel Jaroski. *Evolução Histórica dos Sistemas agrários na localidade de Taquara-RS, encosta inferior do nordeste*. Anais III Congresso Brasileiro de Sistemas, 2007. Disponível em: < <http://www.issbrasil.usp.br>>. Acesso em: setembro de 2013.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Revista Estudos Históricos*, v.2, n.3, 1989. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: outubro de 2011.

PORTELLA, Rodrigo. Fé, cultura e norma eclesiástica: a gênese da Igreja Luterana no Brasil- organização popular e tutela eclesiástica. *Revista Fragmentos de Cultura*, v. 16, n. 7/8, p. 593-607, Goiânia, jul./ago. de 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TAQUARA, site oficial. Disponível em: <<http://www.taquara.com.br/home/>>. Acesso em: setembro de 2013.

RANZI, Sirlei Maria Fischer. *Alemães católicos: um estudo comparativo de famílias em Curitiba (1850-1919)*. Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1996.p.145-146. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24635/T%20%20RANZI,%20SERLEI%20MARIA%20FISCHER.pdf?sequence=1>> . Acesso em: outubro de 2013.

REINHARDT, Juliana Cristina. *Diga-me o que comes e te direi quem és: alemães, comida e identidade*. Tese de doutorado do curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.

RÉMOND, René. *O século XIX: 1815-1914*. São Paulo: Cultrix, 1990.

RIBEIRO, Antônio Carlos. Protestantismo de imigração: chegada e reorientação teológica. Protestantismo em Revista, v. 16, maio/agosto de 2008. p. 49-65. Disponível em: <<http://www3.est.edu.br/nepp>>. Acesso em: abril de 2014.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado Ribeiro. Visões e perspectivas: documento em História Oral, *Oralidades: Revista de História Oral* , v. 2, p.151-161, 2007.

RIEHEL, Daiana . *Colcha de retalhos: a permanência e a herança da mulher rural do sul do Brasil - 1937 A 1945*. São Leopoldo, 2003. X Congresso Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanidades. Disponível em:<<http://www.aninter.com.br>> Acesso em: maio de 2013.

RIETH, Ricardo Wylli. Imigração, colonização e associativismo evangélico: acerca da presença da Associação/Obra Gustavo Adolfo no Brasil. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 114-123, 2003.

ROHDEN, Fabíola. O corpo fazendo a diferença. *Mana*, out 1998, v. 4, n. 2, p. 127-141.

ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. *Estudos Feministas*, v. 14, n. 1, Florianópolis, Jan/abril 2006. p. 294-304.

ROSÁRIO, Maria José Aviz, SILVA, José Carlos. A Educação Jesuítica no Brasil Colônia, 2004. Disponível em: <<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.11/GT3.PDF>>. Acesso em: abril de 2014.

SALAMONI, Giancarla. A imigração alemã no Rio Grande do Sul. *História em Revista*, v. 7. Pelotas, dezembro/2001. p. 25-42.

SANCHIS, Pierre. Cultura brasileira e religião...passado e atualidade. *Cadernos CERU*, série 2, v. 19, n. 2, dezembro de 2008.

SANTANA, Nara Maria de. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. *Dimensões*, v. 25, 2010, p. 235- 248.

SANTANA, Nara Maria Carlos de. *Imigrantes Alemães e o Brasil Caboclo*: Memória, identidade e política nacional no Brasil. Texto produzido para: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1012.pdf>>. Acesso em: setembro de 2013.

SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem moral. *Caderno de Pesquisa*, n. 91, São Paulo, novembro de 1994. p. 46-53.

SCHMITDT, Kelly Raquel. VIVIAN, Priscila. A preservação da identidade germânicas através das vivências turísticas e do patrimônio cultural imaterial. Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Saberes e fazeres no turismo: interfases. Caxias do Sul, 9 e 10 de julho de 2010.p.5. Disponível em: <[http://www.ucs.br/ucs/tplPadrao/tplSeminTur2010/eventos/seminario\\_de\\_pesquisa\\_semintur/anais/gt02/imprimir/arquivos/02/A%20preservacao%20da%20identidade%20germanica%20atraves%20das%20vivencias%20turisticas.pdf](http://www.ucs.br/ucs/tplPadrao/tplSeminTur2010/eventos/seminario_de_pesquisa_semintur/anais/gt02/imprimir/arquivos/02/A%20preservacao%20da%20identidade%20germanica%20atraves%20das%20vivencias%20turisticas.pdf)>. Acesso em: abril de 2014.

SCHNEIDER, Ingrid. Êxodo, envelhecimento populacional e estratégias de sucessão na exploração agrícola. *Indicadores Econômicos FEE*,v. 21, n. 4, 1994. Disponível em:< <http://www.revistas.fee.tche.br> >. Acesso em: setembro de 2013.

SEIDL, Ernesto. Escola, religião e comunidade: elementos para compreensão do “catolicismo imigrantes”. *Pensamento Plural*, Pelotas, n. 3, p 77-104, julho-dezembro de 2008.

SEYFERTH, Giralda. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p.61-88, outubro de 1999.

SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania: A imigração alemã e o Estado brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v.7, n.18, 2003.

SEYFERTH, Giralda. A Dimensão cultural da imigração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 77, p. 17-62, outubro de 2011.

SEYFERTH, Giralda. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultura no Brasil. *MÉTIS: história & cultura*, v. 11, n. 22, jul./dez. 2012.

SILVA, Eliane. *A Teologia da Libertação na América Latina: contexto histórico e teológico do surgimento*. ANAIS DO IV ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES –ANPUH -Memória e Narrativas nas Religiões e nas Religiosidades. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR) v. V, n. 15, jan/2013. ISSN 1983-2850. Disponível em : <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.htm>.> Acesso em: abril de 2013.

SILVA, Maria da Anunciação, MANDÚ, Edir Nei Teixeira. Ideias cristãs frente ao corpo, à sexualidade e a contracepção: implicações para o trabalho educativo. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, n. 28, v. 4, p. 459-464. Porto Alegre, dezembro de 2007.

SOIHET, Rachel. O corpo feminino como lugar de violência. *Projeto História*, n. 25, São Paulo: EDUC, dez/2002, ISSN 0102-4442, páginas: 269-289.

SOIHET, Rachel. PEDRO, Maria Joana. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

SWAIN, Tânia Navarro. A invenção do corpo feminino ou “a hora e a vez do nomadismo hereditário?”. *Textos de História*, v. 8, n. 1/2, 2000.

TESCHE, Sílvio. *Vestes Litúrgicas*. Elementos de prodigabilidade ou elementos de dominação: as vestes paramentais na Reforma Luterana do século XVI e na e na Reforma Prussiana do século XIX, dissertação de mestrado, Escola Superior de Teologia (EST) , São Leopoldo, 1992.

THOMPSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p.1-293, abril de 1997. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/>>. Acesso em: outubro de 2013.

TONINI, Hermes Antonio. *Por amor, só por amor: uma hermenêutica de gênero a partir de novas masculinidades em Mateus 1*. 18-25. São Leopoldo: EST/PPG, 2011.

TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. *Cadernos Pagu*, p. 29-62, 1994.

VANDERLINDE, Tarcísio. Imigração e Campesinato no Sul do Brasil: Uma discussão preambular. Artigos & Ensaios. *Revista Varia Scientia*, v. 5, n. 9, p. 189-201, agosto de 2005.

VANDERLINDE, Tarcísio. CAPA: O jeito luterano de atuar com os pequenos agricultores no Sul do Brasil. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 46, n. 2, p. 143-162, 2006.

VOIGT, Olgário Paulo. *Capital social e instituições comunitárias no sul do Brasil*. In: Instituições comunitárias: instituições públicas não-estatais / organizador, João Pedro Schmidt. - Santa Cruz do Sul : EDUNISC, 2009.

VOIGT, André Fabiano. O teuto-brasileiro: a história de um conceito. *Espaço Plural*, ano IX, n. 19, 2º semestre de 2008.

WACHHOLZ, Wilhelm. Luterano? Reformado? Unido? Evangélico! Aspectos históricos e teológicos da União Prussiana. In: *Evangelho, Bíblia e Escritos Confessionais*; anais do II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterano. São Leopoldo: EST, 2004.

WACHHOLZ, Wilhelm. Identidades forjadas na interdependência: o caso católico e protestante no Brasil do século XIX. *Revista Mosaico*, v. 2, n. 2, p. 117-124, jul/dez., 2009.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

WEIDUSCHADT, Patrícia. O lazer e a construção da identidade numa comunidade rural de descendentes germânicos em Pelotas, v.6, n.11-12. Pelotas: Editora da UFPEL, 2009. p. 33-54.

WITH, Lauri Emílio. Protestantismo e etnia: sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração. *Estudos Teológicos*, v. 38, n. 2, p. 156-172, 1998.

WIRTH, Lauri Emilio. Protestantismo brasileiro de rito luterano. *Revista USP*, São Paulo, n.67, p. 68-77, setembro/novembro 2005.

WITT, Marco Antônio. *A união perfeita: estratégias familiares e inserção política (Rio Grande do Sul – século XIX)*. IX Encontro Estadual de História. Associação Nacional de História. Seção Rio Grande do Sul – ANPUH-RS, 2008. Disponível em: <[www.eeh2008.anpuh-rs.org.br/simposio/public](http://www.eeh2008.anpuh-rs.org.br/simposio/public)>. Acesso em: abril de 2013.

**ANEXOS**

Anexo I .....	Imagens da localidade
Anexo II .....	Termo de consentimento
Anexo III .....	Roteiro de entrevistas
Anexo IV .....	Entrevistas realizadas

## Anexo I

## Imagens da localidade



Anexo II

Termo de consentimento

## MODELO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Vozes e silêncios: memória, identidade, religiosidade e representação da mulher “colona” do Vale do Paranhana

Nome do (a) Pesquisador (a): Ana Paula Moutinho Ferraz

Nome do (a) Orientador (a): Wilhelm Wachholz

1. **Natureza da pesquisa:** *o sra está sendo convidada a participar desta pesquisa que tem como finalidade montar um panorama de como vivem e pensam as mulheres descendente de alemães nos dias de hoje.*
2. **Participantes da pesquisa:** *15 mulheres da faixa etária d 50 e 60 anos que residem na comunidade de Rio da Ilha, interior do município de Taquara.*
3. **Envolvimento na pesquisa:** *ao participar deste estudo a sra permitirá que a pesquisadora possa aprofundar seus estudos obre a participação das mulheres no processo de formação de nossa região. A sra tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra . Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.*
4. **Sobre as entrevistas:** *As entrevistas serão gravadas, e depois, a partir de uma pauta, a entrevistadora irá retomar os principais pontos capturados durante a entrevista e que são importantes para a pesquisa tais como: família, religião, trabalho, participação na sua comunidade .*
5. **Riscos e desconforto:** *a participação nesta pesquisa não traz complicações legais.Tens a liberdade de responder o que quiseres, a entrevistada vai sempre retomar aquilo que queres que seja publicado ou não. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.*
6. **Confidencialidade:** *todas as informações coletadas neste estudo servirão de base para estudo. A identificação das pessoas envolvidas será preservada no anonimato. Somente a pesquisadora e o orientador terão conhecimento dos dados.Após terem sido transcritas as entrevistas, o material gravado da será descartado, garantindo ainda mais a confidencialidade das informações fornecidas para a pesquisa.*
7. **Benefícios:** *ao participar desta pesquisa a sra não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a participação da mulher alemã na comunidade de Rio da Ilha, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa servir para traçar um panorama de como vivem as mulheres descendentes alemãs hoje nesta comunidade, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.*



8. **Pagamento:** *a sra não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.*

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem:

**Consentimento Livre e Esclarecido**

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Nome do Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Local e data

**TELEFONES**

**Pesquisador: Ana Paula Ferraz (93545222)**

**Orientador: Wilhem Wachholz**

**Nome e telefone de um membro da Coordenação do Comitê de Ética em Pesquisa:**

Anexo III

Roteiro de entrevistas

Roteiro de perguntas/questionário para a pesquisa com seres humanos

- 1- Sempre morou na comunidade? Caso a resposta for negativa, quando se mudou para cá?
- 2- O que acha da comunidade? O que falta?
- 3- É agricultora? Vem de família de agricultores?
- 4- Qual a principal fonte de renda da família?
- 5- Tem filhos? É casada?
- 6- Qual religião pertence? Como é a sua participação dentro de sua religião?
- 7- Qual o seu envolvimento com a comunidade em geral?
- 8- Como é a relação entre os vizinhos?
- 9- Relate fatos marcantes da sua infância.
- 10- Qual a importância da família para sua vida?
- 11- Quais os principais ensinamentos deixados pelos seus pais e antepassados?
- 12- O que você espera que ocorra com a comunidade no futuro?Por quê?

Anexo IV

Entrevistas realizadas

Entrevista (1): 5 de abril 2013.

Entrevistada: J.B.K

Idade: 64 anos

Religião: católica

Percepções sobre a entrevista: Mora em uma casa simples de madeira. O que primeiro chama a atenção é a imagem de Jesus na parede da cozinha e de algumas imagens de santos em cima da geladeira. É viúva a algum tempo. Quando era criança usava-se o rio para tudo, lavar roupas e tomar banho, entre outras coisas. Com seis anos ganhou de presente do pai uma enxada, que entregou o presente dizendo: De hoje em diante essa é a tua enxada! ( representando de maneira simbólica da menina na lida da roça).

Apanhava da professora, pois só sabia falar em “brasileiro”. Ela e a irmã se escondiam para poder falar em alemão na escola. Certa vez, ficaram de castigo em casa, pois se recusaram a pedir a professora água em português, por esse motivo ficaram proibidas de escutar a apresentação do pai na rádio Taquara, só puderam escutar um sinal.

Lugar onde mora, vizinhos.

Trabalho

Família/ lembranças de família

Igreja/ religião

Infância

Percepções de gênero/papel do pai e da mãe na família

Eu nasci na Ilha Nova, Rolante, eu vim da Ilha Nova pra cá.

Ai, o que que eu vou dizer, médico melhorou tudo, é... o transporte é difícil.

Eu trabalhei na roça sempre, desde cedo, desde os seis ano, toda vida na roça. Me criei na roça mesmo. Nós era colono mesmo [...] a gente vendia algumas coisas se sobrava, a sobra a gente vendia e o resto que a gente precisava pra comê era guardado e o resto era vendido.

Eu tenho ela e a neta [se referindo a filha que acompanhava a entrevista]. Sou viúva de onze anos.

Participo da Igreja e do coral, tudo, tudo, participo de tudo. Eu gosto bastante de participar. A gente aprendeu isso com o pai. Hoje eu to participando, eu acho, de uns sete coral diferente, um na Padilha, uns dois aqui e uns lá na Taquara. Eu adoro canta. Eu até tentei aprende a tocar violão, mais não sei muito bem (risos). Mas eu sei lê tudo as partitura, eu tentando que tá escrito.

Ai com meus vizinho eu gosto, eu me dou bem com eles, eu gosto deles assim.

A gente brincava no mato o dia todo, as nossas comida era fruta, nós colhia as nossas frutinha e com isso dali fazia comida, nós brincava assim nos mato, nos potrero, nos mato. De palha de tudo nós

fazia brinquedo. A nossa vida era assim de colono mesmo. [...] Nós era de doze, eu tinha quatro irmãos e o resto era moça, agora somo quatro ainda. Nós era bastante gente... e bastante gente na mesa também! Haja comida!

É uma alegria a importância (silêncio)

Cantá, tocá violino ele ensinava nós [referindo-se ao pai] Sim, ele também tocava e cantava, meu pai era músico, era maestro, cinquenta anos ele era maestro. Eu ainda to em seis corais,

agora terminou dois né, mas eu ainda to nos outros corais, desde os nove anos. Nunca parei de cantá nos corais. Isso nós herdemos do pai.

Que que eu vou dizer, nós gostava se fizesse alguma coisa pra nós não tê essas poeira né. (falando sobre a necessidade de asfalto na comunidade).

Aquele um é músico também, aquela uma irmã ainda tem um conjunto de Igreja, e ele tem quatro tipo de música em casa, chega da fábrica tá ele nas música dele. Ele era pra ser o nosso maestro, se não fosse [...] daí por fim as coisa ficou difícil daí ele foi pra fábrica, ele ia ser o nosso maestro. Ele que regia nós, o coral, nós ia cantá na Igreja e o padre pediu mais outra de tanto que ele gostou, ele quase que levou meu irmão junto de tanto que ele gostou. Eu tenho uma caixa cheia desta músicas [do pai] que não foi dada pros maestro, eu tenho ali umas ainda. Ele fazia assim, ele botava a caneta lá dentro [do tinteiro] pegava a tinta e fazia o hino mesmo. Um dos primeiros hino foi dele. Tem umas que as pessoas não sabe lê mais [está tudo escrito em alemão com letra cursiva]. A cabeça do meu pai se fosse hoje, podia ser a família mais rica [...] O pai pegava lenha no mato e trazia pra casa e aqueles pau ele limpava, aí pegava um machado, pegava as lenha assim e queria fazê aqueles santo pra Igreja, ele fazia o São José, o Santo Antônio, ele fazia do tamanho do São José, a faquinha, a canivete. Se sentava ali ai a gente ali e olhava e pensava: - Mas como é que o pai fazia aquelas coisa ali! As unha pintada, a boquinha igual, pena que eu não tenho um santo pra mostrá, mas na minha família todos tem. Em cada família tem um santo que foi ele que fez.[...] Meu pai tinha letra muito bonita, pra quem não entende nada, isso é as coisa que tu tem que saber. Quando tu vai reto, ou vai pra cima ou pra baixo, isso tu tem que sabê, tem que aprender se não tu não é cantora certa. Claro, hoje me dia não tem mais, é difícil tu achar. Mais o meu pai, veio um cara lá de Igrejinha e disse: - Vocês cuidem bem do pai de vocês, pois não existe mais. Não existe a pessoa com uma cabeça que nem do teu pai.[...] Meu pai não tinha professor nem nada, era tudo da cabeça dele. Eu tinha vô músico dos dois lados. A mãe gostava quando ele tocava, só que a mãe na aprendeu. Os meus dois vô era professor, o vô Schmidt e o vô Bach. Professor de colégio, talvez sabiam mais que nós sabe hoje né.

O vô veio da Alemanha, e aquela vez que ele veio eles queimaram a bandeira, disso em me alembro, foi queimado tudo que era de alemão mesmo, foi queimado tudo, tu viu aquela bandeira da foto, nós fizemo tudo, foi tudo queimado aquelas bandeira que tinha escrito me alemão.

Tu fez um [se referindo a filha sobre seu talento para a música como algo familiar] tala guardado teu hino. Quando ela era pequeninha pegou a folha do pai e foi copiando, daí eu levei um dia pro maestro pra ele olhar e disse se as nota tavam certa, aí ele começou a cantar aí ele disse: - Mas como é que ela foi fazer tão certinho! Eu já não sei... ela era pra ter continuado.

Nós fumo lá na água e pegamo os anzol e pescá, fumo lá na água. A água fazia assim, dava umas espuma assim ó, ela dava umas ondinha assim, e eu dizia: - Eu pesquei uma maninha pra mim! Mas que nada... chegemo em casa nós ficemo tão braba com aquela parteira porque ela trazia só guri eu queria uma maninha. Os outros rindo de nós e nós se bobenado a pegá maninha!

Nós começemo a chorá por causa da chuva, e aí eles dizia:- Olha o Papai Noel! A palavra era sempre: - Olha o Papai Noel! E nós já se escondia. Daqui a pouco veio essas coisa de batê como se fosse batida de colher, duma coisa na outra, eles tavam fazendo medo pra nós do papai Noel, e a gente acreditava que era o Papai Noel,uns ficavam debaixo da cama outros ficavam na cama de medo.

Aí trazia a criança de lá , era pendurada num burro numas bolsa, ali dentro tava as criança. Daí a gente era levado pra casa dos outros pra não descobri que ia nascer uma criança, mas a gente sabia que ia nascer uma nenê. Nós era levado e os que não se acordava ficava em casa. E quando levantava tinha uma nenê lá.[...] Eles sempre dizem como é que eu não tinha esquecido disso e eu disse, mas eu sei que eu fiquei pra trás,as outras foram levada pra casa dos outros e não me conseguiram acordar. Quando eu levantei eles disseram: - Vem cá vê que que a mãe tem do lado! Tinha o meu maninho.



Entrevista (2): 5 de abril 2013.

Entrevistada: J.T.K.L

Idade: 66 anos

Religião: católica

Percepções sobre a entrevista: Mora numa casa de madeira ao lado da filha e das netas, é viúva há dez anos. Foi auxiliar de enfermagem, auxiliava principalmente em partos. É natural de Santa Rosa, mas veio morar muito pequena em Rio da Ilha. O padrasto do pai veio da Alemanha para ser professor no Brasil.

Lugar onde mora, vizinhos.

Trabalho

Família/ lembranças de família

Igreja/ religião

Infância

Percepções de gênero/papel do pai e da mãe na família

Desejos, perspectivas, esperanças

Comparação (ontem, hoje)

O que aprendeu com os pais, lições

Nós fomo trabalhá pro falecido Arno Faió, aonde agora a ronda, aquilo tá tudo cheio de casa agora, aí eu ia no colégio Rodolfo Jager. Depois dali meu pai se mudou pra passar fome e miséria lá na Barra do Ouro e eu fiquei morando na minha irmã que era enfermeira do doutor Arno Faió, aí eu fui morando ali. Aí depois o meu pai veio de lá pra morar lá no Fialho, começou a trabalhar na Companhia Barcelos, aí eu estudei nos coleginho lá no Filho e o meu pai trabalhava abrindo valo nas rua. Depois ele foi promovido pra derreter pinche, todo esse pinche da entrada de Taquara a Porto Alegre, estrada velha. Ai ele trabalhou.

Depois eu fui servir de babá, depois uma “domesticazinha”[...] lá na Padilha na casa de uma professora. E meu pai daí já tava aposentado, nós tínhamos a vó com 84 anos parálitica a mais de dez anos na cama, eu cuidava dela [... silêncio]. Aí eu comecei a namorar aos quinze anos meu marido. Casemos, ahh [...] com dezoito eu tive a primeira filha, quatro anos depois a outra, daí isso já. A primeira eu ganhei em Casa de Pedra, a segunda eu já tava morando em Porto Alegre, com a graça de Deus porque lá eu tava perto do socorro, ela nasceu de oito meses. Foi salva lá no hospital Nossa Senhora da Conceição.

Depois de lá nós voltamos, de Porto Alegre fomos morar em Viamão, meu marido trabalhava no Cantegrill Clube de Viamão, daí começou a lenga, lenga (suspiro). Começou a doença, doença, doença... [referindo-se a doença que acompanhou o marido durante mais de vinte

anos]. Essa ali três meses no hospital [referindo-se a filha mais nova] ela mal tava se recuperando daí caiu ele.

Eu era empregada doméstica e zeladora de um edifício, aí ele começou a ficar doente e fui parar em Viamão, aí era pra cuidar de um sitiozinho tipo caseiro pra cuidar de dois terrenos, aí o dinheiro não dava comecei a trabalhar. Ao total eu tava com quinze consultórios médicos pra limpar na Andradas 1261, ali eu limpava os apartamentos depois do expediente e de noite, aí durante o dia eu trabalhava de ascensorista no edifício a OAB. E foi uma luta, criei minhas filhas, eduquei minhas filhas e o meu marido sempre doente.

Tanto que ele veio pra cá ganhando isquemias e coisa e tudo, o pessoal que passava fazia ele de bobo até que eu fui lá botei o cachorro no meus vizinho. Aí quando eles diziam: - Ah bem capaz que esse homem é doente. E eu disse: - Se a próxima vez vocês fizerem alguma coisa pro coitado eu vou botá na rádio Taquara! Eu sou meia sabe... porque fazê eu não ia fazê mesmo, já pensou todo mundo escutando. E me lembro que eles fizeram assim: - Olha lá a vaca de vocês, ele fez atravessar o rio, chegando lá não era a vaca. Nossa![...] Chamaram que a égua da minha neta tava lá, saiu ele atrás da égua, chegou lá era um bagual. Aí eles queriam arrumar o revólver dele, um revólver que já tinha estragado o revólver. Ele um dia deu um tiro ali no canto da cãs pra matar um gato, só uma pessoa que tá recém começando a vida que vê que aquilo ali né.... daí eu fui lá no Dailor, e a Nadir fazia ele de bobo também. Aí eu fui lá e disse:- Olha Dailor tu que continuar sendo meu amigo tu não me faz mais o meu marido de bobo!- Bem capaz que ele é um homem doente! – É doente sim!- É assim porque convém pra ele!

Ele tava aposentado e eu tava trabalhando e o dinheiro não chegava pra comprá os remédio, não chegava....mas, a única coisa que eu sinto, ainda tava falando hoje de manhã pelo telefone, eu não tive condições de ir junto pra Porto Alegre, quando ele morreu, na noite que ele morreu, eles levaram duas vezes para Porto Alegre e... a segunda vez eu não tive mais condições de ir junto, porque eu tinha passado duas noites sem dormir, por causa que o velho que eu cuidava tava alvoroçado, e durante o dia eu tinha que trabalhar que era um horror pra poder ficar.

Eu trabalhava, me submetia aquilo porque eu precisava do dinheiro tanto que eles vieram dez vezes aqui no portão atrás de mim. E eu disse:- Agora vocês não precisam mais vir atrás de mim. No tempo que vocês tinham que ter valorizado foi quando eu tava lá! E vai fazer dez anos que o Cláudio já partiu, e dois ano e pouco a vó já tava ruim [referindo-se a paciente que ela cuidava] faz doze anos que a vó tá parálitica só mexe com a boca e os olhos... a mãezinha do Paulo da Ecoland, aquele home riquíssimo lá, os velho era riquíssimo. Mas não tinha nada, nada, nada, dentro de casa nem uns talher e cadeira decente. O médico entrou numa porta e olhou assim: - Essa casa tem que ser pintada. Doutor Miguel. Aí ele olhou e disse: -Oi Jura, é tu! E ele virou pro Paulo e disse: - Com essa aqui eles tão bem! E ele me abraçando, e nós não se topava.

No hospital nó não se topava, porque ele bebia muito na época que eu entrei... ele parou depois...ele parou daí começou o Doutor Arthur Schered. Eu não podia acreditar que o doutor Arthur Schered tava bebendo. Um dia no telefone ele dando ordens pra nós. Daí eu disse pras gurias: - Gurias! Pega esse telefone aqui e vê se não é o doutor Arthur, isso é uma pegadinha! Daí a Vera pegou... Daí ele bebia até deixar as calças cair, aí esse paro.

Aqui no Rio da Ilha, a Clair já fez... vinte quatro pra vinte e cinco anos. Eu morei seis anos ali embaixo, na Laci do Avon, sabe, no meio do mato, lá em cima, aquela casa grande que tinha ali, ali eu morei seis anos. Eu não saía de casa pra lugar nenhum, a não ser do meu serviço. Eu ia de manhã as sete horas eu tava no Caridade ( hospital) até a 1h, saía a 1h e ia pro lar OASE e trabalhava até as sete, atravessava a rua as sete, batia o ponto lá no Faió até as sete da noite, batia o ponto as sete da manhã pra largar. Daí eu ia pro Caridade de novo até uma hora. Daí eu ia pro lar OASE e vinha embora.

Meu Deus do céu quanta gente eu cuidei! Eu cuidei, vamo vê, pai da Neca da floricultura, o seu Arnold, o seu João que era da GE ou sei lá o que,ahh, em casa assim. Depois o outro eu nem me lembro na esquina aonde era os bombeiro antigamente, o apartamento de cima, não me lembro mais quem era. Lá perto da tia Célia, uma senhora a mãe da boutique Lúcia, tem a boutique dela ali na cidade. Ai, daí lá em Parobé, eu jamais pensei em ir pra lá, nunca que eu pensei que eu ia pra Parobé, nunca. Eu tinha medo, eu tava tão traumatizada com Parobé, trilho, empresa, essas palavras eu não podia ouvir. Parobé era esfaqueado, era assassinado nos trilho, entrava um era esfaqueado, cortado, assassinado podia saber. Enfim.... era Parobé e que vinham lá de fora de...da terra dos valente como nós chamava. Depois até a Azaléia parou de pegar pessoal lá de fora, porque era tanta gente, isso era todo dia, todo dia, todo dia. A tempo atrás, eu mesma já parei a quanto tempo.

Quando eu fui pra rua. Um dia nós era vinte e três. Te lembra quando eles começou, eles fizeram a limpa no hospital, pois é... eu fui um daquelas vaca que foi pra rua. Nós tava de vinte e três esperando, cada qual mais nervosa.

Daí eu disse assim: - Gurias... olha parece que nós semos animais indo pro matadouro, era essa a sensação que eu to sentindo. Porque a semana passada eles prometeram que jamais nós íamos pra rua. Quantas pessoa nós já tinha salvado dentro daquele hospital, quanto bem nós tinha feito e nunca nós ia pra rua. Hoje nós temo aqui, parece... eu comecei, vinte e três vaca pro matadouro!- Ai Jura, que horror! Mas como é que vocês tão se sentindo, eu é a primeira vez que eu to indo pra rua,mas to me sentindo péssima, mas eu tô erguida. Uma entrou lá pra dentro começou abanar lá dos nervo, derrubou a flor da chefe de cima da mesa. E eu sentei assim e fiquei. E a dona Suzana: - Mas tu sabia né Jura! Eu disse: - Eu sabia, mas a senhora prometeu eu tava confiando na sua palavra que a gente não ia. Daí eu saí, eu atalhei por dentro do hospital, uns degrau ali, daí por ali ninguém andava, tive sorte que aquele dia ninguém veio mesmo, porque se aparecesse mais alguém...só eu e Deus ali, ainda me consegui me refazer. Fui lá pro meu armário, pegar as minhas coisas e ir embora. Na primeira vez eu ia embora, aí eu fico pensando assim quanta gente tão no serviço um, dois três, tão desempregado.

Ai, nós trabalhava nós três na mesma firma na OAB, a carta de referência, trabalhei nos consultório lá em cima, claro com vários e vários e vários. Eu tinha dentista, eu tinha médico eu tinha tudo. E já morava aqui, a Clair inventou de enfiar um pente no cabelo, eu cheguei no consultório. Daí eu disse pra secretária, eu sempre tive mania de me referir as pessoas “ O filha! Quando era pequena, mais nova ou...né... eu disse: - a minha filha enfiou o pente, tu podia dizer que é a Jura que tá aí pro Doutor Soni? E nisso ele chegou: - Ué, tu tá aí? E eu só fiz assim oh ( balançou a cabeça). – Passa aqui já! Disse o médico. Toda a saleta cheia de gente ali sentada, tudo particular. Daí ele olhou e disse assim: - Olha mãe, essa criatura quase fura o olho. Meu Deus! Eu olhei pra ele naquele aparelho, olhei pra aquele olho e nossa.... Diz ele assim: - Olha, isso aqui amanhã vai tá os dois fechado. Ela ficou em casa, naquela época ela trabalhava na Colombo. Ela ficou em casa mais de uma semana, machucou os dois olho, ficou assim vermelhão. Tudo agitação, tudo agitação. Foi seca o cabelo e pegou o pente assim...

Daí a gente ficou com saudade, mas tudo passa, tudo muda. OAB não é mais ali, agora tá num rico dum prédio.

Mas da colônia, como era antigamente, eu não tenho saudade...era muito judiado pro meus pais, pra mim não, que eu cuidava da minha vó. Meus pais trabalhavam na roça plantando feijão, arroz, milho, aipim, criando uns porquinho, umas vaquinha de leite e..... as vezes a seca atrapalhava tudo, ou senão era chuva demais, apodrecia o amendoim, apodrecia o aipim, apodrecia o arroz. O trabalho era difícil e nem sempre dava o que tinha que dar.

Como continua o nosso tempo hoje ainda, só que agora eu não sei se é eu que to mais sensível com o sol, ou se o sol tá assim mais quente do que era antigamente. Antigamente a gente caminhava, aqui pra baixo nós não vinha, mas dali onde nós morava da Padilha, nós ia na Cruzinha a pé, de lá da Padilha, lá pras Três Irmão. A gente caminhava horas, hoje em dia pra ir ali na Nadir a gente já não caminha.

Agora sempre foi difícil desde criança que eu me lembro, meus pais, meus tios só quem foi embora, um dos irmão do meu pai que foi embora pra Novo Hamburgo, ele tinha fábrica de papelão esses né... que nem o irmão da minha mãe que foi embora pra trabalha no calçado esses... já faleceram também, mas os filho continuaram, tão aposentado. Mas os que ficaram aqui, os Döener e os Mohelek, meu Deus!

Tudo muito difícil, quem tinha que regava a água, tudo bem, mas o pobre não tinha pra eles![...] viviam mais é do leitinho que tiravam, vendiam muita goiaba, aquelas goiaba da... inclusive o Henrique, pai do Henrique que comprava as goiaba pra levar pra Pelotas, uns caminhão de goiaba, até meu falecido sogro vendia, mais daí eu nem conhecia eles, fiquei só sabendo depois, mas de lá eu sabia. E o meu pai trabalhava muito puxando madeira pra um tio meu que tinha serraria, tio não, a esposa dele era irmã da minha vó, mas ela era minha madrinha de casamento. Hoje não tem mais nada!

Tanto que os Alembrand chegaram a matar dentro daquela casa, mata gado pra vender contrabando[...] uma casa linda, linda, linda, linda. A sala dela eu acho que dava toda a minha casa, o quarto da frente um enorme de um quarto. Eu não sei, mas eu acho que era seis por

seis aquele quarto. Aí tinha um quarto que era quatro por quatro mais ou menos, era quarto de solteiro, e daí tinha a escadaria; dois quarto lá em cima, quarto enorme, com duas cama de casal, outras cama, em cima tudo arrumadinho. O quarto da tia, a sala de jantar, mais outro quarto, a cozinha, aí tinha onde eles faziam chimia, a mãe fazia muita chimia lá.

A mãe fazia porvilho, chimia doce[...] ai, aquela meleca no inverno pra descasca [...] a gente fazia melancia de porco, aham, ai deixa eu ver! Laranja, melancia de porco, chuchu, hum...tinha as coisa que eu gostava de descasca, mas aham, ai laranja era horrível!ui, eu não podia nem pensar, parece que eu to vendo até assim. E daí ela fazia o melado, fazia açúcar mascavo, que na época era chamado de açúcar amarelo, mascavo agora é açúcar. Açúcar mascavo, a mãe fazia muito, o porvilho pra gente tê o ano inteiro. Era selecionado o milho pra fazer farinha de milho, então se comprava muita pouca coisa, mais era o sal, café, tinha um pé, mais não dava pro ano inteiro, os grão era torrado no fornilho do fogão, depois era com a maquininha. E criava-se porco pra ter banha, faziam linguiça, criavam umas galinha, uma galinha dava pra seis, sete pessoas. Hoje a gente compra duas galinha assada pra quatro pessoa, aham [...]. Nós batia dois ovo, botava um pouquinho de leite, uma colher de farinha pra fazer um tipo dum omelete por cima do feijão mexido. Ih, eu to voltando lá! Meu Deus do céu!

A mãe fazia aquelas rosca, ela botava aquelas rosquinha deste tamanhinho assim dentro do forno, umas rodelinha assim em cima da forma de bananeira, bem varridinho aquele forno! Ela enfiava com a pazinha assim, e largava, e largava. Ela fechava, ela fechava ia lá e espiava; ela tinha um porrete, era um cabo de vassoura, ela batia em cima daí elas estouravam! Ficava linda aquelas rosca... e gostosa! Ai meu Deus do céu...eu caminhava longe pra ir comer rosca, rosca com chimia e nata.

Hoje eu não quero chimia, eu não quero nata, eu digo, como a gente fica mal acostumado com as coisas né. E ainda a gente reclama! Ainda assim reclama.[...] O ferro era de passar se fizesse assim (zic, zic) saía a faizquinha, caía pra fora e ainda queimada as roupa, e hoje a gente entra em pânico!

É que nem eu semana passada, semana retrasada, sexta-feira estragou o freezer, e o freezer tava entupido.Ah, tá, mais vou deixar. Mais fedeu que meu Deus! Daí eu disse: - Welington, vai pra Taquara, vai vê essa pecinha, vai vê quanto custa, é essa a pecinha. Mas eu já não abri mais o freezer. Eu só cuidava se não ia escorrer lá embaixo, mas não. Daí foi num lugar, e noutro, e noutro e noutro, fechado, fechado, fechado. Achou no lugar lá, um veio deu uma usada. Aí o Ronaldo veio e ligou, fedeu. E eu disse: - Olha, não vai dar. Era das pras quatro mais eu nem sabia que as loja fecham em sábado de tarde as quatro hora. Aí eu liguei pra CR die Mentz e eu disse: - Olha, estragou meu freezer, vocês podem me mandar um? Pelo telefone aqui. Ronaldo ficou parado aqui. Aí eu disse: - qual é o preço? Qual é o valor? Qual é o melhor? Daí eu disse[...] quando falaram no, ai, Cônsul, daí eu disse: - Mais eu não queria muito grande! Aí ela, não sei como é que ela disse que era quatro gaveta aí eu disse tá bom. Aí ela disse: - deixa eu correr ligeiro Jura pra pegá o que manda, tem que acertar a conta aí no frete. Eu disse: - Não, tudo bem. E fiz o negócio e não perguntei nada . Daqui a pouco, não deu nem, não foi quatro e meia ainda tava aqui o freezer lá dentro. Depois, era pra ser em quarta-feira que os homi iam vim pra arrumar o freezer a autorizada deles lá, mas veio segunda. Sabe

quanto

saiu

o

concerto do freezer? Duzentos e vinte, eu dei uma entrada de seiscentos, mais duas de quatrocentos e pouco, por esse daqui, tá tão bonito ali bem novinho (risos) e o outro tá lá. Quantos anos ele tá funcionando ele vai durar de certo mais uns anos. Mais é desaforo a gente gastou duzentos e vinte pila [...] mas eu não pude, eu não disse nada, nem pro gerente, nem pra vendedora, porque comprá pelo telefone pelo celular, em pleno horário de fechar a loja, ainda reclamar. Ah, eu fiquei na minha. A única coisa que eu tive que fazer foi em três vez.

Caco! [ chamando a neta que chega de carro com o namorado] quem diria que a poucos dia eu tava limpando a bunda dessas guria, meu Deus do céu! A de vinte ano nem tá aí.

Era assim, plantando e colhendo o que tinha, quem trabalhava na estrada aí era o avô dele. O meu sogro, pai do meu era barbeiro lá nos Três Irmãos, minha sogra com um monte de filho, eles eram músico que dava uma rendazinha, músico assim de reco-reco de interior, não como hoje me dia, era reco-reco mesmo, era violão co gaita, violino e dali que saía um dinheirinho pra[...] mas mesmo assim ainda compraram terras. Meu sogro plantou bananal lá em cima no meio das pedra. Bananeira dá no meio das pedra. Aí colhia as banana lá em cima, daí vendia, ia de carreta lá da Padilha pra vende lá.[...] Banana, abacate, depois os pé de abacate ficaram muito alto, dificuldades pra apanhar. E assim, laranja, goiaba,mas quanto... pouquíssimo. Daí tinha o gado, puxavam um leite né, eles faziam a linha do leite lá dos Três Irmãos, ou de carroça ou de égua, a carroça vinha cheia de tão.... aqui por trás, Vila Tereza, aqui atrás, aqui todo mundo puxava um leite e ... começavam de madrugada, tanto que o Glécio morreu novo, mais daí foi num caminhão já.[...]

Dá o respeito pra ser respeitado, nunca gosse no chão pra depois lamber, é um termo até feio, mas ele queria dizer pra gente nunca botá pra fora pra depois ter que recolher. Isso aí é o que eu mais tenho do meu pai, o respeito, a educação dopai e da mãe. Meu pai nunca precisou nos chamar a atenção, duas irmãs pai e mãe, uma já é falecida que já era filha dele, ela sempre dizia, nós olhando pro olho do nosso pai, tava escrito, nós já sabia e mãe a mesma coisa. Minha mãe sofreu muito, trabalhando muito, meu deus eu nunca vi a mãe para, eu nunca vi minha mãe parada. Era fazendo pão, era remendando roupa em dia de chuva, indo pra chuva assim mesmo pra cuidar das coisa. Hoje a gente não vai em no boteco por causa que tá chovendo! A Mari diz assim: - Ai mãe eu não vou! Tá muito calor, muito pó!Ah mãe não, tá chovendo! Eu também faço a mesma coisa.... antigamente tinha essa escolha, não tinha! A gente ia de tamanc o pra roça, quando chegava na metade do caminho, jogava aqueles e tamanho num canto e nós ia de pé descalço. E a mãe dizia: - Se estás menstruada, cuidado que a dor na barriga vem depois, que nada! Ia pra cima do morro, trazia aqueles feixe de pasto e cana nas costas na volta pegava os tamanco ali e chegava em casa.

Aqui adoro, gosto, adoro. Quantas vezes a Clair ( a filha) já falou de ir embora, mas eu disse assim: - Mias não vou! Não vou pra outro lugar de jeito nenhum! E elas querem ir pra Taquara, se for pro centro de Taquara eu vou,mas se for pro centro, Se for pra vila eu não vou, então eu fico aqui.

Olha minha filha, eu com sessenta e seis anos, quase sessenta e sete eu já não espero mais nada. Eu quero só ter minhas amizades, ter meus filho perto de mim. Viúva a dez anos, uma irmã só com oitenta anos morando em Campo Bom; espero saúde pra viver mais um pouco. E te minhas amizade, e o resto a gente tem.

Entrevista (3): 5 de abril 2013.

Entrevistada: I.M.S.F

Idade: 76 anos

Percepções sobre a entrevista: Mora numa casa com o marido que participou da entrevista o tempo, deixando-a pouco a vontade em alguns momentos, pois queria dar respostas a todas as perguntas que eram direcionadas à ela. Além disso, a filha, em alguns momentos também quis participar da entrevista. Ficou muito acanhada, respondeu pouco, só sorria e balançava a cabeça. Apesar de lembrar de poucos episódios da infância, disse que quando era pequena a turma possuía mais ou menos setenta alunos e os mais adiantados ajudavam a professora.

Lugar onde mora, vizinhos.

Trabalho

Família/ lembranças de família

Igreja/ religião

Infância

Percepções de gênero/papel do pai e da mãe na família

Desejos, perspectivas, esperanças

Comparação (ontem, hoje)

O que aprendeu com os pais, lições

Eu fui da escola até quarta série,mas não tinha naquele tempo, só tinha a quarta só.(risos). Eu passei duas vezes a quarta série porque eu era muito nova. Em casa a gente só falava em alemão, mas na escola era só português. A professora falava, umas palavra ela falava como é que era, mas nós não, só pra quem não sabia dizer, daí ela dizia.

Moro aqui desde os doze anos, antes eu morava em Taquara também.

Sim, toda a minha família trabalhava na roça. Era três irmão e uma irmã, todo mundo ajudava na roça desde pequenino, de manhã a gente ia na aula e de tarde na roça, e as lição a gente fazia na hora do meio-dia ou então de noite.

Continuei sempre trabalhando na roça, parei por causa de doença depois eu parei de trabalhar na roça.

Tenho três filhos.

Sou católica. Quando eu era mais nova eu sempre ia ( participava de festas religiosas da comunidade), mas agora... olha, eu não tenho ( vizinhos de outra religião), evangélica era a Eronita, mais ela faleceu, não conheço ninguém que seja de outra religião dos vizinho, só católico.

É boa sim, não tenho queixa (vizinhos), sempre eram bom.

Nós brincava assim, na escola, em casa no fim de semana, nós não tinha tema né. Quando era criança, nós brincava assim, como é que se chama assim, para, parece que eles disseram, um corria pra lá e outro pra cá, eu não sei mais como é que fala, também tinha uma cantoria essa brincadeira, mas eu não sei mas, esqueci.(risos)

Nós ia no baile, daí não era muitos baile, era uma vez ou outra, ia de tardezinha e voltava a meia-noite, duas ou três horas. Sempre tinha companhia junto, nós ia a pé, de tardizinha começava não de noite dez, onze horas.

Era bom, agora a mãe e o pai tão falecido já, tudo, só os cunhado.

Era muito comportamento assim, que nem hoje podia corre como queria (risos). Eles falava a gente tinha de obedecer né. Se eles disseram que não, daí era não. A gente sabia que era pra fazer.

Muito unida né ( a comunidade) e paz né. Espero que não vem né (o asfalto) a gente ouve muito (violência) mais aqui a gente ainda não tem né. Não teve nada ainda, assim de assalto ainda.

Eu tinha os meus filhos, e a minha sogra e a minha mãe que cuidavam pra mim trabalhar na roça quando eles eram pequenos, depois que eles podiam correr os maior ia junto os maior, tinha dois ano aí já ia junto e não incomodava. (risos). Eles se sentava e brincava, se sujava né, a gente dava banho de noite. Só a tarde, de manhã eu ficava em casa fazendo a comida e tinha as criança né, tudo tem que ser feito né. Só ia de tarde depois com as crianças.

Tudo era mais difícil, só não era tão impertinente o pessoal, de tudo ( olhando para o marido que estava acompanhando a entrevista o tempo todo)

E as coisa tudo a gente plantava, a gente se alimentava disso, vendia, uma parte que sobra né, não era tudo assim do armazém (risos). Era quase tudo colhido né, trigo pra fazer o pão, era feito farinha de trigo né, e tinha os moinho também de roda, agora nem tem mais. Tinha galinha e ovo, daí tudo tinha, leite, porco (gado, responde o marido que participa da entrevista). Tudo a gente tinha daí. Cavalo servia pra colher feijão, botava uns dois ou três em cima (sacos de feijão) e mais uns dois em roda ( o fazia o cavalo descascar o feijão pisotenado em cima dele). Não era tudo assim comprado como é hoje. Tinha o vendeiro, passava vendendo antigamente.

Agora eu acho que muitos porque trabalham fora né, não só na roça, se não não ia conseguir viver (risos), pra ganhar dinheiro né, mas na roça eu acho que nem se colhe bastante não consegue vender né, nos armazém como antigamente vendia. Agora tem ser feito tudo uns pacotinho, naquele tempo era tudo em saca.



Entrevista (4): 16 de junho de 2013.

Entrevistada: E.A.L

Idade: 69 anos

Percepções sobre a entrevista: Estava com a casa cheia de visitas, pois era domingo, entre elas, dois irmãs que auxiliaram positivamente na entrevista. Sentiu-se bem ao responder as perguntas e foi além do esperado.

Lugar onde mora, vizinhos.

Trabalho

Família/ lembranças de família

Igreja/ religião

Infância

Percepções de gênero/papel do pai e da mãe na família

Desejos, perspectivas, esperanças

Comparação (ontem, hoje)

O que aprendeu com os pais, lições

Sempre morei aqui, morava primeiro no Açoita Cavalo que eu nasci né, lá no morro perto do Hans lá. Depois viemo morá ali, oito ano eu tinha quando eu vim morá ali, lá do lado do Nestor, do irmão do Frido ali, lá do lado naquela casavelha, hoje não tem mais ninguém morando ali, pra cá da Odila. Ali eu morei desde a idade de oito ano até agora no Rio da Ilha.

Eu gosto de morar aqui, que que eu vou dizer, como é que eu vou dizer, nas colônia é assim. Sabe, a gente se criou na colônia, na roça e coisarada assim, não tem muito o que reclamar da colônia. A não ser né, melhorar umas estrada, umas coisa assim, mais daí.

Sempre, sempre, sempre fui agricultora, a família toda, tudo, tudo.

Agora, a gente, nós dois tamo aposentado é o que a gente ganha. Antes era da roça, plantava pra comer, as vezes sobrava um pouco pra vender pra um ou pra outro pra dar uns troquinho.

Tenho cinco filhos, três meninas e dois rapazes, são dez netos.

Meu marido é católico e eu sou evangélica. Vocês também né Dorli (referindo-se ao irmão) este é meu irmão e esta é minha irmã. Olha quando tem uma festividade a gente sempre ajuda, mas assim da diretoria da Igreja a gente não é né, quando tem festa coisa assim, chá a gente sempre enfrenta as coisa pra ajudar.

Tudo maravilha a relação com os vizinhos, não temos inimigos, o único que é meio chato é esse dali, mas daí a gente deixa esse assim um pouco de lado, não se comunica muito né.

Brincadeira era carrinho de lomba, do balanço de corrente. Mais nós era carrinho de lomba, a gente não tinha, que nem hoje em dia as crianças tudo tem brinquedo, mas no nosso tempo não tinha brinquedo, os brinquedo que a gente tinha era feito de boneco de pano velho e coisarada assim, mas não tinha essas bonequinha essas coisa que tem hoje né, corre carrinho de lomba. Eu disse eu nunca me esqueço uma vez nós fomos ali no vovô Arthur, nós tinha carrinho de lomba, eu tava com vestido bem godê e daí eles, “vai andar de carrinho de lomba”, daí como é que eu vou andar de carrinho de lomba, pois peguei meu vestido aqui assim, fiz assim, sentei no carrinho de lomba com as perna e fui, vrumm, até lá embaixo até a casa da Geni. Foi lá naquela lombona da Dorinha, mais ali nós passava os nossos domingo. Eles botaram aquela corrente em cima da árvore e engataram lá naquele gancho né, e o toquinho trepo em cima e pegô um pedaço de pau e tocou aquele gancho de volta pra abrir a corrente lá em cima, e quando ela foi assim ele bateu lá e a corrente abriu, a corrente veio por cima dela, ela caiu de costas assim e chegou a fazer barulho.

Não hoje em dia não é... hoje em dia as crianças são mais muito, sei lá, tão pequeno malicioso né, com certas coisa, maldoso, por causa que essas brincadeira. Na nossa época, eu disse, a gente brincava tudo no meio de cano e coisa, mas nunca um se bobeou com o outro, com as menina, nem as menina com os menino. Mais hoje em dia não dá mais pra... hoje em dia não dá mais pra soltar crianças assim por conta, são desse tamanhinho e já querem ter... Nossa, nós no meio dos canal brincando de esconde-esconde, nos galpão trepava no sótão pra se esconder, se rolava no pandieiro pra um achar o outro, mas hoje em dia as coisas são muito, bem. A gente as vezes fica até meio chateada por certas coisas que a gente escuta de crianças menores que, pequeninhas de coisas que, que nós já era umas vaca veia quando aprendemo e nós nem sabia o que que era.

Que que eu vou dizer que eles eram assim bem, assim bem rígido com a gente (referindo-se aos pais). Mandavam a gente pra roça daí o pai gostava de ir assim atrás pra escutar, pra ver se a gente não tava conversando coisas que não pertencia ainda pra gente. Aí quando a gente chegava ou ele chegava perto já gritava, depende o que que a gente tava falando ou fazendo já o laço pegava de noite. Nós era de nove irmãos, três menina e seis rapaz. Todo mundo ia junto pra roça naquela época, depois que nós era adulto que foram trabalhar pra fora né. Uns casaram, foram trabalhar de empregado assim, de leiteiro, outros de motorista de ônibus, e outros de uma coisa e de outra né. Mas eu nunca assim, eu sempre tava na roça. A Érica (irmã mais nova que estava presente na entrevista) também não chegou a ir pra cidade, ficou sempre nas colônia. Ela casou daí ela ficou viúva cedo também daí ficou nas colônia.

A importância é muito grande que a gente de ter uma família grande, uma família bonita, uma família boa que nunca teve assim, brigas e desavenças, nós sempre conseguimos... todo mundo sempre se deu bem, graças a Deus. A mesma coisa agora, nossos filho, nossos neto, é maravilhoso a gente nunca precisou se preocupar. Por que tem certos lugar né que é complicado. Mais graças a Deus, isso é que, nas nossas família aqui graças a Deus nunca deu assim desavenças, brigas assim, coisas, hum, hum.

Ser honestos, não se ladrões, nem drogas, nem né, não mexer nas coisas que não pertencia pra gente, é uma coisa que a gente sempre aprendeu muito. O pai, bah, se nós ia no colégio

chegava em casa com uma boracha ou lápis que não era nosso, ah, outro dia se não entregasse o laço pegava, não tinha.

Ah, o pai era o mais brabo. A mãe era braba assim, mais não assim né, o pai era bem né... ele era bem durão, ele... Ainda esses dia eu ainda tava falando, eu já tinha dezesseis ano, eu acho, aquela vez quando eu apanhei muito quando eu fui no bailo no "Pita Rosa" com o Trabuco ( apelido do irmão mais velho). Acho que eu tinha dezesseis ano né, o Trabuco dezessete, por aí. Nós fumo num baile de carnaval, lá no "Pita Rosa" daí o falecido pai tinha ido pesca, e o Trabuco, que é o meu irmão mais veio mora em Taquara, ele disse: - mana, vamo nós ir no baile hoje de noite de carnaval? Daí eu disse: - Ai, no baile de carnaval hoje de noite.. Daí ele disse: - É, lá no Pita, vamo! Daí eu disse: - Mas o pai não tá em casa ele não vai deixar! Perguntei a mãe, a mãe disse: - Ah, porque que tu não perguntou ao teu pai!- Não- diz o Trabuco- o pai não vai...

Aha, aha, ahá, e o Trabuco enchendo a minha cabeça e dizendo vamo, vamo e eu louca pra ir também né, daí se inventemo, se arrumemo e fui, e o pai tinha ido pra pescaria, daí eu disse pra ele, quando nós vinha voltando eu disse pra ele: - Tomara que o pai não chegue agora mesmo que nós tamo chegando do baile, que o pai chegue... Ai, não deu outra...cheguemo em casa o pai tava limpando peixe. Levei uma tunda, uma tunda, uma tunda que nunca mais me esqueço. Só porque eu fui no baile ele não tinha me dado orde né. Meu irmão apanhou, mais não tanto, porque ele já né... já era uma pouco mai né... era home! Ai, aquilo esses dia eu ainda tava comentando, eu disse, nossa, aquilo eu nunca vou esquecer. Fui faceira num baile, arrumei um namorado ganhei café e tudo. E o café que eu ganhei em casa quando eu cheguei... Naquela época era café com lingüiça ainda. Jesus, faceira, meu Deus do céu, nunca vou me esqueço, depois nunca mais também , se os véio não deixava ir não ia. Não a mãe disse: - Tu faz como tu quer só tu sabe como é que o pai é...me arrependi. Foi um baile ruim. Não, ele deixava se a gente perguntava ele deixava não tinha problema né, só que ele ficou indignado que eu fui sem orde né.

Não inté podia melhorar, tem bastante coisa que podia melhorar, mas agora nós já tamo quase na lona, como se diz, setenta eu vou fazer o ano que vem ele ano que vem já vai fazer setenta e quatro, aí nós já não temo mais muito futuro, tem pros neto, pros filho. É agora nós tamo indo bastante nos baile da terceira idade, nós vamo pra tudo quanto é lugar. Ih, esses dia nós tava lá em São Sebastião do Caí, agora semana que vem nós vamo pra Sapiranga, semana passada nós tava em Nova Hartz e assim nós vamo. No Rolante nós tava sábado passado.

A relação entre os católicos e evangélicos é tranquilo na comunidade. Os evangélico trabalham pros católicos, se tem uma festa na católica os evangélico vão trabalha, se é dos evangélico os católicos vão trabalhar. Não tem racista de religião não. Graças a Deus não tem aqui. Não, antigamente, tinha um tempo né os católicos dava comunhão se tu era evangélico, o evangélico ia na Igreja, que nem eu no caso era evangélica eles não davam comunhão pra mim se meus filho iam tomá comunhão, meu marido ia tomá comunhão, eu não ganhava por que eu era evangélica. Só que hoje já quando a gente vai na Igreja eles pedem mas tu pode toma comunhão. Tanto a evangélica quanto a católica, em Taquara até tem uma ecumênica, que é católico e evangélico juntos. Daí aqui no Rio da Ilha já deu até ali na sociedade que eles fizeram também, que o pastor fez uma palestra, o padre deu outra, não é aqui no tem aquele negócio

de dizer, ah porque tu é católico ou tu é evangélico. Um tem que ajudar o outro, por que evangélicos mesmo tem poucos, maior parte mesmo é católicos né. Mas nunca deu assim desavença entre as religião por causa de um católico e o outro evangélico.

Entrevista (5): 16 de junho de 2013.

Entrevistada: D.C.M.H

Idade: 62 anos

Percepções sobre a entrevista: Estava em casa com o marido. Respondeu as perguntas com sinceridade e descontração. Mostrou fotos, a casa onde nasceu e se criou que fica ao lado de onde ela reside, mostrou os panos de prato de pinta para passar o tempo, pois sofre de depressão profunda. Disse uma frase que não ficou gravada, mas que chamou atenção: - Cada mulher deve ficar guardada. Hoje em dia é tudo diferente.

Lugar onde mora, vizinhos.

Trabalho

Família/ lembranças de família

Igreja/ religião

Infância

Percepções de gênero/papel do pai e da mãe na família

Desejos, perspectivas, esperanças

Comparação (ontem, hoje)

O que aprendeu com os pais, lições

Agora de casada é Dora Cirlei, com C e sem y, Henssler. De casa era Müller, com o u tremado e dois "l". Desde menina sempre me chamaram de Dorinha e eu vou morrer sendo vó, eu não sei se eu vou chegar a se bisavó, de certo vai ser a bisa Dorinha.

Ih, aqui se juntavam um bando, uns vinte guri, aí as guria não podia ir perto porque o pai e a mãe eles me faziam alergia de guri. Então as menina tinham que brincar lá pra dentro com boneca e não sei o que que mais, e rapaizinho de dezesseis anos junto, era difícil um colono ter bicicleta naquela época, aí ficavam nas casa né, pegando aqueles marimbondo de bola de terra pra comer o mel, levavam mais ferrão que catavam mel, isso era as festança né. Ou tentar laçar boi ou senão eles vinha aqui. Tinha vinte e poucos carrinho de lomba aqui em domingo, aí eles pegavam martelo aqui, o pai dava prego era aquela função. Aí eles corriam lá embaixo até perto de onde é que tá aquela galinha branca, tinha que subi em pé de novo até aqui em cima né daí corria pra lá de novo. Caminhava uma volta e ia de novo.

E eu pegava um balaio, aqueles balaio redondo tudo, dos nossos tipo de alemão ( o balaio), hoje até a gente vê nas pecuária, mas é de plástico. Eu me deitava dentro daí eu rolava moro a baixo até lá embaixo no balaio, quebrava tudo as taquara. Ai olha eu pinteí nessa minha vida de criança, sozinha como eu era, mas eu posso contar que eu pintava.

Eu tenho irmãos, o meu irmão tem dezessete ano mais que eu e a minha irmã faleceu no ano passado, ela tinha vinte anos mais do que eu. E era a mais nova (risos). Não tinha mais ninguém (risos). Ai eu fiz muita arte.

Veio o circo aqui nos Pandolfo né, daí o palhaço soprava uma coisa por cima de uma chama. Daí eu disse pro pai e pra mãe, bem curiosa, ah eles disseram aquilo era peptina, já pra mim não pegar álcool, com certeza, eles sabiam né. Eu fui tentar com peptina, não deu, e querosena nós tinha pra lâmpada mesmo né. Peguei querosena dentro da boca e assoprei por cima de uma vela, mas isso dava uns troço assim de fogo dentro da casa, eu quase morri de susto. Mas eu não sei como é que eu não botei fogo na casa. Aí eu pensei, mas eu vou lá pra rua vou ver se isso funciona. Daí tinha que limpar muito bem a boca né pra mãe não sentir o cheiro de querosena. Mais isto eu acho que eu fiz só umas duas vezes. E nunca conto isso perto de criança, eu tenho um medo de criança ouvir e... pode fazer né, de repente ,nós temo agora quersene dentro de casa, mas criança podia ligar assim uma coisa com a outra. Ainda eu tenho até hoje, eu fico pensando assim...

E era a minha vontade né ( trabalhar no circo). Eu armei um tipo de um trapézio ali atrás na plataneira, daí aquilo não deu certo, eu sem ali era sempre era gorda. Mas é olha, foi meus tempo né.

Sempre, nasci aqui, ainda tem o quarto ali atrás na casa, que era o meu quarto, que eles fez. È um monte de ruína no fim ( referindo-se a casa de madeira, ao lado da sua, onde ela nasceu e foi criada). Aqui também foi feito fotografia e tudo já.

Mas naquele tempo as parteira atendiam as mulher em casa né, não ia pro hospital. A minha irmã ganhou a primeira nenê dela aqui no quarto da frente e eu nasci no último quarto.

Olha, eu posso dá a mesma resposta que eu já dei muitas vez por que o lugar aqui é confortável tudo, mas só que a gente tem distância até chegar no ônibus né, é a única coisa. Mas é um lugar que é confortável, é tranquilo. Ainda hoje de manhã a gente acordou com a arapuã cantando ali atrás da casa velha né, isso é um privilégio, por que nem todas pessoa tem isso.

Eu nasci aqui e em 66 (1966) e fui morara com o meu irmão por que eu queria tirar a oitava série, eu queria estudar, a irmã mais velha era professora, eu tinha vontade também de estudar. Mas, eu tinha um namorado aqui que não queria que eu saísse de muda, e lá o irmão e a cunhada brigavo, quase tida noite eu chegava em casa com reina dentro de casa, aquilo me enjoou.

Aí eu vim em casa em novembro, eu fiz os meus dezesseis ano daí eu desisti do meu colégio, era lá no Pedrinho, ai eu adorei aquele colégio. Nós era de cinquenta e poucos dentro da sala.mas eu parece que eu tinha amizade com todo mundo lá e era da roça né, como se diz, e gente bem de vida tinha dono de chefe de fábrica, tudo quanto é coisa tinha dentro da sala. Eu consegui amizade com a maior parte da turma. Lá era um lugar muito sério, tinha que ter acima de sete na nota todo mês pra na fazer prova no fim do ano, eu gostei, até hoje eu admiro. Aqui sempre em matemática eu ia mal, e lá eu tirei nove em matemática, até eu fui muito bem lá na escola, pra vim assim do interior. O outro ano, aquele ano que eu fiz ia ter

ainda a sétima e oitava, era dois ano que falta ainda pra eu me formar no primeiro grau, naquele tempo né, depois mudou. Já mudou diversas vezes.

Daí eu vim, daí eu me casei, depois com dezoito anos daí eu fui morar lá no canto aonde mora o meu filho hoje em dia, ali eu morei sete anos. Um ano eu tava viúva ainda até que eu saí de lá. Aí quando esse desastrou na luz, que ele tava cortando grama no campo daí eu paguei as conta tudo primeiro, ele tava devendo mais que o gado que eu tinha, não adiantava vende o gado que não ia dá pra paga as dívida. Aí eu vim morá aqui meio ano, daí eu casei com ele (segundo esposo que participou da entrevista), aí eu fui de muda lá pros Três Irmãos morei dez anos, daí lá eu e meu filho ( do primeiro casamento) com ele. Daí eu tive os dois casais de gêmeos e o rapaz do primeiro casamento me ajudava a cuidar das criança e vinha no colégio ali na Heller, ele foi até no oitavo, na oitava série, e os outros também tiveram.

O mais novo dos rapaz não queria fazer e eu disse não, eu não te tiro do colégio antes que tu faz a oitava, não tem! Mais esse foi, ele rodou três ano até que ele aprontou lá, a Regina aprontou lá fora, foi perdido tempo né. Eu tentei tudo, eu não conseguia aceitar por que o Daltro (filho mais velho) queria sempre ser um aluno que sabia tudo na escola né. E as menina então não entendiam a matemática, que eu também não sabia, elas iam lá na Dulce, na minha irmã né (a irmã era professora) e ela ensinou né. Os guri que tavam junto né, eles queria copia as conta que a Dulce ensinava. Ela disse: - Não! Tu vai te que aprende pra isso tu veio junto com a tua irmã! Eles não aprenderam. Não teve!

Se for conta de tabuada e metro quadrado essas coisa tudo eu sei ainda até hoje. Agora, ponto da roda, da circunferência nós aprendemo. Mas e é de eu entra nessa matemática de letra aí, aí eu pifo, não tem. Mas nós tinha que aprende aqui na sexta série. Em São Leopoldo nós tivemos que faze de novo. Tá, mas eu penso uma coisa assim oh, tu lida com computador e tudo, não tem necessidade, no nosso tempo tinha, não tinha nem telefone.

Tabuada hoje em dia não precisa, mas ela é fácil, por que os meus, nós ia pra roça e voltava da roça de a pé, aí eu perguntava quanto é tanto vezes tanto, eu dava uma tabuada legal assim, de um até dez daí eu perguntava salteado, de vez em quando né, quando eles tavam meio apagado eu entro de novo né. Mas assim, aprender hino de Igreja, aprenderam verbo, e hoje em dia eu vejo que os verbo é só mais três pessoa, não tem mais as seis pessoa. Mas nós tinha que faze inteirinha, e a nossa professora, que é falecida agora, a Dona Jandira, ela passava todo dia um verbo.

É Igreja Luterana de Confissão no Brasil, é uma Igreja dependente da Alemanha. Sim tem evangélicos aqui, o próprio Werno é, se ele não virou ainda é. Não, nós não somos da mesma Igreja evangélica. Eles são luterano mesmo e nós somo luterano de confissão evangélica no Brasil. Por que a nossa é dependente da Alemanha, é a IECLB, por isso que é diferente da do Werno ( vizinho já comentado que pertence a IELB).

Tinha um pastor uma vez, ele não gostou do que nós fizemo. Nós peguemo padrinho católico e evangélico misturado né, e daí ele batizou as criança em domingo, daí segunda-feira ele passou pra pegar os nome pra colocar na certidão de nascimento. Daí ele disse: - A senhora colocou mais gente católica pra padrinho do que evangélica. Daí eu disse pra ele: - Pra mim é tudo a mesma coisa! Daí ele disse: - É, mas esses padrinho evangélico não vão ensina a religião

certa. Daí eu disse: - Minha irmã ela era evangélica até que ela casou, daí ela virou pra católica, e foi catequista católica, eu disse, ela sabe tudo de cor as duas! Quem queria trocava de religião quando casava. Por que o Delmar ali são separado de religião até hoje.

Minhas família também eram católica. Meu bisavô, morreu num dia de caçada que era domingo de ramos, e daí o padre não foi fazer o enterro. Aí disse pra ela ( bisavô) que isso o lugar dele era na Igreja, daí ele não tinha desastrado, era lógico né. A minha bisavô tinha, eu não tenho certeza se ela tinha um nenê com dois mês ou se ia ganhar um nenê em dois mês, não sei se ela tinha os dezesseis ou se ia completar os dezesseis filho. Ela foi lá no pastor e falou com o pastor, ele faleceu muito novo esse bisavô. Daí o pastor tinha dito: - Não, se tu tem vontade de vira a tu família pra nossa religião, claro, eu vou lá e vou fazer esse enterro. Foi e fez e dali em diante a família do meu pai foi evangélica né.

Este bisavô não veio, foi meu trisavô que veio da Alemanha. Esses eram evangélicos. Os Müller eram católicos, os evangélicos eram os Krumenauer. Meu trisavô que foi com três filhos, ele veio da Alemanha. Mas isso aí não adianta onde é que a gente foi, é árvore né. Muito a Dulce aí e a Patrícia trabalhou na biblioteca do Santa a gente achou a nossa família lá no livro, nós olhemo ali, mas tava só a Dulce e o Décio ali junto e eu já não por que eu já vim muitos anos depois né. A mãe tinha quarenta e quatro ano e meio quando eu nasci. Tudo, é coisas tudo assim, eu já disse as vez não adianta a gente pega e anota porque ninguém vai te interesse de lê futuramente.

A gente se criou com tudo muito diferente,muito. Telefone tinha lá no Abílio Silveira que passava o fio aqui no nosso potrero né. Quando era menina de cinco seis ano, aí os guri, mas Nossa Senhora, as firma trabalhavo direto nas capanema (instrumento usado para fazer as ligações telefônicas que eram facilmente derrubados com funda pelas crianças) e o seu Abílio arrumando telefone de tudo quanto é pra tudo quanto é lugar, não passava. Era uns telefone antigo de manivela ainda, tinha que discar os número tudo ficar lá esperando...

A gurizada toda era boa de mira, a Dulce ia na aula, era professora. Eles iam de a pé até a ponte de arame ali em cima acho que era perto onde que é que vocês moram, na época em que a Dulce ia lá na dona Ermínia, na aula. E daí i Plácido que ajudou a comprar o grupo aqui da vila né, ele ia na aula também na turma da minha irmã. Aí tinha um ninho de passarinho que eu não me lembro mais que qualidade era, aí eles queriam acertar aquele ninho e não descia ele nunca né, todo dia. Aí um dia a Dulce tinha dito: - Ah, mas eu acerto melhor uq e vocês, vocês não acertam bunca né, daí, tóim, em cima do ninho. Aí um dia ela disse que ficou numa vergonha que ele disse assim no meio de uma turma de professora, a Dulce era boa de pontaria, não te lembra mais Dulce.

É na colônia é tudo diferente que nem na cidade né, não adianta.

Particpei uma porção de tempo, eu fui tesoureira da Igreja lá embaixo, eles queriam fechar a Igreja. Não tinha dinheiro pra pagar o pastor mais. É que tem assim, seis comunidade, acho que são seis, forma a paróquia da Padilha dos evangélico, da Igreja. Cada comunidade tem que dá um rendimento, que é o dinheiro que a gente paga por mês né, e se isso não chega tem que fazer uma festinha, uma coisa, mas as festa não dava mais nada, aí agora eles tão inventando



chá, cada comunidade tem chá, daí as mulher vão de topic ou de ônibus de uma pra outra e vão, é feito em comunidade daí. Só que é pra da dez por cento ainda sobre a renda do chá.

A nossa Igreja tá cara, então isso tá dando dificuldade né. E essas igreja assim que se formam na colônia e vem assim aquelas outras igreja e eles dizem: - Ah, não precisa pagar nada, então os pobre vão mais ligeiro junto, aí também quando eles ajudam. Ajudar eles ajudam, não é que eles são ruim, eles ajudam as pessoas a se levantar, aí quando as pessoas se levantam eles cobram. Então eu vejo isso acontecer muito. É a nossa religião não dava nada. Mas não é só a nossa que é cara, as outras religiões também são cara.

Aí tava assim, ninguém mais pagava ali embaixo mais mensalidade, daí tinha um homem que sempre trabalhou pela Igreja se juntou com outro, daí no fim o pastor que tava aqui naquela época, ele veio pedi pro meu rapaz pra ser tesoureiro. Aí eu disse: - Mas esse rapaz tem só quinze ano, dezesseis, ele é de menor. Vamos que dá uma ralada aí no caixa, daí o que que vai dar isso, então antes eu pego. Daí eles queriam, tinham alguns que queriam trabalhar pra Igreja só se fosse pago como tesoureiro ou secretário. Daí eu disse: - Não, eu vou ser tesoureira se eu posso ser, então que eu sirvo eu não vou querer nada. Mas daí a pessoa disse assim: - Mas daí se tu trabalhar de graça eu também não vou ser secretário. Eu disse: - Bom, eu não posso fazer nada, eu posso ser secretária de graça também. Daí eu tive que pega como secretária e como tesoureira pra, porque daí aquilo ficou vago. Aí tivemos que fazer livro novo né, juntemo os sócios né, aqui e ali conseguimos junta de novo, era cem sócio. Aí a Igreja ia fecha, tava nesse ponto a Igreja naquela época. De primeiro ela era pra Taquara, depois eles inventaram a paróquia na Padilha, e daí ela ficou pra Padilha a nossa Igreja aqui.

Mas só que eles fizeram uma coisa errada, eles tinham que ter botado uma parede na frente do altar.

Ali no Rio da Ilha aconteceu a primeira festa de Igreja, aquela católica no lado de cá, aquela casa de dois piso. E depois eles fizeram a pedra aquela que, aquela era uma festa ta,bem de novo. Eles tinham levantado a Igreja já e aonde é o altar hoje em dia, ao sei se foi dançado ali, eu sei que ali a banda tocou ( no altar). E ainda em tempo de quaresma! Que os católico xingaram muito naquela época, por que naquela época ainda a quaresma ainda era muito respeitado. Hoje em dia também a quaresma também já foi.

Olha, eu me dou com todo mundo, eu acho que existe duas ou três pessoa talvez que um dia arranhei por causa duas coisa que já passou, mas eu não tenho raiva delas. Não, as pessoa eu perdoo. Eu não posso ser juiz, eu não sei o que vai acontecer com elas no futuro, bem dizer assim, tenho fé em Deus e tudo mas de lá ninguém voltou ainda. Eu acho o comportamento da gente é tudo, o comportamento da gente é tudo.

Os irmão vinham em casa eu tentava agrada eles, porque era visita né, eu não me criei com eles.

Nós caminhava daqui até lá no grupo, são mais de dois quilômetro de caminhada, nós passava no potreiro dos Flech, que hoje em dia já não existe mais, mais tinha um açude pra baixo aonde era ponte, aí todo mundo ia de tamanco, as guria iam de sapatinho assim , as menina, mas a maior parte era chinelinho de couro e tamanco. Aí caía um calçado lá em baixo, aí uns

guri pegavam pedra e iam lá em cima da ponte e puxavam o tamanco ou o chinelo mais pra perto do rio né, e os outros. E do outro lado ficava a represa, aí nós ia pra casa só de meia de certo. Se pudessem ver, gente, as grama eram uns capim alto assim, os guri então faziam nó, que era um trilhinho de coelho onde as pessoa tudo tinham que passar ali, não era só os alunos que iam pra escola, eram os que pegavam ônibus, tudo. Aí os guri inventaram de fazer nó pros guri se laçar e caí, mas caía as pessoa, aí eles iam lá no colégio reclamar, iam tudo pra sala da direção no outro dia. E daí tinha três pinguelinha que era três tabuinhas assim, aquilo furou, os nó caíram fora eu acho, os guri pisavam em cima pra voa água debaixo dos vestido das guria. Por que as guria iam de vestido de pelúcia, casaco de pelúcia. Até eu tenho uma fotografia da minha turma, as menininha tudo de vestido e a professora também de vestido!

(Enquanto mostra as fotos antigas, tece comentários)

Isso quando eu tinha dez ano, daí a tua vó se apavoro porque perdeu ele, parece que eu vejo ainda hoje. Dona Dulce a senhora não sabe onde é que anda o Jacinto?

Isso aqui era, a professora era dona Jandira. Isso dia de festa mas daí nós era feita a rainha e princesa pra arrecada dinheiro, eu sei que era eu o meu vestido de quinze anos. Já passa a ser velha as fotografia, tu vê vai lá um tempo tão longe. Era feito os vestido era feita a fotografia no estúdio né. As festa eram bonita, as torta eram bem bonito até, mais não era feito. Eu tenho lembrança do guri da minha irmã. Esse aqui foi um pastor evangélico que atendeu Taquara, não tem a data, é muito velho. Essa aqui já é falecida, a Neusa... isso foi dia que ela foi madrinha de honra do padre Júlio, quando ele fez a primeira missa aqui... isso aqui era um livrinho de reza que ela ganhou do pastor, ela deu doutrina com dezoito anos na igreja evangélica aqui embaixo. E não achei aquela que eu quis...Eu tenho muita coisa aqui em casa, vocês não tem ideia... aqui tem uma reza que eu ensinei pros meus filhos: “ Sou ainda pequeninha...” ... é, esse aqui é de rezar de noite, mas eu não acho mais, eu acho que... isso aqui era sempre cantado nos culto eu só sei que é: “ Sou ainda pequeninho, meu coração é bem limpinho, e nele sem cessar, Jesus há de morar meus filho tudo”. Isso eu ensinei pros meus filho tudo, em alemão também.

Eu tenho umas coisa guardada, gavetas e gavetas. Isso aí era o meu pai e a minha mãe, só que nesse dia eles arrumaram o véu muito pra baixo, no dia do casamento ele usava ele mais alto. E no dia do casamento eles não puderam fotografar porque ele tinha um tersol no olho, daí ali ela tava grávida com a Dulce já de dois meses (risos). O sapato era pelica com verniz. Dois tipos de cor pra ser fino né. Essas ali eu mandei restaura, ela era assim original né... Isso era a família da minha mãe, aqui era a mãe com treze ano no dia da comunhão dela, isso era toda fotografia de família e a única irmã era a Ludvina, era cuidava dos guri e a vovó ia na roça e daí a tia ela tinha que fazer a comida e cuidar das crianças, se eles perdiam um a coisa. Ela dizia: - Olha, vocês vão procurar pra acha porque o vô fica sabendo disso vocês apanha, ela ainda ajudava a gente pra não apanha, então eles chamavam ele de tudo que era coisa, até de cândida, a mãe dizia sempre... Esses dia eu tava pegando, peguei uma da turma do falecido Lúcio dos jogador e daí eles me cobraram trinta reais pra fazer, só não deu mais pra fazer colorido tinha que ser preto e branco, é que a Kessy quer ver fotografia da vó e do vô.

Eu tenho tanta coisa, ah, e eu tenho um livro que o pastor Martin Dreher escreveu, ainda não passou por ti esse livro? Ele foi o que fez o enterro do meu primeiro marido. Ele morou quinze

dias em Taquara, quando o falecido Lúcio desastrou. Ele jogava bola no segundo ( o primeiro marido). Olha, quando ele faleceu eu não tinha nem vinte e seis anos. Ele jogava bola no segundo a turma dele era o Trabuco, o Júlio, o Maciel, o Mailor Lauck, o Leonir que era genro do Adão, e tem dois que nós não conhecemos, essa foto foi pro Daltro agora.

O Daltro não tem igual. Quando eles tão tudo junto, todo mundo fala junto, todo mundo se entende junto. Na nossa cozinha todo mundo cozinhava junto, só a comida daí quando um não sabia se tinha sal numa ou noutra coisa, pegava experimentava a comida. Às vez tinha cinco cozinheira. Passou tudo, eu tenho saudade dos meus tempo.

Olha, o pai e a mãe eles eram muito querido, eu nunca apanhei, mas eu merecia ter apanhado muitas vezes. E eu não tive confiança de deixar meus filho sozinho nunca por causa das coisa que eu armei. O pai e a mãe eles eram um casal assim, que depois que eu e os meus irmão falava, eu via assim que eles eram uns pais diferente antes da minha era quanto na minha era, eram bem diferente. Inclusive a mãe até usava álcool que era pra ser bom pro estômago dela né, depois que eu era uma menina de dez anos... E eles se discutiam muito, eu achava bonito que a Dulce tinha uma turma de filhos e eles tavam sempre de bom convívio ela e o Bruno né, os meus pais eles discutiam muito, aquilo também me marcou muito. Meus irmão adorei e adoro eles até hoje, eles me xingaram muitas vezes eu fiquei quita, não, se uma coisa não era muito boa eu ficava quieta, pensava, ah, quem tem que resolve meus problema sou eu. Mais o pai e a mãe trabalharam muito, plantando tudo que foi coisa e queimando carvão junto a vida inteira. Eu admirava eles, mas só que eles pra mim tinham esse defeito, de discuti não dá certo um com o outro, mas eu gostava deles bastante.

Sei lá né, se honesto, não menti, não tirar nada de ninguém. Foi uma coisa que eu também ensinei muito meus filho a não menti e não tirar nada de ninguém. E não se deixar usa também, até hoje em dia eles dizem: - Mãe, que bom que ti ensinou isso! Eu disse: - Olha, não foi só a mãe ter ensinado vocês, vocês tem que ver o que é melhor e fazer o que é melhor. Não adianta de repente o filho ser ensinado e ele não fazer aquilo, que às vezes a pessoa não consegue fazer aquilo que é ensinado, e às vezes um pai ou uma mãe podem ensinar errado, se um pai ou uma mãe são drogado eles vão ensinar errado, a criança vai ter que ver no futuro, vai ter que peneirar.

Esse lugar foi sempre o mesmo, eu não sei se todo o lugar é assim. Quando eu trabalhei na Igreja eu fiz a mesma coisa, eu pegava a fazia um balanço geral todo o mês, e ainda fazia ele numa folha de ofício bem calçado ali, pra todo mundo poder ver, com todas as quantias de gasto e de entrada. E assim mesmo ainda teve problema que eles queriam me virar, mais não conseguiram, todo mundo conhecido né. Por minorias. Então eu acho que é isso que falta nas igreja, acho que todo mundo tinha que fazer a mesma coisa. Entrou hoje uma mensalidade, entrou tanto de mensalidade né. Eu tinha um bloquinho pra anotar mensalidade em cima, quando a pessoa pagava eu anotava o nome, o dia e dava recibo e anotava no canhoto. E era assim desse jeito. Era anotado pra Padilha, pra Paróquia que tinha entrado tanto pra Paróquia tal dia.

Ela sempre contava (a mãe), dizia pra mim quando eu fazia doutrina, nunca fica numa casa sozinha, numa sala sozinha com um homem, nem dentro da igreja com o pastor, nem dentro de uma sala de aula sozinha com um professor, porque ela sabia de tudo isso e não tinha

televisão. Quanta coisa que ela não tinha aprendido daquela época, 1918, 1920 né. E naquele tempo assim, quando eu era menina eu não sabia de nada disso, de mulher viver com mulher, homem viver com homem nunca me passou pela cabeça. Daí tinha o Celívio ali depois que nós era moça, rapaz, ué, o cara usa cabelo comprido, todo mundo debochava, eu até hoje não sei o que que ele é da vida. Conversa comigo no ônibus eu com ele, por mim pode fazer o que ele quiser, não tá gastando o que é meu (risos). Por isso que eu digo eu sei lá né. Eu quero ver se eu vou morrer de velha e ter a mesma ingenuidade no coração, não ficar apunhalando ninguém porque é gay ou porque é isso ou porque é aquilo, e mulher se vive com outras pessoa da casa dela eu não posso fazer nada, que vive, então, pronto.

Entrevista (6): 23 de janeiro de 2014.

Entrevistada: L.C.P

Idade: 60 anos

Religião: evangélica luterana quando solteira e católica depois de casada

Percepções sobre a entrevista: A entrevistada tinha acabado de chegar em casa, pois estava fazendo entregas de pães e cucas que faz em casa. Era um dia muito quente, a entrevistada nos recebeu com um ventilador para conseguirmos realizar a entrevista. Mora numa casa simples de madeira, onde guarda alguns sabugos para dar aos seus animais.

Lugar onde mora, vizinhos.

Trabalho

Família/ lembranças de família

Igreja/ religião

Infância

Percepções de gênero/papel do pai e da mãe na família

Eu gosto de pão, mas pão de milho, aqueles feito no forno à lenha, aquele pão, aquele eu gosto de comer, mas faz horas que eu não faço, porque tem que subir atrás pra fechar porque fica no alto, e eu não consigo subir lá, eu não alcanço. Não, o pão de milho que eu faço no forno é pão de milho. O forno elétrico não assa. Mas também o pão de milho mesmo fica assim meio massudo.

Antigamente era feito em vez de farinha de trigo eles tinha as batata cará, agora não sei como é o nome agora, e a outra a luf catofla, a que dá assim pra cima em baraço, e a batata cará daí é no chão, era assim que a minha mãe fazia, aí ao invés de bota farinha de trigo botava aquilo, aquilo dá um milho fubas, aquilo fica todo embatumado ele não fica bem... mas é bom. Ainda existe batata cará ali pra quando a gente vai pra Nova Petrópolis. Ali na mãe dava, porque ela tem a terra de acordo, de primeiro não, ela era de baixada, mas nós tinha ali, as duas.

Eu tenho sessenta anos, quando eu digo sessenta chega a me doer.

Nem sempre morei aqui, nasci naquela casa pra lá, mas nasci aqui no Rio da Ilha, nasci e me criei aqui.

Aqui falta união, aqui não tem união nenhuma na nossa comunidade, no Rio da Ilha eu posso dizer assim, um puxa pra cá, o outro puxa pra lá, um tem ganância do outro, se pudesse engoli engolia. Aqui entrou muito forasteiro, porque natural aqui do Rio da Ilha são poucos, tu pode chegar a contar as casas, é tudo gente que aposenta na cidade e vem mora no interior, aí compram, as pessoas de mais idade vende, e eles entram como forasteiro daí.

Trabalho na roça, até demais. As vezes eu digo, eu to pior que uma escrava, é demais, é demais, é pressão em cima, nós temo umas vaquinha, daí o Maicon (filho que mora com ela)

porque eu sozinha não consigo, mas ele é lerdo pra tirar leite; aí ele que que eu desista de ir pra praia pra poder tirar leite com ordenha, quando as vaca dão pouco leite não vale a pena. Daí eu to concordando de lidar pra fazer, pra daí pode sair um pouco. Eu fico, eu me sinto uma prisioneira às vezes. Imagina eu de manhã nessa torreira de sol, eu fui lá teminar de roça um aipim que tava lá. Daí quando o Maicon sai pra trabalhar daí fica tudo pra mim. Daí tem os carneiro, agora largo os terneiro do potreiro, e eu fico com pena porque tem duas muito pequena ainda, mas ele largou pro potreiro, ontem eu levei uma mamadeira lá pro potreiro ainda. Tiro leite, plantamo de tudo um pouco milho, aipim, e o aipim é eu que quero, porque se não, se fosse por ele (o filho) não saía um pé de aipim que presta. Porque a gente planta e é tudo na mão de obra, porque tem que capinar, só que o custeio é a mãe-de-obra; a lavoura de milho tu precisa adubo, tu precisa ureia, tu precisa veneno pra limpar, tu precisa tudo. E o aipim não, o aipim é tu que, depois tu arranca, tu tem ele só que quando bate azar que apodrece também. Isso não é pra vende, isso é tudo pro bicharedo; o aipim, o feijão a gente planta um pouco, as coisa tudo pro nosso gasto, às vezes sobra um pouco, daí a gente vende um que outro mais é tudo pra nós e pro bicharedo. Porque daí no inverno pro pode economizar na ração; com milho e aipim eu economizo na ração, não compro ração daí.

Minha família sempre trabalhou na roça. Eu tinha uma irmã só. A mãe não casou cedo, mas era só eu e a minha irmã. E era a vítima, eu era a mais nova, daí na época era plantado milho lá na várzea, era plantado tudo no lombo do cavalo, eu que tinha que tá lá no lombo do cavalo, às vezes dois dia e meio, eu não conseguia mais ficar sentada no lombo do cavalo, aí eu me virava de lado, virava pra cá e virava pra lá pra aguentar, mas era eu que tinha que ir. E sempre fui a quinta roda da carreta (risos).

Eu tenho uma casal de filhos, eu sou casada.

A primeira filha a mãe perdeu, porque daí o parto era difícil, da primeira a mãe sofreu muito, tiraro a ferro, mataro a criança, quase mataro a criança, um menino, morreu. Daí depois eles ficaram com medo, e a mãe já tava com trinta e poucos anos, ela já casou, a mãe não era, a mãe já era de idade, daí já complicava tudo e na época não era como é hoje em dia, era tudo lá na roça, que nem pau na roça, e trabalhando até ganhar. A minha vó teve uns quantos filho, até perdeu alguns pequeno, por parte do pai, por parte da mãe também eram mais, bastante irmão. A minha tia teve uns cento e um ano quando faleceu, a irmã do meu pai, cento e um anos, e com cem anos ele era lúcida até o fim, ela sabia tudo da nossa família, ela era Schuch, ela sabia tudo. Que o fulano era de tal, filho de tal, aquele que tinha vindo lá da Alemanha, porque os meus bisavós que vieram da Alemanha, a minha vó acho que já era nascida quando eles vieram de lá. Os bisavós por parte do pai era Schuch e eles vieram da Alemanha. Nós somos parentes do deputado federal Heitor Schuch.

Meu coração pertence a Igreja Evangélica (Luterana), nasci e me criei evangélica e depois casei católica, tive meus filho católica, mas participo da Igreja Evangélica. Eu mudei pra católica porque na época eu era boba e aceitei a casar católica, mas nunca, nunca me senti bem na Igreja Católica, Deus que me perdoe, mas eu nunca me senti bem. Eu me sinto em casa na minha Igreja onde eu nasci e me criei. Não sei te dizer porque eu não me sinto bem, sei lá eu me sinto, a família, no caso da Igreja Evangélica, é mais unida, os católico tu chega, tu entra na Igreja uns já fico te olhando e aí eu me sinto mal. Principalmente esse meu vizinho que é

forasteiro que tá na diretoria da Igreja e ele, deu um rolo porque eu tinha herança do meu pai e eu não queria me desfazer da herança. Só que daí a minha irmã vendeu a parte dela pra ele e o vizinho aqui do lado vendeu a parte dele, eu fiquei no meio. E daí ele começou a pressionar num canto, daí pra não querer inimizade eu saí, concordei, só que não adiantou, só que mesmo eu concordando ele torceu a cara, ele não que amizade com nós no caso., principalmente comigo, porque eu que me manquei a fazer negócio. E ele entrou na Igreja Católica, na diretoria e quando eles tinham uma festa daí eles tavam lá atrás, ali do lado da Igreja, quando a gente vinha lá na frente, eu e a Sueli junto, lá pra compra, ela foi pra comprar cuca em sábado, ele já ficou se espiando lá, como se vinha alguém, uma pessoa, não era uma pessoa, sei lá o que ele tava pensando. E aquilo começou a me doer, começou a me magoar e eu me afastei da Igreja por causa dele. Então agora eu vou pra outra igreja e me sinto bem lá.

Logo depois que eu tive meus filho eu participava das festa da católica, não mais da evangélica, daí até festeiro a gente foi um ano, a guria bebezinho de dezembro a março, aquilo também foi bem brabo pra mim. Eu tinha feito cesária daí eu deixei a pequeninha na mãe e eu fui pedi esmola, naquela época a gente pedia esmola pras festa no comércio da cidade pra ofertas pra fazer leilão, pra fazer bazarzinho coisa assim. Eu tinha dois sacolão desse tamanho eu tinha arrumado. Quando chegou na segunda-feira eu cheguei lá não tinha mais nada daquilo e não tinha saído nem pra botar lá no bazar, porque não tinha quem cuidasse, não deu conta pra fazer tudo e não tinha quem cuidasse, todo mundo que trabalhou lá foi pegando e foi levando embora. Aí eu pensei, a tá é assim, eu também não ajudo mais em nada, e não ajudo mais com rifa com nada, não vou mais, por que eu tava com nenê pequeninho, porque eu achava uma vergonha eu saí e pedi esmola pra depois todo mundo pega e leva embora sem fazer dinheiro pra igreja, a para, aquilo pra mim foi a gota d'água.

Bastante eu me envolvo com a comunidade, agora na Igreja Evangélica né, que a gente tem o chá, todo ano tem o chá, vende rifa e participa bastante. Eu participo bastante na comunidade na sociedade eu fazia parte da diretoria, depois eu me afastei da diretoria ( da Igreja católica) porque a gente já tinha trabalhando uns tantos anos, do nada a gente ergueu aquilo ali, agora que eles tão com as coisas, a gente pegou e saiu fora, eu e mais uma amiga minha, agente trabalhava direto na comunidade.

Agora tá melhor a relação entre católico e evangélico, mas a uns anos atrás era mal vista, a gente (evangélicos) era mal visto na Igreja Católica.

Não é lá muito boa ( a relação com os vizinhos), aquele (o forasteiro) e a minha tia aqui na frente, a tia, nem dá pra dizer que é tia. Nossa eles fizeram um casamento de um filho ( o forasteiro), é filho dela com outro homem, o pai desse rapaz faleceu e ele que criou. Agora eles fizeram um casamento, mais um casamento, olha, aqui eu não tinha visto ainda. Na entrada tinha um túnel branco, já tão separados.

Nossa isso tinha muitas brincadeiras, a gente brincava de esconder, aí tinha as amiga e a gente ia se encontrar, hoje em dia não tem mais isso, antigamente tinha no meu tempo de menina. A gente chegava quando era época de bergamota a gente subia na bergamoteira, comia bergamota e brincava de esconder, ai tudo era diferente. Eu e a minha irmã lá na várzea, esses dias eu tava me lembrando; meu neto foi tomar banho lá no arroio com um coleguinha sábado, daí eles pegaro e fizeram bolinha de barro e jogaro nas minhas vaca, deixaro as minhas

vaca num negócio, depois meu neto caiu e quebrou o braço lá. Mas nós quando era pequena, até liguei pra minha irmã e eu falei pra ela, aí ela disse assim se lembrando. Lá na várzea nós tinha lavoura de milho, o pai e a mãe trabalhava na lavoura de milho, e eu e a minha irmã era pequena, tinha assim um negócio como daqui até lá, era tipo uma gamela de água que era assim tipo um açudinho. Quando a mãe chegou lá encontrou nós, mas olha, nós dele jogar barro dentro daquela água., fazia as bolinha e jogava dentro da água. Nossa! Era diferente do que hoje em dia. Hoje em dia as criança tão o que, no computador, num negócio assim. No nosso tempo era a natureza. Quando era o tempo do caqui a gente comia, sempre era assim, a turma se encontrava e achava um brinquedo, pros menor, pros maior daí era mais conversa, mas sempre brincadeira, era uma vida bem mais divertida.

Quando nós era mocinha daí era baile de kerb, todo ano quando era quente, a mãe da falecida Aurora lá em cima ia fazer um vestidinho pra nós, ali nos Klein ali tinha fábrica de calçado, eles faziam sapato sob medida, nós ganhava um sapatinho por ano, um sapatinho e um vestidinho por ano. Nossa, daí nós tava chic pra ir no baile, daí nos ia no baile com o pai e com a mãe.

Ai meus pais, eu amava meus pais, nunca deixei meus pais, eu sempre dava apoio pra eles, eu nunca me interessava nas coisas deles, eu queria eles. Hoje me dia é tudo diferente, se tu não larga o dinheiro pros filho, os filho não se interessa mais a te ajudar. Não é que nem nosso tempo tu não perguntava mãe tu tem pra me pagar, ou eu não vou se tu não me paga ou coisa assim, não era, nós fazia por amor a pessoa. Eu amava meus pais bastante, bastante.

Era a educação total que era a importância deles, porque naquela época não tinha estudo, nada. O pai eu acho que um pouco mais, a mãe tava sempre na lavoura, a mãe era uma escrava, porque a mãe perdeu a mãe dela com dois aninho e meio e daí a irmãzinha dela era recém nascida, daí depois uma outra família criou e deram leite azedo pra irmã da mãe, a mãe era maiorzinha e resistiu, mas a irmãzinha não resistiu, faleceu. A mãe foi criada pelos estranho, ela teve sempre debaixo dos pé da família, depois o vô arrumou uma outra mulher, a outra mulher não gostava da minha mãe, pra garantir os filho dela, aí ela queria puxa os filho dela, a mãe sempre foi uma rejeitada. Mas ela superou, depois arrumou o pai, demorou bastante tempo, ela tinha idade, arrumou o pai daí ela formou família com o pai. Aparentemente era um casal bem assim, criou nós duas e deu o que pode dar. Ensinar a religião, o trabalho e a ser sempre correto.

Olha pra dizer a verdade, apanhar ele nunca apanhou de ninguém, eu fui ameaçada pelo pai. Um dia, eu me lembro, um dia eu tava, fazia sopa de leite, daí eu botava canela na sopa de leite, eu era uma criança, eu peguei o potezinho de canela e virei a tampa, daí o pai queria me bater por causa daquela canela toda no prato, mas não era culpa minha, aquilo me marcou, eu fiquei muito triste com aquilo, foi a única coisa assim que eu sei.

Eu sempre fui a rejeitada da família, não sei porque, eu era pra nascer homem e eu nasci mulher. Já que eles queriam, já era pra mim te nascido, porque daí a minha irmã, e a minha irmã que faleceu e veio uma terceira, e eu era pra ter nascido homem, por isso que eu fui mais rejeitada ou... eu tinha um ano e pouco eu tava deitada num berço sem caminhar, sem nada, só era pegada pra dar leite, trocar fralda e pra tratar e pronto , tava eu na minha caminha. Eu acho assim isso, foi uma coisa que me deixou marcado também. Mas não por culpa da mãe né, porque a mãe teve que, quem queria era o pai né, ele aparentemente não mostrava mas ele



era machista, era, e como era pra ser filho homem. Mas muitas vezes é o marido não é, que nem ali a mãe, era o pai que queria.

Olha, que que eu vou te dizer que podia melhorar... sei lá. Aqui nada continua, então eu não sei muito o que esperar. Ai, eu gosto dos meus bichinhos, eu tenho meus cachorrinho são que nem criança e entendem tudo, eu tenho as minhas vaquinha que é só falar, falo com elas e elas entendem tudo, então tenho as minha cabritinha também a mesma coisa.

Entrevista (6): 23 de janeiro de 2014.

Entrevistada: I.T.S ( Lanius de solteira)

Idade: 74 anos

Religião: católica

Percepções sobre a entrevista: A entrevistada estava esperando ansiosa pela entrevista, tinha um chimarrão pronto para nos receber. Mora numa casa simples, num terreno amplo, onde cria galinhas e patos, também possui uma pequena plantação para seu sustento, além de plantas que adora cuidar.

Lugar onde mora, vizinhos.

Trabalho

Família/ lembranças de família

Igreja/ religião

Infância

Percepções de gênero/papel do pai e da mãe na família

Aqui é assim ó, se perguntar pela Dona Tereza todo mundo sabe quem é, ah eu sei é lá, se perguntar por Iraci...

Ai, isso não se pergunta mais (quando perguntei pela idade) (risos), vinte quatro de fevereiro de quarenta (1940) . Eu vou fazer setenta e quatro.

Eu morei lá embaixo, no Rio da Ilha (atualmente mora na área central da comunidade, ali é considerado zona urbana do distrito), lá embaixo, pra lá da sociedade sabe, meu avô eles morava tudo por ali, meu avô, meus tio, meu avô tinha fábrica de calçado quando eu era criança né. Aí depois ele vendeu pros filho, vendeu a fábrica pra um filho, um pedaço de terra pro outro e assim repartiu tudo as coisa dele. Depois eu casei e vim morar aqui, aqui eu moro a cinquenta e ....cinquenta e três anos. Ou mais, eu vim pra cá em cinquenta e...cinquenta e... cinquenta e nove, é cinquenta e nove, ih, faz tanto tempo!

Asfalto, aqui falta asfalto. Aqui falta ah, ah... como é que se diz.... saneamento básico que nós não temo. Quando dá uma chuva a água vem por cima da estrada e os cano tá tudo entupido, então a água vem por cima da estrada e aí quando tá começando a vir aquele aguaceiro, estraga tudo. Eu acho que a gente precisava de um saneamento básico, um asfalto, um calçamento. Agora nós temo Posto de saúde, o Délcio fez antes de sair. Nós precisamos... agora vai vim padre novo e nós precisamos de uma diretoria pra nossa Igreja.

Eu já fui agricultora, depois eu fui costureira, mas a minha vida inteira eu tinha vaca pra tirar o leite, sempre, sempre, tive galinha, porco. Meus pais eram agricultores.

Imagina, com setenta e quatro anos, eu sou aposentada e ganho pensão do meu marido, que faleceu em... fazem quarenta e três anos, fez agora no natal, que ele faleceu. As criança eram

pequena, a alemoa tinha oito, a Nara tinha sete e o César tinha seis. Ele foi enterrado no dia de natal e no outro dia a alemoa fez nove anos. Ele tinha trinta e um anos. Na época que veio a luz pra cá, fazem tantos anos como ele faleceu fazem tantos anos quanto veio a luz. Porque primeiro eles tinham um motor na oficina de óleo diesel né, quando veio a luz elétrica daí com dínamo né, daí depois o meu sogro vendeu o motor à diesel e botou o motor elétrico. Daí ele foi, ele mesmo fez a instalação de luz, era metido né, ele mesmo fez a luz, fez tudo. Daí quando instalar os motor né, tava tudo pronto, só faltava sei lá o que. Eu sei que eu vim da missa né, que era véspera de natal e tinha missa, daí eu passei ali na oficina, a oficina era assim aonde fica aquele galpão grande. Daí ele disse pra mim:- Vai em casa e esquenta a água para o mate, eu to quase pronto aqui daqui a pouco eu vou pra lá. Eu nem cheguei a esquentar a água sabe, ele já encostou ali, tocou a mão assim num fio que ainda tava desencapado, que ele não tinha passado a fita né... e daí... Bem assim na mão, deu uma bolha comprida assim.

Eu até hoje tenho muito medo de luz elétrica. Aqui em casa a gente não teve mais máquina elétrica, sabe porque quando alguém ia cortar grama com máquina elétrica eu ficava do lado da tomada, pra qualquer coisa eu arrancar da tomada, sabe daí depois eu disse eu não quero mais, não quero mais que ninguém corta a grama com máquina elétrica. E se tiver alguém cortando eu saio de perto, eu não paro perto. A luz é uma coisa que tu não vê o perigo é uma coisa que tá ali né, mais é a morte que tá ali, qualquer encostãozinho deu né.

Eu tenho três filhos, eu tenho duas filha e um rapaz. Essa que teve aqui, mais uma outra que mora em Campo Bom e o rapaz que mora em Teotônia; as duas são professora, essa aqui já é aposentada meio turno, então ela continua ali, dois anos ela vai ficar ainda tranquilo. Ela trabalha aqui no colégio de noite e em Parobé de tarde, ela vai mais dois anos pra Parobé agora e a outra trabalha em campo Bom, também tá com os papel encaminhado para se aposentar um tuno né, ela trabalha também o dia inteiro. Ela trabalha naquela escola... sabe ali onde a gente tem o retorno pra Campo Bom ali no pedágio, ali quando tu chega ali, quando tu passa a ponte, tu chega ali, era escola de arte primeiro, ali ela tá trabalhando agora, faz uns quantos anos que ela tá trabalhando ali, ali é turno inverso né, os que tem aula em outros colégio de manhã vem de tarde pra ali, e o sdo turno da trade tem aula de manhã. E agora ela trabalha com informática, ela trabalhava com artes né, também com essas coisa de muda, horta e flor, e agora ela tá na informática, só numa sala é mais lighth...tinha horas que tinha que levar os guri pro campo pra joga futebol aí tinha que ajudar a atravessar a rua pra levar no campinho sabe. E ela é braba sabe, ela gosta que a coisa seja direita e tava se estressando muito sabe, aí agora ela tá.

Eu sou católica. Quando dá festa eu participo. Assim oh... agora não tem mais diretoria na igreja, nem diretoria não tem né e ... o barracão tá fechado, a sociedade tá fechada, o padre mandou fechar porque ninguém queria assumir a diretoria né, sabe, com um padre. Agora vai vir padre novo vamo ver se ele se anima pra alguma coisa. Dia dois (de fevereiro) é a primeira missa dele lá na Santa Terezinha. Eu sempre participei de tudo, das festas, tudo, tudo, tudo...né. Eu trabalhava a semana inteira, eu gostava. Agora nós fizemo o natal, assim nós trabalhamo, nós temo um grupinho de seis mulher, nós se reunimo toda segunda-feira aqui em casa né, pra fazer artesanato com material reciclado, a gente trabalha praticamente com material reciclado; a gente ganha da fábrica de calçado né, ganha um pouco ali da Excolex, um traz do aletier um pouco daqui, o outro traz um pouco de lá, e agente vai juntando e vai fazendo, daí a gente vende durante o ano e vai juntando dinheiro daí no fim do ano é a festinha da criançada. Esse ano nós fizemos duzentas sacolinhas, duzentos brinquedo,

daí eu ganhei muita coisa, dali de Igrejinha 250 bolo inglês, eu ganhei da Juraci e dum outro senhor que mora ali que é... eu não sei se ele é de Igrejinha, acho que eles são de Igrejinha, ele a a Juraci pagaram umas bebidas, deram pra nós e assim eu ganhei de um e de outro, eu tinha de tudo...Daí do Clóvis ali eu ganhei o pão pros cachorrinho quente, dali do armazém ali eu ganhei a salsicha, e assim cada um deu sabe, um poquinho e deu um festão. O que sobrou aqui que daí nós fizemo ali no XIS né, sobrou ali botamo tudo numa caminhonete, num carro e levamo lá no quinze onde tem umas famílias bem pobre e fizemo uma festa lá pra eles. Eu fui ali na escola em sexta-feira e avisei: -Oh, domingo de tarde todo mundo em casa porque o papai Noel vai aparecer lá depois das seis horas! Tu tinha que vê o que tinha de criançada na rua esperando, daí a gente vai apitando e gritando e fazendo barulho, nossa, que alegria!

A relação dos católicos e protestantes aqui eu acho que é boa, não vejo ninguém se dibicar. Todo mundo se dá bem, todo mundo se respeita. Olha, no começo... assim oh, essa semana eu não sei que dia foi, passou dois senhor aqui com um papelzinho convidando pra um culto né, da Assembleia de Deus, acho que era ali, naquela igrejinha ali (apontando para a rua). Daí a minha filha de Campo Bom tava aqui, e eu disse pra ela: -Tu sabe que eu vou lá! Ela disse: - Oh mãe, tu vai?! E eu disse:- Eu vou, eles me convidaram eu vou! E ela disse: Mãe, isso é lá em

Taquara! Daí não deu certo, mais eu ia sabe, não tem nada a ver, me convidaram né, por que não? Uma vez ali no casarão tinha uma senhora que morava ali e ela tava arrumando os dente num dentista lá em Taquara que era adventista né. Daí ela fez uma reunião ali, eu não sabia o que que era, mas ela me convidou pra uma reunião em sábado de tarde e eu fui lá. Daí era pra fazer o estudo da bíblia. Do Apocalipse né, disseram que eram Adventista do Sétimo Dia e não sei mais o que e convidou a gente pra fazer, eu disse: \_ Tudo bem, eu faço, eu faço porque eu gosto né, desde que tu não queira me convencer a largar o meu caminho e seguir o teu né. Ele disse: - Não, não, não é nada disso! Eu só quero ensinar como e que era o Apocalipse pra vocês. Eu disse: Tudo bem, tudo bem! E ia todo sábado eu gostava, eu gostava. Daqui a pouco um sábado ele tentou me virar pro outro lado né. Daí eu disse pra ele: -Eu sinto muito, eu avisei ele né, me ensina, eu gosto de aprender, mas não tenta me virar que eu não vou virar sabe. Eu tenho a minha crença, é certa ou errada foi o que eu aprendi, quando eu nasci foi a que o meu pai me deu e eu aprendi por ali, pra mim tá certo e vamo embora! Daí, mas eu não tenho nada contra nem a favor, cada um cada um. Eu acho que todos eles vão rezar pro mesmo Deus. Eles fazem aquele auê porque é esse ou aquele, mas só tem um Deus, Deus Pai é um só!

Meu sobrenome de casa aqui não tem mais ninguém, ali embaixo no Rio da Ilha tinha o Darci Lanius que a mulher dele ainda mora ali, ali na Irene também, ainda tem dois Lanius, os filhos dela são Lanius. Daí tem ali os Klein, eles tudo a mãe deles era Lanius. Daí tinha um ali perto da Musa que era Lanius, ali morava um tio meu que era Lanius também, mas daí ele só tinha uma filha daí já não é mais Lanius, ali na Taquara na lavagem de carro aqueles são meus sobrinhos, aquilo era do meu irmão. Em Igrejinha eu acho que tem Lanius. Daí a minha vó era Kunenberg do outro lado tem também só que eu não me lembro. E a minha vó ela era Kunenberg né de casa parte do meu pai por parte do meu avô daí era Lanius, daí por parte da minha mãe o meu avô era Koleroch e a minha vó era Jung, e eu fui casar com um Silveira (risos). Ai, e o que que eu ia dizer mais. E daí eu tive dois irmão, dois irmão, mas os dois já são falecido, só sobrou só mais eu. A mãe tinha seis filhos quatro filha moça e dois rapaz, mas as menina..só eu que fui forte que sobrevivi as outras faleceram, a mais velha tinha três aninhos... e os outros faleceram quando nasceram. Eu quando nasci tinha um quilo e quatrocentos e me criei e antigamente não tinha nada né. Meu sobrinho tava fazendo uma árvore genealógica, mas ele não conseguia fechar, faltava um galho e ninguém, ninguém conseguia montar aquele galho, ninguém tinha documentos que preenchia aquele pedaço que faltava. Daí eu disse pra ele: - Espera aí, eu tenho em casa o batistério do meu pai e eu acho que até o registro eu tinha do pai sabe, eu tinha os documento do pai que ficou comigo quando ele faleceu, ficou comigo e ficou guardado ainda escrito de caneta aquelas caneta nanquim e por ali eles fecharam o galho. Porque dos outros parentes ninguém tinha daí em me lembrei que quem sabe aquilo ali ia dá e deu.

Eu me dou bem com os meus vizinhos... Só não me dava com o vizinho aqui do lado que morreu sábado passado, era o meu cunhado. Era meu cunhado irmão do meu marido, mas eu me dava bem com ele até que ele veio mora aqui e começou a querer manda a gente embora sabe, a gananciar as coisas dos outros, a brigar a fazer intriga com os irmãos, com os sobrinhos, com os cunhados. Daí eu cortei relação com ele e nunca mais... Agora quando ele faleceu na sexta-feira e aí me avisaram eu disse pra ela: - O, diz pra ela ( para a cunhada que ficou viúva) o que precisar eu tô aqui que eu vou lá com ela! Daí daqui a pouco veio o outro

vizinho o Benedito e disse: Oh Teresa! ,mas ela não chamou e eu não fui. Daqui apouco veio o Benedito e disse: Oh, a Delni pediu pra dizer que o Dilmar morreu ontem de tarde e eu disse: -Eu já sabia. Ela tava bem sozinha e disse: Então eu vou lá. Daí fui lá e fiquei com ela que veio alguém pra ficar com ela. O filho veio e ficou com ela eu vim embora. Ela é um pouquinho custosa, mas não que nem ele. Ele era assim muito de fazer as maldades sabe dar um tapa e esconde a mão, ele foi muito, ele irredo muita gente, a coitadinha da vó era velha ele fez a cabeça da vó contra os vizinho por causa do campo né, fez ela chamar a polícia e expulsar o pessoal do campo, não deixar mais ter campo de futebol, sabe tudo essas coisa ele gananciou, gananciou. Os vizinho ali do lado de cada um ele tirou um pedaço de terra, quando eles iam fazer cerca ele dizia: - Não é aqui é mais pra lá, Mais eu acho que não leva nada né, agora ele morreu não pode levar nada né, que que adiantou gananciar. Não se dava com nenhum dos sobrinhos, nenhum ia visitar ele, ele não ia nunca na casa de ninguém, ele tem um irmão vivo ainda e eles nem avisaram que ele tinha morrido. Ela me perguntou se eu tinha avisado e eu disse: - Não, eu não posso fazer isso. Se vocês me autorizar eu ir meu telefone não funciona, mas eu vou ali num telefone de um outro e aviso, só que eu tenho que ganhar permissão porque se não... Ela disse: - Não, melhor não avisar, depois dá confusão. Olha, ele não se gostavam sabe porque ele fez muito irredo, nossa, nossa!

Nós brincava de pescar, de fritar os peixinho, era a brincadeira da gente né. Domingo as gurias se reuniam tudo na casa de uma, daí a gente entortava um alfinete fazia umas bolinha de pão e usava de isca, pescava uns lambari, limpava e ia lá frita pra comer. O que marcou muito, muito, acho que por isso assim mais eu gosto de fazer essas coisas da crianças... eu nunca tive um pinheiro de natal, a gente era pobre e não se dedicava a essas coisa aí quando eu fiquei maiorzinha sabe, naquele tempo o cigarro por dentro da caixinha de carteira de cigarro tinha um papel laminado, então aquele papel a gente tirava e guardava, aí cortava e fazia os moldezinho em papelão e encapava com aquele papel. Aí eu fiz os enfeitinho tudo daquele papel pra uma árvore de natal. Aí eu cortei uma galho de vassoura, sabe o que que é vassoura? Cortei um galho de vassoura, botei numa lata assim na área da minha mãe e fiz o pinheiro com aquelas coisa né. Pegava aquelas bola de plátano, passava aquele papel também prateado assim em volta né, virava uma bolinha. A mãe fazia doce, botava o doce num papel transparente e pendurava lá também né, fazia cartuchinho... Bah, era o que tinha. Daí veio uma prima minha de Porto Alegre e ficou com pena de mim por causa daquele pinheiro né. Daí ela disse pra mim: - Pro ano que vem eu vou mandar os enfeites pro teu pinheiro. N ano seguinte, acho que umas duas semanas antes do natal um ônibus parou na frente da casa da minha mãe, daí buzinou daí eu fui lá vê o que que era daí ele me entregou uma caixa assim desse tamanho, alguém tinha mandado pra mim, pra nós, pra mim, naquele tempo o ônibus parava e chamava, era o Estrada Velha do Rolante que passava na frente da casa da mãe. Daí eu fui abri era os enfeite de natal pro pinheiro, com bolinha, com corrente, com aqueles negocinho de bota as velinha sabe, uma estrela pra por em cima, um presépio pequinininho tudo dentro de uma caixinha assim veio tudo, não dava pra fazer um pinheiro muito grande, mas com aquelas coisas que eu já tinha feito mais aquilo ali eu fiz o pinheiro né, então aquilo ali é uma coisa que eu nunca esqueço, como aquilo me deixou feliz. Então hoje se eu puder fazer uma coisa pra uma criança pra deixar ela feliz... tem muitas pessoas que criticam porque as nossas crianças não precisam né, elas não são tão pobre, elas não precisam, não é só

criança pobre que gosta, toda criança gosta. A criança se tu joga um punhado de bala eles quase se matam.

É quando nós se mudamo, porque nós morava primeiro no açoita cavalo eu vim de muda do Açoita Cavalo para o Rio da Ilha com três anos, a nossa mudança veio toda numa carreta e eu vim a cavalo com meu pai, e eu me achei o máximo. Então eu me lembro que quando nós chegamo na casa ele me botou no chão sabe, depois eu não me lembro mais. Daí nós fomo mora numa casa que era do meu vô daí depois o pai compro um pedaço de terra lá e uma casa, daí nós subimo ali, daí a gente sobe a lomba antes de chegar na lomba, tem uma casa a esquerda, antes de chegar no Fernando, primeira casa pra cima a esquerda, ali nós morava. Daí nós fomo mora ali então o pai e a mãe levaro a mudança deles na carreta e eu tinha uma carretinha pequeninha assim, eu botei meus brinquedo na carretinha e amarrei atrás da carreta e puxei a minha mudança. (risos). Mas é coisa que eu não esqueço né. Quando eu ganhei a minha boneca, primeira boneca era uma bruxa de pano preta, nós fomo passear na casa de uma irmã da mãe e ela tinha uma filha que era mais velha que eu né, então ela não queria mais, eu não tinha boneca, nunca tinha boneca. Daí aquela prima me deu a boneca dela porque ela não queria mais, não brincava mais com boneca e me deu. Meu Deus do céu que alegria aquela bruxa preta, uma bruxa de pano sabe, ai eu achei o máximo.

Na escola agente brincava de gata cega, de sequi, de esconder. Com irmão eu não brincava muito. Meu irmão mais velho ele era carrancudo, ele era seco, eu não gostava muito dele ele era brabo, o outro era brincalhão sabe, a gente brincava sabe. O outro era muito brabo. Queria ser o homezinho da casa sabe, assim eu não tinha muito com quem brinca. Eu tinha uma vizinha que eu gostava de brincar, só que eles moravam bem lá embaixo de casa no potreiro e nós morava lá em cima na estrada, mas assim a gente brincava de vez em quando.

Quando nós ia nos baile a mãe ia junto né nós saía as seis horas da tarde nós saía de casa aí nós ia a pé aí nós ia lá no salão redondo, ali perto dos Schein, ali era o salão redondo. A gente saía as se da tarde de casa, a mãe com as filha das vizinha tudo, nós ia pra lá no baile. Nós ia lá no baile até as seis da manhã, daí nós ia embora a pé mortinha de cansada. Mas o que que a gente tinha de baile era o Kerb dos Tucanos né, aí era o kerb do Rio da Ilha era o kerb da Padilha. Aqui na vila eu vinha depois de bastante tempo sabe, já adulta, mas tempo de mais novinha assim... e a gente ia no kerb ou caminhão de carga com o meu irmão, ou de ônibus. Aí embarcava tudo num ônibus assim e ia.

Eu casei com 19 anos e o primeiro filho veio logo, veio apressado (risos). Mais eu perdi meu primeiro... eu tive cinco filhos, eu tenho só três mais eu tive cinco, os dois primeiros eu perdi. Eu perdi um ele tinha três meses e o outro com seis meses de gravidez, eu tinha um aborto quando eu tava com seis meses, se fosse hoje ia se criar né, mas naquela época não. Eu tava tirando leite, a vaca tinha um terneiro muito grande e eu tinha que bota o terneiro na vaca pra descer o leite né. Daí quando eu fui tirar o terneiro da vaca eu fiz muita força daí eu tive um aborto com seis meses, daí eu perdi ele, ele nasceu vivo, tudo perfeito né, ele era grandinho, mas eu perdi ele... se fosse hoje se criava né, que a minha neta ali nasceu de sete meses e se criou, que daí põe lá na incubadora, hoje em dia tu também dificilmente houve dizer que morreu uma criança. Antigamente era normal.

Meus pais me ensinaram a honestidade, a falar a verdade, o respeito. Trabalho, eu disse, por enquanto eu ainda não sou velha, mas quando eu ficar velha o dia que eu não puder mais daí eu quer morrer se ficar assim sem trabalhar ai seria muito triste pra mim. Eu não sei, eu não sei passar um dia sem fazer alguma coisa, chega me dar uma angústia. Eu acho porque eu nasci assim, e me criei assim. Eu me criei assim na roça, eu praticamente nasci na roça. A minha mãe quando tava assim, ele tinha um balaio daí ela me levava sentada dentro daquele balaio e me botava debaixo de uma sombra e ela tinha um cachorrinho branquinho que ficava ali cuidando de mim. Diz que daí ficava assim não deixava chegar nada perto de mim, daí era engraçado quando ma mãe contava. Daí depois quando eu fiquei grande, eu ia na roça o meu nariz sangrava, eu ia pra roça o meu nariz sangrava. Daí o pai me deu uma máquina de costura daí ela não vai mais pra roça e vai costurar em casa, daí eu comecei a costurar. Daí depois quando eu casei quando os três nasceram eu parei um pouco de costurar, daí depois que o meu marido morreu eu comecei a costurar de novo. Aí eu costurei, com 57 anos eu me aposentei, mas eu não fico paradinha não. Ontem eu tava sentada lá na Sandra, eu olho pra minha horta eu fico triste porque eu não consigo capinar porque é muito quente. Hoje de manhã eu capinei um pouquinho ali e de tardezinha eu vou caminhar, eu boto o pé na estrada as sete horas. Eu tenho muita planta pra molhar, eu sempre tenho coisa pra fazer.

A família pra mim é tudo, assim a minha família pra mim é tudo. Eu tenho a minha neta que eu adoro, eu tenho dois netos. Eu só tenho a filha que é casada e tem uma filha de 23 anos e o gurizinho que vai fazer nove. Então a neta praticamente eu e o César ( o filho mais novo) que criamos né porque ela trabalhava o dia inteiro, ele trabalhava o dia inteiro na fábrica e ela na escola e ela passava o dia inteiro comigo. Domingo eu não saio, dificilmente eu saio de casa eu ganho pouca visita, só quando meus filhos vem. Aqui em casa é assim, é a casa da vovó Chiquinha, de manhã das sete as oito nós tomamos chimarrão, isso é sagrado. Eu levanto de manhã, boto a água pra esquentar e vou tratar as minhas galinhas, eu ainda tenho galinha.



Entrevista (8): 10 de maio 2014.

Entrevistada: A.V.S

Idade: 70 anos

Religião: católica

Percepções sobre a entrevista: A depoente já nos esperava com cuca e chimarrão. Mesmo com a presença do marido e do genro, não se intimidou e se sentiu intimidada e respondeu todas as perguntas de maneira bem descontraída.

Lugar onde mora, vizinhos.

Trabalho

Família/ lembranças de família

Igreja/ religião

Infância

Percepções de gênero/papel do pai e da mãe na família

O pior de tudo é que este negócio de pesquisa, já começou meio que tarde demais, porque tem muita coisa que já se perdeu.

Eu sou de São Francisco vai fazer 49 anos que eu tô aqui.

Ele caminha ( se referindo ao marido de 84 anos que acompanhava a entrevista), ele come, ele dorme, só que é fralda direto. Olha aquela área ali o horror que tem de roupa de cama, porque de noite daí a fralda despeja, aí ele não se sente aí é aqueles monte de roupa. Eu não dou mais conta e não consigo ninguém pra me ajudar, as filha moram aqui, mas elas trabalham... aí enquanto eu puder me virar eu vou me virar, e o que tinha sobrando assim sei lá pra onde é que se meteram, tu não acha uma pessoa pra ti dá uma mão, pra limpá uma casa e fazer uma faxina! Daí já me disseram assim: - Deixa sujo! Mas daí eu, mas daí fica feio né, fica cada vez pior.

Sou descendente de italiano, imigrante de ambas as partes, mas tem alemão também lá no começo da família, os Schmitt, mais é mais italiano. Vai fazer agora em julho, dia 10 de julho 49 ano que eu vim pra cá. Na realidade mesmo eu nasci num lugar chamado Quebra Cabo que na época era município de Riozinho, Santo Antônio, porque o meu registro é, no meu registro de casamento eu sou natural de Santo Antônio, mas hoje Riozinho é município.

Eu vim Pará aqui porque ele me achou lá, a gente deu certo e ele me trouxe. No tempo de tocar gado a pé né, ele que tropeava nos tropeiro tudo, daí os irmão dele tinham açougue, daí eles me trouxeram. Eles vinham à cavalo, tocando aqueles boi né, e o meu pai tinha uma pousada, um lugar pros tropeiro e pro gado naquelas parada, então o lugar deles pararem era lá em casa. Almoça, janta, a toma café, dormi, passa as vezes, um dia ou dois por certos motivo e coisa né.

Daqui um pouco me aparece esse aí, vestido de gaúcho com um lenço branco no pescoço. Mas até então, as primeiras vez, vinha aquela pessoa mais passou né. Daí, quando eu descobri que ele era viúvo, terminou a tropeada e eu pensei: - E agora? E eu fui uma pessoa que nunca pude sair de casa, o pai sempre muito rigoroso com a gente, a gente não saía . Hoje não é tão longe, mas a cinquenta ano atrás, mas no próximo verão vem. E eu esperei o próximo verão e ele veio, e aí deu certo. A gente se entendeu e...

Agora eu tenho setenta anos. Sim , a gente se encontrou, começou a namorar, ele veio lá em casa. Eu não esqueço nunca, meu pai vendia leite na cidade, na época que era quatro quilômetro longe da cidade, na época que os litro era litro de vidro mesmo e entrava aquilo tudo. Aí tinha uma mesa comprida assim na cozinha e fora tinha uma área assim que dava de cara com a cozinha né, e eu fui lavar os litro do leite pra usar no outro dia, mas daí eu pensei, vou botar os litro aqui pra que eu enxergue lé fora. E aí eu enxerguei lá fora, e aí ele também olhou pra mim num gesto, já se entendemo (risos). Só que o pior de tudo foi até que a gente conseguiu a continuar por causa do pai, o pai era uma pessoa rígida demais!

A nossa família nós éramos nove irmãos, hoje falta um já. E o pai não podia falar na mesa, aí eu ficava na ponta e eles me chamavam pra servir eles (os irmãos mais novos), eu só tinha um irmão mais velho, eu era a mais velha dos outros. Eles só me chamavam pelo nome e apontavam pra comida.

Eu e ele ( o marido) tinha quase 14 anos de diferença de idade, ele casou comigo porque viu eu cuidar dos meus irmão e achou que eu ia cuidar bem dos filho dele... Só que eu não saía de casa, a gente morava no meio de uma cacaria, o pai criou nós assim... Olha, eu casei com ele por amor, ele foi um pouco por os dois interesse e amor, juntar o útil ao agradável.

Daí eu vim pra cá e os filhos dele saíram de casa quando casaram, eu tinha vinte um anos quando casei. Eu tava acostumada, hoje de manhã vendo a minha nora cuidar do nenê, daquela criancinha, e eu me lembrando meu Deus,ela só teve uma irmãzinha e ela era pequenina quando a irmã nasceu, quando eu casei eu tinha toda a experiência, porque assim ó, a minha mãe, eu tenho um irmão que mora aqui em Parobé, e eu completei cinco ano em janeiro e ele nasceu em setembro, a minha mãe se via ali né, mas ela ia pra roça e deixava eu cuidando daquele bebê e cozinhando feijão, aí sabe, qualquer coisa a mãe tava lá mais ela deixava eu, hoje tu vai deixar uma criança de cinco anos. Ela dizia, cuida desse bebê pra mim trabalhar, e ai que ela chegasse em casa e o feijão tivesse queimado ou aquela criança, né, ela.. era uma responsabilidade enorme que ela largava na gente. Então dali um, veio mais um, veio mais outro e eu desde a idade de cinco anos ajudava em casa...era uma experiência assim pra cuidar de criança que nossa!

Só tem uma coisa né a experiência que tu tem na tua filha, o que eu digo é o seguinte só, hoje tu não cria tua filha, não que tu não cria, mas tu cria ela muito pouco. Desde que aprendesse a enfiar a colher na boca do outro já era né... Então, só tem um detalhe, seja da maneira que for, mas pelo menos um filho tem que ter. E um é pouco... Porque assim ó, o genro dele ( do marido, casado com a filha do primeiro casamento), ele é filho único, e o que ele se queixa. Ele disse: - Eu admiro vocês, porque eu não tenho irmão. Dois filho já é o suficiente. Quem é filho único não pode dizer eu vou lá na minha irmã ou no meu irmão, ou foi o meu irmão que fez, foi a minha irmã que fez. Mas a, até, como é que eu vou te dizer, filho único termina sendo

sufocado. Só que cada um sabe até onde pode ir, a gente teve cinco, então infelizmente a gente perdeu um com oito anos num acidente de carro, daí agora não faz muito tempo perdemos o Sérgio, que era filho da primeira família dele, que faleceu com 47 anos, e daí tem as gêmeas, que é impressionante, elas são com 35 anos, a Andreia até o gurizinho já tá com nove anos, e a Adriana tá grávida agora. Só que a época de hoje em dia tá muito complicada... eu ia comentar ainda, agora a situação se espalhou né, dos meus irmãos, uns em Caxias, outros não sei aonde, mas teve uma época que não tinha telefone, quando eu via, a conta da mentira, tava chegando sete aqui, era difícil, as vezes só tava um ou dois, quando eu via vinha aquela penca de lá e outra penca de cá, hoje eles ligam, porque é difícil a gente tá indo né, naquele tempo a gente já esgoelava uma galinha e já botava na panela pra comer.

Agora, nunca ninguém me pegou em domingo sem uma panela desse tamanho de feijão cozido, e o meu sobrinho saiu de São Francisco dizendo: - Vamo lá na tia, vige, come aquele feijãozinho da tia, vamo descendo o morro e já vamo sentindo o cheirinho do feijão da tia né! Bah, e eu me senti assim.... Bem, nós éramos quatro irmãs, daí uma faleceu né, agora essa semana as duas que tem vieram, e nós três se juntamos, é muito importante isso aí, muito bom. Só que hoje em dia...

Sempre, sempre, trabalhei na roça, desde que eu pude arrancar um pé de mato, até hoje com setenta anos, nunca morei na cidade...sempre na lavoura, sempre no mato. Eu adoro levantar de manhã, pegar o meu facão e saio pra tirar uns brejos, mas hoje com setenta anos já não posso mais, e não dá muito tempo e a habilidade tá fraca né. Mas ir lá ver uma coisa que eu plantei crescer, assim isso aí, depois eu entro pra dentro, tomo meu café, e vou pra cozinha!

Hoje a gente vive da aposentadoria.

É nós somos católicos. Não tem mais nada aqui, por isso eu não participo mais de nada. Participa até que a gente participou, mas agora... saí daqui pra ir pra outros lugares a gente não vai. E aqui terminou, diz que era pra ter esse ano, mas até agora. Tem padre novo, daí tão tudo entusiasmado, mas não arrumaram aquele barracão ainda, aí eu não sei, tá tudo abandonado. Aqui eles se acovardaram com o Chicão (antigo padre), aí acabou tudo.

A relação com os vizinhos é ótima. Até vou falar para vocês, de lá pra cá e daqui pra lá, todo mundo se conhece, todo mundo se preocupa. Tem pessoas que muitas vezes, pelo menos, pergunta como é que tá e isso aí é ótimo. Tem os que tu gosta mais e os que tu gosta menos mais dizê assim, tem que tirar fora, isso não. Tudo é tranquilo.

A gente brincava de subir na árvore, caí no meio da grama, brincava de esconde-esconde. A coisa que nós mais gostava em noite de lua, reuni a criançada da vizinhança, de noite, os pais mortos de cansado e a gente, também mais novo não sente cansado né, daí eles iam dormir e a gente ia brincava de escondê em noite de lua, de chicote queimado, aí brincava de pegá, era a nossa diversão, daí quando a gente não tava a fim de correr, só que não podia gritar, não podia fazer barulho, então tinha as roças de cana perto de casa, a gente sentava quietinho e ficava chupando cana até não poder mais e depois ia dormir.

A época era muito outra, a gente não tinha medo de ficar de noite no mato, tu podia saí, tu podia brincá, hoje começa a anoitecê tu já tá trancando tudo, se tu chegá em casa de noite vem com medo de olhar pra algum lugar.

Faz uns três mês a gente viu uma coisa estranha, sempre tem uns que a gente procura nem saber direito quem é. Mais aí né, eu ouvi um tiro, achei que era o Benedito (um vizinho) matando um frango, e o Ramiro (o esposo) sentado aqui na frente, e eu aqui na cozinha, a gente esperando filho que vinha buscá ele pra ir no médico, daí eu fui ali na janela e vinha entrando vinha entrando uma pessoa, atravessando ali o potrero, correndo com a mão assim perto da barriga, eu achei parecido com aquela pessoa que morava ali naquela casa que o Nivaldo morou, achei parecido, e daí eu fui ali na janela e vejo, ali mora uma mulher e uma criancinha, e já me lembre da mulher e da criança, com certeza a mulher não tem nada a ver, mais a mulher talvez é tudo da mesma turma, daí eu só disse assim: - O que que tá acontecendo rapaz? Quando eu vi que ele tava segurando a mão na barriga, eu saí pra trás e eu vim pra aqui e disse pra ele (para o esposo) : - Vem pra dentro que tá passando um home baleado! Subiu aqui e foi lá. Aí eu liguei pra polícia deu na Igrejinha, daí eles responderam que iam botar o telefone no gancho e iam passá pra Taquara. Aí eu avisei as minhas filha, que tavam de férias, aí fui ali avisá elas, naquilo veio os brigadiano, e aí já foi aquele corre-corre, mas eles não pegaro, olha, era feio de se vê.

A família é tudo que uma pessoa de boa família deseja. De ambas as partes, tanto da parte da minha família que eu me criei, quanto da família que eu vim participá, da família dele, da nossa família, é de elogiar.

Eu aprendi com meus pai que fosse educado em primeiro lugar, e trabalhar, trabalhar, trabalhar... foi tudo de bom que ficou, que nem eu digo sempre, o pai criou nós, a maneira dele, e foi rigoroso até o fim, nem precisava tanto, pra mim quanto família é tranquilo.

Da minha mãe eu me lembro, que foi uma pessoa, desde que eu passei a conhecer a minha mãe, porque a gente chama a primeira palavra que a gente aprende, a primeira parte que mais marcante que eu lembro da minha mãe é que ela veio de Caxias do Sul, na chamada Santa Lúcia do Piauí, ela casou, e quando tava grávida sete meses quando vieram a pé pra morá num outro lugar ali perto. Depois eu nasci. E eu lembro, que eu tinha, não lembro, mas mais ou menos, quando eu tinha três anos de idade, a gente tinha, eu fui lá visitar o meu avô, a gente tinha, os detalhes da viagem eu não sei, era na base do trem, depois a gente vinha, e do meu avô eu tenho uma vaga lembrancinha assim, mas não identifico grandes coisa, aquela parte eu lembro que ela foi lá visitar o meu avô e daí que eles tinham tirado uma perna dele, trombose e mais ou menos isso aí tá, aí... a mãe só foi trabalhá, ela não tinha tempo pra cuidá de nada direito, ela tinha que trabalhá prá criá, ela tinha que trabalhá na roça. Quando eu tinha cinco ano de idade faleceu a mãe dela, mas ela não tinha visto a mãe desde o meu avô... enfim, eles morreram ela não foi vê, fazia trinta dia que minha avó tinha falecido quando ela recebeu a carta que a mãe morreu e eu lembro, to vendo a mãe chorando que a vizinha foi lá levá a carta que a mãe dela tinha falecido, e o pai, eles tavam construindo uma casa, ela mandou eu ir lá chamá, e eu não tava entendendo, daí eu disse pra ele: - A mãe disse que é pro pai ir lá. Ele chegou lá, ela disse: - A mamãe morreu! E ele disse: - Ué, e daí! Virou as costas que foi trabalhá. E, assim oh, ela foi uma pessoa muito sofrida, muito judiada, trabalhou demais,

trabalhá, criá filho, servi o pai que tinha que ser a tempo e a hora, e pra dizê anssim, depois que eu casei, determinados tempo mais, o meu irmão mais velho já tinha um pouco mais de condições, chegou assim a fazer algum passeio, mas coisa assim que não deixou assim muitas recordação. Lembro dela sempre trabalhando, trabalhando, trabalhando, mas muito companheira. Que o pai tivesse junto, boca calada, e a mãe tivesse junto, e o pai não tivesse, a folia tava formada. Mas tem uma coisa, tudo dentro do respeito, a bagunça tava formada porque assim, um brincava com o outro, um implicava com o outro, assim, do tipo, derrubá no barro só pra ver o outro todo embarrado, ela era companheira nessa parte. Aí quando eu casei fico a minha irmã, que já tinha uns dezessete ano eu acho, já tavo tudo assim já mais, tinha dois rapaz entre eu e a minha irmã, já tavam tudo lá maior. Aí anos eu não via ma mãe, e pra ir só à cavalo ou de ônibus, porque levava uma semana pra ir a São Francisco e voltar, um filho nos braço, outro na barriga, outro na saia, não podia saí por aí a fora, e assim o tempo foi passando. Daí faleceu meu pai, aí a mãe foi passear na casa dos filho. Ela vinha pra cá, ia pra Rolante, ela ia pra Santa Catarina, tinha outros que iam pra praia e levavo ela pra praia, era mais ou menos esse tipo de coisa assim. E quando mais nem menos a mãe vinha pra cá. E eu nunca me esqueço não vou me esquecer nunca, a mãe dele ficou junto com a minha mãe. E a minha sogra o pavor dela era parar na casa dos outros, ela sempre tinha aquelas coisa, nada tava bom, sempre achava que tava incomodando. Chuvendo, frio, se toparo as duas véia aqui. Aí aqui o fogão era diferente né, e a minha sogra sentada aqui de beicinho virado, coitadinha, ela me amava e eu gostava dela também, mas ela era..., a gente sabia lidá né. E a mãe setada no outro canto, Nenhuma abria a boca, se uma perguntava a outra balançava a cabeça, elas almoçavam, eu lavava a locinha, sentava lá. E a minha sogra me olha, e chovia. Daqui um pouco ela olhou pra mãe assim e disse: - o dona Lurdes, a senhora ainda não tá com vontade de ir pra casa? E a mãe respondeu: - Não!

A mãe, a mãe pra ela tudo servia, pra ela tudo tava bão. O meu irmão fez uma casinha pra ela bem do lado da casa dele depois que o pai morreu, era tão perto que eles ouviam o ronco dela dormindo, porque ela roncava muito quando dormia né. E deu derrame, com 76 ano, aí mandaro me chamá, daí eu fui e aí as minhas cunhada, a minhas cunhada, as filha também fariam se fosse possível né, mas as minha cunhada, as nora que moravam perto uma da outra, até a cama, até o jeito de cuidar da vó elas combinavam, as nora, de tão querida que ela era. Só que infelizmente, deu quarenta e oito hora deu outro derrame e daí ela morreu.